

MÉCIA DE SENNA E A ESCRITA EPISTOLAR COM JORGE DE SENNA: PARA A HISTÓRIA DA CULTURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE

Apresenta-se neste livro a intelectual portuguesa Mécia de Sena [Leça da Palmeira, 1920-], a sua produção escrita epistolar e diarística, o papel determinante na vida-obra de Jorge de Sena e o seu importante significado na literatura nacional. Constitui a terceira e última obra de uma trilogia iniciada com *Correspondência(s) Mécia/Jorge de Sena...* (2007) e *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova»...* (2013) e centrada na vida, ação e escrita desta notável figura feminina, cujo reconhecimento académico e público se impõe na história contemporânea da cultura portuguesa.

O presente ensaio, onde se faz ouvir a voz singular de Mécia de Sena ao lado do escritor consagrado Jorge de Sena, inscreve-se em duas áreas fundamentais de estudo: uma clássica, a da epistolografia em Portugal, e outra mais recente, a dos estudos literários sobre as mulheres. Constrói-se sobre um diálogo articulado de abordagens complementares na fronteira de vários domínios disciplinares.

Traz para primeiro plano a análise da inconfundível prática de escrita de Mécia de Sena e a partir daí acompanha o percurso intelectual de uma mulher ímpar, corajosamente à altura dos imensos desafios de uma vida intensa e densa que atravessa as mudanças sociais, políticas e culturais de grande parte do século XX, quer em Portugal quer no seu longo exílio no Brasil e Estados Unidos da América, onde se encontra radicada (Santa Barbara – Califórnia).

MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE

Licenciada em História (U. Porto, 1976), Mestre em História das Populações (1995) e Doutora em História Moderna e Contemporânea de Portugal, em 2001, pela U. Minho, onde foi investigadora e docente. Tem pós-graduações em Biblioteconomia, Arquivística e Documentação pela Universidade de Coimbra (1979) e em Administração Escolar pelo Instituto Politécnico do Porto (1992) e pós-doutoramento pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (2009).

É autora de livros, artigos em revistas nacionais e internacionais, conferências e comunicações nas áreas de Estudos Sociais e Históricos, Ciências da Educação, da Documentação e Informação.

Foi investigadora e membro da direção e comissão científica do NEPS (U. Minho) e é investigadora do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (Faculdade de Letras da U. Porto).

É referenciada na *Bibliografia do Distrito de Bragança – Série Escritores Jornalistas Artistas*, de Híronidino Fernandes, vol. IV (2012).

Parte da sua investigação centra-se nos estudos senianos, tendo publicado livros e trabalhos sobre Jorge de Sena e Mécia de Sena, colaborado no *site* brasileiro «Ler Jorge de Sena», da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e em obra colectiva da University of Massachusetts Amherst.

MÉCIA DE SENA
E A ESCRITA EPISTOLAR
COM JORGE DE SENA:
PARA A HISTÓRIA DA
CULTURA PORTUGUESA
CONTEMPORÂNEA

MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE
PREFÁCIO DO POETA ALBANO MARTINS



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

Título: Mécia de Sena e a escrita epistolar com Jorge de Sena: Para a história da cultura portuguesa contemporânea

Autora: Maria Otilia Pereira Lage. Prefácio do Poeta Albano Martins

Fotografia da capa: Desenho do Escultor Helder Carvalho

Design gráfico: Helena Lobo Design www.hldesign.pt

Co-edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

FLUP – Via Panorâmica, s/n / 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

Edições Afrontamento, Lda. / Rua Costa Cabral, 859 / 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt | geral@edicoesafrontamento.pt

Colecção: Fontes, 9

N.º edição: 1688

ISBN: 978-972-36-1461-9 (Edições Afrontamento)

ISBN: 978-989-8351-38-8 (CITCEM)

Depósito legal: 403278/15

Impressão e acabamento: Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira

geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.

comercial@companhiadasartes.pt

Dezembro de 2015

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do projecto UID/HIS/04059/2013, e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-007460).

*A Mécia de Sena
em homenagem,
no seu 95.º aniversário*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	7
PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	15
Capítulo 1 – (Con)Textos: aproximação teórico-metodológica	23
1.1. O sócio-histórico e o cultural	26
1.2. Epistolografia portuguesa	28
1.3. A propósito da «escrita no feminino»	38
Capítulo 2 – A escrita de Mécia de Sena «anjo eficaz» de Jorge de Sena	49
2.1. Experiência de vida e experimentação da escrita	51
2.2. Cartas e micro-textos: literariedade	74
2.3. Escrita de resistência e exílios	77
Capítulo 3 – Da correspondência inédita entre Mécia e Jorge de Sena	89
3.1. Correspondência norte-americana: Sob o signo da viagem	92
3.2. Interação epistolar (ano 1971)	110
3.3. Do diálogo especular	114
3.4. Séries do <i>corpus</i> epistolográfico	161
Capítulo 4 – Tudo na vida é tradução	169
4.1. Partindo de Derrida, primeiro pensador da tradução.	171
4.2. O político e o colectivo da e na linguagem seniana	175
4.3. <i>A tarefa de tradutor</i> em Mécia de Sena.	186
Capítulo 5 – «O outro» na investigação da correspondência do casal Sena	193
5.1. Conhecimento e escrita epistolar	197
5.2. Experiência e prática de investigação de Mécia de Sena	203
5.3. Para a cultura portuguesa contemporânea	206
CONSIDERAÇÕES FINAIS	213
BIBLIOGRAFIA	217
APÊNDICE DOCUMENTAL	227
Depoimentos	229
Álbum fotográfico	242
Índice de cartas estadunidenses	251

AGRADECIMENTOS

É devido um agradecimento muito especial a todos os nossos aliados neste estimulante percurso de investigação, e muitos foram os que para ele contribuíram, com palavras de desafio, incentivo, ânimo pessoal e estímulo intelectual tão decisivos nas fases mais difíceis da produção e escrita de qualquer obra que esta também, naturalmente, atravessou. Cito dentre eles, com as necessárias desculpas por inadvertidos lapsos, alguns nomes ditados por seus sábios contributos e apoios diversificados.

Ao poeta Albano Martins, amigo e correspondente de Mécia de Sena que aceitou prefiar este livro, o meu bem-haja especial.

Estou também especialmente grata ao meu amigo de infância, o escultor Helder Carvalho e sua filha Angélica Carvalho, autores do desenho da capa.

Um agradecimento público é também devido aos autores dos depoimentos sobre Mécia de Sena que se publicam em Apêndice Documental: Helena Sampaio e Fernanda Flores, suas amigas de longa data; Helena Barreto, amiga de Santa Bárbara (Califórnia) e tradutora de alguns poemas de Jorge de Sena; o Professor Doutor Orlando Amorim, estudioso seniano, da Universidade de Araraquara e o editor portuense Cruz Santos, ambos também amigos de há muito de Mécia de Sena. A Orlando Amorim, Helena Sampaio e Fernanda Flores, devemos a cedência das fotografias que deram origem ao Álbum Fotográfico incluído no apêndice documental.

Beneficiou também muito este livro da orientação, referências documentais e instigantes comentários das professoras doutoras Ana Luísa Amaral e Anna Klobucka, na área dos estudos literários e feministas, e Isabel Morujão e Vanda Anastácio, no domínio da epistolografia, a quem estou reconhecida pela sua abertura e generoso acolhimento.

A minha grata amizade para as Professoras Doutoras Gilda Santos, conhecedora da obra de Jorge de Sena e Maria do Carmo Castelo Branco, especialista de Camilo e Eça de Queirós, da área dos estudos literários, que leram e comentaram criticamente versões pré-finais deste livro que enriqueceram com a sua contribuição amiga.

Ao CITCEM-FLUP, designadamente à sua Coordenadora, Professora Doutora Maria Cristina Cunha, à Comissão Executiva, aos Professores Doutores Luís Alberto Marques Alves, coordenador do grupo de «Memória, Património e Construção de Identidades» e Gaspar Martins Pereira, que acolheram favoravelmente esta investigação, a minha elevada estima. Agradeço também, pelo apoio prestado, à Dr.^a Marlene Cruz, do secretariado do CITCEM.

O meu agradecimento estende-se ainda ao amigo de sempre, Jorge Bessa Lage, interlocutor intelectual em momentos difíceis de conceptualização e escrita deste livro.

Ao amigo José Carlos Soares, pela sua atenção às gralhas que sempre ocorrem neste género de trabalhos.

Não poderia esquecer a colaboração no moroso trabalho de transcrição de numerosas cartas da correspondência em estudo, designadamente, a João Goulão e a Inês Nemésio, bem como o apoio informático de João Pedro Silva.

Releva, naturalmente, na importante e extensa rede de colaboradores e amigos, a pessoa mais especial de todas, Dona Mécia de Sena, a quem me liga indefectível amizade e enorme dívida de gratidão intelectual e a quem dedico este livro, modesto contributo, em sua homenagem.

PREFÁCIO

POETA ALBANO MARTINS

É a quarta vez, que sabemos, que Otília Lage percorre os labirintos da vida e da obra de Jorge de Sena e, mais especificamente, da mulher que, em «anos de servidão», foi sua companheira e seu fiel amparo, para, aí, encontrar, entre as iniludíveis «malhas que o império tece», os traços distintivos de duas personalidades maiores da cultura portuguesa do século XX.

Este «Mécia de Sena e a escrita epistolar com Jorge de Sena», que agora se oferece à nossa curiosidade e desvelada atenção, inscreve-se na linha de anteriores volumes por Otília Lage também a um e outro dedicados, respeitantes quer à correspondência de Mécia com Jorge de Sena em anos de exílio e pré-nupciais, quer às relações de ambos os protagonistas com o seu tempo e o seu país.

O que daqui ressalta é uma imagem suficientemente expressiva de duas personalidades singulares. Uma, a do poeta, ficcionista, dramaturgo, ensaísta e cidadão Jorge de Sena; a outra, a da mulher que um dia uniu os fios da sua vida aos do homem que, pela sua postura humana e exemplaridade da sua escrita, viria a transformar-se em modelo de inventiva e de insuperável actividade criadora no panorama da literatura portuguesa do século XX.

Conhecedora das limitações geralmente impostas à divulgação de documentos de natureza pessoal, como é o caso da correspondência trocada entre ou com as «figuras públicas», Otília Lage, ciente das dificuldades, mas determinada a contribuir para o «estudo isento da vida e obra das personalidades históricas envolvidas», avança corajosamente num terreno pouco frequentado pelos investigadores. O seu objectivo é, entretanto, favorecido pela «posição exemplar de Mécia de Sena», cuja abertura, «generosidade e incontornáveis apoios» constituíram importante contributo para a consecução dos objectivos em vista, que são, diz a autora, «a procura incessante do rigor e da investigação científica», sem esquecer, todavia, que «qualquer trabalho e estudo de investigação estará sempre incompleto e em aberto». Este escrúpulo, sustentado por uma séria – e sólida – perquirição dos factores de ordem social, espacial e temporal que balizam a leitura e compreensão dos fenómenos, mormente os que resultam do contexto histórico e cultural, guiará sempre Otília Lage.

As cartas que aqui nos são oferecidas, respeitantes aos anos de 1968-1974 – os anos estadunidenses –, ajudam indubitavelmente à definição daquelas «linhas de afirmação autónoma e diferenciadamente criativa» diagnosticadas pela autora na «escrita epistolar meciana». O retrato que, ao longo destas páginas de penetrante análise, dela, Mécia, nos é proporcionado é o de uma mulher completa e complexa. Pelos textos trazidos ao nosso conhecimento, em particular os dos seus «Flashes», a bem dizer inéditos, a imagem que de Mécia se colhe é a de alguém cuja escrita faz lembrar, «frequentemente, as 'javelines' sobre a China, do médico revolucionário Lu Xun (...), as 'iluminações' do filósofo e escritor revolucionário judeu alemão Walter Benjamin, ou, ainda, as curtas narrativas da actual escritora norte-americana Lydia Davis». Cingindo-nos, porém, às cartas – as de Mécia, mas

também as de Jorge: o que nelas Otília Lage lê/vê é, ao lado de uma «mensagem de liberdade (...) onde cada corpo precisa de outro corpo para ser e estar no mundo», «uma união íntima, profunda e duradoura» entre dois seres ligados por fundos laços de amor, admiração e respeito mútuos. União firmada em anos de doloroso exílio e alimentada pelas frequentes viagens a que, no exercício da sua actividade profissional e literária, Jorge de Sena era forçado a empreender. Como, em luminosa síntese, observa Otília Lage, «escrever regularmente cartas parece ser neste caso revelar-se, despir-se, mostrar-se, confessar-se, mas também indagar, comunicar, continuar a viver e a gerir a vida de cada um, dos filhos e de ambos». É essa a certeza que nos fica após a leitura destas cartas, que são outras tantas chaves para a compreensão duma época e de dois destinos a que se ajustam na perfeição estes versos do poeta quinhentista Nuno Pereira:

*Somos hũa cousa nos,
em ambos hũa soo fym,
eu nam sam em mym sem vos,
nem vos nam estays sem mym.*

ALBANO MARTINS

INTRODUÇÃO

*O que posso – hei-de fazer –
Frágil narciso que seja –
Que eu não possa – é porque está
Fora disso que é possível*

EMILY DICKINSON (1830-1886)¹

A produção deste livro resulta de um processo relativamente longo e ambicioso de investigação desenvolvida no que metaforicamente se enuncia como ainda «terra incógnita», dada a actual escassez de estudos académicos sobre Mécia de Sena, mulher do consagrado escritor, poeta e ensaísta Jorge de Sena, pesem embora as abundantes alusões e referências ao seu exemplar labor em prol do conhecimento da obra seniana.

Decorrem daí dificuldades várias para qualquer investigador que se proponha, como o vimos tentando, no que concerne mesmo à definição do âmbito e objectivos, delimitação dos níveis de análise e conceptualização do campo da investigação sobre esta personalidade feminina da história da cultura e da literatura, com enfoque num entendimento direccionado à sua actividade e acção próprias de reconhecida importância histórica e sócio-cultural.

O que aqui delimitámos como nosso objecto de estudo principal – a escrita epistolar e micro-textual de Mécia de Sena – inscreve-se em duas áreas fundamentais – uma mais clássica, a da epistolografia em Portugal e, uma outra mais próxima de nós, a dos estudos literários sobre as mulheres.

A epistolografia ganhou historicamente autonomia literária, tendo-o conseguido, designadamente, pela via da «escrita feminina» ou «escrita no feminino», mormente no campo dos estudos sobre as mulheres ou estudos feministas, área do saber muito recente e mais recente ainda em Portugal, onde se têm vindo a desenvolver, num diálogo articulado entre diferentes domínios disciplinares academicamente institucionalizados e estabilizados (História, Estudos Literários, Sociologia, Antropologia, Educação e Psicologia)².

¹ SENA, Jorge, *trad., apres. – 80 poemas de Emily Dickinson*. Edição bilingue. Lisboa: Edições 70, 1978. Esta antologia poética, que deu a conhecer em Portugal a original poeta norte-americana, expoente da literatura universal, apresenta um lapidário estudo introdutório de Jorge de Sena sobre vida e obra poética de Dickinson (p. 13-36) de leitura incontornável. A este propósito poderá perguntar-se como interpretar o possível significado de, em «26 séculos de poesia» (1972), Jorge de Sena não ter incluído qualquer dos 80 poemas da antologia de Emily Dickinson de que, no entanto, em 1962, havia já traduzido muitos deles. Esclarece-nos a posterior nota preliminar de Mécia de Sena que não só traça com pormenor e rigor a atribulada história editorial da tradução de Sena dos poemas de Dickinson, sucessivamente refeita, mas nos informa ainda da posição de Sena sobre esta obra que lhe terá dado imensa satisfação, preparando-se para a «re-fazer», o que não veio a suceder por entretanto ter falecido. Ver ainda sobre Emily Dickinson e sua obra poética AMARAL, Ana Luísa, *trad. – Duzentos poemas de Emily Dickinson*. Edição bilingue. Lisboa: Relógio d'Água, 2015.

² RAMALHO, Maria Irene – *Os estudos sobre as Mulheres e o saber. Onde se conclui que o poético é feminino*. «Ex-aequo», n.º 5. Oeiras: Celta Editora, 2001, p. 107-122. Este artigo apresenta uma relevante ponderação de conjunto nas diversas áreas do

Mas falta ainda, para o contexto português, um estudo teórico de fôlego sobre a epistolografia nacional que tenha em conta, sobretudo, as suas manifestações mais próximas de nós, como é o caso da escrita epistolar que tomamos como objecto de estudo.

Portugal possui, neste género, uma notável tradição, com menor expressão no universo feminino, a reclamar, por isso, que se expandam e densifiquem os seus estudos³ e sua teorização e se relevem aí, como na literatura e na cultura, a presença e a acção das mulheres, cujo protagonismo histórico, social e cultural se tem vindo a ampliar com impacto no meio académico, onde ganham cada vez mais relevo as análises da obra de mulheres escritoras.

Lembre-se, no entanto, que «longe de se encontrar excluído do espaço textual da tradição literária portuguesa, o sujeito feminino manteve nela uma posição importante (...)»⁴, embora largamente invisível e até, mais recentemente, não muito estudada no campo académico.

Escritas por mulheres, as cartas ganham relevo como documento «humano», fonte histórica e expressão literária. São também obra representativa de uma «escrita de si», apoiada numa linguagem precisa, concisa e plástica, que possibilita apreender biografias, novas sensibilidades femininas, *perceptos e afectos*, representações sociais, memórias e identidades.

Noutra perspectiva que pode equacionar-se sobre este tipo de escrita, não no sentido de um eu que escreve sobre si próprio, mas antes de um «eu» que se escreve, tendemos a acompanhar o que diz Pontalis: «tenho tanto em conta esta diferença entre escrever sobre si e escrever-se que avancei aqui e acolá, com o termo de ‘autografia’. A autografia [mais] do que um género literário como o diário íntimo, as Memórias, a autobiografia, o auto-retrato, a meus olhos é, simultaneamente, a fonte e a finalidade do acto de escrever»⁵.

saber sobre o impacto dos estudos sobre as mulheres na produção científica nacional e uma reflexão paralela sobre o contributo de algumas dessas áreas para os «estudos feministas», designação que a autora afirma preferir, esclarecendo ainda que por epistemologias feministas entende as epistemologias que reconheçam o carácter situacional do ser humano («as pessoas são *situações na história*») e que tenham em conta a posição relativa dos homens e das mulheres na cultura e a posição relativa de cada um dos sexos na construção dessa mesma cultura ao longo dos tempos. Ver ainda, sobre esta problemática, outros estudos posteriores de Maria Irene Ramalho, Ana Luísa Amaral, Ana Gabriela Macedo e Anna Klobucka.

³ Ver trabalhos sobre a correspondência feminina nos séculos XVII e XVIII, de Isabel Morujão, professora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, designadamente MORUJÃO, Isabel – *Livros e leituras na clausura feminina de setecentos*. «Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas». Porto: XIX, 2002, p. 111-170, para além de teses académicas sob sua orientação, referentes à epistolografia feminina conventual de setecentos, com escassos exemplos entre nós, mas a que têm sido dedicados alguns importantes estudos. Ver também para a correspondência do século XVIII os trabalhos académicos da professora de literatura e cultura da Universidade de Lisboa, Vanda Anastácio, <http://www.vanda-anastacio.at/Vanda_Anastacio/Home.html> e designadamente a obra colectiva editada pela autora – *Correspondências (usos da carta no século XVIII)*. Lisboa: Edições Colibri – Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2005.

⁴ KLOBUCKA, Anna – *Sobre a hipótese de uma herstory da literatura portuguesa*. «Veredas. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas». Vol. 10. Santiago de Compostela: 2008, p. 13-26.

⁵ PONTALIS, J.-B. – *En Marge des nuits*. Paris: Gallimard/Folio, 2010, p. 67.

Exemplo raro entre nós, mas paradigmático da intervenção social e cultural da mulher na literatura e na sociedade contemporânea, é a produção intensa e diversificada de correspondência de Mécia de Freitas Lopes Sena, radicada na América (Brasil e EUA), há mais de meio século. As numerosas cartas entre ela e o marido e para muitos outros escritores, amigos pessoais e/ou do casal, nomes destacados de várias gerações da cultura e da literatura portuguesa e internacional, configuram a importante questão das redes literárias e sociais, merecedora só por si de estudo detalhado e aturado, e constituem um vastíssimo acervo de relevante importância histórica para o conhecimento da sociedade, da literatura, da epistolografia e da edição em Portugal, no século XX, que importa estudar e divulgar não só ao nível académico e erudito mas ainda junto da sociedade civil e do público em geral.

É neste âmbito mais geral da história contemporânea da sociedade e da cultura portuguesa que surge este trabalho transdisciplinar de natureza ensaística que incide sobretudo no estudo da epistolografia trocada entre Mécia e Jorge de Sena, cuja elaboração é devedora de importantes contributos de diferentes áreas científicas e dos mais variados incentivos e estímulos, aquém e além Atlântico, desde que, na sequência e continuidade de trabalhos anteriores sobre o mesmo escritor e sua mulher⁶, me empenhei na preparação da edição completa das cartas do Brasil do casal Sena (1959-1965), decorridos mais de 50 anos após a sua redacção⁷.

Assim, o presente livro pode enquadrar-se nos estudos da epistolografia portuguesa do século XX e inscreve-se no domínio abrangente da cultura portuguesa contemporânea que, neste caso concreto, não pode deixar de se entender alargada a outros espaços geográficos e culturais, de mais complexa apreensão, em que não nos detemos.

Desenvolve-se sob um breve traçado do contexto histórico-social e cultural, tessitura que atravessa um conjunto de estudos parcelares encadeados numa estrutura transversal, que toma como quadro analítico de fundo a leitura sócio-histórica de Jorge de Sena (Vida-Obra) na sua relação com Portugal, nas dimensões da cidadania, da diáspora e do exílio de intelectuais cuja explicitação magistral, como inspiração, podemos ainda hoje ler no seu célebre Discurso da Guarda (1977).

Ora sendo o próprio Jorge de Sena também notório e proeminente epistológrafo e autor, com Mécia de Sena, das cartas aqui estudadas, para além de uma vastíssima corres-

⁶ LAGE, Maria Otília Pereira – *Portugal como (im)possibilidade continuada. Cidadania e exílios. À conversa com Jorge de Sena (anos 1930-1970)*. Porto: Edições Afrontamento, 2010; *Correspondência(s) Mécia/Jorge de Sena (evocação de Carrazeda, anos 1940)*. [s.l.]: UM-NEPS, 2007; artigo «*Correspondência(s) Mécia e Jorge de Sena: rede de afectos e exílio luso-americano. Uma aproximação no quadro dos estudos interculturais*». In SARMENTO, Clara, coord. – *Diálogos Interculturais: Os novos rumos da viagem*. [s.l.]: Vida Económica; texto *Correspondência(s) Mécia e Jorge de Sena no período brasileiro* in Site «Ler Jorge de Sena», UFRJ.

⁷ LAGE, Maria Otília Pereira, org. – *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)*. Porto: CITCEM/Edições Afrontamento, 2013.

pondência já publicada, na sua grande maioria sob impulso, organização, coordenação e estudo de Mécia de Sena, importa ter presente anteriores abordagens, por um lado ao contexto histórico e «efeito de época» em que este grande acervo epistolar foi escrito, e, por outro, ao seu significado, importância e lugar de relevo, quer na produção da obra seniana, quer na construção da relação afectiva, amorosa e intelectual entre os dois correspondentes⁸.

O livro organiza-se em 5 capítulos ou ensaios diferenciados, mas complementares, que constituem outros tantos pontos de abordagem específica a dimensões consideradas relevantes do objecto de estudo e os quais formam, no seu conjunto, uma teia analítica pluriperspectivada que se propõe dar conta da singularidade e representatividade da temática referida, intensiva e extensivamente tratada numa espaço-temporalidade densa mas delimitada num contexto nacional mais vasto e compreensivo.

Começa por delinear-se a prévia e reflexiva aproximação teórico-metodológica por que se teve de optar sobre os tópicos complexos da epistolografia portuguesa, designadamente contemporânea, e da considerada «escrita no feminino» informada pela nova geração dos estudos sobre as mulheres, ou estudos feministas, para uma tentativa de compreensão global da escrita de Mécia de Sena, num quadro político-cultural de resistência humana, ética e cívica em contexto de exílios, a qual se delimita, a seguir, num estudo mais concreto e descritivo da correspondência em análise, por referência às suas principais séries constitutivas.

A partir desse bloco inicial transdisciplinar, de carácter mais teórico, o qual se nos impôs em sua alteridade prospectável e que se compõe de dois ensaios cujas aporções se aplicam no 3.º capítulo dedicado ao estudo teórico-prático da escrita de Mécia de Sena, tornou-se possível e desejável abordar nos dois últimos capítulos, uma aproximação analítica, quer à tradução e «tarefa do tradutor» em Jorge de Sena e Mécia de Sena, como prolongamento do discurso alargado com o outro – na sua abrangência e contributo histórico-cultural para a língua portuguesa a partir de outras línguas, consonante com a dimensão de internacionalização – quer ao significado de «o outro» no processo de investigação de Mécia de Sena sobre a obra seniana. Reclamando-se esta aproximação das modernas correntes desconstrutivistas inspiradas no pensamento derridiano, cuja transdução se tentou, tal perspetivação permitiu-nos operar a mediação teórico-prática necessária à reflexão sobre o processo de investigação e a função nele de «o outro» o que, a nosso ver, o relevante papel aí de Mécia de Sena, pode ajudar a esclarecer. Esta aproximação conceptual possibilitou relevar a importância global da figura e acção de Mécia de Sena projectada na história não monolítica da literatura e da cultura portuguesa do século XX na sua expressão num espaço mundializado.

⁸ Para além, designadamente, do estudo COSTA, José Francisco – *A correspondência de Jorge de Sena: Um outro espaço da sua escrita*. Prefácio de Francisco Cota Fagundes. Lisboa: ed. Salamandra, 2003; ver também LAGE, Maria Otilia Pereira – *Portugal como (im)possibilidade continuada. Cidadania e exílios. À conversa com Jorge de Sena (anos 1930-1970)*. Ob. cit., p. 271-276.

Este trabalho vem desenvolver, culminando, outros que já realizámos, focando-se aqui, com um amplo suporte bibliográfico e pressupostos teóricos adequados, uma teorização genológica de a «Carta» e da «escrita no feminino»⁹.

Em paralelo com a escrita epistolar de Mécia de Sena, analisou-se também a sua escrita de natureza diarística, por referência a alguns excertos publicados da sua obra inédita *Flashes*, atendendo nomeadamente ao facto de essa sua escrita micro-textual assumir a forma de um diálogo continuado, que a morte deixara em suspenso, e ainda devido a alguns outros aspectos que importa desde já assinalar. Nesse tipo de «escrita de si» (que só eventualmente poderá inserir-se na literatura intimista), com traços aparentemente confessionais, exigindo uma enunciação na 1.ª pessoa, salientam-se: o seu papel de confidente secreto; a perspectivação veiculada, de certa forma, unilateral; a singularização do discurso, sobre o mundo e sobre si próprio; a ligação a uma escrita de impressões, tanto mais que se afirma como temporal e contínua, embora possa ter espaços de silêncio; a sua modernidade e a relação possível com a prática de escrita de diários de outros autores (como Miguel Torga, entre nós, ou o caso muito especial e representativo do Diário de Anne Frank, escrito em 1942-44, num dos contextos mais difíceis da história da humanidade e traduzido em quase todas as línguas), que a configuraram como intrínseca a suas vidas.

A organização dialógica do presente livro resulta em certa medida da recomposição coerente e interna de textos e ensaios, alguns só parcialmente conhecidos, porém em formulações diversas, outros ainda totalmente inéditos.

Nas considerações finais relevam-se os argumentos principais debatidos e as conclusões essenciais que os mesmos permitem extrair no que à escrita meciana concerne, do ponto de vista da sua singularidade e representatividade no quadro da cultura portuguesa contemporânea e no domínio particular da epistolografia.

O apêndice documental que densifica este livro destaca, em primeiro lugar, cinco depoimentos inéditos, espaço-temporalmente diversos e significativos sobre Mécia de Sena em sua trajectória de vida repartida por Portugal, Brasil e Estados Unidos da América e a seguir um álbum fotográfico, complementar dos depoimentos. No seu conjunto, contextualizam e ilustram o capítulo dois. É ainda composto pelo índice cronológico do *corpus* integral da correspondência estadunidense (1968-1974) entre Mécia e Jorge de Sena que documenta o capítulo três e cuja inclusão se justifica por motivos conjunturais da investigação empírica realizada.

A realização deste livro, sobretudo face a uma ideia inicial que contou com estimulantes incentivos, não foi fácil, por razões várias: desde os desafios da complexidade teórica transdisciplinar necessariamente mobilizada à insuficiência de estudos académicos e cien-

⁹ Convém ter presente, num âmbito mais lato, a tradição diarística feminina e, em particular, o papel pioneiro das cartas de Madame Sévigné (1626-1696), em que a autora faz um retrato da sua época ao mesmo tempo que manifesta seus sentimentos, e que desde então se tornaram conhecidas nos círculos intelectuais e literários.

tíficos recentes disponíveis em algumas das temáticas abordadas e ainda às limitações actuais quanto à publicação completa do *corpus* epistolar, cujo estudo se não pôde, no entanto, deixar de fazer. Está-se ciente de que os herdeiros de figuras públicas, reclamando-se mormente do direito à privacidade, desaprovem projectos de investigação que envolvam a eventual divulgação de documentos pessoais dos progenitores, acabando assim por objectivamente coarctar a liberdade e o direito próprio dos investigadores, e prejudicando quer o estudo isento da vida e obra das personalidades históricas envolvidas, quer o seu conhecimento mais rigoroso e documentado por parte dos investigadores e dos leitores em geral. É, porém, obrigatório excluir radicalmente desse tipo de situações, a posição exemplar de Mécia de Sena, salvaguardando a sua excepcional abertura intelectual, o notável e são discernimento da importância, acima de tudo, da investigação e o respeito escrupuloso dos direitos dos muitos estudiosos que a têm procurado e beneficiado da sua generosidade e incontornáveis apoios intelectuais. Também por essas e muitas outras valências, o seu valor próprio e nome ligado ao de Jorge de Sena, de forma imperecível, transformou-se já e, justamente, em referência clássica da história contemporânea da cultura e literatura portuguesas.

A finalizar evocamos de novo o poema de Emily Dickinson «uma das mais originais poetisas da literatura universal, tão original e tão grande, que melhor convém chamar-lhe poeta»¹⁰, o qual nos serve de epígrafe e que, no desassossego da linguagem poética, nos conduz, paradoxalmente, à procura incessante do rigor da investigação científica, nosso horizonte, a que exigimos a capacidade de nunca deixar de interrogar, pois qualquer trabalho e estudo de investigação estará sempre incompleto e em aberto.

¹⁰ Introdução à antologia poética em SENA, Jorge de, *trad., apres. – 80 poemas de Emily Dickinson*. Ob. cit. Ver também AMARAL, Ana Luísa, *trad. – Duzentos Poemas. Emily Dickinson*. Ob. cit.

CAPÍTULO 1

(CON)TEXTOS: APROXIMAÇÃO
TÉORICO-METODOLÓGICA

Começamos por traçar o contexto sócio-histórico a partir do cultural para de seguida tentarmos explicitar perspectivas e conceitos teórico-metodológicos que, compaginados numa transdução própria, possam ser mobilizados, já que se nos afiguram essenciais para o desenvolvimento da investigação em curso que enforma o presente trabalho ensaístico.

Aproximamo-nos assim, parcialmente, de alguns pontos de vista centrais às designadas «epistemologias alternativas» presentes nos estudos pós-coloniais e feministas que nos permitem abrir novos horizontes de leitura e compreensão deste nosso estudo, centrado, como já se disse, sobre uma figura de mulher notável e original, Mécia de Sena, sua acção cultural e intelectual, seu imenso trabalho de estudo e investigação em que se destaca uma vastíssima escrita epistolar preponderando a intensa correspondência com Jorge de Sena, a partir de diferentes lugares do mundo, desde os anos 1940 até ao início da democratização de Portugal, no período imediatamente a seguir ao 25 de Abril de 1974. Apesar de estes se encontrarem fora de Portugal, a partir de 1959, tal correspondência, frequentemente referenciada ao país de origem, é, epocalmente atravessada pelos diferentes contextos histórico-sociais da sua produção, desde o inicial condicionamento político, social e cultural português, invariavelmente denunciado nas suas cartas aos contextos posteriores de vivência em liberdade já no continente americano. O que concorre para que esta correspondência, abordada no seu todo, se configure como um incontornável repositório de relevantes fontes documentais para a história literária, cultural, política e social do século XX, não só de Portugal, mas também, embora mais circunscrita, do Brasil e E.U.A.

Para além do enquadramento sócio-histórico que tais características requerem, são também de passagem obrigatória neste capítulo inicial de balizamento teórico-metodológico, duas linhas de entrada explicativas que este estudo necessariamente supõe: uma primeira que implica a complexa e abrangente substância da epistolografia portuguesa e situação nela da correspondência específica em análise; e uma segunda em que se tenta traduzir, numa visão perspectivada, contributos recentes dos estudos sobre as mulheres, relevando aí, em especial, a dimensão ainda hoje controversa da «escrita feminina»/«escrita no feminino», questão a que um estudo transdisciplinar sobre Mécia de Sena e a sua escrita, como este se pretende, no âmbito dos novos estudos históricos e sociais, renovados pelos estudos literários em cruzamento com os estudos feministas, só aparentemente poderia parecer furtar-se, mesmo que sob o álbi da sua impossibilidade.

1.1. O SÓCIO-HISTÓRICO E O CULTURAL

Reportamo-nos, aqui, a anterior estudo sócio-histórico sobre vida-obra de Jorge de Sena e sua relação com Portugal (anos 1930-1970)¹¹ para a contextualização socio-histórica e literária abrindo também para um quadro geral analítico tomado como orientação teórica de base e abertura de campo fulcral deste objecto de estudo.

Em que é que a componente cultural pode ser importante para as análises da sociologia histórica e, *mutatis mutandi*, em que esta pode iluminar diferencialmente, os estudos da cultura, numa acepção não monolítica?

Tentamos assim mudar o nosso ponto de vista teórico, passando a inscrever a investigação no âmbito dos novos estudos sociais e históricos, domínio científico em que a cultura assume um lugar de centralidade (I. Wallerstein).

Nessa perspectiva que vai no sentido de uma revisão epistemológica¹² impõe-se-nos então interrogar o político, o histórico e o social a partir da literatura o que nos exige atender a um contexto de mudanças, novos e recentes pressupostos teóricos.

Em Portugal, na época de Jorge de Sena, o fechamento cultural e político do país, provocado pela ditadura e a sua correspondente universidade, contribuiu para explicar o atraso e mesmo a retracção da crítica portuguesa em abordar, ainda hoje, as questões que, no campo da literatura e da teoria literária, começaram a ser formuladas, já no final dos anos 1960.

Este primeiro questionamento veio pela mão de vários estudiosos que se encontravam em academias estrangeiras. Relembro só, a título de exemplo, e muito rapidamente, a recuperação de textos e a atenção dirigida a áreas até então inexistentes, como a literatura escrita por mulheres, ou as releituras críticas de textos e escritores canónicos, como os cancioneiros medievais, as crónicas da expansão ou de Fernão Lopes, Camões, Bernardim Ribeiro, Oliveira Martins ou Fernando Pessoa.

As leituras, então avançadas por críticos como Luís de Sousa Rebelo, Jorge de Sena, Maria de Lourdes Belchior, Helder Macedo, Eduardo Lourenço, entre outros, vieram desestabilizar o mar manso dos estudos portugueses medievais, renascentistas, modernos e contemporâneos, e ainda hoje afirmam uma diferença crítica cultural dentro da crítica universitária portuguesa.

Quando interrogamos o político, o histórico e o social a partir da literatura, temos que ter em conta diversas mudanças e questionamentos teóricos, sob pena de não estarmos a entender as práticas literárias que têm transformado não só a nossa visão dos processos históricos, sociais e políticos como desafiam o conceito ocidental de conhecimento e o lugar social de enunciação, enquanto espaço de enunciação cultural da história colectiva.

¹¹ LAGE, Maria Otília Pereira – *Portugal como (im)possibilidade continuada. Cidadania e exílios. À conversa com Jorge de Sena (anos 1930-1970)*. Ob. cit.

¹² CALAFATE, Margarida – *Pensar a partir da literatura – da importância dos estudos ibero-americanos*. «Alea», vol. 11, n.º 1. Rio de Janeiro: Jan./Jun., 2009.

Nos anos 1980 com o advento dos estudos pós-coloniais, inspirados por Edward Said e outras vozes vindas das designadas periferias culturais, a reflexão crítica intensifica-se e espalha-se a todos os campos do conhecimento, procurando a história, a palavra e o rosto de todos os sujeitos e produtores de cultura que ficaram excluídos da história dominante do Ocidente que detinha o poder de narrar a história.

Movimentos vários a partir de diferentes lugares de enunciação despoletam esta profunda revisão epistemológica do mundo: de um lado, os questionamentos teóricos advindos do mundo europeu e dos pensadores alternativos das suas grandes universidades, por vezes «perdidos» na redefinição não só do seu objecto de estudo, mas também das fronteiras do seu próprio campo de estudos; por outro lado, os questionamentos vindos da designada periferia, inclusive da América Latina, Índia e África.

Pugna-se então por um «campo epistemológico» (Foucault) capaz de descrever as diversidades e as especificidades¹³. Trata-se de uma mudança da ordem da História, das narrativas que a compõem e do pensamento crítico que as interpreta, traduzida numa teoria reflexiva que se relaciona com a tradição das ciências sociais e humanas e propõe uma leitura crítica das narrativas saídas do paradigma ocidental e outros princípios de inteligibilidade da história e do presente, das hierarquias dos conhecimentos estabelecidos e dos silenciamentos sobre os quais se fundam e se desenvolvem as narrativas dominantes.

Convém ainda reflectir, no quadro abrangente da história da cultura portuguesa contemporânea, sobre possíveis conexões no trânsito da literatura e da escrita epistolar, por relação com exemplos paradigmáticos da epistolografia nacional, como se considera ser o caso da correspondência de Jorge de Sena, designadamente com Mécia de Sena. Aliás, a esta se deve e em muito, entre nós, a valorização da epistolografia, que se tem registado nos últimos anos, desde que, depois da morte de Sena e da sua posterior estadia de 3 anos, como Research Fellow no King's College convidada para a organização póstuma da obra de Jorge de Sena, iria iniciar, com Vasco Graça Moura e a liderança deste da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, nos anos 1980, um consistente e diversificado projecto de publicação de vários volumes de Correspondência de Sena, com as mais diversas personalidades do mundo da cultura e da literatura.

Tendo em conta que a escrita epistolar raramente tem vindo a ser considerada literária, sendo em geral relegada para um papel subsidiário da literatura, como passar deste enquadramento analítico geral ao estudo da escrita epistolar, em particular, a de Mécia de Sena com Jorge de Sena, sem deixar de atender ao seu significado e importância própria nessa nova aproximação epistemológica?

O balizamento espaço-temporal e a intrínseca densidade histórico-social, cultural e literária permitem-nos situar a correspondência que é aqui nosso principal objecto de estudo num eixo ibero-americano explícito – o dos exílios dos dois interlocutores – o que

¹³ SANTIAGO, Silvano – *Uma Literatura nos Trópicos – ensaios sobre a dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

requer uma abordagem socio-histórica que tenha em conta a inspiração da teoria crítica, dos estudos sociais e culturais, dos estudos da mulher e dos estudos interculturais.

Estas são questões centrais que nos surgem ao procurar estudar o lugar preponderante na vida-obra seniana, de Mécia de Sena, destacando a dimensão e posição próprias desta e de sua escrita, no campo da literatura, da epistolografia e da cultura portuguesas contemporâneas sem nunca esquecer que a sua trajectória biográfica se desenvolve, em larga medida, numa espácio – temporalidade além-fronteiras.

Daí também que se nos imponha começar por uma prévia reflexão teórica sobre dois tópicos centrais na história da literatura portuguesa contemporânea: o tópico da epistolografia em Portugal e o da «escrita no feminino» ou «escrita feminina», dimensões ambas relevantes e obrigatórias na abordagem problematizadora do nosso objecto de estudo, embora cada uma com a sua complexidade própria e ambos de ambiciosa e difícil conceptualização sobretudo numa perspectiva socio-histórica.

1.2. EPISTOLOGRAFIA PORTUGUESA

«As palavras voam os escritos ficam»¹⁴

Tomando como ponto de partida uma breve análise da situação actual e revisão da literatura, neste âmbito dos estudos epistolográficos, começamos por uma aproximação introdutória geral à problemática da diferenciada investigação sobre a complexa área científica e cultural da epistolografia, tendo por referências particulares o caso português no período em observação, face ao nosso objecto de estudo concreto e delimitado¹⁵.

¹⁴ Tradução do ditado latino: «Verba volant, scripta manent».

¹⁵ Sobre epistolografia portuguesa contemporânea, designadamente cartas privadas e cartas de amor, ver: BELCHIOR, Maria de Lourdes – Recensão crítica a GAMA, Sebastião da – *Cartas I – Para Joana Luísa (1943-1944)*. «Revista Colóquio/Letras. Recensões Críticas», n.º 135/136, Jan. 1995, p. 269-271. (Obras completas de Sebastião da Gama. Lisboa: Edições Ática, 1994), onde se faz uma análise breve às cartas de amor «transbordante» de Sebastião da Gama para sua noiva, Joana Luísa, numa «tentativa contínua de se abrir ao outro», «espécie de diário» de sonhos e desejos. Ver também *Cartas de amor de António Lobo Antunes – D’este viver aqui neste papel descripto Cartas da Guerra*. Lisboa: Dom Quixote, 2005, cartas enviadas de África, onde se encontrava como soldado/médico, para sua mulher, e que se caracterizam por uma escrita de grande sensibilidade próxima das crónicas do escritor, marcadas pela manifestação de amor, pela referência aos seus gostos literários, à escrita progressiva do seu 1.º livro e influências e em que se expressa um falar da guerra «monstro estúpido e absurdo», doloroso. Consultar também, mas no âmbito de correspondência entre gente anónima, o interessante e recente projecto coordenado por Rita Marquilhas – CARDS (Cartas Desconhecidas), complementado pelo projecto FLY (Forgotten Letters Years 1900-1974), a partir do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Ver ainda noutro contexto os seguintes textos de MARQUILHAS, Rita – *Eu ainda sou vivo. Sobre a edição e análise linguística de cartas de gente vulgar*. «Estudos de Linguística Galega», 1 Maio 2009, p. 47-65; *Artifícios, artefactos y ecofactos en la escritura de cartas*. In *Actas do Congresso*

Potencialidades e possibilidades da epistolografia

Não nos detendo em alongadas reflexões sobre a natureza do fenómeno epistolar, o que nos afastaria do objectivo principal deste trabalho e obrigaria a estudos de áreas especializadas como a literatura, a linguística, a filologia, ou mesmo a psicanálise, a psicologia (psicolinguística), entre outros domínios científicos¹⁶ menos familiares à história, nossa área de base, não podemos, evidentemente, desconhecer esse labor do qual muito se pode beneficiar para um entendimento mais vasto e aprofundado deste tópico em análise.

Numa perspectiva próxima da história social da cultura escrita, sintetizamos que a carta, como documento e como género literário – pela sua tradição, longa história e por ser um género propício para revelar pessoas e épocas –, tem sido um objecto privilegiado da historiografia actual¹⁷, para além de numerosos estudos noutras áreas do conhecimento. Tratando-se de um género «fortemente tipificado que se apoia em modelos retóricos universalmente reconhecidos e imitados»¹⁸ traz à epistolografia complexidades particulares e expressivas, nas formas de cortesia, estrutura e estilo.

Internacional Espacios y formas de la escritura epistolar en el Área Románica (siglos XIV-XX). University of Alcalá de Henares, Junho de 2012.

¹⁶ Sobre a dinâmica epistolar veja-se o estudo já clássico de BINNS, J. W. – *The letters of Erasmus*. In DOREY, T.A. – *Erasmus*. Londres: Routledge, 1970.

¹⁷ Ver, por exemplo: LONGO, Nicola – *Letteratura e lettere*. Roma: Bulzoni Editore, 1999; *La Correspondencia en la Historia. Modelos y prácticas de la escritura epistolar*. In SÁEZ, Carlos; CASTILLO GÓMEZ, Antonio, eds. – *Actas del VI Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita*. Madrid: Calambur, 2002; *La Correspondance*. In *Actes du Colloque International*. Aix-en-Provence: Université de Provence, 1985. Para uma aproximação ao valor da carta e seu significado e configuração veja-se: RUBALCABA PÉREZ, C. – *Entre las calles vivas de las palabras*. Trea: Gijón, 2006, p. 89-168. Ver também Antonio Castillo Gómez, da Universidade de Alcalá, director da Revista *Cultura escrita y sociedad*. – Gijón: Trea, (2005-), prestigiado investigador espanhol e um dos mais conceituados em epistolografia de que se indica uma das suas obras recentes – CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SIERRA BLAS, Verónica – *Cartas-Lettres-Lettere. Discursos, prácticas y representaciones epistolares (siglos XIV-XX)*. 1.ª ed. Alcalá de Henares: Ute Universidad Alcala, 2014, 592 p. Colección Obras Colectivas Humanidades, 38; GALLARDO, A. R. – *La recepción epistolar: una aproximación crítica*. In *Seminario Anual Perspectivas anuales en la investigación sobre escritura y comunicación epistolar. Seminario Interdisciplinar de estudio sobre cultura escrita*. Espanha: Universidad de Alcalá de Henares, Junho de 2010. Para épocas mais recuadas ver por exemplo PADRON FERNÁNDEZ, Rafael, ed. lit. – *Las cartas las inventó el afecto: ensayos sobre epistolografia en el Siglo de las Luces* (Spanish). Perfect Paperback – January 1, 2013.

¹⁸ PETRUCCI, Armando – *Scrivere lettere: Una storia plurimillennaria*. [Bari-Roma]: Editori Laterza, 2008. É incontornável, neste contexto, referir a teorização feita em «Corte na Aldeia», de Rodrigues Lobo (1619), considerado o primeiro manual sintetizador de alguns aspectos referentes à epistolografia e à cultura e protocolos que a envolvem, em especial os diálogos II e III dedicados à redacção de cartas. A prática epistolar é interpretada como um modo de conversar com os ausentes, cuja arte deve ser apanágio do cortês polido, discreto e amável. Nos diálogos II – «Da policia e estilo das cartas missivas» – recomenda-se que tenham «cortesia, regras direitas, letras juntas, razões apartadas, papel limpo, dobras iguais, chancela sutil e selo claro». E no Diálogo III – «Da maneira de escrever e da diferença das cartas missivas» – acrescentam-se preceitos mais concretos sobre a maneira de as compor a partir da descrição «de Marco Túlio, a quem todos seguem». Aliás, a obra de Rodrigues Lobo pode bem ser vista como um resumo de orientações vigentes, um compêndio de exemplos vários e de estilos diversos à semelhança do que acontecerá com outras obras de autores espanhóis do mesmo período. Consultar LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*. Introdução, notas e fixação do texto de José Adriano de Carvalho. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

Pese embora alguns desses trabalhos de investigação deste tipo de escrita pessoal utilizarem as cartas sobretudo como fontes históricas e não tanto como documentos em suas características próprias. Estudos recentes são exemplares de como, sob a perspectiva da História Social da cultura escrita, se podem analisar as práticas de escrita que constituem esses testemunhos e que por diversos motivos proliferaram a partir do século XIX – etapa decisiva na história das práticas epistolares, a par do crescimento exponencial do correio¹⁹ – tornando-se as cartas uma das tipologias mais representativas da extensão social da escrita.

Todavia, as cartas, escrita quotidiana para comunicação à distância, geradas por certos factores, em contextos concretos, com características materiais e formais determinadas e com propósitos variáveis, são documentos por vezes de difícil acesso e recuperação, porque foram simplesmente perdidas ou desprezadas como meros papéis velhos que apenas interessam no âmbito do seu uso privado.

Acerca da epistolografia literária

«A carta possui uma natureza deveras híbrida e polimorfa para que se faça sobre ela uma teorização absolutamente sistemática»²⁰.

Sem pretender fazer aqui uma abordagem literária nem sequer aos muitos sentidos da escrita de cartas, formas de correspondência ou práticas epistolares, não podemos, no entanto, eximir-nos de fazer este outro tipo de aproximação, no campo dos estudos literários, à epistolografia literária contemporânea, âmbito em que também se situa o nosso objecto de estudo. A epígrafe sinaliza porém as dificuldades de tal exercício teórico.

A correspondência de escritores e de outros autores do mundo das artes, documentação de carácter privado, tem vindo também, mais recentemente, a suscitar em diferentes

¹⁹ CHARTIER, Roger, *dir.* – *La correspondance. Les usages de la lettre au XIX^e siècle*. Paris: Fayard, 1991. Sobre a evolução do correio ver também o livro CONFRARIA, João, *coord.*; SILVA, Francisco, *et al.*, *textos – As comunicações na Idade Contemporânea: cartas, telégrafo e telefones*. [Lisboa]: Fundação Portuguesa das Comunicações, imp. 2009.

²⁰ RODRIGUES, Leandro Garcia – *Uma leitura do modernismo. Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2003. Dissertação de Mestrado. Cap. «A natureza do fenómeno epistolar», disponível em <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/.../0115401_03_cap_02.pdf> [Consulta realizada em 09/03/2015]. Poderá, ainda acrescentar-se «Cartas de Amor de Fernando Pessoa» (Ática, 1978), com posfácio de David Mourão Ferreira e, ainda, depois, em 2012, «Cartas de Amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz (Assírio & Alvim) com uma «Nota Introdutória» de Manuela Parreira da Silva. Logo, em seguida (2013), foi publicada, no Brasil (Ed. Capivara, por Richard Zénith, «Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz – Correspondência amorosa completa», com 155 cartas inéditas, com introdução de Eduardo Lourenço, estudo muito interessante, publicado também no JL de 15 de Maio de 2013, sob o título, «Amor e Literatura».

espaços geográficos e culturais o interesse de iniciativas editoriais²¹. Por outro lado, e como se deixou já sugerido, este tipo de correspondência abre perspectivas profícuas e diferentes de investigação quer ao nível testemunhal e biográfico, quer no que se refere aos bastidores da produção literário-artística, quer ainda numa linha interpretativa do género epistolar como «arquivo da criação» ou crónica da obra criativa, abrindo-se, neste sentido, à polemizada «crítica genética»²² que considera a epistolografia como uma «oficina» que permite observar o processo de criação pelos seus vários prismas e condições de génese, elaboração e recepção.

Poder-se-á ver como a singular e riquíssima correspondência trocada entre Mécia e Jorge de Sena ao longo de uma vida espelha com nitidez e pormenor aspectos importantes do processo de criação literária seniana e se pode ainda configurar como exemplo simultâneo dessas três virtualidades de investigação. Tanto mais quanto nela se pode observar constantemente como estes interlocutores vão definindo entre si acordos explícitos em que a troca regular de opiniões sobre os trabalhos literários senianos em desenvolvimento fundamenta quase todos os passos da criação literária que muitas vezes pode mesmo ser vista como acção compartilhada.

Aliás, esta constatação, de grande interesse para uma compreensão mais próxima da obra de Jorge de Sena, ampliada pela verificação da intervenção permanente e participada de Mécia de Sena em todo esse processo, permite-nos mesmo ir mais além, apesar da reconhecida hibridizade do próprio género, ao considerar que emerge aí, por parte da interlocutora, uma experimentação e prática de escrita epistolar literária, a qual merece e exige tratamento autónomo, hipótese central deste nosso trabalho.

Dimensões analíticas na correspondência de Mécia com Jorge de Sena

A correspondência Mécia de Sena/Jorge de Sena exige uma atenção muito especial, desde logo em seus parâmetros históricos e características próprias que temos vindo a estudar parceladamente, análise que aqui se prossegue na sua globalidade e com maior sistema-

²¹ Para além de referências em nota anterior às cartas de amor de escritores portugueses contemporâneos, veja-se ainda sobre cartas de Camilo Castelo Branco para Ana Plácido, a seguinte obra – *Dois anos de agonia: cartas de Camilo a Ana e de Ana Plácido a Freitas Fortuna*. Prefácio e notas de Júlio Dias da Costa. Publicação/Produção. Lisboa: Liv. Ed. Guimarães, [1930]. Há muitos outros textos sobre as cartas/questão, Camilo/Ana Plácido: Em 28, Manuel Tavares Teles, publica «Camilo e Ana Plácido – Episódios Ignorados da Célebre Paixão Romântica» (Edições Caixotim). Para além de um estudo muito interessante, o volume inclui, intermediadamente, (p. 95-120) com um poema e cartas de Camilo (comentadas pelo autor) sobre o «trágica» paixão. Ainda comentadas por Maria do Carmo Castelo Branco Sequeira, as cartas de Ana Plácido (sobre este assunto), dirigidas a Francisco de Paula da Silva Pereira e outro bloco dirigido ao Conselheiro Duarte Gustavo Nogueira Soares no colóquio «A mulher na vida e na Obra de Camilo», Famalicão, sob o título «Sedução e Poder Argumentativo (A propósito de algumas cartas de Ana Plácido)» (Centro de Estudos Camilianos, 1997).

²² MORAES, Marcos António de – *Epistolografia e crítica genética*. «Ciência e Cultura» (online vers.) vol. 59, n.º 1. São Paulo: Jan./Mar. 2007. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252007000100015&script=sci_art-text> [Consulta realizada em 10/03/2015].

ticidade. Como se disse, são milhares as cartas reunidas e organizadas por Mécia de Sena – assim espaço-temporalmente balizadas: Portugal – Brasil – USA, anos 1940 a 1970 – que constituem a correspondência trocada entre Mécia de Sena e Jorge de Sena, «indisciplinador de mentes», como, alegadamente, Fernando Pessoa o foi de almas. Em estudo anterior sobre a escrita epistolar de Mécia de Sena, uma escrita de resistência e exílio, recortamos nesse acervo, parcialmente ainda inédito, um núcleo de cerca de centena e meia de cartas, referente ao período do exílio brasileiro (1959-1965), *corpus* integral entretanto publicado²³. Demos assim desenvolvimento a estudo anterior em que analisámos algumas cartas da fase de conhecimento e enamoramento de Mécia e Jorge de Sena, anos 1940, que começaram por ser publicadas por Mécia de Sena, nos anos 1980²⁴. Nesse âmbito, publicámos alguns trabalhos²⁵ em que relevámos o papel central de Mécia de Sena nessa permanente relação de amor e diálogo prosseguida ao longo de toda uma vida a dois, como documentam perfeitamente as cartas de ambos.

Numa primeira aproximação geral a características evidentes desta correspondência salienta-se que a mesma:

- a) Ilustra, impressiva e expressivamente, numa memória viva de sua época e em diferentes períodos históricos, traços singulares biográficos, identidades intelectuais e facetas marcantes da cultura portuguesa contemporânea de que os correspondentes são personalidades destacadas;
- b) Apresenta um pendor simultaneamente histórico (documental e vivencial) e epistolar literário, inscrevendo-se em e enriquecendo a significativa tradição epistolográfica portuguesa;
- c) Representa uma componente fundamental do espólio literário seniano, cuja constituição ilumina, documentando ainda momentos importantes do processo de produção histórica e social da intensa e polifacetada obra literária e ensaística de Jorge de Sena, um dos nomes maiores da nossa literatura contemporânea;
- d) Atravessada por um manancial de experiências individuais, pessoais e sociais, minuciosamente registadas, nela se evidencia claramente uma vasta e densa rede de relações literárias, culturais e sociais, amizades e afectos, mútuas e recíprocas paixões, como a literatura, a música, a edição, a tradução, e outras formas de expressão intelectual²⁶.

²³ LAGE, Maria Otília Pereira, org. – *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1963)*. Ob. cit.

²⁴ SENA, Mécia de, *apres., org., notas – Mécia de Sena/Jorge de Sena, Isto tudo que nos rodeia, Cartas de Amor*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.

²⁵ Ver entre outros, LAGE, Maria Otília Pereira – *Correspondência(s) Mécia/Jorge de Sena (evocação de Carrazeda, anos 1940)*. Ob. cit.; artigo «*Correspondência(s) Mécia e Jorge de Sena: rede de afectos e exílio luso-americano. Uma aproximação no quadro dos estudos interculturais*». Ob. cit., texto. «*Correspondência(s) Mécia e Jorge de Sena no período brasileiro*». In Site «Ler Jorge de Sena», UFRJ.

²⁶ Para uma breve mas bem feita referência ao interesse histórico das condições de produção particulares dos *corpus* epistolográficos dos aspectos mais intimistas ou privados da vida quotidiana, presentes no discurso epistolar, bem como a impor-

Só esta dimensão em si própria, altamente promissora, exigiria não só um enquadramento analítico e metodológico, adequado à sua complexidade, plural e transversalmente consistente, mas sobretudo e ainda uma linha de investigação específica no quadro inclusive da fecunda teoria sociológica «actores-redes» a desenvolver em projecto próprio e autónomo, por equipa pluridisciplinar.

Um primeiro estudo panorâmico empreendido na linha das perspectivas traçadas permite destacar desde logo as seguintes dimensões de relevância analítica, outras tantas hipóteses de interpretação a ter em conta:

- a) Sendo já incontestável que a obra literária seniana (e mais especificamente a sua poesia), é acentuadamente «testemunhal», no sentido em que exprime as transformações da experiência da vida e da escrita, tal característica confere à sua correspondência uma relação intrínseca com a produção social e histórica da sua própria obra;
- b) Nessa medida, as constantes cartas trocadas com inúmeros e destacados interlocutores, em que as cartas para Mécia assumem destaque particular, constituem um dispositivo maquínico de escrita;
- c) Por outro lado, tal correspondência configura-se, ao nível dos seus conteúdos, como um prodigioso repositório de referências políticas, económicas, sociais e culturais e também como um autêntico diário ininterrupto escrito a quatro mãos em reciprocidade permanente, ao nível do fluxo de escrita e comunicacional, em que se torna evidente o «tudo dizer» próprio do modo de ser da literatura;
- d) Para além da constante presença do amor, da paixão humana e do corpo-escrita densamente impregnados de erotismo e sexualidade, evidencia ainda esta correspondência que Jorge e Mécia viviam como se houvesse entre ambos um pacto de viver um para o outro e um pelo outro (o que aliás era notado em conversas entre amigos em que cada um parecia estar a adivinhar o que o outro ia dizer, adiantando-se-lhe por vezes e completando-se, outras);
- e) Por sua vez, a escrita epistolar de Mécia de Sena é marcada por três grandes linhas de força: o uso evidente de uma linguagem etnograficamente ancorada, *rés à vox populi*; um estilo de prosa pragmática sem deixar de ser literária que evoca ora a limpidez poética de Cesário Verde, ora a escrita ficcional do quotidiano de Irene Lisboa; e ainda a expressão do exercício da paixão onde o esplendor dos corpos e do desejo se manifestam em toda a sua genuinidade.

tância da forte interactividade entre os emissores implicados no epistolário, cuja abrangência requer o estudo das redes literárias e sociais ente mundos diversos aí percebidas e onde a função da literatura se constitui em malha aglutinadora de espaços, pessoas, grupos e sociabilidades, ver introdução da tese de mestrado sobre correspondência monástica feminina da primeira metade do século XVIII, orientada por Isabel Morujão – FERREIRA, Maria do Céu de Sousa – «*Desde el Parnaso os escrivo*»: *Cartas de uma monja escritora. Edição e análise da correspondência manuscrita de Soror Mariana do Céu à Duquesa de Madinaceli*. Porto: FLUP, 2012, p. 21-24.

A esta luz, tem de perguntar-se se a Mécia de Sena pode ficar apenas reservada uma situação secundária mais ou menos passiva de correspondente e interlocutora ou se, pelo contrário, podem e devem aí ser encontradas linhas de afirmação autónoma e diferentemente criativa por parte da escrita epistolar meciana. E perguntar também que posição ocupará ou deve ocupar no panorama epistolográfico português e na história da cultura e da literatura nacional contemporâneas.

É o que tentaremos agora desenvolver com maior detalhe e fundamento, sendo certo que tal tarefa se nos revela de difícil execução e apresenta diversos obstáculos, não só de natureza teórica, mas também por limitação de referências e estudos específicos no panorama nacional para esta temática concreta o que poderá se repercutir-se ou dificultar a consistência conceptual e crítica desejável nesta nossa abordagem que necessariamente, continuará em aberto.

Posição desta correspondência na história da epistolografia portuguesa

Toma-se como referência de partida para definição do posicionamento da escrita epistolar de Mécia de Sena na história da epistolografia portuguesa, a obra clássica «A Epistolografia em Portugal» (1965, 1.ª ed.; 1985, 2.ª ed.)²⁷, da ensaísta Andréa Crabbé Rocha, mulher de Adolfo Rocha/Miguel Torga.

Fonte de referência incontornável para o estudo da nossa epistolografia, a obra generalista de Andréa Rocha que recenseia e analisa brevemente 62 epistológrafos, grandes nomes da política, da igreja e sobretudo da literatura, desde o século XV ao século XX, surge pela primeira vez num período da história social portuguesa fortemente condicionado e condicionador, revelando por outro lado as marcas do seu pioneirismo reconhecidas pela própria autora no prefácio. A esta luz, não é de estranhar que seja débil a presença da escrita epistolar amorosa que não chega a recortar os seus contornos na «substância cultural e literária» que caracteriza a epistolografia recenseada e estudada²⁸.

No que à «escrita feminina» concerne, verifica-se que a autora, no longo arco temporal a que se reporta, a limita ao caso de duas mulheres, a Marquesa de Alorna (1750-1839)²⁹

²⁷ ROCHA, Andréa Crabbé – *A Epistolografia em Portugal*. 1.ª edição. Coimbra: Almedina, 1965. 2.ª edição revista e aumentada. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

²⁸ Idêntica situação parece manter-se em estudos posteriores de epistolografia como por exemplo o de âmbito mais limitado a um escritor português e contexto cultural específico, de Lurdes da Conceição Preto Cameirão – *Antologia epistolográfica de autores do século XIX e XX*. Ob. cit., tese de mestrado que incide sobre Teixeira de Pascoaes e o Projecto Cultural da Renascença Portuguesa.

²⁹ Para um conhecimento mais vasto e profundo de Marquesa de Alorna consultar os clássicos estudos de Vanda Anastácio editados em livros e artigos de publicações periódicas com *peer-review*, referenciados no site pessoal da autora <<http://www.vanda-anastacio.at/>>. Ver ainda os seus estudos sobre correspondência do século XVIII, designadamente de mulheres aristocratas, e em especial algumas publicações por si mais recentemente editadas como a colectânea de ensaios – *A Marquesa de Alorna (1750-1839)*. Lisboa: 2009; *Sonetos da Marquesa de Alorna*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2008; e a edição em

e a poetisa alentejana Florbela Espanca (1894-1930), considerando em relação à primeira que a adversidade lhe desenvolve uma capacidade de resistência excepcional e determina um carácter de uma firmeza quase viril³⁰ e, relativamente à segunda, que a sua correspondência não pode competir de maneira nenhuma com os seus versos, embora nos revele aqui e acolá aspectos pungentes do seu drama³¹.

Já quanto às cartas de amor atribuídas a Soror Mariana Alcoforado (monja do século XVII enclausurada no convento e seus ilícitos amores com o conde de Chamilly), cartas essas envoltas num longo e controverso processo histórico e ideológico mitificado a nível nacional³², opta pela sua exclusão, atentas as circunstâncias particulares de autoria que envolveram a edição das designadas «Lettres Portugaises» (1669) que lhe mereceram a seguinte consideração:

Mesmo admitindo que as Lettres Portugaises devam o seu substrato a autênticas cartas de uma freira portuguesa enamorada – Mariana Alcoforado ou outra –, o aproveitamento que delas fez o redactor francês constitui tão evidente sobreposição literária, que as faz cair na alçada do romance epistolar, mais do que no domínio da epistolografia propriamente dita, quando mais não fosse por lhes ter tirado as credenciais de lugar, data, destinatário e assinatura tão características do género³³.

Mas esta é toda uma outra, bem mais vasta e complexa problemática teórica, cultural, identitária e literária, pelo que se teria de ir bem mais além desta análise, sobretudo depois da publicação dos estudos literários e feministas de Anna Klobucka³⁴ que analisa a constituição do mito das Cartas de Mariana Alcoforado, como tratando-se de um longo processo de construção histórica, social e ideológica, que estuda detalhadamente, a par da questão nacional da feminilidade, cartas que no entanto considera constituírem um relevante repertório referencial de fontes para a escrita de Novas Cartas Portuguesas³⁵.

Lisboa, 2007 da correspondência trocada entre a Marquesa de Alorna e a Condessa do Vimieiro, no livro *Cartas de Lília e Tirse (1771-1777)*, com estudo introdutório seu e ensaios de vários autores.

³⁰ ROCHA, André Crabbé – *A Epistolografia em Portugal*. Ob. cit., p. 217.

³¹ ROCHA, André Crabbé – *A Epistolografia em Portugal*. Ob. cit., p. 374.

³² Veja-se a importante análise a esta problemática, em KLOBUCKA, Anna – *Mariana Alcoforado: formação de um mito cultural*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

³³ ROCHA, André Crabbé – *A Epistolografia em Portugal*. Ob. cit., p. 180-181.

³⁴ Para uma clara e precisa introdução a Anna Klobucka, estudiosa da Literatura e da Cultura Portuguesa, no cruzamento dos Estudos Literários com os Estudos Feministas, à importância da sua obra já referenciada sobre o mito de Mariana Alcoforado e mais extensamente a um outro livro da mesma autora «O formato Mulher: a emergência da autoria feminina na Poesia portuguesa» (edição Angelus Novus, Coimbra, 2009), veja-se o texto «O Formato Mulher» de Ana Luísa Amaral o qual apresenta ainda uma revisão sintética da literatura mais recente dos estudos literários e feministas. Disponível em <<https://angnovus.wordpress.com/2010/01/23/%C2%ABo-formato-mulher%C2%BB-por-ana-luisa-maral/>> [Consulta realizada em 20/02/2015].

³⁵ Para uma análise da tradução do discurso das *Cartas de Mariana Alcoforado* para o das *Novas Cartas Portuguesas* e das fórmulas de relação (amorosa, familiar, comunitária, homo e hétero-social) que se estabelecem entre sujeitos e personagens

Não apenas certamente porque chamadas de *Novas Cartas Portuguesas*, também esta obra (1.^a edição, 1972), marco histórico da literatura feminista em Portugal com vasta recepção internacional, e ainda actualmente, considerada uma das obras portuguesas mais traduzidas em todo o mundo, não foi contemplada na selecção de Andrée Crabbé Rocha para a 2.^a edição revista e aumentada, em 1985, do seu estudo fundador da epistolografia portuguesa. O facto de este livro de cartas, poemas, relatórios, textos narrativos, ensaios, etc., apreendido mal foi publicado e objecto de processo judicial a suas autoras, não se enquadrar directamente no «cânone epistolar» poderá servir de explicação para a sua total ausência de menção.

Já não colhem, porém, a nosso ver, tais argumentos, em relação à selecção de cartas de Mécia e Jorge de Sena, trocadas ainda solteiros, nos anos 1940, organizada e editada por Mécia de Sena em «Tudo isto que nos Rodeia: Cartas de amor», em 1982, quarenta anos depois de terem sido escritas e três anos antes da data da 2.^a edição de «A Epistolografia em Portugal». Omissão que não deixa de surpreender!

Certo é que uma vasta produção epistológica se mantém entre nós por estudar, sendo uma boa parte dela ainda desconhecida, já que como anotámos e na opinião de alguns autores, «A epistolografia em Portugal» de Andrée Rocha «limita-se a uma enumeração incompleta de epistológrafos, sem dar do género uma visão teórica, por mínima que fosse»³⁶. No entanto, ainda que lentamente, a teoria e a análise epistológica vão surgindo aqui e ali, não sem evitarem que haja ainda muito a fazer nesse sentido.

De facto, a situação neste âmbito mantém-se ainda embrionária, entre nós, como referia em 2008, Anibal Pinto de Castro: «a epistolografia portuguesa continua com raras excepções, em grande parte inédita porque considerada como simples conjuntos de textos ‘menores’, aos quais apenas se recorre para estabelecer a biografia ou a história da escrita de cada autor, permanecendo dispersa ou sepultada em arquivos e espólios pertencentes a instituições públicas ou avaramente guardados por particulares que raras vezes se mostram receptivos ao dever de permitir que ela se torne conhecida do grande público ou sequer dos estudiosos da literatura»³⁷.

Pela complexidade deste tópico da Epistolografia em Portugal, no período contemporâneo, na análise global e conceptual feita debatemo-nos com limitações derivadas em grande medida da ainda insuficiência de trabalhos teóricos e bibliografia especializada

intervinentes nos dois textos, à luz dos estudos feministas revisionistas, ver o artigo de KLOBUCKA, Anna – «*Considerai irmãs minhas*»: as negociações de parentesco e a comunidade entre *Letres Portugaises* e as *Novas Cartas Portuguesas*. «*Cadernos de Literatura Comparada*», n.º 26, número sobre *Novas Cartas Portuguesas* e os Feminismos.

³⁶ CASTRO, Anibal Pinto de – *D. Francisco Manuel de Melo um polígrafo de ‘cartas familiares’*. «*Peninsula. Revista de Estudos Ibéricos*», n.º 6, 2009.

³⁷ CASTRO, Anibal Pinto de – *Prefácio: As cartas de Trindade Coelho: um monumento da língua portuguesa*. In *Trindade Coelho. Correspondência 1873-1908*. Organização, leitura e notas de Hironidino Fernandes. «*Brigantia: Revista de Cultura*», vol. XXVIII-XXIX. Bragança, 2008, número especial dedicado ao centenário de Trindade Coelho, p. 7.

nacional que nos pudessem servir de ancoragem sólida, apesar dos numerosos estudos já disponíveis, mormente noutras perspectivas de análise, que não a da epistolografia literária mais recente, noutras latitudes espaciais e culturais e para períodos anteriores.

A pertinência do que atrás se diz sobre a omissão em «Epistolografia de Portugal» (2.^a ed. ampliada e revista) de menção das cartas de amor entre Mécia e Jorge de Sena, já então publicadas só se densifica ao saber-se que os dois continuariam a escrever-se intensamente até aos anos 1970³⁸, tendo atingido a sua correspondência alguns dos momentos mais sublimes, precisamente no período de 1959-1965, ainda que a publicação da mesma tenha ocorrido apenas em 2013, com «Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena ‘Vita Nuova’ (Brasil 1959-1965)», a qual foi aliás objecto por parte do consagrado poeta e intelectual Vasco da Graça Moura da seguinte nota de recensão crítica:

Se o exílio de Jorge de Sena, iniciado no Brasil por 6 anos e rematado por mais 13 anos não tivesse servido para mais nada, se a sua obra torrencial não constituísse um legado incomparável para as gerações futuras, bastaria esta troca de cartas para podermos classificar este livro como um dos momentos mais altos da epistolografia portuguesa³⁹.

O autor enfatiza ainda, para além de outras características relevantes deste «diálogo em espelho», o aspecto decisivo da interacção epistolar aí presente, na possibilidade de conhecimento integral das cartas dos dois correspondentes, circunstância entre nós ainda rara ao nível da edição, como sucedido durante muitos anos com a divulgação das cartas de amor de Fernando Pessoa⁴⁰, como as mais recentes de Sebastião da Gama ou António Lobo Antunes vindas ainda a lume em publicação unilateral. Sabe-se como estas mutilações e descontextualização podem acabar por se tornar geradoras de equívocos e vieses graves de leitura e interpretação crítica não só da própria correspondência como mesmo da obra e vida de escritores portugueses consagrados, quando estes são também correspondentes. Para este risco e seus efeitos, por vezes deletérios, especificamente no que se refere ao macrotexto pessoano, alerta Anna Klobucka em ensaio recente⁴¹, no qual releva as questões de género e sexualidade e onde faz uma pormenorizada recensão e análise crítica de anteriores estudos pessoanos produzidos a partir de uma leitura sincopada das cartas de amor de Fernando Pessoa para Ofélia Queiroz (relegadas as suas cartas para o limbo

³⁸ Como é sabido, a morte de Jorge de Sena tem lugar em Santa Bárbara, Califórnia, a 4 de Junho de 1978.

³⁹ MOURA, Vasco Graça – *Um monumento ao amor quotidiano*. «Diário de Notícias Digital», 16.04.2014, sobre o livro de LAGE, Maria Otilia Pereira – *Correspondência – Jorge de Sena e Mécia de Sena ‘Vita Nuova’ (Brasil 1959-1965)*. Ob. cit.

⁴⁰ As cartas de amor de Ofélia Queiroz para Fernando Pessoa só vieram a ser publicadas muitos anos mais tarde de conhecidas as do poeta para ela, pela sobrinha deste, Manuela Nogueira, em co-edição, na seguinte obra: NOGUEIRA, Manuela; AZEVEDO, Maria da Conceição, eds. – *Cartas de amor de Ofélia a Fernando Pessoa*. Lisboa: Assirio & Alvim, 1996.

⁴¹ KLOBUCKA, Anna – *Finalmente juntos: leitura das cartas de amor de Ofélia Queiroz e Fernando Pessoa*; SABINE, Mark, eds. – *O Corpo em Pessoa: Corporalidade, Género, Sexualidade*. Lisboa: Assirio & Alvim, 2010, p. 277-296.

da obscuridade), para além de uma estimulante releitura crítica das mesmas, analisando-as finalmente no seu conjunto e interação.

Ainda a propósito e porque de interesse para a epistolografia e a crítica literária, são de salientar duas notas do referido ensaio, aqui pertinentes. Refere-se uma delas à dinâmica bilateral da correspondência que, ainda no caso do carteio de amor pessoano, só terá sido considerada por Jorge de Sena, logo em 1977, antes dessa correspondência ter sido publicada (à excepção de algumas cartas de Pessoa⁴²) nos seguintes termos:

A publicação dessa correspondência longe de ferir a memória de alguém, projecta uma luz decisiva sobre aquele ser chamado civilmente Fernando António Nogueira Pessoa – que já não há nada que faça «menor» – e é uma rendida homenagem àquela pobre e digna senhora que, em rapariga foi jogo de quem, de qualquer maneira, com amor ou sem ele, sabia que havia um abismo intelectual entre essa menina e o monstro de racionalização, que ele era, para não falarmos em grandezas poéticas sequer⁴³.

Já noutro sentido, e à luz da segunda nota aqui em destaque⁴⁴, pode interpretar-se essa posição de Jorge de Sena como contrariando explícita e radicalmente a tradicional resistência a tornar público o discurso privado de autoras mulheres – já que «publicar as cartas de uma mulher [...] era de certo modo violar a sua integridade pessoal»⁴⁵, como a história da escrita epistolar feminina regista.

1.3. A PROPÓSITO DA «ESCRITA NO FEMININO»

«... apenas a perspectiva parcial promete visão objectiva»⁴⁶

A expressão citada de Haraway, investigadora americana estudiosa da ciência, numa perspectiva crítica e feminista, sinaliza o sentido da leitura analítica que aqui vamos ensaiar por referência à necessária reflexão sobre a escrita epistolar da mulher Mécia de Sena, na sua dimensão histórica e literária.

⁴² KLOBUCKA, Anna; SABINE, Mark, eds. – *O Corpo em Pessoa: Comparabilidade, Género, Sexualidade*. Ob. cit., p. 281, nota 6.

⁴³ SENA, Jorge de – «Fernando Pessoa o homem que nunca foi». In SENA, Jorge de – *Fernando Pessoa & C.ª Heterónima (estudos coligidos 1940-1978)*. Lisboa: Ed. 70, 1982 (2 vols.), Vol. II, p. 195, nota 4.

⁴⁴ KLOBUCKA, Anna – *Finalmente juntos: leitura das cartas de amor de Ofélia Queiroz e Fernando Pessoa*. In KLOBUCKA, Anna; SABINE, Mark, eds. – Ob. cit., p. 279, nota 4.

⁴⁵ GOLDSMITH, Elizabeth C., ed. – *Introdução a «Writing Female Voices: Essays on Epistolary Literature»*. Boston: Northeastern University Press, 1998, vii, cit. por KLOBUCKA, Anna; SABINE, Mark, eds. – *O Corpo em Pessoa: Comparabilidade, Género, Sexualidade*. Ob. cit., p. 279, nota 4.

⁴⁶ HARAWAY, Donna – *Ciência, cyborgs e mujeres: la reinvencción de la naturaleza*. Madrid: Ed. Cátedra, 1995.

Esta leitura é conceptualmente informada pelo princípio teórico do «conhecimento situado» que tomado de empréstimo dos novos estudos históricos sociais e culturais, mobilizamos enquanto perspectiva assumidamente «parcial» e garante da «visão objectiva» que se visa.

Atende ainda aos estudos feministas e sua afirmação na investigação em Portugal⁴⁷, não esquecendo o seu sentido último de que não poderá haver «estudos sobre as mulheres» que não envolvam também «estudos sobre os homens»⁴⁸ já que não há seres humanos neutros. Há homens e há mulheres que têm de ser tomados em pé de igualdade quando se pretende rigor nas análises e uma investigação com menos vulnerabilidades. Aliás, a exigência democrática é incompatível com a ausência da igualdade. Pode-se considerar como demonstrativo disso mesmo a escrita epistolar de Mécia na sua resistência cívica assumida no poder da palavra onde, para além da ausência de convenções estereotipadas, emergem imbricados o masculino e o feminino, o pessoal e o político, o privado e o público.

Assim, dá-se particular ênfase ao complexo e indecível tópico da escrita feminina ou escrita no feminino, e à forma como a escrita sobre os quotidianos de um passado pode reflectir debates, resistências, diálogos e lutas, identidades e memórias nas figurações do «feminino» e do «masculino» que persistem no presente.

O material teórico que convocamos e vamos explorar, susceptível de uma multiplicidade de olhares, instrumentos metodológicos e hipóteses interpretativas, será analisado e reconfigurado duplamente à luz dos binómios Mulheres e Literatura, e Palavra e Poder nas suas representações sociais e literárias.

Justifica-se, por isso, uma ponderação sobre conceitos como escrita feminina, literatura, cultura, política e poder, noções subjacentes à reflexão informada que se ensaia, tendo em conta, porém que qualquer tentativa de definição nunca é consensual, antes polémica.

Ora, o preceito teórico do «conhecimento situado»⁴⁹, atrás introduzido, interpela-nos, desde logo, quanto à ambição, escolhos e desafios do que sobre uma mulher e

⁴⁷ Para uma compreensão geral teórica e descritivamente sustentada da Teoria, Crítica e Estudos Feministas, sua evolução conceptual, metodológica e terminológica, bem como da sua interdisciplinaridade crescente com outras áreas do saber, estado da arte e revisão bibliográfica, ver designadamente o importante estudo de MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa – *A palavra, a identidade e a cultura translativa: Para uma introdução ao dicionário terminológico de conceitos da Crítica Feminista*. In RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, António Sousa, orgs. – *Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade*, vol. 8, *A Sociedade Portuguesa perante os desafios da globalização*. Direcção-geral Boaventura de Sousa Santos. Porto: Edições Afrontamento, 2001, p. 383-408.

⁴⁸ Maria do Céu Cunha Rêgo em *Estudos sobre a igualdade entre mulheres e homens*. «Revista Ex-aequo» n.º 5, 2001.

⁴⁹ Para a fundamentação teórica e a procura de um conhecimento mais implicado, inclusivo e consciente que a noção de «conhecimento situado» implica, ver as epistemologias feministas consideradas de 3.ª vaga do feminismo, e teoria das representações sociais, em OLIVEIRA, João Manuel de; AMÂNCIO, Lígia – *Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social*. «Revista Estudos Feministas», Vol. XIV, n.º 3. Florianópolis, Sept.-Dec., 2006, texto informado pelas contribuições teóricas das autoras americanas Sandra Harding e D. Haraway. Ver ainda um estudo de Monica Rector, *Mulher, objecto e Sujeito da Literatura Portuguesa*, publicado nas edições Fernando Pessoa, em 1999. Trata o problema da escrita no feminino, em termos históricos, mas só até anos 1960.

enquanto mulher, a partir e através da sua própria escrita, pensamento e acção, nos propomos estudar.

Neste quadro de análise que se vem delineando, são várias as interrogações a propósito do nosso objecto de estudo que à partida se podem colocar:

A escrita epistolográfica de Mécia de Sena, mulher emancipada, merece e/ou exige ser estudada cientificamente e em contexto académico?

E, sendo a resposta inequivocamente afirmativa, como já se referiu, a propósito da epistolografia, é-o enquanto nela se afirma a diferença sexual? Ou na medida em que permite a deslocação da oposição binária feminino/masculino?

O nosso entendimento preliminar é não apenas de que se trata de uma escrita produzida no feminino – sujeito situado no conhecimento –, mas sobretudo de uma escrita em que o ser mulher está aí diferencialmente inscrito.

Mas para melhor compreender o alcance e sentido daquelas interrogações, no mínimo, dois complexos caminhos se têm de percorrer, por entre estudos teóricos em diversos domínios disciplinares: o da história da epistolografia em Portugal, já anteriormente abordado, enquanto espaço-tempo epistolar em que intelectuais intervêm, desenhando ou fortalecendo redes de relacionamento e promovendo repertórios de carácter diverso, e ainda o da «escrita no feminino» ou «escrita feminina», cujas dificuldades de conceptualização são grandes e dizem desde logo respeito às próprias definições.

Poderá genericamente considerar-se que, com a crescente autonomia e afirmação da mulher na cultura e na sociedade, mormente ocidentais, o que se convencionou designar por «escrita feminina» na história da literatura do século XX, foi sendo substituído por «escrita no feminino» para referir uma literatura dominada por sentimentos, emoções e paixões, atribuindo uma especial significação aos valores do corpo e, dentro destes, ao erotismo, valores cuja difusão em Portugal, foi sendo atribuída ao escritor e intelectual António Alçada Baptista⁵⁰.

Marcas e referências

Porém, numa perspectiva crítica da «escrita feminina», muitas acepções e considerações teóricas se encontram subjacentes ao uso de feminino e masculino em relação à escrita e à literatura, como bem argumentam Irene Ramalho Sousa Santos e Ana Luísa Amaral⁵¹.

⁵⁰ Gonçalo Rosa da Silva – Maria Teresa Horta «JL», 7 de Janeiro de 2011. Lembre-se que Alçada Baptista, católico progressista, foi amigo, de entre outros reputados escritores, de Jorge de Sena que com ele colaborou como um dos nomes grandes da tradução, na sua célebre Editora Moraes que comprou e dirigiu durante mais de 30 anos como um movimento da então celebrada abertura intelectual, tendo ainda sido também fundador da revista *O Tempo e o Modo*, entre outras.

⁵¹ SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa; AMARAL, Ana Luísa – *Sobre a “escrita feminina”*. «Oficina do CES», n.º 90, Abril, 1997. Disponível em <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/90.pdf>> [Consulta realizada em 20/12/2014].

No que se refere à literatura de autoria feminina no Portugal contemporâneo, Nelly Novaes Coelho analisa o discurso de algumas escritoras que considera marcantes, traçando abreviadamente um quadro da história da literatura feminina portuguesa do século XX⁵². Já quanto ao espaço textual da tradição literária feminina, abordado reflexivamente por Anna Klobucka, esta esclarece que «as oportunidades nele inerentes têm estado a ser realizadas, (...) sobretudo na dimensão histórico-literária, dos textos narrativos, poéticos e dramáticos abundantemente produzidos, ao longo dos últimos cem anos, por escritoras portuguesas»⁵³.

Reportando-nos então ao estudo atrás citado de Irene Ramalho e Ana Luísa Amaral, caberá tomar como nossa esta sua interrogação, tentando fazê-la ecoar no contexto concreto deste nosso estudo: «Haverá um texto de ‘mulher’ neste texto?»⁵⁴.

Que significado e resposta tal interrogação poderá ter nesta aproximação ao estudo de Mécia de Sena, mais conhecida como a «viúva prodigiosa»⁵⁵ de Jorge de Sena, mas para cujo conhecimento mais profundo, relacional e autónomo, se pretende contribuir, articulando o sócio-histórico e o literário-cultural para melhor analisar e evidenciar as suas múltiplas facetas de mulher e as dimensões mais relevantes da sua escrita singular?

A análise e contextualização histórico-literária da escrita de Mécia de Sena – visibilidade de sua voz própria ainda, relativamente, ocultada (por si própria!) –, requer que se atenda ainda ao conhecimento e mobilização de outros contributos teóricos, como por exemplo os de Hélène Cixous⁵⁶, referência incontornável, ou os de estudos académicos nacionais e estrangeiros⁵⁷ sobre a mulher, a literatura e a «escrita feminina».

Numerosas são as convenções e os estereótipos sobre o feminino a que importa justapôr o apelo do simbólico: «escrever no feminino é deixar vir o simbólico, ou seja, a voz

⁵² COELHO, Nelly Novaes – *O discurso-em-crise na literatura feminina portuguesa (dossier)*. «Via Atlântica», n.º 2, Jul. 1999, p. 120-128. Ver também outros trabalhos brasileiros sobre literatura portuguesa, escrita e epistolografia femininas, designadamente: PEREIRA, Ana Carolina Huguénin – *A escrita feminina no século XIX: as cartas de Flora de Oliveira Lima e Eufrásia Teixeira Leite*. «Niterói», vol. 9, n.º 1, 2004, p. 111-141; FERREIRA, Carlos Aparecido – *A Mulher na Literatura Portuguesa: sua Imagem e seus Questionamentos através do Género Epistolar*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002 (tese de mestrado); NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do – *A escrita autobiográfica: letra e memória feminina em Florbela Espanca*. «Letras de Hoje». Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 493-500, out./dez. 2013.

⁵³ KLOBUCKA, Anna – *Sobre a hipótese de uma herstory da literatura portuguesa*. Ob. cit., p. 13-26.

⁵⁴ SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa; AMARAL, Ana Luísa – *Sobre a «escrita feminina»*. Ob. cit.

⁵⁵ DUARTE, Luís Ricardo – *Mécia de Sena: trinta e cinco anos de dedicação*. «Jornal de Letras», 21 de Agosto a 3 de Setembro de 2013. Dossier dedicado a Mécia de Sena.

⁵⁶ Notável escritora de origem argelina e cultura francesa e professora universitária criadora a nível mundial do 1.º grau de doutoramento em estudos feministas.

⁵⁷ Para além das autoras aqui evocadas e citadas, ver também a obra colectiva *Género e representação na literatura brasileira*, co-organizada por Constância Lima Duarte. Belo Horizonte: UFMG – Biblioteca Universitária. Faculdade de Letras, 2002 e ainda teses e estudos académicos como, por exemplo, BAMISILE, Sunday Adetunji – *Questões de género e da escrita no feminino na literatura africana contemporânea e da diáspora africana*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.

da mãe, é deixar vir o que há de mais arcaico»⁵⁸ sem deixar de sublinhar as já numerosas desconstruções teóricas e críticas que acompanham as figurações do feminino nas representações culturais, literárias e poéticas da identidade sexual, social e historicamente construídas.

Numa reflexão crítica sobre a obra «O sexo dos textos», de Isabel Allegro de Magalhães, Irene Ramalho e Ana Luísa Amaral⁵⁹, estas discorrem analiticamente sobre a «escrita feminina», e fazem um excuro histórico interpretativo das várias linhas de posicionamento de escritoras de renome mundial perante o trinómio poesia-poética-sexo. Irão vincar o pioneirismo de Emily Dickinson no seu processo de esvaziamento (des)identitário, que terá no século XX em H. D.⁶⁰ o exemplo de como o próprio nome se oculta sob uma sigla. Relevam, noutra perspectiva, Virginia Woolf e a sua afirmação de que «o direito à diferença não se alcança senão pela conquista da igualdade» lição que igualmente se pode colher em «Novas Cartas Portuguesas» (1.^a edição, 1972, logo censurada) de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa que pressupõem uma nova estética e uma nova poética em que a diferença sexual deixa de ser relevante⁶¹. Numa outra linha, salientam a busca por outras escritoras e poetas de um purismo lírico que por natureza transcende a diferenciação sexual como no caso de Fiama Hasse Pais Brandão. Enfatizam, por último, a negação da indivisibilidade do «eu» na produção poética quer no plano ainda do desejo de uma nova «alma», como em Irene Lisboa, quer no de um «eu»/«outro» mascarado em fingimento, como em Fernando Pessoa ou no da relação sem relação com o outro, em que, sem a negar, se vai para além da diferença sexual.

A estudiosa brasileira Nelly Novaes Coelho delinea em traços largos o panorama português de afirmação de uma voz literária feminina, durante o século XX, detendo-se no romance «A Sibila» (1954), de Agustina Bessa-Luís, considerando-o «marco histórico» onde enraíza «uma cultura umbilical mãe/filho, onfalocêntrica – a da Grande Mãe Terrível a ser redescoberta»⁶². Analisa, em detalhe, o efeito de ruptura e o impacto na sociedade portuguesa de então, de «As Novas Cartas Portuguesas» (1972), outro marco histórico, projectando «uma escrita que já não objectiva representar ou denunciar determinada realidade, mas se quer fundadora/instauradora de uma realidade-outra, ainda amorfa, desconhecida da maioria; e cuja pedra-base seria a força cósmica (ou mítica) do feminino, tal como se teria manifestado na origem dos tempos e que acabou sendo domada e deformada por milénios de sucessivas civilizações»⁶³. Culmina o seu excuro histórico com a produ-

⁵⁸ SANTOS, Maria Irene; AMARAL, Ana Luísa – *Sobre a «escrita feminina*. Ob. cit.; CIXOUS, Hélène – *Diluge. Des Femmes*, 1992.

⁵⁹ SANTOS, Maria Irene; AMARAL, Ana Luísa – *Sobre a «escrita feminina*. Ob. cit.

⁶⁰ Chancela hieroglífica de Hilda Doolittle.

⁶¹ SANTOS, Maria Irene; AMARAL, Ana Luísa – *Sobre a «escrita feminina*. Ob. cit.

⁶² COELHO, Nelly Novaes – *O discurso em crise na literatura feminina portuguesa*. Ob. cit., p. 125.

⁶³ COELHO, Nelly Novaes – *O discurso em crise na literatura feminina portuguesa*. Ob. cit., p. 123.

ção literária, que considera exemplar, de Maria Gabriela Lhansol, em cujos livros entende ser recorrente a ideia de que a «ficção é o lugar privilegiado para resgatar o ‘outro’, tornando possível aquilo que não foi possível à História» (Álvaro M. Machado)⁶⁴.

A emergência da autoria feminina na Poesia Portuguesa é estimuladamente analisada por Anna Klobucka, estudiosa da Literatura e Cultura portuguesas, em seu livro «O Formato de Mulher...», através de seis estudos, numa diacronia de análise literária crítica e comparada sobre a re-visitação da poesia de Florbela Espanca, Sophia de Mello Breyner Andresen, Maria Teresa Horta e Luiza Neto Jorge, Ana Luísa Amaral e Adília Lopes, os quais podem atestar «uma escrita de mulher, específica da mulher, mas que não é necessariamente o reverso ou contraponto da outra, a do homem ou a masculina, ou seja, não tem que acontecer numa lógica binária...»⁶⁵.

Ainda numa aproximação diacrónica a conceptualizações significativas da teoria crítica feminista é de sublinhar a relevância de uma genealogia da escrita no feminino, na linha da proposta de recuperação de um passado literário diferente do dos homens (Virginia Woolf), defendida pela ginocrítica (Elaine Showalter⁶⁶) a qual, apontando para uma prática de releitura dos textos consagrados e conseqüente reabilitação de obras de autoria feminina, abre para uma «reescrita da cultura»⁶⁷ (Teresa de Lauretis, 1986), proposta arrojada «no sentido novo ou renovado de afirmar uma política da experiência e das práticas quotidianas, a qual se insinua igualmente no domínio da expressão e práticas criativas, desalojando aí hierarquias estéticas e categorias genéricas»⁶⁸ e que sublinha a «re-

⁶⁴ COELHO, Nelly Novaes – *O discurso em crise na literatura feminina portuguesa*. Ob. cit., p. 128.

⁶⁵ Para uma clara e explícita introdução à leitura deste livro «O formato Mulher: a emergência da autoria feminina na Poesia portuguesa» (edição Angelus Novus, Coimbra, 2009) veja-se o conciso mas relevante texto «O Formato Mulher» de Ana Luísa Amaral escrito para apresentação da obra em Lisboa, Casa Pessoa. Disponível em <<https://angnovus.wordpress.com/2010/01/23/%C2%ABo-formato-mulher%C2%BB-por-ana-luisa-amaral/>> [Consulta realizada em 20/02/2015].

⁶⁶ Para uma melhor e mais directa compreensão do pensamento desta importante autora ver SHOWALTER, Elaine – *Feminist Criticism in the Wilderness*. «Critical Inquiry», vol. 8, n.º 2, Writing and Sexual Difference (Winter, 1981), p. 179-205. The University of Chicago Press and JSTOR.

⁶⁷ Ver de Ana Luísa Amaral o interessante texto de apresentação do livro de KLOBUCKA, Anna – *O formato mulher: a emergência da autoria feminina na Poesia Portuguesa*. Ob. cit., onde se evidencia a importância da transição «de uma preocupação com os textos canónicos de autoria masculina, de forma a neles detectar traços misóginos nas representações da mulher (quer pelo uso do estereótipo, na insistência na «feminilidade», quer pela atitude de secundarização que essas mesmas representações trazem consigo)» para «as leituras mesmas de textos de autoria feminina, tentando detectar neles traços que revelem ora preocupações e temáticas ligadas ao feminino, ora questões relacionadas com o silenciamento cultural, ora ainda estratégias de subversão da ordem e dos modelos tradicionais».

⁶⁸ MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa – *A palavra, a identidade e a cultura translativa: Para uma introdução ao dicionário terminológico de conceitos da Crítica Feminista*. Ob. cit., p. 383-408. Macedo e Amaral fazem também neste texto a síntese da evolução histórica da teoria crítica feminista que começou por debruçar-se sobre os textos canónicos de autoria masculina, analisando aí a representação das mulheres, o abuso da estereotipia do ideal da feminilidade (a «mulher-anjo» domesticada ou o seu negativo demonizado, a «mulher-fatal») e a sua secundarização no texto (o seu mutismo cultural ou mimetismo face à ordem patriarcal) para, numa segunda fase, passar a dedicar-se à *reescrita* da história literária, e simultaneamente a redescobrir a escrita de mulheres e a resgatá-la do silêncio a que esta estava votada, de modo a construir

-escrita» de histórias do passado que vêm desestabilizar os mitos literários e científicos de origem⁶⁹.

Através das considerações anteriores, tentou-se filtrar, num equilíbrio difícil e quiçá polémico, um possível enquadramento analítico para a questão atrás formulada: «Haverá um texto de ‘mulher’ neste texto?». A resposta provisória aponta então no sentido de, a haver um texto de mulher, ser este um texto-outro, ex-apropriador, em que tal questão se tenha esbatido ou mesmo deixado de colocar.

O mesmo se poderá dizer quanto à mulher, categoria socialmente produzida que continua a ser preciso interpelar numa linha de leitura inspirada em Hélène Cixous. Para esta polifacetada teórica, na sua perspectiva desconstrucionista de matriz derridiana, há um espaço a ser explorado pelas mulheres no caminho da sua afirmação identitária e da sua «herstory» ainda por escrever. A mulher, por razões anatómicas e libidinais, está mais disposta ao acolhimento do elemento terceiro no seu próprio interior? Assente nesta premissa interrogativa, Cixous conclui que a escrita enquanto elemento «outro» se adapta a este terceiro corpo oriundo dos interstícios do «feminino». A escrita converter-se-á então para a escritora e na escritora, tornando-se: «a passagem, a entrada, a saída, a estadia, do outro que eu sou e não sou, que não sei ser, mas que sinto passar, que me faz viver (...) – que me rasga, inquieta, altera, quem? – uma, um, uns/umas? (...)»⁷⁰.

E porque de discurso escrito, literatura e amor aqui também se trata, ou não fossem as cartas trocadas ao longo de uma vida, entre Mécia e Jorge de Sena – «par amoroso» que evoca de imediato outros pares amorosos da história e da literatura mais ou menos fictícios –, «sempre cartas de amor» e uma «escrita de felicidade» (Jorge de Sena), já definidas pelo poeta Vasco Graça Moura como «um monumento ao amor quotidiano», alude-se, lateralmente, a uma passagem de texto literário de Hélène Cixous, onde, numa escrita marcada por contínuas substituições a velocidades vertiginosas, a escritora reflecte sobre o amor e, «simultaneamente à mercê do outro e da (sua) língua, se dá a ouvir com o timbre vibrante e iluminado da genialidade, permitindo reflectir sobre a separação-união que é própria do amor»⁷¹.

Relançando a questão controversa da «escrita feminina»/«escrita no feminino» na perspectiva da sua própria historicidade, sabe-se que todas as considerações sobre a escrita

um cânone feminino, ou, na designação de Showalter (1986), a criar uma «ginocrítica», deixando de tentar inserir as mulheres nas entrelinhas da tradição masculina e concentrando-se na nova realidade visível da cultura feminina».

⁶⁹ Ver também o livro de BOLLMANN, Stefan; prefácio de Elke Heidenreich – *Mulheres que escrevem vivem perigosamente*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006, com capítulos interessantes e exemplificados, e secções, como «Casas Senhoriais versus salões literários» ou «A escrita como forma de resistência», etc.

⁷⁰ CIXOUS, Hélène – *Double Oubli de l’Orang-Outang*. Paris: Éditions Galilée, 2010, p. 115.

⁷¹ Faz-se aqui referência a CIXOUS, Hélène – *Rêve je te dis*. Paris: Galilée, 2003, 136-138, livro citado por BERNARDO, Fernanda – *Contratempus – do amor. Filosofia, amor e melancolia*. «Revista Filosófica de Coimbra», n.º 46 (2014), p. 226 que transcreve a passagem referida.

de mulheres que apresentem preocupações designadas como feministas, remontam ao debate cultural iniciado em França nos anos 1970 e entroncam na teorização do que é a escrita feminina (*écriture féminine*) na concepção de Hélène Cixous que explorou as relações entre mulher, feminilidade e feminismo relacionadas com a produção de texto. Nessa teorização, Cixous parece posicionar-se contra a significação de *écriture féminine* (termo que ela própria cunhou), uma vez que este tipo de designação, à semelhança de «feminino» e «masculino» promoveria um certo aprisionamento discursivo de lógica binária, decorrente da visão clássica e estereotipada da oposição de sexos e isso implicaria a ideia de uma escrita de homens e outra de mulheres, em permanente oposição. Para superar essa tendência taxonómica tradicional, Cixous defende a possibilidade de criação de uma escrita onde se esbatam pensamentos e teorias que, por isso, não possam ser pertença de nenhuma categoria radicalmente diferenciada por razões de sexo.

Um outro aspecto importante do conceito de «*écriture féminine*» constante da teoria de Cixous⁷² é a alegação que ela faz da existência de um elo essencial entre escrita de autoria feminina e a função da mãe da mulher que escreve, como fonte e origem da voz que será ouvida em todos os textos femininos que virão a ser produzidos. Defende que a feminilidade na escrita é detectável no modo particular como essa escrita ecoa no seu texto a voz vinda da mãe da autora que escreve.

Deste modo, a autoria feminina nunca deixaria de estar em contacto com a voz do seu primeiro amor, aquela sonoridade que dominou e guiou o bebé na fase da sua total dependência⁷³. O primeiro amor é sempre a voz e o corpo da mãe. Neste sentido, a voz da mãe continuará a representar, por associação, o leite materno que seria, deste modo, um nutriente primordial recuperado. Cixous (1986) acredita que a mulher que escreve é pujante, já que a pujança feminina derivará directamente da mãe, fonte de vida, cuja dádiva de existência vem impregnada de toda a sua própria «força geradora»⁷⁴.

Neste espaço outro que a produção escrita esboça se pode inscrever a perspectiva de Anna Klobucka como um «modelo interpretativo que tem por objectivo a mulher enquanto produtora de significado textual» tal como «no sentido alargado de um paradigma científico e académico»⁷⁵.

À luz das reflexões matriciais de Cixous da produção de escrita (ou de produção de significado textual, como prefere Klobucka) que não tenha de ser categorizada por razões diferenciadas de sexo, faz todo o sentido ancorar neste quadro de pensamento a posição singular da escrita de Mécia de Sena como se evidencia nos capítulos seguintes. Podemos

⁷² CIXOUS, Hélène – *The laugh of Medusa*. «Signs», 1:4, 1976, p. 875-893.

⁷³ CIXOUS, Hélène – *The laugh of Medusa*. Ob. cit.

⁷⁴ Ver sobre a teorização de Cixous apresentada: BAMISILE, Sundry Adetunji – *Questões de género e da escrita no feminino na literatura africana contemporânea e da diáspora africana*. Ob. cit., p. 48.

⁷⁵ KLOBUCKA, Anna – *O Formato Mulher: a emergência da autoria feminina na Poesia portuguesa*. Coimbra: Angelus Novus, 2009, p. 16.

agora responder afirmativamente à nossa interrogação anterior, então deixada em suspenso, de que havendo um texto de mulher no seu texto tal não significa que ele possa ou deva ser categorizado, enredando-o em binarismos a que é totalmente alheio.

A escrita epistolar na literatura de autoria feminina

Nas *Novas Cartas Portuguesas* – interrogando-nos desde logo sobre o porquê do uso do género epistolar nesta tão conhecida obra literária, marco histórico da escrita feminista –, pode ler-se: «toda a literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos. E já foi dito que não interessa tanto o objecto, apenas pretexto, mas antes a paixão; e eu acrescento que não interessa tanto a paixão, apenas pretexto, mas antes o seu exercício»⁷⁶.

Tal exercício da paixão sempre foi uma característica dominante na interacção Mécia e Jorge de Sena e na sua escrita epistolar cuja compreensão se complexifica à luz dos postulados teóricos anteriores, embora em relação aos quais essa escrita se possa considerar oblíqua. A expressão do exercício dessa paixão é perfeitamente ilustrada no seguinte trecho de uma carta de Mécia de 1959, onde aflora ainda um cunho autográfico – que se escreve – no sentido de uma autografia, «fonte e finalidade do acto de escrever», como a concebe o psicanalista francês Jean-Bertrand Pontalis⁷⁷.

*Meu, amor, vivo das tuas cartas e do teu amor. Beijo-te com muitas saudades... [e ainda noutra carta do mesmo dia:]... isto aqui é atoleiro por todos os lados e ainda por cima é pobre, ao nível dos dez tostões que é a coisa miserável, desconsoladora. Não haverá no mundo uma Parságada qualquer para onde vamos? Meu amor, o mundo é nojento e a humanidade está ao nível do mesmo. E a vida é tão breve e tão poucas as coisas que nos dá meu querido. É-me insuportável estar sem ti, sem te abraçar, sem me sentir nos teus braços com a minha cabeça no teu peito quente, acolhedor, que eu sei pertencer-me como eu te pertenço inteiramente*⁷⁸.

É de observar nesta passagem final da carta citada, o lugar fundamental que ocupa na escrita de Mécia a invocação do enlevo amoroso e o sentido de pertença física na evidente menção ao(s) corpo(s) dos amantes.

Ora, diversas teorizações que debatem a concepção de «escrita feminina»/«escrita no feminino», salientam a importância do corpo como «fonte da escrita feminina, que veicula um discurso subversivo na medida em que, escrevendo a partir do corpo, se recria

⁷⁶ KLOBUCKA, Anna – *O Formato Mulher: a emergência da autoria feminina na Poesia portuguesa*. Ob.cit., p. 123, citação de *As Novas Cartas Portuguesas*.

⁷⁷ «A autografia não é um género literário como o jornal íntimo, as Memórias, a autobiografia, o auto-retrato. Para mim é simultaneamente a fonte e a finalidade do acto de escrever». PONTALIS, J.-B. – *En Marge des Nuits*. Ob. cit., p. 67, tradução nossa.

⁷⁸ In LAGE, Maria Otília Pereira, org. – *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)*. Ob. cit.

o mundo e se permite o aparecimento da multiplicidade que põe em causa binarismos aceites»⁷⁹.

Nesse sentido se pode entender que Mécia de Sena se considere assim: «não sou nem nunca fui feminista, uma vez que o feminismo se tornou não numa reivindicação justa de direitos e obrigações, mas na concorrência que afinal antes nos era negada e passou a ser aplicada com sinal contrário»⁸⁰ não obstante ter contado sempre no vasto e diversificado universo de suas amizades, leais algumas destas feministas como a escritora Maria Lamas, autora de «As mulheres do meu País» (1944) e tivesse convivido, circunstancialmente, no Brasil, no início dos anos 1960, com a pioneira e teórica do feminismo internacional, Simone de Beauvoir, autora da obra fundadora «O Segundo Sexo» (1949), cuja influência na literatura ocorrerá a partir dos anos 1960/70.

Aliás, foi sempre também sua prática de vida pessoal, social e cultural, a afirmação inquestionável de mulher enquanto sujeito – projecto de uma vida (e não objecto), assumindo com evidência reconhecida a sua própria dignidade e dignificação na sociedade e na história da literatura e da cultura portuguesa em que teve lugar e função proeminentes, dada designadamente a sua cumplicidade física e intelectual quase vital com Jorge de Sena e vice-versa.

Procuramos aqui argumentar como em Mécia de Sena a sua produção escrita, ininterrupta ao longo de uma vida longa, foi decisiva para um longo processo de conquista de um discurso próprio, produtor de significado textual, a que importa cada vez mais dar visibilidade na história da literatura e da cultura portuguesas do século XX.

Reconhecer esta voz feminina, pioneira no seu tempo e, em certo sentido, na relação mulher-literatura, neste contexto, apesar de poder ser tida como dissonante no comumente considerado horizonte da literatura feminina, é tanto mais de reclamar quanto Mécia de Sena sempre se quis remetida aos bastidores da história.

A esse propósito convém lembrar que o valor de uma obra literária tem sido, em regra, determinado pelos críticos que dão primazia à sua relação com as categorias da estética tida como universal e atemporal, assim se reproduzindo o cânone que cristaliza e estabiliza as produções a ser transmitidas intergeracionalmente por intermédio de instâncias do poder (universidades, escolas e compêndios). Tal situação, linearmente caracterizada, pelo que não pode nem deve deixar de ser problematizada⁸¹, ainda persiste e contribui

⁷⁹ MELO, Sónia Rita – *Adília Lopes ou a impessoalidade da terceira mulher*. «Ex-aequo», versão impressa, n.º 27. Vila Franca de Xira, 2013, disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0874-55602013000100009&script=sci_arttext> [Consulta realizada em Janeiro 2015].

⁸⁰ Carta de Mécia de 6 de Abr. de 2007 citada em LAGE, Maria Otilia Pereira – *Correspondência(s) Mécia/Jorge de Sena (evocação de Carrazeda, anos 1940)*. Ob. cit., p. 47.

⁸¹ Haja em vista que, com o classicismo (mas já antes, na Literatura medieval, houve desvios), isto é, depois, sobretudo, do século XVIII, muita coisa se alterou neste domínio, sobretudo a partir dos fins do século XIX. O campo literário passa a ser inserido, pela crítica, na história da cultura (vidé Jacinto do Prado Coelho), daí que o seu campo passe a ter fronteiras flui

para o problema do desconhecimento das transformações sociais que se inscrevem e determinam na própria sociedade, mormente no caso da crítica que privilegia a análise do texto literário em termos psicológicos, psicanalíticos ou estéticos «tout court». Tem sido a essa luz, de teorias da modernidade limitadas em seu escopo e cada vez mais discutíveis, que se tem vindo a relegar para as notas de rodapé dos livros da nossa literatura e de certas correntes dos estudos literários e históricos, o singular trabalho de escrita de Mécia de Sena que, já nos anos 1980, e para apenas citar um exemplo, trouxe a público belíssimas cartas de amor escritas nos anos 1940, em que já o próprio Jorge de Sena reconhecia uma produção *sui generis*, uma «condição diferente», um «discurso feminino» superior ao das Cartas de Mariana Alcoforado, marco referencial histórico e ideológico do feminismo em Portugal⁸², como já atrás se introduziu.

Em síntese, para melhor compreender e tentar explicar, na cultura portuguesa contemporânea, a posição de Mécia de Sena na sua interacção epistolar com Jorge de Sena, foi-nos necessário tentar, por um lado, situá-la no domínio epistolográfico e, por outro, equacionar a problemática da «questão do feminino» (quadros diferentes que têm a ver com a genologia (teoria dos géneros) e com questões histórico-sociológicas), através do discurso metalinguístico e de intertextualidades da prática teórica de estudos literários feministas, tendo de recorrer a uma possível intersecção com outras áreas do saber, de modo a fazer emergir da sua escrita a sua singularidade, sem deixar de ter em conta o quadro actual da teoria literária. É o que se vai procurar fazer numa análise global da escrita de Mécia de Sena que se ensaia no capítulo seguinte, e com o estudo da sua correspondência que se faz no capítulo três. Estes capítulos poderão ganhar outra consistência e profundidade, sem perderem em inteligibilidade no quadro transdisciplinar das anteriores formulações teóricas e metodológicas – mapa cognitivo complexo que aqui se expôs e remete ainda para a relação de alteridade e «abertura ao outro», problemática abordada no último capítulo.

das e condicionadas por muitos factores, entre eles, como diria Bakhtine, o «cronótopo» (relação Tempo/espaço) e o «diálogo» (a ambivalência do texto literário fá-lo inserir a «história» na sociedade e a sociedade na «história»). A sua transformação (sobretudo no narrativo e no dramático) obedece, porém, também hoje, às dimensões que a regem e a interceptam: não só a sócio.cultural, como a histórica e, modernamente a questões que não pertencem (mas interferem) no seu foro intrínseco: o leitor, o editor, a opinião pública, a comunicação social e aqui, sim, a crítica... ou aquilo a que se chama crítica. A universidade, neste caso, perdeu poder, ou reorganizou-o... (vidé REIS, Carlos – *O Conhecimento da Literatura*. [Coimbra]: Almedina, 1995). Ver ainda sobre esta problemática: GOLDMANN, Lucien – *Pour une Sociologie du roman*. Paris: Gallimard, 1964 e ESCARPIT, Roger – *La Littérature et le social*. Paris: Flammarion, 1970.

⁸² Para além do importante estudo histórico e cultural desenvolvido no cruzamento dos Estudos literários e Estudos Feministas, no livro de Anna Klobucka – *Cartas de Mariana Alcoforado: a construção de um mito*, já citado, veja-se, ainda sobre as célebres cartas dessa monja portuguesa – «Lettres Portugaises traduites en François» – (pequeno livro publicado em Paris em 1669 por Claude Barbin) o texto filosófico de BERNARDO, Fernanda – *Contratempos – do Amor: filosofia, amor e melancolia*. Ob. cit., p. 247-250 e sua extensa nota 59, referenciadas no contexto do ponto 2.

CAPÍTULO 2

A ESCRITA DE MÉCIA DE SENA
«ANJO EFICAZ» DE JORGE DE SENA

Mobiliza-se agora o quadro teórico-metodológico traçado para o estudo concreto e global da vasta escrita epistolar e micro-textual de Mécia de Sena que aqui se ensaia, quer através de uma leitura interpretativa renovada da sua reconhecida acção em prol da obra seniana, quer por meio de uma análise da sua produção de significado textual, marcadamente testemunhal e literária. Não sem previamente esboçar a sua história e experiência de vida polifacetada de modo a melhor se perceber o que possibilita também compreendê-la enquanto intelectual e autora.

Da conjugação destes dois prismas de análise, irá ganhar contornos uma das mais interessantes e desatacadas personalidades femininas da cultura portuguesa contemporânea que, em sua sábia arte, sabe fazer do passado futuro⁸³.

Salientam-se traços dessa escrita testemunhal de grande abertura ao mundo, marcada pela interculturalidade e cosmopolitismo, relevando o que aí se torna espaço do tempo no registo das inscrições e se torna tempo do espaço que as deixa ao futuro da sua leitura.

Assenta este estudo num *corpus documental* diversificado, referente a cartas de sua autoria, já ou ainda não publicadas, escritas em diferentes períodos quer, maioritariamente, para seu marido Jorge de Sena – de cuja obra terá sido a primeira estudiosa, por via do que já foi mesmo considerada co-autora⁸⁴ –, quer para o amigo comum do casal, o capitão João Sarmento Pimentel, exilado no Brasil.

2.1. EXPERIÊNCIA DE VIDA E EXPERIMENTAÇÃO DA ESCRITA

Sem esquecer a problemática geral das biografias e literatura que poderia a propósito ser evocada mas que não é nosso objectivo aqui, começamos por nos focar na experiência vivencial que se desprende da singular trajectória biográfica de Mécia de Sena e na sua relação com a experimentação e produção de escrita, até na medida em que a forte presença do vivido se pode considerar fonte matricial e, até certo ponto, finalidade da sua produção escrita.

⁸³ Testemunho de Hélder Macedo sobre Mécia de Sena.

⁸⁴ COSTA, José Francisco – *A Correspondência de Jorge de Sena: um outro espaço da sua escrita*. Ob. cit. Este autor faz um estudo das cartas de amor de Mécia e Jorge de Sena publicadas na obra *Isto Tudo que nos rodeia* (1981) em paralelo com as Cartas Literárias de Mariana Alcoforado e com as Novas Cartas Portuguesas (1972).

Trajectória biográfica

Maria Mécia de Freitas Lopes (Leça)⁸⁵ de Sena [1920-], natural de Leça da Palmeira, Matosinhos (Porto), onde viveu a sua infância, é filha do prestigiado compositor, musicólogo, etnólogo, investigador e estudioso do Cancioneiro Musical Popular Português, Armando Leça [1891-1977] e irmã do também bem conhecido ensaísta português, professor doutor Óscar Lopes [1917-2013], destacado comunista, é assim apresentada em crónica familiar inédita, apenas conhecida de reduzido círculo⁸⁶:

dotada, dedicava-se à leitura de obras literárias, estudou piano e tirou o 5.º ano do curso de Conservatório de Música do Porto. E passou a auxiliar o pai no ensino de alunas de piano. Estudou Português [e também francês, piano, labores]. Em 1940/41, ... tirou o curso de Instructora de Educação Física da Mocidade Portuguesa Feminina, em Lisboa, e durante muitos anos foi, depois, professora da matéria, em colégios vários. ... No Colégio Moderno do Porto, onde seu pai era professor de Canto Coral, fez, em 4 anos, os 7 do Ensino Secundário, com excelentes classificações... Em 1949 casa com o escritor Jorge de Sena e este 2.º período de sua vida confunde-se, na pessoa de Mécia, de tal maneira com a do marido, que melhor será narrar sucintamente o que foi esta última (...) [em Portugal, Brasil e USA (Wisconsin e Santa Bárbara)]. ... Para além das estafantes actividades de dona de casa e mãe de numerosa prole, foi uma colaboradora literária à altura dele, e de tal modo que, sem o apoio dela, não teria sido possível a ele realizar talvez metade do que realizou, quer como autor, quer como professor. Opinião não apenas de Jorge de Sena, mas também de todos aqueles, e muitos foram, que com o casal conviveram de perto, amigos, colegas e alunos. Abre-se um 3.º período na vida de Mécia de Sena, com a precoce morte de Jorge de Sena que deixou nas mãos de Mécia uma quantidade monumental de projectos não realizados de seu marido, toneladas... de manuscritos, propósitos de livros de prosa e versos, correspondência, etc. e desde então, num trabalho verdadeiramente homérico, ela tem passado a sua vida... a organizar documentação, a contactar editores, a promover edições, reedições e traduções, a realizar, enfim, todos os sonhos que eram os do marido. E os livros publicados foram-se sucedendo a um ritmo impressionante... pois para cada obra a sair há que contactar editores, discutir condições, ver e rever provas, avisar amigos, oferecer exemplares, etc., etc., ... após 14 anos de uma tal actividade, que exigiu a vinda a Portugal dela por várias vezes, ela ainda passa 12 horas por dia à secretária, a dactilografar, e rever provas e contratos, e a lutar com certos editores que não correspondem à lisura que era devida...

... passou a fazer parte da comissão directora do Departamento que era do marido, o que lhe exige reuniões com os outros membros da Universidade local, os problemas para a obtenção de professores para o Departamento, e a recepção frequente, em sua casa, de professores, alunos e intelectuais que se deslocam à Califórnia....

⁸⁵ O apelido Leça na identificação civil de Mécia, resulta de nome que seu pai, largos anos residente em Leça da Palmeira – então vila piscatória e afamada estância balnear da média e alta burguesia do Porto mas também nacional e estrangeira –, adoptara quando jovem, para se diferenciar de um colega de colégio que ambos frequentavam em Matosinhos.

⁸⁶ Notícia biográfica escrita por um de seus quatro irmãos, o tenente-coronel Rui Silvino de Freitas Lopes na sua *Crónica das Famílias Freitas & Lopes*. Lisboa: [s.d.] (policopiado).

... tem sido convidada, com frequência, para congressos ou colóquios... fazendo sempre questão de ser ela a cozinhar – cozinha portuguesa, claro. Tal como faz a todos os visitantes, e muitos são, que a procuram, para junto dela se informarem...

É esta actividade toda, posterior à morte do marido, que permite concluir o que foi realmente a actividade dela – silenciosa – durante todos os anos em que o casal esteve junto. Um exemplo de coragem, de determinação, de espírito de sacrifício – e de portuguesismo.

Foi-lhe atribuído o Troféu «Prestígio e Dedicção/Comunidades», em uma sessão solene nos Paços do Conselho de Oliveira de Azeméis em 2 de Junho de 2001... presentes um membro do governo e emigrantes do Canadá, USA, Venezuela, Brasil, África do Sul, Austrália e Luxemburgo... Dos EUA a Mécia foi a única...⁸⁷.

É sócia correspondente do Centro da Associação Mundial de Escritores – Rio de Janeiro, qualidade que lhe foi reconhecida pelo Pen Clube do Brasil em Agosto de 1980, e nos E.U.A. foi membro, por convite, do Comité Luso-Brasileiro da Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, onde se fundou no mesmo ano o «Center for Portuguese Studies».

Mais recentemente, em Maio de 2011, foi homenageada pela Sociedade Portuguesa de Autores de que Jorge de Sena foi um dos fundadores, a qual, justamente, a distinguiu com o Prémio Pró-Autor que «consagra a acção de pessoas individuais e colectivas no tocante à difusão e dignificação do trabalho dos autores portugueses»⁸⁸.

Ainda sobre a sua formação e actividade musical e percurso liceal e universitário como estudante-trabalhadora, condição à época pouco frequente sobretudo em mulheres, é a própria Mécia que escreve, mais recentemente⁸⁹:

Eu nasci num meio musical, de modo que além da instrução primária normal, à música me dediquei estudando piano e até iniciando exames no Conservatório do Porto, mas, por volta dos meus 17 anos, comecei a achar que gostaria de ter um alargamento cultural e convenci os meus pais a apoiarem-me no estudo do Liceu. Nessa altura não podia já entrar para o liceu propriamente dito por excesso de idade... mas podia emancipar-me com o consentimento do meu pai e, como ele ensinava canto-coral no Colégio Moderno, fui lá com a minha mãe propondo que me permitissem frequentar o curso liceal a troco de trabalho que me dessem, o que eles aceitaram, colocando-me a cuidar de actividades dos alunos. Coincidiu isto com a criação da MPP... [1936-37]... Esta actividade me levou a conhecer as colónias de férias que se foram criando e fui parar a uma em Sintra onde conheci uma professora sueca, excelente como pessoa e excepcional como

⁸⁷ LOPES, Rui de Freitas – *Crónica das Famílias Freitas & Lopes*. Ob. cit., Anexo.

⁸⁸ Relativamente à biografia de Mécia de Sena ver também verbete respectivo de nossa autoria em FLORES, Conceição; DUARTE, Constância Lima; MOREIRA, Zenóbia Collares – *Dicionário de Escritoras Portuguesas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009, p. 270; LAGE, Maria Otilia – *Correspondência(s), Mécia/Jorge de Sena (evocação de Carrazeda, anos 1940)*. Ob. cit.

⁸⁹ Fragmentos de carta de D. Mécia de Sena, Santa Bárbara, 12 de Nov. de 2013, a mim endereçada.

professora que logo me distinguiu pelo conhecimento que eu tinha do folclore português, vivendo como vivia com o meu pai que a tal se dedicava especialmente. E enquanto ia fazendo o liceu com anos atropelados, interessei-me numa actividade que era inteiramente nova na altura, acabando por ir para Lisboa frequentar um curso de preparação para «instructora» de ginástica (...) E nesta actividade tremenda lá fui conseguindo terminar o liceu que fiz creio que em quatro anos e depois matricular-me na Faculdade de Letras de Coimbra, como «aluna voluntária» – ou seja ir tirando as cadeiras que desejava, sem obrigação de frequentar as aulas. Claro que fui caminhando muito lentamente (...) porque a minha actividade de dar aulas era muito intensa, além de que no ano em que estivera em Lisboa a fazer o curso, as aulas eram intensíssimas (...) estive internada com mais dez ou 11 colegas de todo o país, no actual Colégio do Sagrado Coração, que reabria depois de fechado como colégio de meninos, e onde por sinal meu marido fizera a 4.ª classe e creio que dois anos do liceu, e era então o colégio Vasco da Gama. E às aulas de ginástica devo o ter podido chegar ao fim do curso de Letras que completei sem ter feito tese porque... coincidiu com uma reforma do curso... e o excesso de cadeiras tiradas me deu a mim e a outros no meu caso, o direito ao diploma sem ela, por termos feito excesso de classes.

É ainda possível identificar nas numerosas cartas que Mécia de Sena irá escrever ao longo de sua vida para muitos destinatários, em que tem lugar destacado, a vários títulos, o que viria a ser seu marido, os múltiplos papéis e funções sociais e culturais desempenhadas por Mécia de Sena, «anjo eficaz»⁹⁰ de Jorge de Sena.

Observe-se nessa evocação da «mulher-anjo», logo adensada de «eficaz» pelo poeta, a intertextualidade (cara à mais recente produção literária de mulheres escritoras, mas já magistralmente praticada por Sena) com a romancista inglesa Virginia Woolf⁹¹ e sua qualificação de «anjo do lar», cujo sentido ambíguo assinala ao aludir ao papel feminino da esposa devotada ao marido e aos filhos, fantasma que diz teve de matar para conseguir se aceitar e sentir uma identidade própria. Na sua obra seminal *A Room of One's Own (Um quarto que seja seu)*, de 1929, Woolf defende a independência das mulheres, pelo que tem sido referência dos estudos feministas que, desde os anos 1960, a invocam como precursora e símbolo, exemplo de uma inteligente e acutilante denúncia da situação subalterna das mulheres, em termos sociais e literários. Mas daí a uma Woolf feminista vai uma longa distância, como outros autores contrapõem, a exemplo do historiador inglês Hobsbawm que considera ser tal «uma invenção da tradição».

Mas aquela realidade fantasmática de Virginia Woolf, intertextualizada, parece-nos não encontrar eco em Mécia de Sena se atendermos a esta sua formulação, arguta e irónica:

⁹⁰ Carta de Jorge de Sena para Mécia de Sena, datada do Rio em 24/7/1963, 6 páginas.

⁹¹ Ver o curto mas importante texto de Virginia Woolf, *Professions for Women* já traduzido no Brasil na colectânea de ensaios «Profissões Para Mulheres e Outros Escritos» de Woolf, pela historiadora e tradutora brasileira Denise Bottmann. Para o estudo literário desta escritora (1882-1941) de uma família da alta sociedade de Londres ver também as numerosas referências que lhe dedica Jorge de Sena em sua obra *Sobre Literatura e Cultura Britânicas* (2005).

alguns anos antes, a Alice [irmã do escritor neo-realista Soeiro Pereira Gomes e esposa do poeta e ensaísta Adolfo Casais Monteiro, amigo do casal Sena] tinha-me dito que se dizia que eu escrevia parte das coisas dele. Respondi-lhe que agradecia muito que tão alto conceito fizessem de mim. Eu tinha um filho cada ano, ensinava horas e horas em colégios, eu dactilografava tudo para o Jorge e não perdia concerto nem conferência que ele desse... Um de nós tinha que ser génio, se lhe aprazia que fosse eu..., problema deles! Ficava muito grata⁹².

Documentam ainda e contextualizam o esboço traçado da história de vida de Mécia, os depoimentos de um pequeno círculo de suas amizades, em Portugal, Brasil e E.U.A., que com ela privaram prolongadamente em circunstâncias e momentos diferentes de que continuam a guardar memórias vivas e as fotografias de época⁹³, que complementam e ilustram a panorâmica espaço-temporal dos testemunhos.

Mas são ainda embrionários os estudos sobre Mécia de Sena, sua produção bibliográfica dispersa (a compilar e analisar) nos volumes editados e reeditados da obra seniana, sob sua responsabilidade e segundo criterioso plano de organização (por conhecer e estudar), e mantém-se ainda por fazer a análise científica da sua real importância no desenvolvimento da investigação no campo dos estudos literários senianos e da história da edição⁹⁴.

Embora frequentemente citada por estudiosos e especialistas senianos e reconhecida numa extensa rede de amizades, conhecimentos e aliados que foi construindo por si própria e não só enquanto mulher de Jorge de Sena, e com os quais formou verdadeira «equipa»⁹⁵ e para os quais, não terá sido apenas a «viúva prodigiosa», considera-se que a relevância cultural do seu imenso e intenso trabalho e o significado de sua ação humana, intelectual, literária, cultural e científica, continuam em larga medida ocultos e está por fazer a história que a coloque no lugar que lhe é devido na historiografia portuguesa contemporânea.

Mécia de Sena tornar-se-ia, porém, por mérito próprio, personalidade destacada da cultura portuguesa do século XX, e não apenas pelas múltiplas facetas de organizadora, e autora de prefácios, notas bibliográficas, índices da obra literária seniana e sua edição póstuma (mais de 40 volumes) por si preparada e promovida. Ao longo de sua vida, pelo mundo repartida, intensamente vivida e partilhada em meios altamente estimulantes, em diversas comunidades, diferentes culturas e sociedades, viria a tornar-se, por aptidões e

⁹² LAGE, Maria Otília – *Correspondência(s), Mécia/Jorge de Sena (evocação de Carrazeda, anos 1940)*. Ob. cit.

⁹³ Ver na parte final deste livro «Apêndice Documental e Álbum Fotográfico» com cópias de fotos seleccionadas nos espólios particulares de alguns dos depoentes.

⁹⁴ Na pesquisa e consulta que fizemos em 2011, no arquivo de Jorge de Sena em Santa Bárbara, nos dossiers de editoras nacionais e estrangeiras com que Mécia de Sena se correspondeu entre os anos 1992 e 2007, identificámos 79 editoras, algumas com mais de uma pasta de documentos de expediente administrativo versando os mais variados assuntos desde direitos de autor e copyright, pedidos de autorização de publicação, edição e tradução de obras de Jorge de Sena, outros temas algumas vezes mais polémicos, ofertas amigáveis e reverentes de livros e publicações, etc.

⁹⁵ Ver depoimento n.º 2 em apêndice documental.

competências próprias, autonomamente desenvolvidas, investigadora, ensaísta, tradutora e autora de uma vasta produção escrita em grande parte inédita, dimensões menos conhecidas de sua prática existencial e experimentação de escrita.

Experimentação da escrita

Em consonância com sua experiência de vida, a escrita epistolar e micro-textual de Mécia vai-se exercitando próxima de tudo o que a rodeia e do que sucessivamente acontece que marcam a sua trajetória social e cultural.

Em múltiplas passagens das cartas que escreve para Jorge de Sena nos anos 1940, é notória, num discurso epistolar tocado por uma candura por vezes desarmante, a intensa intervenção educativa e sócio-cultural de Mécia de Sena, a sua participação regular em acontecimentos sociais, culturais e artísticos e uma estreita familiaridade com o mundo das letras e das artes do Portugal de então, em especial nas cidades do Porto e Lisboa.

Emite com frequência espontâneos e perspicazes comentários, opiniões seguras e fundamentadas a que subjaz um agudo sentido de observação etnográfica visível nas descrições e narrativas cheias de vivacidade, realismo e reflexividade crítica.

Releva o seu constante interesse pela literatura, artes e actualidade numa conjuntura político-social nacional marcada pela ditadura e pela censura que não permitiam, e ainda menos favoreciam, a participação activa e cívica, em particular às mulheres.

Ainda nessa primeira fase da escrita epistolar, mas que irá prolongar-se na do período do Brasil e manifestar-se, a partir dos anos 1980, na sua escrita micro-textual – cuja composição em flashes parece experimentar a técnica cinematográfica do *flash-back* –, mantêm-se frequentes referências a uma intensa rede de amizades em que se destacam nomes já então consagrados da literatura e da arte, como José Cardoso Pires, Alexandre O'Neill, Maria Lamas, Sophia de Mello Breyner, Eunice Munõz, Alice Gomes, entre muitos outros.

Todo esse ambiente de inter-relações sócio-culturais dinâmicas, tornar-se-á condição favorável à experimentação da escrita, cujos itinerários são de seguir na medida em que neles se revelam espaços-tempos concretos e a diversidade de mundos e culturas em que Mécia sempre se movimentou e soube criar, manter e fazer frutificar.

É exemplo de penhor para sempre de amizade, missiva sua de 26 de Dezembro de 1946 endereçada a uma amiga que ainda hoje o é. Essa carta inédita é modelar da experimentação de escrita de Mécia e paradigmática do seu discurso epistolar, quer pela grande perfeição formal, estrutura morfo-sintáctica, construção frásica, encadeamento lógico de ideias, quer pela assunção aí evidente de uma forte personalidade e identidade individual e cultural, o que lhe confere inequívoco valor literário.

Porto – 26-12-46

Querida Helena

Ao agradável que me foi uma carta sua sucedeu certa tristeza e, direi mesmo preocupação, pelo conteúdo.

Sei bem por mim o que é perder essas relíquias humanas, ainda ontem durante todo o dia esqueci a festividade a sentir ausência. Por isso julgo que sei compreendê-la e deixe-me que a acompanhe. (...)

Dou-me por feliz por ter tido o Jorge aqui aqueles escassos 2 dias que quase totalmente foram meus e, se mais não foram é porque em tempo de aulas não posso pertencer-me.

Da conferência⁹⁶ lhe dirão as Fernandes que me dizem maravilhas que me entontecem, embora não acrescentem à minha admiração (o que não quer dizer que ela não esteja sempre em crescimento, ainda não estacionou desde que o conheço).

Gostava imenso de estar consigo. Venha até cá. Posso ir aí, mas os horários de camionette são tão maus (...). Aproveitemos a próxima semana, quer?

E a sua saúde? Fico apreensiva, creia. [p. 1]

Preciso mesmo distrair-me do que me custa não passar estas férias quando há 3 anos que o fazia sempre e sempre para o mesmo fim – estar com o Jorge. E ele precisa-o mais que nunca agora que a desesperança se apossa dele a passos agigantados. Quer ver? Recebi há poucas horas:

*É muita fria a minha mágua
neste Natal, que, à beira de água,
referve em multidões embriagadas
por frios tão de outrora, que, apagadas
as brasas de uma esperança já perdida,
acordarão sozinhas para a vida.*

*A mágua, se é do mundo,
talvez não seja apenas de tão fundo
ser o desvão em que estou frio e só,
e o céu apelo, e a raiva de o olhar
neste meu hábito infantil de paz sonhada,
e a solidão do amor, e o presunçoso dó
de longe haver a esperança de o cantar:
ridículo Natal, miséria e nada.*

Por sinal condisse bem com o frio Natal que passei cheio de desconforto e dor de dentes, uma coisa prosaica e incomodativa como poucas.

⁹⁶ Conferência de Jorge de Sena sobre Fernando Pessoa realizada, dias antes, no Ateneu Comercial do Porto.

Aparece então? Que tal a cura pelo bom-humor? O M. Literário trazia uns artigos apropriados. Pela parte do Casais Monteiro, resultou-lhe uma sova autêntica, para completar. Conversamos breve, sim? Desejo as suas melhoras.

*Um abraço da
Mécia*

São características constantes da escrita epistolar de Mécia de Sena o que nesta carta ainda e já se verifica: o mesmo cuidado, a mesma relação de cumplicidade e empatia com o outro com quem consegue estabelecer um diálogo sempre continuado, usando de forma pragmática o recurso estilístico do leixa-pren das cantigas de amigo, num discurso de grande fluência, moldado sempre em notícias da actualidade literária e mudanças de ritmo marcadas pelo uso apropriado das interrogações.

O eco da profunda interacção amorosa com Jorge de Sena que aqui é dado ouvir num timbre de grande sensibilidade e ressonância como se de um diapasão de sintonia musical se tratasse, estará sempre presente nas suas cartas de enamoramento deste período.

A escrita epistolar: diário escrito a quatro mãos⁹⁷ e diálogo inacabado

Ao termo-nos proposto analisar a vasta e intensa produção epistolar de Mécia, em particular com Jorge de Sena⁹⁸, não poderíamos ignorar quão dilatado e complexo era o desafio.

A prática epistolar de um indivíduo só existe em função de um outro, para quem se anuncia uma fala e de quem se aguarda uma resposta, como se observa nas cartas de Mécia e Jorge de Sena, interlocutores que são invariável e mutuamente, amigo, aliado, confidente, companheiro e amante, um «igual», num pacto de vida intensamente vivida.

Prática regular e assídua de escrita sempre lhe subjaz o exercício de «um solilóquio de ausente para ausente» através do qual se procura superar a distância, espacial, temporal e afectiva. Numa vontade renovada de ter e de dar notícias, em diálogo sempre retomado, sempre inacabado, as cartas de Mécia são um incentivo à escrita de seu interlocutor e um espaço de experimentação constante de uma corrente ininterrupta de escrita em que há lugar para a afirmação literária e para a resistência feminina que se entretetece de conversas vivas, que a troca epistolar alimenta.

A sua leitura abre-nos novos caminhos para compreender o importante diálogo epistolar entre estas duas figuras destacadas da literatura e da cultura portuguesa do século XX

⁹⁷ Título de texto que apresentámos em Comunicação ao Painel das Oficina de Investigação CITCEM «Novas Leituras da Literatura Contemporânea», 1 de Julho de 2011, e retomado no nosso estudo introdutório ao livro LAGE, Maria Otilia, *org.* – *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)*. Ob. cit.

⁹⁸ LAGE, Maria Otilia – *Correspondência(s) Mécia/Jorge de Sena (evocação de Carrazeda, anos 1940)*. Ob. cit. e LAGE, Maria Otilia – *Correspondência(s) Mécia e Jorge de Sena: rede de afectos e exílio luso-americano. Uma aproximação no quadro dos estudos interculturais*. Ob. cit.

que, em silêncios compreendidos e sentidos somente adivinhados, em confidências ou considerações explícitas, suscitam o fascínio e a tentação de escrever sobre suas vidas que teceram quotidianos densos de relações humanas e sócio-culturais e de redes de conhecimento e amizade que envolvem e seduzem.

É uma escrita epistolar límpida de onde brota constantemente um «discurso de desejo amoroso», não raras vezes literariamente construído, e se interpenetram, em contexto de exílio e de mil e uma adversidades: a mútua confiança e dedicação sem limites na relação homem-mulher, em total correspondência, as múltiplas relações e episódios pessoais e sociais, as densas vivências culturais e afectivas, as afinidades electivas com pessoas, outros seres e coisas, a adaptação dinâmica à diversidade de espaços-tempos, a atenção pragmática ao «real» e a corajosa resistência e lúcida consciência de cidadania, sempre agida e mantida, multi e inter-culturalmente.

Nela se denunciam atrasos e fanatismos e se desconstroem estereótipos e binarismos, o que significa participar numa forte relação de responsabilidade e cumplicidade crítica com os contextos históricos de que se é protagonista, revelando-se capaz de contribuir para alterar singularmente a condição do intelectual para com um maior comprometimento social e cívico.

Produzida, ininterruptamente, ao longo de décadas, para inúmeros destinatários de todo o mundo, a epistolografia de Mécia de Sena assim como o seu significativo trabalho de estudo e publicação de vários volumes da Correspondência de Jorge de Sena permitem situá-la reconhecidamente em lugar de relevo na melhor tradição da epistolografia portuguesa, em que se destaca como relevante fonte de pesquisa de interesse histórico, documental e literário.

Escrita epistolar entre Mécia e Jorge de Sena

A vastíssima correspondência trocada entre Mécia e Jorge de Sena, desde que se conheceram e logo começaram a escrever-se foi já considerada parte integrante da produção literária seniana, nestes termos: «... deixa-nos perceber a natureza do espaço e do ambiente onde irá ter lugar a celebração de um ofertório que terá Sena como o oficiante, sendo Mécia a diaconisa da liturgia da distribuição do ‘pão’ da palavra escrita. Mais do que organizadora externa e a contrato, Mécia, quando lhe foi proporcionada a ocasião, tornou-se na orientadora do fluxo produtivo de Sena. E é isto o que ainda hoje se verifica – Jorge de Sena continua a publicar pela promessa ajuramentada e actuante de Dona Mécia⁹⁹.

Mas antes de, e para além dessa inquestionável faceta de mediadora intelectual e cultural activa de uma consagrada obra literária ímpar, Mécia de Sena é, em si própria, uma

⁹⁹ COSTA, José Francisco – *A Correspondência de Jorge de Sena: um outro espaço da sua escrita*. Ob. cit.

voz singular e autónoma, autêntica fonte de energia vital e cultural em que se casam, harmoniosamente, sonho e pragmatismo, realidade e utopia, afetividade e agudo sentido racional, divergência e unidade, diversidade e complementaridade, alteridade e identidade, abertura intelectual e de espírito, liberdade e autonomia que extravasam as rotinas do viver quotidiano da mulher companheira, irmã, mãe, amante, mas desde cedo, mulher conscientemente emancipada. Assim sendo, a interação entre dois seres de exceção como Mécia e Jorge, que se plasma nas suas cartas exige uma leitura capaz de colher e transmitir essa pluridimensão e a magnetizante atracção mútua da história vivida cruzada com a criatividade literária que nelas se harmonizam.

«Tudo isto que nos rodeia: cartas de amor»

Passíveis de inúmeras leituras, estas cartas de amor de Mécia/Jorge subvertem padrões e estereótipos rígidos e convidam-nos a rever as funções triviais da correspondência pessoal e o papel das mulheres na vida social.

Para a melhor definição da excepcionalidade radical que a correspondência Mécia/Jorge constitui desde início, em relação ao comumente verificado na correspondência amorosa conforme a expressão pessoal já saturada e trivializada de que «todas as cartas de amor são ridículas», bastará ler este fragmento de carta de Sena:

Não queria deixar de dizer-lhe que vi sempre em si a pessoa procurada para nela se confiar e viver. Ter-me-ia enganado? Estarei eu a enganá-la também? Não sei, e creio que a Mécia o pode saber melhor do que eu.

Não lhe faço juramentos nem digo outras coisas do costume (...)

Apenas lhe quero mostrar quanto a estimo e quanto suponho poder vir a estimá-la. Parece-me isto bem mais importante: está nas nossas mãos o dar-lhe a importância que quisermos (...)

(...) – só a Mécia poderá responder-lhe¹⁰⁰.

Como sempre acontecerá ao longo de toda a correspondência de Jorge de Sena com sua mulher, a esta, ele, poeta, oferecerá o cuidado superior da poesia, sem nunca deixar de lhe devolver a última palavra.

Por sua vez, esta carta posterior de Mécia, ilustração condensada de características marcantes de sua escrita epistolar, é exemplar, a vários títulos, do conjunto de sua correspondência inaugural com Jorge, em cujas variações de tonalidade mais frequentes se destacam: a coloquial, a irónica, a erótica, e a polemizante.

¹⁰⁰ Fragmento de carta de Jorge de Sena de 21 de Nov. de 1944, publicada em SENA, Mécia de, *apres., org., notas – Mécia de Sena/Jorge de Sena, Isto tudo que nos rodeia, Cartas de Amor*. Ob. cit., p. 17. Ver análise da correspondência deste período em que se cita esta e outras cartas de Mécia e de Jorge de Sena em LAGE, Maria Otilia – *Correspondência(s) Mécia/Jorge de Sena (evocação de Carrazeda, anos 1940)*. Ob. cit., p. 28-29.

Para mim acho que uma obra de arte tem duas discussões: como obra de arte e como conteúdo. Tu consideras a primeira, o Óscar¹⁰¹ apenas a segunda lhe interessa, aqui tens a razão porque eu nem estava de completo acordo contigo, estando ao mesmo tempo em desacordo com o Óscar (...)

Olha lá, por favor, não me dêes troco, eu tenho maluqueira que chegue e sobre, tu bem sabes, e depois começo logo a andar na lua sem saber porquê.

Fosse o Adão como tu e eu pasmaria como é que a Eva pode ser tanto ajuizada. Forte tola¹⁰².

As cartas de Mécia, para além de sua subjectividade e subjectivação evidentes, não deixam de ser depoimentos sobre a realidade envolvente, invariavelmente acompanhados de reflexões e considerações de crítica literária, artística e social, mas também e já, a sua muito especial atenção e constante interesse pela produção literária de Jorge de Sena, as quais manterá para além da vida deste e por toda a sua vida.

Já o seguinte poema de Sena, com dedicatória a Mécia – símbolo da elevada dedicação que reactualiza, em toda a correspondência com ela – dá bem o tom desta interacção epistolar, desde o início do seu relacionamento biográfico e amoroso.

Mécia,

Não é já de Natal esta poesia.

E, se a teus pés deponho algo que encerra

e não algo que cria,

é porque em ti confio: como a terra,

por sobre ti os anos passarão, a mesma serás sempre, e o coração, como esse interior da terra nunca visto, a primavera eterna de que existo, o reflorir de sempre, o dia a dia, o novo tempo e os outros que hão-de vir.

(Jorge de Sena, Poesia I – Cinco Natais de Guerra, 1947)

Cartas do exílio brasileiro: do amor, da saudade e da unidade existencial¹⁰³

Entretecidas num forte sentimento do vivido em profunda unidade existencial e de grande resistência às dificuldades e à dor da separação e da ausência, estas cartas que testemunham os quotidianos de Mécia e Jorge de partida para e já no Brasil versam uma multiplicidade de assuntos desta fase decisiva de suas vidas, designada por Mécia de «Vita Nuova».

¹⁰¹ Professor universitário e ensaísta renomado Óscar Lopes, irmão mais velho de Mécia de Sena.

¹⁰² Fragmento de carta de Mécia de 23 de Ag. de 1945, SENA, Mécia de, *apres., org., notas – Mécia de Sena/Jorge de Sena, Isto tudo que nos rodeia, Cartas de Amor*. Ob. cit., p. 56-59 e LAGE, Maria Otilia – *Correspondência(s) Mécia/Jorge de Sena (evocação de Carrazeda, anos 1940)*. Ob. cit., p. 37-38.

¹⁰³ *Corpus* epistolar aqui em análise constituído por 158 cartas: 112 de Mécia remetidas de Lisboa, Assis e Araraquara e 46 cartas de Jorge, enviadas do Recife, do Rio e de S. Paulo (sendo a maioria escritas por ambos já no Brasil), integralmente publicadas em LAGE, Maria Otilia, *org. – Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)*. Ob. cit.

Estas cartas atravessadas pela coragem de ousar mudar de vida de um casal então com 7 filhos e escritas na esfera do privado onde nunca deixa de estar presente a atenção à «causa pública», impressionam a vários níveis. Para além da intensa história de amor cuja utopia e cristalização sublime encantam, e do erotismo e sensualidade que expressam numa escrita do corpo, revelam-se como contributo incontornável para uma outra compreensão da vida-obra seniana e para o conhecimento directo de dimensões da história da sociedade e da cultura portuguesa e brasileira nos anos 1960.

Do ponto de vista formal, ambos dominam completamente a estrutura clássica das cartas, com uma parte mais ou menos curta de desenvolvimento, uma conclusão e um prólogo [e a indicação explícita de um destinatário, rodeado de epítetos afectivos e multiplicados, como que ao fazê-lo, tornasse presente quem a recebe e quem a redige, – espécie de encontro a dois, na distância] com invocação nominal muito carinhosa, expressão de amor intenso e correspondido, de uma confiança recíproca, de um cuidado e dedicação sem limites.

Enquanto que as cartas de Mécia são numerosas, diárias, geralmente curtas, concretas e mais pragmáticas, as de Jorge de Sena, em menor número, menos regulares, mas genericamente mais longas são quase sempre imbuídas de um pendor reflexivo e especulativo sobre a vida e os acontecimentos narrados. Marcadas, como as dela, pela circunstância penosa da separação, esbatida na força da mudança radical e da utopia de uma vida nova, formam com as de Mécia um património cultural imaterial onde se pré-anuncia e prepara uma fase decisiva de suas vidas e acções diversas mas complementares doravante nubladas pela dolorosa experiência do exílio e pela aguda consciência das vicissitudes da diáspora.

Cartas de Mécia e Jorge de Sena¹⁰⁴

Meu amor/Meu muito querido Jorge

Estas cartas formam no seu conjunto um emotivo diário de bordo escrito a quatro mãos, extremamente pormenorizado e completo das hesitações, incertezas, motivos, circunstâncias e preparativos da decisão de partida, inicialmente não planeada como definitiva, para um exílio voluntário no Brasil, onde não falta o registo das impressões de estu-

¹⁰⁴ O conjunto das cartas de Jorge de Sena trocadas com Mécia de Sena, no mesmo período, aqui analisadas muito sumariamente, documenta, entre muitos outros assuntos e temas, do maior interesse, traços dominantes da carreira e biografia literária, cívica e política de Sena, nos anos 1960/65 no país cuja nacionalidade adoptou por razões de natureza académica e onde desenvolveu intensa produção literária e actividade diversificada quer como investigador e professor universitário doutorado em Assis (São Paulo) e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, quer como co-fundador da Unidade Democrática Portuguesa, membro do conselho de redacção do jornal *Portugal Democrático* e participante em actividades do Centro Republicano Português, de São Paulo.

pefacção e pesar provocados por essa partida na vasta rede de amigos onde se contam muitas das mais prestigiadas figuras da cultura portuguesa da época.

São inúmeras e diversas as perguntas, as sugestões, as recomendações práticas de Mécia para Jorge sobre a inserção no país de destino, onde ele se diz «acarinhado por todos». Em apenas uma semana (12 a 19 de Setembro de 1959), as cartas de Mécia para o marido, infelizmente diárias ou duas ao dia, que traçam um painel realista de problemas e actividades que os ocupam e preocupam, abordam uma miríade de outros assuntos: a teia de correspondências trocadas com editores e amigos, a referência recorrente e actualizada aos trabalhos de produção literária e tradução pendentes, os intensos contactos com as mais diversas pessoas de suas relações que se mostram pesarosas por eles serem mais uns que se vão embora do país.

Evocativo desse sentimento comum é o poema de Veiga Leitão que lhes é dedicado e que, acabado de receber, é transcrito por Mécia em carta para Jorge enviada de Assis, a 11 de Janeiro de 1960,

*Um – ao cabo da terra
Outro – para além dela
Ambos – a dimensão do homem
E de uma estrela.*

Esta carta excepcional cujo valor expressivo, mormente no que se refere à descrição de certos traços das personalidades dos interlocutores, somente se poderá apreender melhor se lida na íntegra, merece uma referência especial, pelo que denota, quer de um sentimento profundo de expatriação e exílio, quer de uma sensibilidade feminina simultaneamente de doação sem limites, mas, involuntariamente, ainda de uma sensação de abandono e incompreensão por parte do homem amado, sentimentos que momentaneamente se sobrepõem à reciprocidade de afectos.

Numa das últimas cartas deste período, de 2 de Agosto de 1965, a par dos preparativos para a próxima partida para os U.S.A., a literatura e a música continuam a marcar presença, sendo a obra de Sena matéria sempre constante, aqui, já projectada para o novo país de destino:

Há em Nova Iorque uma Miss que te traduziu para uma antologia do Da Cal mas aspira a fazer uma por conta própria. É «curator» da Library of the Hispanic Society. Talvez não fosse mau enviar-lhe uma literatura inglesa. Ela pede auxílio para dúvidas.

Numa breve ponderação analítica e retrospectiva destas cartas de Mécia, sempre curtas e contidas mas minuciosas, num estilo pragmático mas sempre elegante e cuidado, são recorrentes temas tão diversos como: a literatura e a tradução, a política, as relações sociais, culturais, afectivas e cívicas, os numerosos livros e respectivos comentários, as

notícias frequentes que sempre se trocam, os quotidianos de muito trabalho e agitação, as dificuldades financeiras, os cuidados com os filhos, os desabafos, as sensações, as saudades, o fio cultivado da amizade e a intensidade amorosa em constante construção.

Minha querida Mécia, meu grande e único amor/... meu imenso amor

O próprio Jorge de Sena atribui às cartas de Mécia um lugar especial: «É evidente que convém distinguir entre cartas de ‘expediente profissional’, cartas de amigos e, neste caso, ‘cartas da Mécia’»¹⁰⁵, percebendo assim a sua interação epistolar: «E nós que podemos estar a fazer uma escrita de felicidade»¹⁰⁶.

Pouco depois de partir para o Brasil, numa belíssima carta de amor (Recife, 7 de Agosto) enviada para a mulher, então ainda em Lisboa, colhe fotograficamente o momento inicial do afastamento a que se sobrepõe o amor e a estranheza da liberdade de cidadão que se pré-anuncia longe da pátria amordaçada.

... saudade e amargura de não estares ao meu lado sobrelevam a sensação estranhíssima de respirar o ar livre do Brasil, que logo no avião começou. Revejo o teu «vulto» na porta de embarque... e de tanto sermos um, foi esta a separação mais dolorosa... mas cada vez mais somos um só, vivemos mais um no outro, meu Amor, não é?

Vencidos porém os obstáculos pessoais e logísticos de toda a ordem para reunir a si, no Brasil, a sua família, numa das suas inúmeras viagens internas de trabalho literário, académico e de intervenção política, corrobora a falta que lhe é a ausência de Mécia, ainda que já próxima: «Que saudades tenho, que desirmanado, que desamparado fico sem ti!»¹⁰⁷.

Em todos os passos que tem de dar para realizar, suas inúmeras e constantes actividades de escrita, de investigação, políticas e culturais que detalhadamente confia a Mécia, esta é sempre a sua primeira interlocutora e principal confidente:

No encontro no «Estado»¹⁰⁸ tive de suprimir do artigo as referências, as notícias, a discriminação das obras completas do Sá-Carneiro. Mesmo assim, ainda ficaram de mãos na cabeça com o tamanho do artigo. (...)

A Conferência da Amnistia que afinal foi autorizada... desabou em cima de mim. (...)

¹⁰⁵ (MS, 34) – Carta in SENA, Mécia de, *apres., org., notas – Mécia de Sena/Jorge de Sena, Isto tudo que nos rodeia, Cartas de Amor*. Ob. cit.

¹⁰⁶ Jorge de Sena citado por COSTA, José Francisco – *A Correspondência de Jorge de Sena: um outro espaço da sua escrita*. Ob. cit., p. 1.

¹⁰⁷ Carta de 4 págs., datada de São Paulo, a 20 de Jan. de 1960.

¹⁰⁸ *Jornal O Estado de S. Paulo*.

E depois de se preocupar com o restabelecimento da saúde de sua mulher estreita-a, amorosamente, deixando falar a linguagem do corpo:

Começo a nem saber falar sem ti ao pé de mim, como nem sei dormir sem ter-te a meu lado. E sem os teus braços, a tua boca, o teu corpo, não sei sequer, meu Amor viver. Beijo-te muito, muito, muito, aperto-te os seios com as mãos como tanto gosto – sou inteiramente teu. ... Com imensas saudades aperto-te contra mim. Teu do coração. Jorge.

Mas para além dessa dimensão pessoal e íntima, mantém-se a referência às especificidades diferenciadas do contexto histórico social e político que se vivia à época no Brasil e em Portugal:

O Salazar arranjou nova maneira de chatear as pessoas... o Nuno Fidelino de Figueiredo foi à Europa com a mulher e os filhos e tinha a intenção de passar um mês ou dois, primeiro em Lisboa, com os pais. Sabes o que lhe fizeram sendo ele já brasileiro? Declararam-no indesejável no aeroporto e não o deixaram desembarcar. Ele reclamou, entrou o cônsul em acção (o Negrão, não, é claro) e deram-lhe um visto de trânsito para 3 dias, e no 3.º dia meteram-no no avião para Paris. A coisa agora é feita com elegância. Não é verdade?¹⁰⁹.

Outra constante é, para além do escrutínio regular quer do correio diversificado recebido/respondido, trabalho de secretariado, a cargo de Mécia, quer das cartas entre si trocadas, a presença constante de comentários e reflexões expendidas sobre os mais diversos assuntos da actualidade, quase sempre indexadas ao juízo posterior de Mécia:

... essa aversão à medicina é pecadilho infantil. Afinal que queres tu? É complexo de auto-destruição? Os médicos também tratam isso e com pílulas. (...) Podes continuar a ser anjo e mais eficaz com pílulas angelicais contra os rins e vísceras maléficas. Estou e não estou brincando¹¹⁰.

Finalmente, anuncia-se de novo a partida, agora para os E.U.A., em carta enviada ainda do Rio em 5 de Fevereiro de 1965, em que refere o convite recebido de Wisconsin, aceite, mas que, como Jorge de Sena diz, preferiria que fosse de Illinois, «menos nos confins do mundo».

Todas as suas cartas para Mécia sendo, em regra, relatórios circunstanciados de tudo quanto faz e lhe acontece, e onde melhor se compreende quer a condição de exilado e a complexa situação do exílio, em suas solidariedades e dissensões, quer as divisões políticas na oposição anti-salazarista, nunca deixam de ser transversalmente enformadas pela

¹⁰⁹ Carta de 4 págs. enviada do Rio de Janeiro, 6.ª feira, 19 de Julho de 1963.

¹¹⁰ Carta de 6 págs. enviada ainda do Rio a 24 de Julho de 1963.

intrínseca ligação à poesia e à literatura, e pela tríplice dimensão criativa, ensaística e sócio-política e culturalmente interventiva.

A interacção epistolar de Mécia e Jorge de Sena, neste período – eivada da sensibilidade e sensualidade da sua invulgar relação apaixonada em privacidade sabiamente construída a par da intensa rede de relações sociais, culturais e políticas que partilharam – fundamenta a percepção do impulso proporcionado pela «vita nuova» à produção de um espaço intersticial de escrita por parte de Mécia, face à torrente da mais intensa e consagrada criação literária seniana, irrefutável evidência da consciência mútua da sua projecção na história da cultura contemporânea portuguesa.

A escrita micro-textual: *Flashes*, livro inédito de Mécia de Sena

Como a escrita epistolar, a escrita apenas formalmente diarística de Mécia de Sena, de que o seu livro *Flashes*, inédito¹¹¹, pode ser considerado exemplo, remete para uma outra componente da literatura de autoria feminina que sublinha o processo de inserção das mulheres nas aprendizagens da expressão escrita de si próprias, ocorridas desde o século XIX e, em particular, das aprendizagens da afirmação cultural e social das mulheres ao longo de todo o século XX.

«Escrevi um livro de amor», diz Mécia desse seu trabalho inédito com mais de 600 páginas¹¹², cuja escrita iniciou em 1980, mantendo-a em contínua construção, qual teia de Penélope, e a qual só poderia ter saído da pena de uma mulher com uma atitude perante a vida e a morte, tão sofrida quanto corajosa.

Quando Mécia, a propósito dessa sua escrita singular, construída de impressivas micro-histórias, anotações e contidos textos de características literárias, suscitados por uma enorme riqueza de afectos e memórias, diz «escrevi um livro de amor», adverte-nos, assim, para o sentido duplo (subjectivado/objectivado) da expressão «de amor»: «substân-

¹¹¹ Para um melhor entendimento da escrita diarística feminina e criação ficcional ver DUMAS, Catherine – *Diário íntimo e ficção: contribuição para o estudo do diário íntimo a partir de um corpus português*. «Revista Colóquio/Letras». Ensaio, n.º 131, Jan. 1994, p. 125-133.

¹¹² Mécia de Sena publicou apenas oito flashes na colectânea de estudos apresentados ao Colóquio Internacional sobre Jorge de Sena realizado em Outubro de 1988, na Universidade de Massachusetts, em Amherst, tendo ainda autorizado a publicação de mais alguns excertos esparsos nos seguintes estudos e trabalhos: SENA, Mécia de – *FLASHES: Recordando alguns momentos com Jorge de Sena*. In *Jorge de Sena: O Homem que sempre foi*. Selecção, organização e introdução de Francisco Cota Fagundes e José N. Ornelas. Lisboa: Ministério da Educação, ICALP, 1992, p. 243-245; PICCHIO, Luciana Stegnano – *Esercizi su di una vita: i «Flashes» di Mécia de Sena*. «Quaderni portoghesi» 13-14. Pisa: Giardini Editori e Stampatori. Primavera – Autunno, 1983, p. 313-322; SANTOS, Gilda da Conceição – *À sombra de uma Paixão: Os Flashes de Mécia de Sena*. In *O Rosto Feminino da Expansão Portuguesa*. Congresso Internacional realizado em Lisboa, em 21-25 de Novembro de 1994. Actas II «Cadernos Condição Feminina», n.º 43. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os direitos das Mulheres, 1995, p. 235-241; MAGALHÃES, Joaquim; JORGE, João Miguel F., eds. – *As escadas não têm degraus*. Editora Cotovia, 1.º número, Janeiro de 1989; LAGE, Maria Otilia – *Correspondência(s) Mécia/Jorge de Sena (evocação de Carrazeda, anos 1940)*. Ob. cit.

cia amorosa própria», e referência «acerca do amor» ou respeitante ao sentimento amoroso em geral, isto é, como tendo escrito um livro sobre o amor e como tendo com amor escrito esse livro. Amor que se evidencia não só na escrita epistolar cuja abordagem se poderia também fazer como prática de um diário específico, mas sobretudo neste outro registo de escrita feminina, de que são expressão estes seus *Flashes*.

Numa primeira leitura de *Flashes* – curtas e intensas narrativas de vivências múltiplas entretecidas em memória e histórias de vida e quotidianos, recordações vivas de parentes, amigos e vizinhos, momentos e acontecimentos marcantes, a par de elegantes descrições de diferenciados sítios e lugares de sua trajectória biográfica –, a imediata e parcelar percepção que se poderá ter é a de que alguns desses flashes de natureza mais pessoal, parecem evidenciar uma certa vulnerabilidade que não é usualmente manifestada pela sua autora.

Não é no entanto de um diário íntimo comum, que se trata, como a própria autora, licenciada em Histórico-Filosóficas e familiarizada com estes domínios do saber, logo adverte. Nem o contexto de produção nem o registo desta escrita são característicos da chamada «literatura do íntimo» que parte das experiências de indivíduos manifestadas por meio da escrita, sobretudo a memória e a escrita feminina, tradicionalmente relegadas às cartas e aos diários. Pelo contrário, esta obra de escrita original, cuja leitura nos prende, leva-nos a reflectir sobre inúmeras questões importantes, aspectos e facetas menos conhecidas da vida e trabalho de Mécia de Sena e mesmo do seu sentido mais profundo, inclusive para ela própria, como pessoa, actor social e autora, na sua dimensão histórica e literária.

Uma releitura mais atenta de *Flashes*, em sua sequência, tom e ritmo próprios de uma longa e ininterrupta conversa com o «outro» ausente-presente em que história e memória se interpenetram – a primeira estando sempre em construção, incompleta do que já não existe mais, e a segunda como fenómeno sempre actual, elo entre o vivido num eterno presente (Pierre Nora) –, melhor poderá esclarecer sobre o valor documental e literário subjacente a este original trabalho de escrita de Mécia de Sena, cuja publicação integral e conhecimento público se justificam até para seu reconhecimento devido enquanto mulher escritora. Embora não seja, porém, na qualidade de escritora que Mécia de Sena se revê. A obra de que se reclama e a que tem dedicado toda a sua vida é, outra, a de Jorge de Sena.

A ensaísta Luciana Stegnano Picchio¹¹³ apresenta-nos assim esse livro: «perfil documental, cronístico e literário [que] fixa em micro sequências memorialistas, recordações da vida de Mécia com Jorge de Sena, desde em 1940 em Portugal, Porto e Lisboa até 1978, ano da morte de Sena no exílio. São mais de 30 anos de existência comum recuperada, revisitada, reconstituída no efémero dos instantes, de circunstâncias, de frases de um léxico familiar, de uma proximidade de amigos. Um livro escrito com a sabedoria e a consciência do ‘aqui e

¹¹³ PICCHIO, Luana Stegnano – *Esercizi su di una vita: i «Flashes» di Mécia de Sena*. Ob. cit., p. 313-322.

agora' que é Santa Bárbara, Califórnia, sob a casa dos Sena que continua a ser um ponto preciso de referência humana e cultural. Um livro 'coral' colectivo, um coro de família...».

Mécia de Sena demarca-se da posição das memórias femininas no campo literário, uma das formas de as mulheres estabelecerem a sua incorporação na literatura, à margem dos cânones oficiais e das culturas hegemónicas que ela conhece melhor que a maioria das mulheres de sua geração e com que ao longo de toda a sua vida privou, construindo uma identidade cultural e intelectual em que o feminino e o masculino se entrecruzam harmoniosa e criativamente. Emerge aí a diversidade de protagonismos femininos expressivamente captados em muitas passagens, num registo minucioso das particularidades sociais, etárias, profissionais, de origem e contextos de vida que encerram vivências e experiências marcadas por acentuadas singularidades nacionais e internacionais. O que nos permite uma melhor aproximação à Mulher que, ao relatar factos de uma realidade quotidiana, fornece múltiplas coordenadas de análise que induzem e possibilitam rastrear, identificar e observar o modo como, através do acto e da própria prática de escrita, uma realidade social é construída, pensada, vivida, materializada e dada a ver.

Familiarizando-se rapidamente com os outros e sabendo, como poucos, familiarizá-los consigo, muito facilmente, Mécia de Sena, introduz, com toda a naturalidade, os leitores na sua intimidade que no entanto sabe muito bem manter preservada.

A minha avó materna, Francisca Teresa de Jesus, tocava piano e, uma vez por ano, no 1.º de Dezembro..., não falhava! ... juntava os netos e tocava o Hino da Restauração. Contava permanentemente histórias (Dumas, Victor Hugo, Max Du Veuzi, folhetins do século... romances camilianos... reconhecia as peças que se tocavam, se eram piano ou violino, pelos movimentos dos dedos. E enquanto cozia ou fazia intermináveis camisolas de lã, cantava sonatas, trios, quartetos, especificando qual o instrumento da passagem ou trecho em causa... e já cega, recomeçava... por vezes já irreconhecível o fio melódico. (...) duas ruas acima morava a Guilhermina Suggia, a maior veneração de minha mãe...¹¹⁴.

Na educação artística e cultural que a embebe e de todos os lados, absorve, Mécia evoca a marcante influência do círculo familiar e da ambiência cultural local:

... minha mãe tocava e ensinava violoncelo que me embebecia e cheia de entusiasmo me começou a ensinar. Meu pai interferiu logo: piano era o que devia estudar... Na minha casa a música sentava-se à mesa, dormia e despertava conosco... o melhor de tudo era quando o meu pai proclamava: «vamos dar um passeio mistério»... os ex-votos... Guifões com o seu moinho... Santa Cruz do Bispo mais «o homem da massa»... despejavam-lhe vinho pela cabeça nos dias de romaria e havia que abraçá-lo para casar cedo! ... eu tocava piano, estudava francês, português e bordados com a «Julinha», e fui moldando as minhas leituras pelos livros do meu pai: Pierre Loti,

¹¹⁴ SENA, Mécia de – FLASHES: Recordando alguns momentos com Jorge de Sena. Ob. cit., pasta 1.

*Aquilino, Anatole France, Garrett, António Nobre, Junqueiro, com muito Fernão Lopes e Cantares de Amigo...*¹¹⁵.

Já casada, vários episódios narrados evocam canseiras, esforços e sacrifícios mas também a desenvoltura e coragem femininas para vencer as dificuldades que marcaram a sua vida de mulher trabalhadora dentro e fora de casa, companheira insubstituível de um grande escritor, mãe de 9 filhos, qual «chefe de tribo» que subverte com sabedoria e naturalidade a ordem do modelo patriarcal da família clássica:

*pouco antes de nascer a Mariana deixara de dar aulas porque tivera uma anemia séria... fazia traduções, revisões de livros e de provas para os Livros do Brasil, onde o Jorge era consultor literário, por gosto e por necessidade, pois só tinha o ordenado de engenheiro de 3.ª classe... começou nessa altura a minha briga com os tipógrafos... escritores brasileiros – correcção de nomes*¹¹⁶.

Insistentes, as referências e alusões ao vivido com Jorge de Sena emergem a cada passo, rememorando-o, dentro de si no fora de si, pelo recurso ao uso do discurso indirecto e directo:

Uma das qualidades que eu mais apreciava no Jorge era a sua capacidade de admirar: um verso, uma paisagem, um torneado, uma luz, um rosto ou um corpo, uma passagem musical, um doce, uma palavra em qualquer língua... tudo podia ser «belo» ou «tinha» ou «era» de «uma beleza» «extraordinária» ou «rara» ou mesmo só «alguma».

Impossível exemplificar... para a admiração justificada tinhas uma disponibilidade total.

Muitas vezes, a partir de um verso, de um nome, de uma obra, o Jorge se esquecia do tempo falando e lendo os mais variados poemas que me ia traduzindo, se em língua que eu não dominava. Não tenho memória de que alguma vez incluisse leitura de poemas seus, ou que deles me tivesse feito sessão especial, para lá de mos ler após escritos, ou num especial a-propósito.

Comentava isso ontem com o Jack Schmidt – era sempre da poesia dos outros que falavas, era sempre a poesia dos outros que fazias estimar, com que criavas o gosto de lê-la. E, pelo contrário, sempre te vi relutante em ler o que fosse teu, mesmo a insistente pedido.

Uma vez te perguntei a razão de tantos rodeios e explicações quando acedias à leitura (visto que nada teu jamais soubeste de cor) – era como despir em público, me respondeste.

Era bem tua essa espécie de pudor de tudo quanto é íntimo, daquilo de que se pode escrever mas se não pode falar.

¹¹⁵ SENA, Mécia de – FLASHES: Recordando alguns momentos com Jorge de Sena. Ob. cit.

¹¹⁶ SENA, Mécia de – FLASHES: Recordando alguns momentos com Jorge de Sena. Ob. cit.

**

Manuela Porto acedera por amizade para com o Jorge a dizer poemas do Fernando Pessoa na conferência que ele faria no Ateneu Comercial do Porto, em 12 de Dezembro de 1946. Foi um êxito. Estou a ouvi-la: «Onda-que-enrola-da-tor-nas...».

**

Leio num diário teu: «Escrevi, até às 4 da manhã, um conto: ‘Super Flumina...’ que não esperava». Ficaras «escrevendo pela noite adiante», tal como o terminas.

Que aconteceu depois quando te deitaste? Adormeceste com o livro aberto sobre o peito e eu to fechei, tirei-te os óculos e antes de apagar a luz te ouvi um «obrigado» pouco mais que ciciado? Ou não adormeceste e nos possuímos como se tivéssemos acabado de sofrer todas as dores do mundo?

Ou apenas ajustamos os nossos corpos em ansiosa ternura, numa oferta de repouso mútuo?

**

Uma noite em que o Jorge não se deitara comigo, acordei deveriam ser umas três da manhã. Não o vendo ao meu lado, levantei-me e dirigi-me para o escritório. Quando comecei a descer as escadas, vi-o ao fundo no pequeno hall entre as escadas e a porta do guarda-vento. Na semipe-numbra, estava parado, imóvel, estático, em frente à clarabóia que existia na parede.

Quando me sentiu, voltou-se para mim um pouco como quem acorda e à minha pergunta respondeu que estava bem, não me preocupasse, «vai-te deitar».

Nunca fui capaz de entender se fora dos meus olhos ou se havia no ar, parado e em surdina, algo de encanto que apenas um leve estremeção de ver-me quebrara ou tão-só interrompera.

Ainda vi que em passo lento se encaminhava, na contraluz, para a secretária.

**

O Jorge sabia tudo – mais, tinha sempre um livro para ilustrar o seu conhecimento. Um dia, em Araraquara, os pequenos entraram de roldão mostrando-me uma coisinha que, agitada, fazia um barulhinho como de matraca. Foi uma excitação e decidimos que «desta vez, o papá não vai descobrir o que é» – entrámos pelo escritório sorridentes e ansiosos exibindo eu a «coisinha» que lhe cheguei a cara, antegozando a ignorância. Perguntei: «O que é? Levantou os olhos do papel e displicentemente, sem a menor hesitação, respondeu: «É a ponta do rabo de uma cobra cascavel». Ficamos varados – era. Desisti de o pôr a prova!

**

Uma vez conversava-se amavelmente em grupo. Contávamos de dificuldades e também deste álbum que compráramos daquela vez que fôramos não sei onde... Um dos interlocutores (americano, é bem de ver) comentou, numa pausa: «Mas como é que vocês, com tantas dificuldades, podiam fazer isso?». Prontamente lhe respondi: «Porque, graças a Deus, somos loucos!» A estrondosa gargalhada do Joaquim ainda hoje me soa nos ouvidos.

**

Chegámos a Roma, e, apesar da preocupação com a saúde convalescente, o Jorge começou a fazer projectos de mostrar-me mil coisas, que fui refreando. Fez, contudo, questão de mostrar-me a Villa Borghese.

Disse-lhe que não queria ir porque já sabia que não deixaria de percorrer tudo comigo e eu ficava aflita. Prometeu-me que não, ficaria sentado na entrada, quietinho, à minha espera. E lá fomos.

Quando entrámos, olhei, no átrio em frente à enorme escadaria de pedra, a ver se haveria onde ele se sentasse. Mas já ele me dava o braço sorrindo, e começava a subir lentamente. Quando passou o último degrau, olhou-me radiante: «Viste, não aconteceu nada!»

Parecias um menino que tivesse feito uma inocente e bem sucedida partida – estavas triunfante.

Mas tê-la-ias feito? Ou apenas não resistiras ao sempre sedento desejo de ver ou rever comigo tudo, a despeito da sinceridade da promessa e das precárias forças que já não chegaram para dar volta aos famosos jardins?

**

Ia entrar no escritório e vi que o Jorge escrevia um poema. Já não entrei e fiquei à espera que me chamasse para mo ler, como sempre fazia. Não chamou, e daí a pedaço voltei. O poema estava em cima da secretária. Li: «Aviso a cardíacos...» Comentei que era terrível, e «tu sabes que profundamente injusto para mim e para todos» – Olhou-me com uma tristeza infinita, e, com voz magoada, tão magoada!, respondeu-me: «Eu sei... eu sei, mas é o que eu sinto».

Entardecia. Estávamos em pé, no corredor, em frente à porta para o pátio. Sentiamo-nos ambos angustiados – e nem sequer sabíamos de que tínhamos de ter medo. A terrível notícia só veio onze dias depois¹¹⁷.

Este o tom com múltiplas nuances dos micro-textos, curtas narrativas que em flashes, desfiam breves estórias e impressivas memórias, em repentinas fulgurações, rés à forma de ser e estar, na qual Mécia foi encontrando a força necessária para continuar a viver e produzir.

Num estilo de escrita que trabalha/suporta incessantemente, o luto do luto com o outro fora e dentro de si¹¹⁸, os *Flashes* mobilizam fragmentos de conversas, acontecimentos, perfis humanos, com recuo no tempo que se reactualizam e suspendem para se cruzarem em novas vivências ricas de sentido, cumplicidades, empenhamentos, ideias e grandes ideais, reflexões sobre a vida, evocação de situações, casos, tipos sociais, pessoas e acontecimentos quer da sociedade portuense, seu meio de formação, ou da de Lisboa dos pri-

¹¹⁷ Flashes publicados nas coletâneas *Jorge de Sena, o homem que sempre foi* e *Quaderni Portoghesi*, 13-14, compilados e reeditados no Site Ler Jorge de Sena por ocasião do 95.º aniversário de Mécia em 16/3/2015.

¹¹⁸ A que seguindo o pensamento de Derrida designamos por meio – luto, noção que explicitamos e desenvolvemos no capítulo V.

meiros anos de casada, quer da sociedade portuguesa, brasileira, americana e do mundo com que ao longo da vida manteve e mantém contacto estreito. Numa escrita de afectos, se exprimem as suas múltiplas relações de trabalho e convivência com figuras públicas do campo das artes, das letras e da cultura, fazendo-nos assim partilhar de uma mundividência que permite vencer distâncias.

A expressividade da sua escrita, na primeira pessoa, objectiva, realista, clara e densificada por evocações retrospectivas, reflexões que irrompem a cada passo, súbitas e certeiras, o seu estilo claro e fresco faz lembrar, frequentemente, as «javelines» sobre a China, do médico revolucionário Lu Xun (Lou Sin), considerado o maior escritor da China do século XX, as «iluminações» do filósofo e escritor revolucionário judeu alemão, Walter Benjamim, ou ainda as curtas narrativas da actual escritora norte-americana Lydia Davis, na liberalidade quanto ao uso dos géneros (ensaio, diário, conto...).

Atravessados pela voz muito fresca e jovem e por um olhar retrospectivo, fragmentário, mas não fragmentado de sua autora, os *Flashes* são um diálogo vivo, constante e amoroso com Jorge de Sena, interlocutor privilegiado e omnipresente em quase todos os relatos e narrativas deste livro que traça, numa teia intensa e extensa de reciprocidades, afectos e amizades, uma trajectória de vida feminina (projectos, problemas, realizações, anseios...) ancorada numa grande diversidade de redes sociais e culturais.

«Não interessa realmente o que se passou mas o que nos ficou do que se passou»¹¹⁹, acentua Mécia de Sena para quem *Flashes* é uma escrita de libertação, uma escrita terapêutica, e não uma escrita de memórias, onde «recordando... momentos com Jorge de Sena», instantes densos de diálogo em silêncio, lembranças de uma relação mutuamente estimulante e criativa, desvenda facetas pouco conhecidas de ambos, congregando, na correnteza de testemunhos, múltiplos sabores: literários, pictóricos, fotográficos, musicais, uma multiplicidade de círculos humanos, sociais, culturais e académicos portugueses e estrangeiros.

Mécia de Sena inventou em *Flashes* uma escrita de sobrevivência, «meio-luto» que é ainda um trabalho sobre a obra-vida de Jorge de Sena: promessa herdada, rastro salvaguardado e responsabilidade confiada. Para além disso, aí é ela própria que «apesar de sua insistência em permanecer na sombra, em terras californianas», se nos revela, «indubitavelmente, uma individualidade literária portuguesa que merece ganhar os reflectores do reconhecimento», assim o salienta Gilda Santos, autora para quem «os *Flashes* não constituem somente obra de circunstância, referencial sem polimento, mas literatura em si, de qualidade. Não é, pois, necessário convocar propostas pós-modernas de revisão do cânone literário para valorizar este misto de diário, crónica, biografia, autobiografia, memórias».

Sintetizando, para além de reconhecida obra literária, *Flashes* é ainda um documento histórico, antropológico e sociológico, invulgar na história da nossa produção literária e cultural feminina, tratando-se, em suma, de um livro quase impossível de escrever-se, tal a

¹¹⁹ Carta de Mécia de Sena, Santa Bárbara, 7 de Abril, 2007, que nos é dirigida.

tensão com que o vivido e o sentido irrompem na corrente impetuosa de uma profusão de recordações ora felizes ora amargas, mas sempre intensas.

Estamos pois em presença, não de um livro de memórias, como nos adverte a sua autora, antes perante a escrita da memória para si própria, num diário vivo e actual, porque memória em acto, traço, sobrevida.

Mécia de Sena inscreve fluentemente em suas descrições e narrativas epistolares e na sua escrita de *Flashes* que, está para além do mero diário, o tempo histórico, a sua consciência ética e crítica do mesmo, uma clara opção pela linguagem do corpo e, no registo labiríntico do tudo e do muito que interessa, a procura do «sentido das coisas» – características da escrita feminina contemporânea. Numa «escrita de si» que atravessa as suas narrativas quotidianas, na correspondência, e rememorativas, nos *Flashes*, formas distintas de um idêntico monólogo interactivo e reflexivo, se revelam a resistência, a consciencialização e a coragem da autora em expor-se em épocas e momentos conturbados da história de Portugal, onde viveu menos tempo (40 anos) do que nos Estados Unidos da América onde reside desde 1965, quase há 50 anos mas continuando sempre como portuguesa e ligada a Portugal, onde mantém família e amigos, designadamente pela intensa e diversa correspondência escrita.

É-nos permitido ainda perceber Mécia de Sena como exemplo de mulher que escreve e de mulher que escreve como mulher e intelectual, que indissolivelmente ligada a Jorge de Sena, se afirmou sempre, de modo singular, livre e autónoma, não só pelo seu papel na epistolografia portuguesa, reconhecida função editorial pró-autor e função de relevo que assumiu, quer na produção de uma escrita de resistência reveladora das subtilidades sugestivas de múltiplas capacidades do «feminino», quer no horizonte da história, da cultura e da literatura portuguesa do século XX, devolvendo outra visibilidade ao fazer quotidiano da literatura, da cultura e da política.

Nesta sequência e remontando a questões teóricas evocadas no capítulo I a propósito da «escrita feminina ou escrita no feminino» – opção complexa e de certo modo inconclusiva –, poder-se-á ainda figurar a escrita de Mécia de Sena como uma escrita que está para além dessa diferenciação e deverá preferencialmente ser vista mais no sentido de não ser relevante a oposição binária masculino/feminino, como considera Hélène Cixous¹²⁰.

A sua produção textual, exemplo evidente de uma escrita de mulher emancipada, na manifestação irrecusável da sua materialidade e evidência inscrita na linguagem de um trajecto singular que envolve múltiplas redes culturais transatlânticas de pessoas, coisas, acontecimentos e afectos, constitui-se ainda numa fonte documental privilegiada, quer para a história quotidiana e cultural de Portugal, do Brasil e E.U.A., no século XX, quer para a compreensão de meandros menos visíveis da construção intelectual de uma obra literária e sua acção cultural.

¹²⁰ CIXOUS, Hélène – *The Laugh of the Medusa*. MARKS, Elaine; COURTIVRON, Isabelle, eds. – *New French Feminisms*. Trans. Keith Cohen and Paula Cohen. Sussex: The Harvester Press, 1981, p. 245-264.

Neste quadro, e sendo a problemática das mulheres no exílio, entre nós, muito parca de estudos e trabalhos, Mécia de Sena, personalidade publicamente conhecida mas digna de maior visibilidade e reconhecimento social e histórico é, também, a este título, uma figura relevante da história contemporânea das mulheres portuguesas cujo estudo e divulgação se impõem, designadamente através de um melhor conhecimento da sua relevante produção escrita.

Esta, pouco conhecida e menos estudada, abarca, quer a sua numerosa e diversificada correspondência dilatada em múltiplos espaços-tempos e diferentes épocas da história dentro e fora de Portugal que se pode inscrever na tradição da epistolografia portuguesa, quer uma escrita original maioritariamente não publicada, representada em sua obra *Flashes*, que se pode considerar como escrita literária feminina, muito própria, e cuja publicação se advoga pois o seu conhecimento em muito poderá contribuir para um entendimento científico e literário mais desenvolvido e sólido de dimensões e facetas de sua vida e acção, bem como da apreensão de novos aspectos da vida-obra seniana, proporcionando e suscitando também por esta via a possibilidade de outros estudos.

2.2. CARTAS E MICRO-TEXTOS: LITERARIEDADE

Na verdade, a carta, pela sua natureza descontínua, mas sobretudo por ser um documento escrito, comunga de uma literariedade que importa salientar¹²¹.

Não deixando de ser verdadeira a afirmação citada a mesma exige, quanto a nós, que se explicita em que consiste a literariedade assim alargada à escrita epistolar.

O conceito de literariedade [literaturnest], segundo os formalistas russos, nomeadamente Jakobson, pretende fixar «aquilo que torna qualquer texto como «literário», tarefa difícil a que os formalistas russos não responderam cabalmente. Chklovski, em «A arte como procedimento», considera que é aquele factor que foge ao automatismo, tornando o texto como «visão nova e não como reconhecimento». Ao ligar-se, de certo modo, a literariedade à dominância da função poética da linguagem, centrada na mensagem, afasta o texto literário de outros textos que utilizam a função poética, como, por exemplo, o texto publicitário, onde a função dominante é a conativa ou apelativa, centrada no destinatário, mas também centra a literatura no texto linguístico, afastando-a dos outros elementos da comunicação e reduzindo-o ao mundo da palavra. Naturalmente que isso reduzia a literatura a um fim em si mesmo, desde logo, muito contestado por

¹²¹ SILVA, Manuela Parreira da, ed. – *Fernando Pessoa: Correspondência 1905-1922*. 1.º vol. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999, p. 483.

Trotsky, em «Literatura e Revolução». A semiótica veio trazer importantes contributos para a compreensão do que é um texto literário, enquanto sistema modelizante (modeliza o mundo) secundário (o primário é a língua: é texto linguístico. Aguiar e Silva define-o assim: «Unidade semântica, dotada de uma certa intencionalidade pragmática, que um emissor/autor realiza através de um acto de comunicação regulado pelas normas e convenções do sistema semiótico literário e que os seus receptores/leitores descodificam, utilizando códigos apropriados». No texto literário, segundo Lotman, projectam-se factores externos ao texto (o texto literário não é fechado, é aberto ao contexto e à visão do mundo)»¹²².

É em função deste entendimento que se pode caracterizar, em primeira instância, a escrita em análise, como recortando na língua em que é produzida, um idioma próprio. Sendo certo que a construção desse idioma se analisa quer através da especial construção sintáctica, do manejo lexicográfico e dos tropos que evidencia.

No caso vertente da escrita de Mécia de Sena, defende-se a qualidade literária da sua idiomatidade partindo da análise das cartas de amor «isto tudo que nos rodeia» colectânea editada no início dos anos 1980, para culminar na sua obra micro-textual *Flashes*, cuja escrita inicia pela mesma altura, pouco depois do falecimento de Jorge de Sena. Desde logo, por se entender que essa selecção de cartas inaugura a abertura de uma grande angular (plasmada no próprio título), a qual, focando o seu campo de visão na emergência do sentimento amoroso no quadro de uma sociedade portuguesa então caracterizada pelo contraste rural/urbano¹²³ e que se irá progressivamente alargando ao Brasil no advento de uma «vita nuova»¹²⁴, até ao esplendor do centro do mundo em processo de globalização, na escrita da correspondência estadunidense com Jorge de Sena.

Atingirá a plenitude do seu valor literário no processo de escrita micro-textual que, iluminando a escuridão com curtos flashes de um passado voltado ao futuro, faz o «meio-luto» do desaparecimento do seu correspondente de sempre¹²⁵, procurando como que continuar um «diálogo inacabado» num estilo de escrita muito original.

Usando vários registos e variações em fundo autográfico, desde o coloquial ao político, passando pelo analítico ou pelo discurso irónico, a escrita de Mécia de Sena evidencia índices de autoria feminina na literatura contemporânea, como: «a palavra fragmentada, a tendência a impregnar a palavra escrita com elementos de oralidade, o discurso voltado para o sujeito que fala, a projecção da linguagem no nível simbólico, a tendência a explicar o universo em vez de interpretá-lo, a predilecção pelo detalhe»¹²⁶.

¹²² Explicação gentilmente concedida pela Professora Doutora Maria do Carmo Castelo Branco Sequeira, numa leitura crítica deste texto.

¹²³ LAGE, Maria Otilia – *Correspondência(s) Mécia/Jorge de Sena (evocação de Carrazeda, anos 1940)*. Ob. cit.

¹²⁴ LAGE, Maria Otilia, org. – *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)*. Ob. cit.

¹²⁵ Ver capítulo IV deste livro.

¹²⁶ Características apontadas pela escritora e crítica de arte argentina Marta Traba, citada por PATRÍCIO, Rosana Ribeiro – *As filhas de Pandora: imagens de mulher na ficção de Sónia Coutinho*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 17.

Todas estas nuances, umas mais que outras, se evidenciam na sua escrita epistolar e micro-textual, força-motriz da sua posição de mulher no exílio, vivendo longe da pátria, de familiares e antigos amigos, consciente de seus novos papéis na sociedade e no mundo ligados, em grande medida, à intensa e pública trajetória literária, cultural e política do marido. As suas narrativas, breves ou mais extensas, de grande regularidade e num estilo só aparentemente simples, coloquial e familiar, não são nunca impessoais ou desapaixonadas, antes potencialmente ricas de significado e espontaneidade, sendo expressão de sentimentos e emoções genuínas, de pensamento arguto, opiniões desassombradas, raciocínios e comentários críticos e informados sobre literatura e arte, ou o político e o sócio-cultural.

São ainda de especial referência na materialidade da escrita de Mécia em que o público e o privado se misturam: o elevado sentido de pertença e intervenção social na sua pátria e nos países de destino, arreigada consciência de liberdade e dignidade, a prática intensa da convivialidade, solidariedade, amizade e hospitalidade e a constante inscrição do quotidiano, meios e modos de compreender múltiplas relações com a sociedade, o mundo e os microcosmos da imprensa, da edição ou da política, em tudo isso emergindo representações muito próprias do mundo social e cultural, e uma multiplicidade de sentimentos e impressões individuais, familiares, sociais, culturais, éticas, cívicas e políticas.

Se as cartas de Mécia respeitam do ponto de vista formal, escrupulosamente, as credenciais clássicas do género epistolar – lugar, data, endereçamento, encerramento e assinatura –, como se evidenciou, já a sua inscrição no literário só se poderá identificar por uma análise literária¹²⁷ que atenda a «um mais», traço que perpassa a sua escrita epistolar e micro-textual – o impressionante fundo sonoro e etnográfico que remete para as suas origens mais próximas (mãe e pai) – e subliminarmente se evidencia na enunciação e no enunciado do seu discurso. É aí que afinal ecoa o que também faz a sua idiomática, donde se pode então apreender a peculiaridade da sua prática discursiva anteriormente explicitada e a qual é marcada por: um registo coloquial, num tom de voz contido e íntimo que recorre a uma ordenação precisa das palavras e a uma cadência sintáctica e lógica de desvelamento; um timbre jovial; um ritmo de mudança breve mas suave em que ressaltam inflexões melódicas que expressam a sua cosmovisão do mundo e da vida com raízes fortes na terra e para além da morte; e uma corporalidade acentuada da linguagem usada – tudo características que lhe são muito próprias e que remetem à memória preservada de frequentes expressões do imaginário e musicalidade populares.

¹²⁷ MOISÉS, Massaud – *A Análise Literária*. 14.ª Edição. S. Paulo: Cultrix, 2003. Sobre teoria da literatura ver ainda WARREN, Austin; WELLEK, Rene – *Teoria da Literatura*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1987; SILVA, Vitor Aguiar e – *Teoria da Literatura*. 8.ª Edição. Coimbra: Almedina, 2009; REIS, Carlos – *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Vol. IX – *Do Neo-realismo ao Post-Modernismo*. Lisboa: Verbo, 2006.

Noutro plano, como atrás se evidenciou também, os aspectos estruturais da sua escrita, dizem-nos muito sobre as realidades sócio-culturais nas quais ela foi produzida pelo que não podemos separar os elementos formais das contingências sócio-históricas.

Mais próxima desta última perspectiva se situa a linha de desenvolvimento da análise que se faz na rubrica seguinte.

2.3. ESCRITA DE RESISTÊNCIA E EXÍLIOS

Os debates sobre se há uma escrita de mulher ou se se escreve como mulher, no sentido de um discurso produzido por um «corpo material» próprio, embora podendo parecer inúteis ou inconclusivas são no entanto muito relevantes para compreender questões inerentes ao nosso objecto de estudo (tido como horizonte problematizado e sujeito a desconstruções, como se tentou explicitar no capítulo I), e que não se podem contornar, tais como a «propriação», a diferenciação e identidade sexual, entendida esta como «plural, relacional e historicamente situada» e mesmo as condições sociais e históricas das diferenças que impregnam a substância empírica.

Há na escrita epistolar de Mécia, uma escrita pessoal de e em relação estreita com o outro, os outros, um pacto maleável profundamente resistente e desejado, uma aliança vulnerável mas firme com tudo o que sustenta a vitalidade e a vida a partir desde logo das práticas do quotidiano, uma ponte de ligação e re-ligação à vida e às coisas, e um impulso ao exercício emancipador dos afectos que conduz ao exercício do não conformismo, ao exercício da paixão. O que acaba de se afirmar conjuga-se com traços específicos numa escrita de mulher que é, em simultâneo, fortíssimo factor de resistência ética e política às ditaduras e de indignação contra as injustiças e indignidades várias, numa intensificação da potência humana, ligação e ampliação do mundo.

Essa dimensão de profunda resistência torna esta escrita num desses raros exemplos que dão lugar a (re)visões da história, responsáveis pela recuperação de uma produção escrita por mulheres, invisível, ou silenciada, ou ainda despojada de leituras que valorizem e reconheçam a dimensão sexual.

Não tendo sido assim pensada por Mécia, autora desta produção escrita, o próprio gesto da escrita pode inscrevê-la num espaço contra o medo, afirmando o direito a ter direitos e, simultaneamente, num espaço de reivindicação de reconhecimento dos plenos direitos de cidadania (sociais, económicos, jurídicos e culturais) das mulheres, sem cristalização de papéis feminino/masculino.

As cartas de Mécia para Jorge, assim como as deste para ela, são como que um exorcizar da falta do outro, da separação, da ausência, sempre tidas como excesso, exorcismo que só se consegue agir na prática incessante da escrita e através de uma linguagem de resistência.

Por isso é tão fundamental nesta escrita a ideia de pacto, pacto secreto, forma de compromisso assumida em recíproca sintonia, entre os correspondentes, cujas cartas ampliam a mensagem de liberdade expressa pela autonomia de cada uma das vozes, onde cada corpo precisa do outro corpo para ser e estar no mundo, em responsabilidade e dignidade humana. Marcas da e na palavra escrita ajudando a romper *as* cadeias precárias da solidão, a separação, dispositivo simultâneo da necessidade e da possibilidade, da ambiguidade e da resistência. «Carta por carta ou palavra escrita, volátil, entregue», sempre com amor presente, verdadeiro. Primeiro a eles, principalmente, depois a nós leitores, que possamos ou queiramos ler essas cartas onde as emoções afloram numa linguagem de intensidades para, menos desamparados, puder melhor resistir ao que nos tente domar. Seguir de perto esta escrita epistolar estudá-la ou lê-la é também um gesto para resgatá-la de um tempo cultural passado, trazê-la do tempo das memórias para o tempo da história do presente¹²⁸.

A análise empírica que se segue incide sobretudo na abordagem a um pequeno núcleo, assaz significativo da escrita epistolar aqui considerada como uma escrita de resistência e exílios.

Assenta no estudo de dois *corpus* de cartas de Mécia de Sena¹²⁹, um, mais extenso, para Jorge de Sena, e outro de cartas inéditas para o amigo do casal, capitão João Sarmento Pimentel¹³⁰, exilado em S. Paulo, datadas dos anos 1980 e a cuja importante e anterior comunicação epistolar com Jorge de Sena, Mécia vai dar continuidade.

¹²⁸ A escrita deste fragmento de texto é devedora da leitura dos seguintes artigos de AMARAL, Ana Luísa – *Uma terra de ninguém com gente dentro: A(s) Impureza(s) da Poesia*. «Elyra. Revista da Rede Internacional Lyra Compoetics», 2, 12/2013, p. 9-24 e *Literatura Mundo em Novas Cartas Portuguesas: O Azulejo dos tempos*. «Elyra. Revista da Rede Internacional Lyra Compoetics», 1, 3/2013, p. 5-24.

¹²⁹ Espólio literário de Jorge de Sena, à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal, desde 2010. Sobre notas biográficas de Mécia de Sena [1919-], ver verbete respectivo de nossa autoria em FLORES, Conceição; DUARTE, Constância Lima; MOREIRA, Zenóbia Collares – *Dicionário de Escritoras Portuguesas*. Ob. cit., p. 270; também LAGE, Maria Otília – *Correspondência(s) Mécia e Jorge de Sena: rede de afectos e exílio luso-americano. Uma aproximação no quadro dos estudos interculturais*. Ob. cit.

¹³⁰ Espólio à guarda da Biblioteca Municipal de Mirandela, Biblioteca João Sarmento Pimentel. João Maria Ferreira Sarmento Pimentel [Eixes, Mirandela, 14 de Dez. de 1888 – S. Paulo, 13 de Out. de 1987] O Capitão Sarmento Pimentel, oriundo da velha aristocracia nortenha de Felgueiras, onde viveu a sua juventude, foi oficial de Cavalaria do Exército Português, escritor memorialista e político que se distinguiu no levantamento militar que levou à implantação da República em 5 de Outubro de 1910, na luta contra a Ditadura Nacional e o Estado Novo, e na participação noutras campanhas militares portuguesas. Membro da direcção da Revista Seara Nova e chefe de gabinete de Ezequiel de Campos num governo republicano (1923-1924), foi opositor ao golpe de estado de 28 de Maio de 1926 que levou à Ditadura do Estado Novo, tendo nessa sequência sido expulso do Exército e exilado em S. Paulo onde morreu, aos 99 anos, só regressando temporariamente a Portugal no pós 25 de Abril de 1974. No seu longo exílio político, foi co-fundador do Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses, Pró-liberdade de Expressão, (1956, com sede em São Paulo e Rio de Janeiro), editou *Memórias do Capitão João Sarmento Pimentel* (1963), obra completada em 1974, em Portugal. No Brasil publicou ainda o livro *Pimpinela* (1928), a biografia *O Exilado de Bougie* (1942), *Terra Ardente* (1944) e *Magnífica Aventura* (1972). Para além da actividade literária destacou-se na indústria e entre a comunidade portuguesa de S. Paulo onde presidiu à Casa de Portugal. Doou a sua biblioteca à cidade de Mirandela que lhe erigiu um monumento e deu o seu nome à Biblioteca Municipal.

Cartas de Mécia para J. Sarmiento Pimentel: intervenção cívica e política

Mécia de Sena, que desde 1969 a 1977, se correspondera com Sarmiento Pimentel, individualmente ou em conjunto com Jorge de Sena¹³¹, retomará essa correspondência depois da morte do marido, reatando a profunda amizade, apreço e respeito mútuos que caracterizaram a estreita relação entre Sena e o Capitão João Sarmiento Pimentel, tecida de afinidades literárias em que se destaca o culto a Camões, e de prolongada luta contra o fascismo português. Tal substrato, adiante analisado, contribui aliás para tornar mais compreensiva a análise das dez cartas de Mécia de Sena para Sarmiento Pimentel, que continuava exilado no Brasil, escritas entre Maio de 1981 e Outubro de 1986, que aqui se abordam¹³².

Observem-se os seguintes fragmentos de uma carta enviada de Londres em 28/5/1981 por Mécia de Sena a seu «Queridíssimo Comandante», João Sarmiento Pimentel:

Como o compreendo! Aquele país [Portugal] não está para gente decente, está para os picaretas, cada vez mais picaretas e medíocres – também eu lá não vou desde que nos encontramos, nem faço tenção de lá voltar – bem basta o que de longe me enoja.

(...) um dos meus cuidados tem sido reunir em volumes, no justo diálogo, as cartas daquela preciosa correspondência [entre Jorge de Sena e João Sarmiento Pimentel] que o tornarão o vulto nobre que muita gente desconhece.... Se como me anuncia o Jacinto Baptista, lhe envia a correspondência do meu marido, permite-me que organize essa correspondência e que a publique em volume? Vai sair em breve a correspondência Jorge/Guilherme de Castilho, a primeira que consegui recolher e organizar e tenho duas editoras abertas e de braços estendidos à minha iniciativa: Imprensa Nacional (onde sairá este volume) e Ed. 70. Mas queria que escrevesse uma introdução para esse precioso diálogo. Posso contar com isso? Porei na organização todo o cuidado e carinho de que os livros anteriores lhe serão penhor e será para mim uma honra imensa fazê-lo...

Espero que tenha recebido não só estes volumes de que me fala mas todos os outros que lhe tenho enviado e continuarei enviando.

Esta carta tem ainda a particularidade de sinalizar a presença de Mécia de Sena em Londres, onde residiu pouco depois da morte do marido, apoiada com uma bolsa da Gulbenkian para preparar e dar início à sua vastíssima tarefa de edição póstuma da obra seniana que iria prosseguir por longos anos, sem desânimo ou interrupção.

No ano seguinte, em carta de 12/11/82, enviada de Santa Bárbara, Mécia de Sena, após ter regressado de Lisboa, onde estivera 6 semanas, depois da sua saída definitiva de

¹³¹ Veja-se a seguinte referência concreta a 6 cartas de Mécia para Capitão Sarmiento Pimentel constante da Correspondência inédita Jorge de Sena/Sarmiento Pimentel, conforme relação elaborada por Mécia de Sena; Cartas de: Madison – 7/1/69; Santa Bárbara – 23/2/73; 24/9/74; 21/4/76; 31/8/76; 23/3/77 (carta conjunta: Mécia e Jorge de Sena). Essa relação que generosamente nos foi cedida por D. Mécia, acompanhada de curta introdução a esta correspondência, foi publicada por nós no site «Ler Jorge de Sena» da UFRJ.

¹³² Consultados no espólio J. Sarmiento Pimentel à guarda da Biblioteca Municipal de Mirandela.

Inglaterra, agradece a generosa nobreza do Capitão que lhe enviara, pelo amigo comum, Fernando Lemos (artista plástico e escritor, exilado político no Brasil) os originais da correspondência de Jorge de Sena que lhe haviam sido entregues em 2 pastas por Jacinto Baptista. Informa-o de que uma vez copiado e dactilografado todo esse material o enviará para a Gulbenkian em Lisboa, para integrar, como «valiosa contribuição», o espólio literário de Jorge, aí depositado¹³³, e pede-lhe escreva uma introdução a esse «diálogo» e a sua colaboração para a ajudar a esclarecê-lo nas notas bibliográficas.

Confessa-lhe, a sua preocupação cívica e patriótica para com a situação que Portugal então atravessava, em profunda crise económica financeira e social:

Aquele nosso pobre País, continua a saque e ninguém está interessado em fazer nada por ele. Toda a gente pensa nas suas próprias opiniões e em impô-las, sem a mínima consciência democrática mas com muita malcriação, falta de vontade de trabalhar e sobretudo inconsciência total da responsabilidade que a liberdade implica. Às vezes penso que o que toda a gente quer é voltar a um regime de força, que é afinal o mais simples porque nada pede responsabilmente a ninguém. Uma tristeza. Lisboa está a ser sistematicamente destruída e a perder aquele encanto de fim de século e anos vinte que lhe era peculiar, mas nada se fez ou faz para deter a destruição, e, para ficar mais barato, deixam-se os prédios pura e simplesmente cair de abandono. Inacreditável!

Observe-se a sua capacidade de indignação que caracteriza a sua atitude cívica, sentido de responsabilidade e atenção à coisa pública e ao bem comum.

Depois, Mécia dá-lhe conta da sua recente estadia no Brasil, onde experimentara uma evocação sentida de memórias e participou nas comemorações da 1.^a República Portuguesa que, em sentido crítico, comenta:

Arrastada por amigas demorei-me por esses Brasis bem mais do que contava. (...) De resto vê-lo e falar-lhe foi o ponto alto da minha visita a esse país e a ela deu todo o sentido, que de outro modo seria como ir a Roma e não ver o Papa. Como que transportando em mim tanta gente lá estive presente à comemoração do 5 de Outubro que me pareceu ter perdido todo o brilho e sentido, porque eles estavam na dignidade daqueles que não estavam presentes por circunstância ou traição da vida. O que eu vi foi uma coisa nostálgica a que as suas palavras e as do Lemos deram altura condigna, por alguns momentos.

Tinha levado para lhe entregar pessoalmente um recente livrinho que agora aqui vai, mas quando cheguei a S. Paulo levava já as mãos vazias tanta gente me pedira exemplares da obra de Jorge, que eu nem por sombras levava comigo¹³⁴.

¹³³ Parte do espólio literário de Jorge de Sena que esteve à guarda da FC Gulbenkian, durante anos, foi entregue, em Abril de 2009, à Biblioteca Nacional de Portugal, para ser aí todo reunido.

¹³⁴ Noutra carta enviada de Santa Bárbara, em 30/10/1983.

Perspicaz observadora da situação político-cultural de Portugal nos anos 1980, como se nota em sua escrita epistolar, Mécia relata, desanimada, ao amigo as diligências que aí fez junto de personalidades influentes como o então Presidente da República Portuguesa, General Ramalho Eanes, relativamente à recente promoção do Capitão que não fora acompanhada como deveria, do respectivo soldo, mostrando-se inquieta: «Mas naquele País toda a gente está surda e não confio por aí além em que me ouçam, se outras vozes mais fortes e poderosas não foram ouvidas».

Aliás, tais diligências para que fosse feita justiça à nobreza e coragem de seu amigo, João Sarmento Pimentel, colhem fundamento no que sobre ele escrevera Jorge de Sena no seu célebre prefácio à obra ímpar do género memorialístico que ele escreveu «As memórias do Capitão»¹³⁵: «Afinal, ainda Portugal vai dando, numa mesma pessoa, homens e escritores».

Mas a preocupação com o amigo e a sua determinação em intervir para que lhe seja feita justiça continua viva e assim expressa nesta carta, de Santa Bárbara, 18/12/83:

Uma pessoa minha amiga, que tinha posto em campo para saber como andavam as suas coisas, telefonou-me ontem, dizendo que o seu caso estava entregue ao Víctor Alves [um dos capitães de Abril, elemento destacado do célebre Movimento das Forças Armadas, MFA, protagonista decisivo da Revolução do 25 de Abril de 1974, em Portugal] e que ele prometera fazer o que fosse possível e sem mais delongas.

Claro que nunca se sabe o que aquela gente chama eficiência e pressa, mas, se houver alguma alteração no estado de injustiça em que o colocaram em relação ao mais que justo generalato, muito lhe agradecia que me avisasse. (...)

As notícias que recebo de Portugal são de cada vez mais desanimadoras: o país está a saque: clientela, roubalheira, fazer nada – três palavras-chave. (...)

Tal preocupação que nada faz esmorecer, nem sequer as obrigações públicas de representação de Jorge de Sena em momentos oficiais, ou o constante trabalho de edição seniana e o constante acolhimento, na mais franca hospitalidade, de investigadores em sua casa, volta a assomar mais tarde:

Estou de partida para Lisboa, onde deverei assistir à estreia semi-oficial do filme sobre o Jorge – não me será fácil, mas... noblesse oblige!

Esteve aqui de passagem a Secretária de Estado da Emigração [então Maria Manuela Aguiar] a quem mais uma vez falei na injustiça de sua situação de soldo inadequado. Ela tem pelo meu querido Amigo, uma enorme consideração e respeito e disse-me até que, indo, como deverá ir, dentro de alguns meses ao Brasil, o procurará para lhe manifestar esse respeito. Falou-me até em ir ver se conseguia que uma equipa lhe fosse fazer uma entrevista e filmá-lo, para o que indiquei o Lemos como seguro colaborador. Vamos a ver o que daqui sairá.

¹³⁵ PIMENTEL, João Sarmento Porto – *Memórias do Capitão*. Porto: Editorial Inova, 1974. Prefácio de Jorge de Sena.

Peço-lhe que me perdoe o atraso desta carta, mas tive aqui quatro hóspedes brasileiros durante cinco semanas que me puseram a casa e os trabalhos em cangalhas. E, logo em seguida, tive de concentrar-me em ver provas de três livros que entretanto chegaram, um dos quais a reedição da Canção de Camões que tão bem conhece e é o mais belo monumento que jamais se ergueu ao nosso Poeta Maior¹³⁶.

Mécia de Sena continua a ser uma observadora arguta e crítica da situação política e cultural do seu país de origem, situação que tanto lhe desagradava, e a isso se refere em quase todas as suas missivas.

Nesta curta correspondência com o amigo Sarmento Pimentel, que radicado em São Paulo, contava então 96 anos, mantém uma ponte de ligação ao Brasil, através do envio de livros e informações sobre a actualidade literária, numa relação extremamente afectuosa e grata pela compreensão e cuidado por ele demonstrados face ao terramoto que assolou S. Francisco e Santa Bárbara, fenómeno natural frequente nessa zona da Califórnia que contribuiu para a decisão de Mécia enviar para Portugal o espólio literário de Sena.

E fico contente que lhe tenham chegado os volumes das Líricas... É um monumento de generosidade que ninguém poderá negar e ainda bem que finalmente se desencravaram porque estavam a fazer imensa falta. E eu não sabia que o Estadão retomara o seu suplemento agora modernizado e com bastante leitura. Foi sempre graças à sua amizade que nos mantivemos em contacto com o que se ia fazendo por aí e nestes últimos anos fiquei um pouco cortada de tudo, pela interrupção dos envios. Muito obrigada¹³⁷.

Sobre o mundo das suas relações mantidas em Portugal, em carta anterior, lamentara, comovida e fragilizada, a perda de duas notáveis mulheres do meio cultural português, suas amigas de longa data: a escritora feminista Maria Lamas, a «avó Maria», como lhe chamava, dada a estreita convivência, no Restelo, Lisboa, entre seus netos e os filhos de Mécia e Alice Gomes Casais Monteiro:

(...) vivo apavorada com o círculo de silêncio que se vai apertando à minha volta. (...) No meio de tudo isto ando ainda a curar-me da tremenda comoção que foi voltar ao Brasil. Não há dúvida que a vida fica mesmo «em pedaços» pelo mundo em que se viveu, irremediavelmente¹³⁸.

Sinal evidente da sua resistência inquebrantável vamos encontrar neste final de outra carta (Santa Bárbara, 19/12/83) em que se define a si própria: «Enfim... nasci no dia da Maria da Fonte... e do Camilo, por certo não por nada»¹³⁹.

¹³⁶ Carta de Santa Bárbara de 15/3/84.

¹³⁷ Carta de Santa Bárbara, 23/10/84.

¹³⁸ Na mesma carta de 18/12/83.

¹³⁹ Referência ao dia de 16 de Março, em que nasceu Camilo Castelo Branco e Mécia de Sena e que assinala o início da Revolta da Maria da Fonte, em 1846. Esta também conhecida como Revolução do Minho, foi uma revolta popular contra o governo

Alude à luta incansável que encetou para lhe serem devolvidos os originais de uma profusão de cartas, fotografias e outros documentos pessoais apreendidos pela PIDE/DGS (antiga polícia política da ditadura salazarista), que considera propriedade roubada, delito comum, violação de correspondência e infracção aos direitos humanos, nacionais e internacionais. Nessa sequência, convida-o, porque, como diz «a sua fibra não amolece» e «o seu nome ao lado do meu daria um peso de respeito e força» a juntar-se a esse seu «processo/protesto/reivindicação», pronunciando-se junto de Luís-Francisco Rebelo, seu representante, a quem se refere como «actual (e já um pouco antigo) presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, a quem recorri porque a Associação de Escritores é um Clube Recreativo que não serve para nada»¹⁴⁰.

Sobre este episódio revelador de alguns desmandos verificados em Portugal, logo a seguir ao 25 de Abril, com os arquivos da PIDE, designadamente a polémica de apropriação pública de documentos particulares, sem o consentimento de seus proprietários, Mécia dá conta dos resultados da sua desassomburada posição:

Não sei se lhe disse que, depois de uma nega seca, recebi ofício do Tito de Morais [engenheiro e político português, filho do almirante da I República, Tito Augusto de Morais, que entre outros muitos cargos políticos destacados que exerceu depois do 25 de Abril, era nesta altura, Presidente da Assembleia da República] dizendo-me que «a título especial» me permitiam fazer fotocópias de correspondência do Jorge e minha, ou para nós, existente nos arquivos da PIDE. Aceitei em princípio atendendo a que aquela gente é doída e pode lhes dar na veneta de tornar a achar que se deve fazer um auto-de-fé a todo o arquivo. Mas escrevi uma carta ao Tito de Morais bastante forte chamando-lhe a atenção que fazer cópias era perpetuar o roubo e abrir a possibilidade de quem as fizesse as fazer em duplicado ou roubar ou acrescentar ou deturpar os documentos, e que além disso, eu tinha o direito de saber o que os relatórios diziam e de lhes dar a publicidade que eu entendesse. De qualquer forma tudo isto foi extra-curricular, visto que o caso está a ser tratado, como lhe disse, pela Sociedade Portuguesa de Autores. Mas estou disposta a ir ao Tribunal dos Direitos Humanos, se necessário, não me calam com nacos bolorentos»¹⁴¹.

Idêntica determinação e combatividade, aliadas a um elevado sentido crítico, de quem sabe bem pelo que luta e como deve fazê-lo, aqui bem expressa, numa linguagem terra-a-terra, fluente e certa, a propósito de uma questão do maior interesse para o

de Costa Cabral, no contexto de tensões sociais e guerras liberais e do grande descontentamento popular face às novas leis de recrutamento militar, alterações fiscais e proibição dos enterros nas igrejas. Iniciada no Minho com uma sublevação popular estendeu-se a todo o norte de Portugal. A instigadora dos motins iniciais terá sido uma mulher do povo chamada Maria, natural de Fontarcada, *Maria da Fonte*. A insurreição resultaria na guerra civil de 8 meses, a Patuleia, que terminou com a intervenção de forças militares estrangeiras. Sobre este movimento escreveu, entre outros, Camilo Castelo Branco [1825-1890].

¹⁴⁰ Carta sobre o mesmo assunto, enviada a 13/1/84.

¹⁴¹ Carta já referida de 23/10/84.

património documental nacional, sempre Mécia de Sena colocou também no inestimável serviço e provas dadas a que nunca se eximiu no exemplar processo de divulgação da obra seniana. Senão, vejamos:

É que, tendo ido a Portugal para uma homenagem que se fez ao Jorge na Faculdade Técnica de Lisboa (em Almada) fui ficando porque entretanto se anunciava a estreia do Indesejado¹⁴² que, como sabe, nunca fora à cena. E, como a estreia foi adiada duas ou três vezes, a minha estadia foi-se prolongando. E chegou o grande dia. E, apesar das condições de apresentação serem bastante deficientes: numa sala exígua da Gulbenkian, com cenários paupérrimos e sem recursos, sem guarda-roupa apropriado, sem tempo suficiente para ensaios, e até com acústica má, o espectáculo foi um êxito e resultou lindíssimo graças ao texto que provou ser belíssimo e com todas as necessárias condições teatrais. Foi para mim uma imensa alegria ter chegado a ver aquela peça que o Jorge tanto desejou ver, mas foi também um desgosto não o ter ao meu lado a colher aquelas merecidos louros¹⁴³.

Mécia de Sena domina um imenso capital cultural que a torna observadora atenta e crítica mas cúmplice dos mais variados acontecimentos culturais e literários que desde muito nova se habituou a frequentar, sempre em contacto próximo e íntimo com o mundo da literatura onde sempre se moveu, nunca abdicando da experiência do «real». É disso testemunho, a mesma carta:

E com tudo isso e mais a dificuldade que é, naquela pátria de tanta gente importante, falar seja com quem for, só regressei à base no fim de Agosto. E cheguei cansada, até porque não só sabia que o O'Neill não duraria mais que dias (e morreu no dia do meu regresso) como deixei também as despedidas feitas com o Ruy Cinatti, que se finou no dia 12. E não é fácil como tão bem sabe e sente, ver partir os companheiros de luta e de vida. Falei com o Jacinto Baptista ao telefone e senti-o enfraquecido – tenho a impressão que não se animará a organizar a correspondência sua com o Jorge, como lhe tínhamos pedido.

Relevam nestas cartas a sua voz livre e independente, o seu desassombrado discurso, a sua límpida escrita de mulher multifacetada, bem como características marcadamente vivenciais e de sentido literário, já evidente nas suas cartas para Jorge de Sena, nos dois períodos: de amor e juventude e de exílio no Brasil, atrás sinalizadas.

Destaca-se a sua dimensão humana polifacetada, numa escrita inconfundível, em que recorta impressões vivas, relatos e narrativas e, sempre, a descrição comentada dos lugares, das pessoas, das coisas e dos acontecimentos, mantendo viva a expressão de um sentimento de deslocamento, de enorme experiência de vida e de estreita proximidade com os outros.

¹⁴² A primeira peça de teatro escrita por Jorge de Sena, «O Indesejado (António Rei)» e publicada pela primeira vez em 1951, por Cadernos das Nove Musas, em separata de Portucale.

¹⁴³ Carta de 30 de Outubro de 1986.

Num tom pessoal e isento de estereótipos, tece argutas argumentações e pertinentes comentários, desvendando, nas intertextualidades de sua escrita, meandros subtis da história portuguesa, sempre presentes. A saudade e o desconforto de quem vive fora de sua terra natal não deixam de se manifestar numa aguda consciência de mulher em condição também de exílio, expressa nas lembranças constantes e nas críticas contundentes que questionam recorrentemente os vícios e desnortes que diz existirem em Portugal, sua pátria, onde se suspende uma certa ilusão de segurança e esperança fugidia mas recorrente. Para além desses atributos intrínsecos à sua escrita de resistência, no pendor acentuadamente documental deste pequeno núcleo de cartas, se delineiam ainda, de modo indirecto, mas nítido, traços fundamentais destas três notáveis figuras da cultura contemporânea portuguesa, sua vivência no Brasil e declarada oposição política-cultural ao fascismo português. As suas trajectórias biográficas e intelectuais entrelaçam-se estreitamente com a história das duas mais importantes cidades brasileiras – S. Paulo e Rio de Janeiro, onde tiveram uma activa intervenção cívica numa extensa e diversificada rede de relações literárias e artísticas, em que interagiram com relevantes figuras da cultura, da política e da história dos dois países, com quem construíram amizades, mantiveram frequentes contactos e desenvolveram actividades conjuntas¹⁴⁴.

Vivendo num entre-dois, ou seja, entre Portugal e os países de exílio, Mécia de Sena é obrigada «a habitar duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas», sendo, portanto, a partir desse entre-lugar que produz uma escrita de carácter eminentemente político no sentido de transformador, fazendo de sua prática de escrita uma voz militante de intervenção social e cultural em direcção ao seu país de origem.

Sempre inconformada com os sinais de obscurantismo e letargia da sua pátria, que denuncia e se viu obrigada a deixar, num período sombrio da sua história recente, mas cujas memórias mantém vivas, Mécia de Sena não deixa nunca de invectivar a pobreza cultural, os silêncios e os esquecimentos com que o seu país trata, em geral, os que votou ao exílio (in)voluntário, à emigração forçada e à diáspora.

Radicada no Brasil entre 1959 e 1965 e depois nos U.S.A., Wisconsin-Madison e Santa Bárbara, Califórnia, onde actualmente vive, Mécia de Sena, como todo o exilado ou imigrante, parece necessitar ainda de fazer «a viagem da origem» (Daniel Sibony), não para voltar ou ficar, mas para não mais ter que voltar compulsivamente. Libertando-se do peso do passado, o ser diaspórico pode então estabelecer laços mais fortes com as outras culturas em que está inserido.

Assim, fazer o luto da origem significa, não abdicar dela, raiz primeira, mas «pensar nas coisas, entre as coisas, justamente fazer rizoma e não raiz, traçar a linha e não o ponto»¹⁴⁵,

¹⁴⁴ Cotejar o corpo final de notas do volume LAGE, Maria Otília, org. – *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)*. Ob. cit.

¹⁴⁵ DELEUZE, Gilles – *Diálogos*. Tradução de José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio d'Água, 2004, p. 38.

num processo complexo de construção de uma identidade rizomática, pautado pela negociação contínua entre diferentes culturas postas em relação e pelas representações constantes que marcam a memória e o imaginário de sua cultura de origem.

Neste registo de resistência se poderá entender ainda Mécia de Sena e a sua produção escrita aqui analisadas, num sentido de «devir-mulher»¹⁴⁶, que interiorizando representações de alteridade, se apropria do seu passado e o reverte, comprovando, até no plano da escrita, que as formas de violência inerentes à política e ao poder, se revelam uma estratégia de força a denunciar.

A macro e micro análise que se aplicou à genuína e original escrita de Mécia de Sena, diferenciada mas complementar ao nível da produção epistolar e micro-textual, permite-nos entender essa como obra peculiar de autoria feminina, construída em interacção com a intensa criação literária, incluindo a produção epistolar de Jorge de Sena¹⁴⁷ que se inscreve na melhor tradição da epistolografia portuguesa.

A escrita epistolar de Mécia desde muito jovem e sempre, regularmente, praticada, apresenta um estilo certo e directo, uma linguagem realista e espontânea, mesmo quando aborda acontecimentos públicos e problemas de injustiça social, liberdade política e democracia participativa, sem nunca deixar de valorizar a coragem, a seriedade, a combatividade pelos ideais humanos mais elevados, a par de um constante interesse, sem sentimentalismos triviais, pelas vivências e problemas pessoais dos seus numerosos interlocutores.

Percebe-se como Mécia recorre habilmente a um fino sentido de humor e ironia em que se manifesta a alegria de experimentar todas as facetas da vida. Isso lhe permite esboçar, sob o registo acutilante de um olhar atento, sábias reflexões ditadas pela sua entrega total ao mundo e à sua época, quando fala de si ou narra episódios e acontecimentos marcantes dos tempos e lugares determinados onde lhe foi dado viver.

¹⁴⁶ Destacam-se entre outras já preparadas para edição mas ainda não publicadas, como a correspondência de Jorge de Sena com Eugénio de Andrade e com João Sarmento Pimentel, os seguintes volumes da Correspondência de Jorge de Sena, organizados, prefaciados, anotados e editados por Mécia de Sena ou, alguns, poucos, com o seu consentimento expresso de publicação: Jorge de Sena/Guilherme de Castilho (1981), Mécia de Sena/Jorge de Sena: Isto tudo que nos rodeia: cartas de amor (1982), Jorge de Sena/José Régio (1986), Jorge de Sena/Vergílio Ferreira (1987), Cartas a Taborda de Vasconcelos (1987), Eduardo Lourenço/Jorge de Sena (1991), Jorge de Sena/Edith Sitwell (1994), Dante Moreira Leite/Jorge de Sena: registos de uma convivência intelectual (1996), Jorge de Sena/José Augusto França (2007), Sophia Mello Breyner/Jorge de Sena (2006, 2.ª ed.). A correspondência de Jorge de Sena com António Gedeão, que foi seu professor foi publicada em António Gedeão – Obra Completa (2004) e com o Padre Manuel Antunes, em volume da Obra Completa do mesmo autor (2010), publicada pela Universidade Católica. Mais recentemente foram publicados mais os seguintes volumes: Correspondência 1943-1959: Delfim Santos e Jorge de Sena (2012); Correspondência 1952-1971: Jorge de Sena, António Ramos Rosa (2012); Correspondência Mécia de Sena e Jorge de Sena (Brasil, 1959-1965): Vita Nuova (2013); Correspondência 1943-1977 – Jorge de Sena e João Gaspar Simões (2013); Correspondência 1969-1978: Jorge de Sena – Carlo Vittorio Cattaneo (2014).

¹⁴⁷ DELEUZE, Gilles – *Diálogos*. Ob. cit., p. 12-20.

Sem nunca revelar medo de expor-se, numa linguagem clara e límpida, assim se vai definindo, imperceptivelmente, até se nos revelar inteira e densa, mulher de elevada cultura e íntegra personalidade.

A sua prática epistolográfica, temperada por uma resistência continuada e num futuro com memória, que a preparou para realizar a proeza extraordinária de, durante mais de 30 anos, ter mantido vivo o trabalho de consagração da obra seniana, ao ter sabido lidar como ninguém, em Portugal, até hoje, «a relação com o outro», mantendo um «diálogo ininterrupto e sempre inacabado», a prática epistolográfica de Mécia é paradigmática da experimentação de uma escrita de sobrevida, dentro de si, fora de si, que os seus «Flashes» literariamente revelam.

CAPÍTULO 3

DA CORRESPONDÊNCIA INÉDITA
ENTRE MÉCIA E JORGE DE SENA

A análise do capítulo anterior sobre a escrita epistolar e micro-textual de Mécia de Sena, privilegiando o domínio do literário é agora complementada por uma leitura na perspectiva sócio-histórica centrada numa abordagem panorâmica e mais descritiva da correspondência estadunidense, ainda inédita. Contextualiza-se esta correspondência produzida e ora observada sob o signo da viagem, no conjunto da troca epistolar entre Mécia e Jorge de Sena, nos seus três ciclos. A mesma é previamente introduzida por um quadro sucinto das suas características gerais.

O discurso epistolar, na sua dimensão socializante, que acolhe, para além do olhar sobre o próprio processo, permite ao estudioso acompanhar a complexa produção de um texto, em suas diversas etapas, o qual contém muitas vezes informações substanciais em que é possível privilegiar o estudo de registos do quotidiano, através de lembranças de factos ou de momentos significativos da vida do autor e seus interlocutores.

No caso específico desta correspondência, é possível observar como os interlocutores se relacionam com o mundo, como constroem seus projectos de vida, éticos e/ou estéticos, notar a sua admiração recíproca, a cumplicidade e a necessidade de aceitação, pelo que se deverá tentar projectar o denso itinerário de uma vida, a partir de traços dispersos da trajectória de uma personalidade de grande valor e complexidade, como já se ensaiou na aproximação feita na primeira parte do capítulo anterior. Isto porque tais são aspectos mais imediatamente visíveis na correspondência aqui tomada, sobretudo, como repositório incontornável de memória e história.

O seu estudo permite ver e sentir a actividade de emissores e destinatários, conhecer suas preferências, gostos e desejos, acção e itinerários de vida e criação, contactos íntimos, etc., e mesmo processos de criação literária que aí se espelham.

Mas como escrever é também sobreviver, as cartas ou narrativas epistolares, para além de textos em que há que desvendar a subjectividade, entrando assim num mundo surpreendente, rico e frequentemente inesperado, podem ser consideradas simultaneamente documentos históricos a estudar em seus contextos específicos.

A escolha de uma forma como a carta, para plasmar ideias, alimentar debates e expor pensamentos, é sempre sintoma da valorização de uma postura discursiva orientada para o outro, partilhando das propriedades formais do discurso epistolar: a sua carga (inter-)subjectiva e o seu carácter dialógico, fragmentário e polifónico em que perpassam os estímulos da criação mas também os da descrição de realidades pessoais e históricas.

A carta é um espaço de liberdade e de polémica – porque, na sua ambiguidade, liberta dos espartilhos estilístico-formais que afectam outros géneros; é um espaço textual que se presta à expressão de opiniões e ao debate, e que, aproximando-se do leitor, gera um espaço dialógico de interacção, em que o sujeito escritor passa um testemunho, dirige mensagens, tentando agir directamente sobre a opinião e a cognição do seu interlocutor. Fá-lo sem constrangimentos, pois a própria forma epistolar confere-lhe a liberdade para poder recorrer a um estilo simples e coloquial, dando-lhe a possibilidade de aproximar o seu discurso da fluidez da conversa quotidiana; para além deste aspecto, o autor goza de uma outra

liberdade que advém do carácter fragmentário do discurso epistolar: pode desenvolver um raciocínio nómada e errante, longe de estar totalmente encerrado, um raciocínio em curso e com um carácter aberto. (...) São as dimensões comunicacionais e políticas que historicamente configuraram a carta como elemento do espaço público mediático¹⁴⁸.

Essa aproximação socio-histórica às cartas, elementos ilustrativos de um dado processo social e histórico de que fazem parte, permite não só apreender com maior acuidade o período histórico em que essa correspondência foi produzida, através de uma análise histórica e ideológica de contextos específicos dos textos epistolares, mas também evidenciar vocações e afinidades literárias, impressões, convicções, crenças, princípios políticos, próprias e/ou de seus interlocutores, em especial quando, como é aqui o caso, se trata de figuras públicas que estão geralmente envolvidas em determinados momentos sociais, culturais, políticos e históricos que podem revelar-se ou vir a revelar-se dominantes.

A correspondência caracteriza-se por uma linguagem própria e não uniforme, já que os aspectos individuais e colectivos, sociais e culturais da produção e motivação das correspondências trocadas, embora revelando fortes afinidades, são sempre diferentes. A preocupação com o destinatário, seu perfil, posição social, inclinação moral e ética, simpatias ou antipatias, etc., determinam em grande medida os modos de elaborar uma correspondência, a escolha do género de enunciado e recursos estilísticos, ou seja o estilo dos enunciados, bem como condicionam a sua compreensão e respostas¹⁴⁹.

3.1. CORRESPONDÊNCIA NORTE-AMERICANA: SOB O SIGNO DA VIAGEM¹⁵⁰

O trabalho que Mécia de Sena desenvolveu ao longo de uma vida ao lado de Jorge de Sena encontra o seu registo mais próximo e fiel na correspondência entre ambos nas diversas fases de suas vidas em comum. É por isso que ao pretender-se homenagear Mécia de Sena, será difícil poder fazê-lo sem recorrer à principal fonte de seu testemunho de vida presente na abundante e regular correspondência com Jorge de Sena, tanto mais que a sua obra «Flashes» se encontra ainda, aliás como essa, em larga medida inédita e cuja responsabilidade de edição lhe cabe por inteiro.

¹⁴⁸ PEIXINHO, Ana Teresa – *O Epistolar como modo comunicacional da imprensa de opinião no século XIX*. Universidade de Coimbra/CEIS20. Disponível em <http://conferencias.ulusoфона.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/> [Consulta realizada em 12/03/2011].

¹⁴⁹ BAKHTIN, Michael – *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

¹⁵⁰ Título de ensaio que escrevemos, correspondendo a convite que nos foi generosamente feito para participar na recente iniciativa académica do Professor Cota Fagundes de organização/edição de obra colectiva de estudos sobre Jorge de Sena dos últimos 30 anos, homenageando Mécia de Sena, publicação tanto mais importante quanto contribuirá para devolver notoriedade e visibilidade, a quem sempre pautou a sua vida e acção excepcional por uma enorme discrição.

Sendo assim, a sua intensa e regular produção epistolar durante mais de três décadas, é que nos poderá dar melhor conta das suas múltiplas vicissitudes, desafios e realizações que dão corpo e memória viva às suas diversas trajectórias biográficas e a um trajecto comum, a par e passo comentado e dialogado em íntima interacção. Nessa medida a correspondência Mécia e Jorge de Sena já publicada¹⁵¹ e ainda inédita, como a correspondência do período norte-americano (1968-1974), aqui abordada, configura-se como uma imprescindível fonte documental para o estudo da figura de Mécia de Sena.

À «Vita Nuova» de que as cartas do exílio brasileiro dão conta, segue-se o acervo das cartas com origem e destino nos U.S.A., que, por corresponderem à fase final da vida em comum, assumem um valor de natureza quase testamentário, podendo assim esclarecer o período seguinte em que Mécia de Sena, singular e exemplarmente assumiu o legado de Jorge de Sena, dando execução, de uma forma ordenada e sistemática ao testamento implícito de prosseguir a fixação do texto, organização, periodização e divulgação da obra-vida seniana, ainda incógnita.

Em que medida se pode perceber através destas cartas estadunidenses como poderão ter contribuído para a injunção a que Mécia de Sena tem dado cumprimento?

Para além disso, mas também de pertinência fundamental, perguntamo-nos ainda: de que natureza é a relação (não binária de modelo identitário) estabelecida entre Mécia e Jorge de Sena e até que ponto a sua compreensão contribui para esclarecer quem é afinal Mécia de Sena, singularidade complexa em processo sócio-cultural aberto de incompletude e inexorável e ininterrupta construção performativa¹⁵²? Se para a série epistolar «Vita Nuova» o *leitmotiv* é o exílio voluntário do casal Sena em demanda das condições de liberdade inexistentes em Portugal e enquanto perduraram no Brasil, as cartas da América têm na viagem o *leitmotiv* principal.

Estabelecidos no então centro do mundo, anos 1960-1970, o escritor de «língua portuguesa que nunca deixarei de sê-lo», procura na Europa as raízes da cultura de que é agente com obra reconhecida e revisita África e Portugal.

Ora, as cartas de Mécia são testemunho desse movimento em que ela é como que o ponto fixo, base primordial de ancoragem que os *Diários* de Sena¹⁵³ deste mesmo período explicitamente documentam e que aqui convocamos também como outra fonte de arquivo imprescindível enquanto contraprova desta correspondência e meio de acesso privilegiado a uma compreensão não estereotipada do lugar de Mécia na vida de Jorge de Sena. Mas porque essas cartas nos surgem ainda como roteiro e eco das viagens de Jorge de Sena

¹⁵¹ SENA, Mécia de, *apres., org., notas – Mécia de Sena/Jorge de Sena, Isto tudo que nos rodeia, Cartas de Amor*. Ob. cit. Ver também COSTA, José Francisco – *Correspondência de Jorge de Sena: um outro espaço da sua escrita*. Ob. cit.; LAGE, Maria Otilia – *Correspondência(s) Mécia/Jorge de Sena (evocação de Carrzeda, anos 1940)*. Ob. cit.; LAGE, Maria Otilia, *org. – Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)*. Ob. cit.

¹⁵² Ver BUTLER, Judith – *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. [New York]: Routledge, 1990.

¹⁵³ Edição póstuma de Mécia de Sena (Porto, Caixotim, 2004).

fixado igualmente em suas anotações diarísticas, abordamos em correlação a temática da viagem.

Reflectimos por fim sobre a acção transfiguradora de uma experiência única protagonizada por Mécia de Sena, herdeira natural e universal da obra literária do marido, de que é ainda a primeira leitora, interlocutora e imprescindível confidente.

Considerando então a sobrevida de Mécia de Sena, imersa na cultura e na literatura, pela obra de Jorge de Sena, e desta pela sua acção decisiva, reflecte-se também sobre o cumprimento da injunção por si assumida de escrupulosa e sistemática execução do legado intelectual e literário seniano, sob a forma de uma responsabilidade como que nascida de um segredo de que só nos podemos aproximar pelos seus efeitos.

As cartas norte-americanas de Mécia: ancoragem de vida em suspensão

A escrita epistolar é, e sempre foi, uma regularidade em Mécia de Sena, base essencial, intensamente agida na constante construção da sua vasta rede de contactos e amigos, mas especialmente, na relação ímpar com o marido, de quem se tornaria esteio e seguro porto de abrigo.

Ausente de Portugal há mais de 50 anos, desde Outubro de 1959, início de seu exílio no Brasil, Mécia de Sena tem continuado a manter estreito e regular correspondência com familiares, amigos, editores, escritores e poetas, leitores e investigadores da obra seniana de todo o mundo.

Este capítulo assenta no estudo dos «repertórios» das cartas inéditas de sua autoria para o marido, em sucessivas viagens pela Europa, com passagens curtas por Portugal e África, durante o período norte-americano¹⁵⁴ (1968-1974), mas incide numa amostra recortada no manancial de 500 documentos (cartas, bilhetes postais, ilustrados e telegramas) que constituem esta correspondência. E porque esse recorte as amputa parcialmente das cartas-resposta de Jorge de Sena, importantes para a compreensão do diálogo mantido, como se pretendeu demonstrar ao incluir em extensa subrubrica própria o diálogo em espelho do ano de 1971 (fragmentos de cerca de 100 cartas), convocamos também, na segunda sub-rubrica do presente capítulo, os Diários de Sena da mesma época, obra póstuma publicada por Mécia cujas cartas, particularmente as dos finais dos anos 1960, se revelam como sua extensão importante e complementar.

¹⁵⁴ Este núcleo documental, é apenas uma parte do vastíssimo acervo de correspondência regularmente trocada entre Mécia e Jorge de Sena desde que se conheceram no início dos anos 1940, no Porto, e ilustra o intenso diálogo epistolar do período norte-americano, mantido durante 6 anos, de 1968 a 1974, com excepção do ano de 1970 em que se não regista qualquer correspondência, e compreende um total de 500 documentos epistolográficos (439 cartas, 38 bilhetes postais, 19 postais ilustrados e 4 telegramas), sendo 224 cartas da autoria de Jorge de Sena e 215 de Mécia de Sena.

O significativo *corpus* epistolar aqui considerado, distinto dos anteriores é, essencialmente, produzido sob o signo das inúmeras viagens de trabalho académico, literário e de investigação de Jorge de Sena repletas de contactos e relações interculturais e vividas na pendência do afastamento de casa, dos filhos, dos amigos, dos colegas e da mulher amada, que só esta correspondência quase diariamente mantida ajuda a suprir.

Nesta medida, as cartas da América (1968-1974), íntimas, familiares e amorosas entre o casal Sena, mas também de enorme valor documental e testemunhal são uma espécie de ponto de ancoragem em torno do qual gira um minucioso roteiro de vida intensa, roteiro sincopado e especular de viagens.

Documentam, por sua vez, o lugar de abrigo de exilados portugueses que é a família Sena, as intensas relações sociais mantidas por Mécia na ausência de Jorge e o difícil «american way of life» da época, em especial para os intelectuais¹⁵⁵.

Ainda, pela sua natureza de registo comentado dos acontecimentos internacionais marcantes dos anos 1960/70, e porque são uma reportagem pormenorizada de época, dariam matéria bastante para um romance de exílio de exílios, inegável que é o seu especial interesse sócio-histórico e cultural e o seu valor autobiográfico.

Os diferentes contextos sócio-históricos deste acervo epistolar é espaço-temporalmente bem diferente do de outras cartas de Mécia para Jorge de Sena, como por exemplo as cartas de enamoramento e amor dos anos 1940, em Portugal, ou as cartas posteriores de maturidade da fase brasileira (1959-1965) de uma vida nova que recomeça noutras condições de liberdade, ainda que num ambiente de exílio da pátria, que não da língua¹⁵⁶.

Nele se encontra ainda registada uma concentração de informações de múltiplos quotidianos – pessoais, familiares, sociais e políticos, profissionais, académicos e literários – e simultaneamente, emergem representações da vida, da cultura e da história dos Estados Unidos da América e da Europa, mormente, Portugal, e de África, através de constantes referências, comentários e envio de recortes de imprensa.

De facto, as cartas de Mécia (como aliás as de Jorge de Sena) dão um testemunho fundamental e único dos tempos-espacos em que foram escritas. Narrativas do eu, abrem mão do sigilo e manifestam-se através de uma contida subjectividade moderna exteriorizada na projecção de camadas sedimentares à sua interioridade sendo ainda meios de expressão simultânea do pessoal e do público. Pedem-nos, por isso, que não se lhes imponha a rígida lógica da questão das identidades para que nos revelem, ainda que

¹⁵⁵ Veja-se o testemunho pessoal de Jorge de Sena de Julho de 1968 sobre viver nos E.U.A. e suas peculiaridades, publicado no recente volume «América, América» das Obras Completas de Jorge de Sena, divulgado no site Ler Jorge de Sena – <www.letras.ufjf.br/> e carta de 21 de Maio de 1966 in Correspondência Sophia de Mello Breyner/Jorge de Sena. Lisboa: Guerra e Paz, p. 96-97, também incluído no mesmo site.

¹⁵⁶ SENA, Mécia de, *apres., org., notas – Mécia de Sena/Jorge de Sena, Isto tudo que nos rodeia, Cartas de Amor*. Ob. cit., 198xxx; LAGE, Maria Otília – *Correspondência(s) Mécia/Jorge de Sena (evocação de Carrazeda, anos 1940)*. Ob. cit.; e LAGE, Maria Otília, *org. – Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)*. Ob. cit.

em fragmentos, algo sobre as novas formas de subjectividade que em suas vidas (se) engendram.

Nas cartas de Mécia e da expressão nelas de sua relação com Jorge de Sena, emergem trajectos intelectuais que se entrecruzam em mundos tão diversos e complementares quanto as suas personalidades singulares, autónomas e dialogantes, construídas em experiências partilhadas, formas de comunicação múltiplas, profundas ou circunstanciais mas sempre espontâneas, intercâmbio de opiniões e pensamentos, continuamente actualizados em estimulante e rico debate intelectual, cultural e literário.

A sua produção epistolar, portanto, torna-se um veículo singular para disseminação de informação, divulgação e recebimento de notícias, já que ambos se encontravam próximos dos ciclos mais activos dos debates em voga. São assim suporte de investigação, fonte de dados, intercâmbio e registo de vivências culturais diversificadas, numa época em que ainda se mantinha a fortuna das cartas entre estudiosos.

Nesse acervo, mosaico pluritemático em que se desenham múltiplas redes de afinidades afectivas, literárias, culturais e intelectuais, inscrevem-se, numa escrita espontânea e original, diversificadas nuances do mundo cultural, político e social em momentos decisivos da história contemporânea para além de traços impressionantes essenciais ao estudo dos percursos biográficos e intelectuais de Mécia e Jorge de Sena, interlocutores que se superaram na interacção.

A correspondência, lugar de expressão e construção do sujeito impele-nos a saber como tratar aquela que assina as cartas e remete-nos para o carácter de representação de um «eu», na constituição de si próprio, também representação a partir de «o outro», assim se desvendando ao nosso olhar.

A escrita das cartas, sempre autobiográfica, traduz a experiência de uma vida singular, mesmo quando quem a produz, como acontece nestas cartas de Mécia para Jorge de Sena, procura objectivar, em registo duplo de diário e relato, aspectos essenciais do quotidiano de suas trajectórias de trabalho e relacionamentos sócio-culturais.

As cartas de Mécia enviadas da casa de família na América (Madison, no Wisconsin ou Santa Bárbara, na Califórnia), locais de partida e de enraizamento tanto mais essenciais quanto o destinatário Jorge de Sena se encontra em locais incertos de viagem, com itinerários em constante deslocação, são exemplo de uma escrita epistolar de subjectividade singular ditada pelo desejo de comunicação intensa e extensa com o que dela se faz peregrino de paragens incertas. Apreensão que impende sobre esta correspondência marcada pelo constante receio do desencontro e de que a carta não chegue afinal ao destinatário.

Emergindo do sentimento íntimo e pessoal do emissor, Mécia, estas cartas são também lugar de expressão pública e memorialística da época e de lugares em que são narrados e/ou comentados, enquanto que a descrição meticulosa da vivência familiar e convivência social diárias, inscrita em aguda consciência do que são as responsabilidades do

escritor e académico, se entrelaça com traços impressionantes da construção do projecto de vida-obra literária e académica seniana.

A correspondência norte americana que estas missivas integram, documenta extensamente o contexto da sua produção – o das várias viagens à Europa, ditadas pelo labor literário do escritor e sua profissão de professor e investigador universitário. É assim um completíssimo roteiro de viagens intensamente dialogado à escala mundial em que inúmeros acontecimentos da nossa contemporaneidade são regular e subtilmente comentados pelos interlocutores, numa linguagem de ritmo telegráfico mas atenta, crítica, reflexiva, irónica e empenhada.

Sempre abertos ao mundo e a tudo que os rodeia, Mécia e Jorge de Sena, completando-se mutuamente, na e pela escrita, em que são incansáveis, mantêm diariamente uma correspondência de enorme abertura ao mundo pontuada pelo cosmopolitismo e multiculturalidade que vemos tecidas na extensa rede de amigos e contactos locais e transoceânicos.

As cartas entre ambos, em idêntica proporção, eram quase diariamente escritas contando, as dele, enviadas de todos os locais por onde passava, sobre cidades, monumentos, museus, encontros com amigos, conferências dadas, pesquisas, passeios e digressões, e as de Mécia versando sobre o acontecido e observado no dia a dia da família e do trabalho no país de residência, novidades e comentários sobre o labor profissional e literário do marido, invariavelmente interpelado sobre a diversidade da realidade exterior, nas suas dimensões cultural, social e política. Podemos perceber ainda nesta correspondência os múltiplos interesses de Mécia e de Jorge de Sena, sempre inteiramente partilhados em viva curiosidade e forte acuidade para o diálogo, ávido de conhecimentos e capaz de experimentar o mais profícuo entusiasmo intelectual, estético e afectivo por tudo quanto os interessava ou preocupava.

Por outro lado, a possibilidade que as mesmas cartas comportam de mapeamento, quer da subjectividade da narradora em posição sedentária de inquietude, busca e desejo de travessia, quer também, indirectamente, da subjectividade em trânsito do destinatário nómada, revelam-nos, no registo esparso da escrita, os trajectos de dois seres em busca de si mesmos, da essência humana e do mundo o que apenas se torna possível pela literatura.

Na leitura que se vem fazendo desta correspondência, património singular que acrescenta e enriquece a tradição epistolar portuguesa, ficamos em presença de dois seres habitados pelo desejo enorme de ultrapassar todas as fronteiras e obstáculos ao acto humano de criar, dois seres cosmopolitas habitados por uma profunda e intrínseca interculturalidade e hospitalidade em que reciprocidade e alteridade, privado e público se casam admiravelmente.

Sob o signo da viagem: as cartas de Mécia e os Diários de Sena

Contrastamos a precedente leitura englobante das cartas, com a dos Diários, obra que aquelas sedimentam e entre as quais se mantém uma relação de «suplementaridade» no sentido do que excede e adiciona o texto diarístico e epistolar.

Diz-nos Derrida sobre essa importante noção de complementaridade:

Exterior à totalidade, o suplemento responde, por conseguinte, a uma ausência na totalidade a que diz respeito. É por isso que a lógica da complementaridade «quer que o fora seja dentro, que o outro e a falta venham se acrescentar como um mais que substitui um menos, que o que se acrescenta a alguma coisa ocupe o lugar da falta dessa coisa, que a falta como fora do dentro já esteja dentro do dentro, etc. Logo, para a lógica do suplemento, ele não é nem um mais nem um menos, nem um fora nem um dentro. Avesso à lógica da identidade segundo a qual dentro é dentro e fora é fora, para ele não se coloca a opção ou... ou, isto é, ou fora ou dentro, pois ele é ao mesmo tempo dentro e fora»¹⁵⁷.

Dando continuidade a outras aproximações à escrita epistolar e diarística de Mécia de Sena, com periodizações e enfoques diferentes¹⁵⁸, agora reconfigurados, e observando outras análises e estudos¹⁵⁹, pretende-se destacar a figura de Mécia e a importância da sua correspondência para Jorge de Sena, enquanto objectivação de duas subjectividades diferenciadas mas intrinsecamente unidas que se nos revelam através da «suplementaridade» entre si expressa em seus registos escritos.

Nos Diários, em que a escrita das viagens senianas se encontra organizada como se de curtas crónicas se tratasse, vislumbra-se nas suas reflexões e impressões como que uma função quase «clínica»: a partida para outros lugares teria o poder de cura do ser, permitindo-lhe «refazer-se».

Aquilo que é pormenorizadamente contado e descrito, quer no que se refere aos lugares visitados e modos de recepção, quer aos trabalhos, vivências e aprendizagens realizadas, começa por ser a história de um radicalismo da experiência vivida na sua primeira viagem como cadete, no Navio Escola Sagres, narrada, a nível físico, emocional e intelectual, a qual o impediu durante anos de retomar o diário no livro oferecido pela avó para o efeito, do qual apenas escreve, mais tarde, o prefácio.

¹⁵⁷ DERRIDA, Jacques – *De la Grammatologie*. Paris: Minuit, 1967. Apud Francisco Coelho dos Santos – *Boca a boca high-tech: os blogs e as relações público/privado*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/57554510/>> [Consulta realizada em 08/09/2012].

¹⁵⁸ Ver também LAGE, Maria Otília Pereira – *Escrita diarística e epistolar de Mécia de Sena, o «anjo eficaz» de Jorge de Sena*. Comunicação ao I Congresso Internacional de Cultura Lusófona Contemporânea. Instituto Politécnico de Portalegre 11-12 Jun. 2012.

¹⁵⁹ Vejam-se, designadamente, as rubricas sobre o tema Viagens em Jorge de Sena, e Correspondência entre Mécia e Jorge de Sena no site e disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/lerjorgedesena>>.

Essa sua primeira grande viagem, como tirocinante da Marinha, por inúmeros lugares de passagem das Áfricas e das Américas que não descreve idilicamente, representou para o então jovem Sena uma grande atracção terminada num terrível e inexplicável trauma, mas significou também um novo olhar sobre si e sobre o Outro. As suas impressões e recordações desta viagem, quais traços inapagáveis, serão mais tarde matéria prima essencial de alguns dos seus mais importantes contos de um grande realismo crítico sobre a sociedade e valores do Portugal dos anos 1930/40.

Já bem mais tarde, nas suas intensas viagens pela Europa – incluindo Portugal – e África, nas décadas de 1960/1970 como professor universitário, investigador e conferencista, as suas descrições revelam a presença constante de uma grande reciprocidade e companheirismo, que se evidenciam quer na profunda relação com sua mulher, Mécia de Sena e os nove filhos ausentes, quer com os numerosos amigos e colegas que lhe retribuem a franca hospitalidade e perseverante diálogo com que sempre Jorge de Sena os recebera também de portas abertas na própria casa e na sua vida académica e literária.

Sessenta cidades (com os museus, as ruas, castelos, catedrais, etc) em doze países, em quatro meses (very american) além de manuscritos em várias bibliotecas, conferências em Londres, Paris, Bruxelas, Nimega, Utrecht, e os príncipes de Portugal (medievais e Renascença) pela Europa adiante, e alguns cinemas, exposições, teatros, muita vadiagem altamente imoral (mais os desejos que as ocasiões), e honestos encontros com amigos velhos e com amigos novos, um incidente de fronteira, muitas entrevistas, leituras públicas de poemas, um calor de glória (oh efêmera, já Salomão sabia), uma operação à vesícula. E numa tarde chuvosa o navio largando. Os amigos sob os guarda-chuvas. E a falta de palavras com os que estavam a bordo a despedir-se. E na bruma tempestuosa subitamente nada. (Jorge de Sena)

A descrição física dos múltiplos lugares visitados e das acções realizadas transmuta-se no tom grave e melancólico das últimas frases, quando o «tudo», o excesso vivido, se dissipa rapidamente no momento da partida. Percebe-se então que a motivação do escritor é a de uma efémera e breve passagem que acaba por acentuar a sua diáspora. Compreende-se também até que ponto os Diários de viagem de Sena confirmam o quanto utiliza em sua obra o circunstancial e o testemunho do vivido, numa busca continuada de sua identidade complexa.

Presença constante nos fragmentos diarísticos de Sena, arquivo de memórias de viagens e andanças, para além de Mécia de Sena, que vemos em suas cartas reproduzir na sua casa nos E.U.A. o mesmo encontro com os amigos que lhe retribuem a franca hospitalidade, é essa hospitalidade no sentido derridiano, não de convite mas de receber sem pré-aviso, isto é, de visitaçao do outro, em nossa casa, em nosso país, em última instância, um imperativo ético e a oportunidade de uma relação pacífica entre os homens sem horizonte de espera.

Redes de escrita

*Uma correspondência revela melhor que uma obra a individualidade, o homem. [...] Uma vida que se confessa constitui o estudo de uma realidade humana, que, posta ao lado de outros estudos, alarga o nosso conhecimento do homem*¹⁶⁰.

Nesta perspectiva poder-se-á dizer que a escrita das cartas e dos diários funciona aqui como costa firme e segura à vista em navegação de cabotagem, tal o papel de ancoragem desempenhado por Mécia de Sena, junto de Jorge de Sena em viagem, vivida física ou virtualmente, em que os autores espiam os escaninhos do mundo com seus olhares diversos de deslumbramento.

Assim é o sentido último destas missivas de Mécia para Jorge, constantemente sublinhadas e comentadas por este em seus Diários, a par da vertigem de suas viagens que pretextam e subjazem a esta correspondência, seu ponto de arrimo.

Marca das mais evidentes destas cartas e diários, é a da sua escrita se fazer ao ritmo de itinerários incertos das prolongadas viagens de estudo e trabalho de Jorge de Sena. É-lhe, por isso, interna a questão da viagem. Ambos tecem assim com as suas escritas, cada um a seu modo, o que acontece no meio de dois limites – o começo e o fim da viagem –, que adquire características de epopeia. Viagem que se pode dizer ser de dois tipos: a viagem que reúne *ver e ouvir*, logo, uma viagem externa passando por lugares emblemáticos da clássica cultura ocidental, e outra cujo objectivo paralelo é relatar e partilhar o que se *pensou e sentiu*, portanto uma viagem digressiva, interna.

Estas cartas de Mécia de Sena, bem como «Os Diários» de Jorge de Sena, crónicas vivas, tecidas numa escrita íntima e pública entre dois seres que um ao outro aí se revelam, compõem um horizonte de intensa comunhão. São verdadeiros roteiros de vida, comentados por dois protagonistas do mundo da literatura que permeia a sua intercomunicação infiltrada de segredo e sensibilidade quase indecifráveis.

No calor e urgência dos acontecimentos e circunstâncias do dia a dia, Mécia que se mantém em ponto fixo, nos E.U.A., regista e arquiva em suas cartas toda uma vida organizada produzindo uma escrita ordenada pelo desejo de dar conta de tudo e de tudo saber, minuciosamente, de quanto os rodeia, enquanto Jorge relata em diários sincopados sempre presididos pela presença de Mécia, física e dolorosamente ausente, suas inúmeras andanças em que emerge o sujeito poético de «Peregrinatio ad loca infecta».

Então as questões teóricas sobre o género epistolar e diarístico aumentam na medida em que se avança na leitura das cartas e dos diários.

¹⁶⁰ GÂNDARA, Paula – *Do Encantamento do Homem ou de Inglaterra Revisitada para Mécia de Sena*. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/lerjorgedesena/port/ressonancias/estudos/texto.php?id=353>> [Consulta realizada em 09/01/2012].

Para J. Derrida¹⁶¹, que analisa a metafísica da viagem, a concepção tradicional desta, implica diversos momentos: um ponto de partida estável a que se poderá voltar; um ponto de chegada ou destino; o movimento ou deriva, afastamento dos pontos de partida e de chegada; e o encontro com «o outro», «o estrangeiro» que faz do percurso a viagem. A aceção dominante aqui é a da estabilidade situada em detrimento da imprevisibilidade e instabilidade, vertentes comuns da viagem.

Um dos sentidos da viagem está em colocar-se/estar à distância e entrar em contacto com um alhures, para que ao voltar à terra natal, seja possível sonhar com a possibilidade de ser outro. O viajante desloca-se no espaço para se aproximar mais de si mesmo. Mas mais do que isso, a viagem permite-lhe fazer o luto da origem como da promessa do paraíso. O viajante transita sempre entre um lugar representativo de uma origem e o de uma promessa irrealizável, e assim reaprende a ver, sentir e ser. As origens podem permanecer como obsessão, como algo que não se consegue abandonar, o que acontece com os exilados, em quem a pulsão para a origem está sempre presente e inibida.

Nesta linha de pensamento, a incursão da viagem expressa nesse sentido no acto destas escritas auto-biográficas, força motriz da partilha de pensamento e do ininterrupto diálogo mantido entre seus autores, faz da escrita que os une a base essencial de enraizamento para a inquietude do movimento ou deriva entre os instantes da sofrida partida e do ansiado regresso a casa.

A 18 de Dezembro de 1968, uma quarta-feira, Jorge de Sena confienciava em seu Diário a falta que lhe fazia na sua agitada movimentação pela Europa receber notícias da família

Faz hoje duas semanas que sai de Madison (no dia 4), e não recebi ainda quaisquer notícias de casa. A Mécia está por certo a cozinhar-me em água fria para amargarar-me – «de castigo» – a ausência. Que hei-de fazer? O que não me parece certo é que os filhos também não escrevam – e não precisam da morada do hotel para isso. Paciência: o que eu tenho é de conservar o meu estado de saúde e de espírito aqui. Foi hoje o meu 7.º dia de Londres¹⁶².

Só a estabilidade da origem inscrita nas cartas regulares enviadas por Mécia ou repetidamente evocada em «Diários» de Jorge, são capazes de dar um sentido ao outro lado da realidade da errância, sem residência fixa, do nomadismo que atravessa recorrentemente a vida de Jorge de Sena mas também do casal e da família, nesta época.

Por sua vez, as cartas de Mécia são espaço privilegiado de expressão e discussão de questões que emergem do sentimento íntimo e pessoal de si em partilha com o marido, e tangenciam questões históricas, políticas e sociais do tempo em que são relatadas e ou con-

¹⁶¹ DERRIDA, Jacques; MALABOU, Catherine – *La contre-allée*. Edit. La Quinzaine Littéraire; Louis Vuitton, 1999.

¹⁶² SENA, Jorge de – *Diários*. Porto: Ed. Caixotim, 2004, p. 179-180.

fidenciadas. Por exemplo, uma das suas primeiras cartas deste período, enviada de Madison a 17/9/68, para além de referir-se à intensa correspondência que Jorge de Sena, em viagem, continua a manter com vários de seus numerosos amigos e contactos, noticia a correspondência editorial recebida recentemente sobre a edição da obra seniana (alteração ao contrato da 2.^a edição pela Cultrix da Literatura Inglesa) e comenta quer factos da política portuguesa – a célebre queda da cadeira do ditador Salazar e a conseqüente excitação gerada pelos sinais de possível libertação do país que o incidente proporcionara – quer acontecimentos da política americana – contestação ao embarque de veteranos para a guerra do Vietnam, aceite pela «Corte Suprema». À semelhança de outras cartas de Mécia em que há referências constantes aos locais de peregrinação de Jorge de Sena, esta inicia-se pelo comentário à estadia de Jorge de Sena em Londres documentada por postais ilustrados para os filhos e pelas referências de Mécia às alterações urbanísticas «... na velha Londres...».

A carta aludida que apresenta a seguinte anotação de seu périplo «receb. 20. Resp. 21/Set.º/», é assim mencionada por Jorge de Sena

20 de Setembro, 6.^a feira

Pela manhã escrevi a Mécia... Passei um dia perfeitamente burro até às seis da tarde, quando cheguei a casa e encontrei carta de Mécia, de 17. Não há dúvida que o correio leva três dias. Fiquei muito preocupado com o que ela me diz de um desmaio que teve – esta noite escreverei, para deitar ao correio amanhã¹⁶³.

E em Diário do dia seguinte, a mesma preocupação mantém-se:

Setembro – 21 – Sábado

Antes de sair, escrevi rapidamente à Mécia, para que vá ao médico, e escreverei ao Salles e ao Hugo David, para que insistam. Não fico descansado sem isso¹⁶⁴.

Como se evidencia, «A carta enviada actua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que envia, assim como actua, pela leitura e a releitura sobre aquele que a recebe»¹⁶⁵.

A escrita, pontuada pela correspondência diarística de Mécia e pelos Diários de Jorge, referencial constante de correspondências várias, operando na urgência do instante como um meio de organização de suas vidas imersas em transitório caos, permite-nos também percorrer trajectos de ambos na procura de si mesmos, e do outro, em busca da essência humana, possível pela literatura que a ambos une como circunstancialmente se evoca neste fragmento:

¹⁶³ SENA, Jorge de – *Diários*. Ob. cit., p. 180.

¹⁶⁴ SENA, Jorge de – *Diários*. Ob. cit., p. 181.

¹⁶⁵ FOUCAULT, Michel – *A escrita de si*. In *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992, p. 145.

Setembro – 12 – 5.ª feira

Saí pela manhã ao correio, a comprar papel, envelopes e postais, e à laundry. (...) andei à procura dos Sonetos do M. Ângelo do Britten, que a Mécia me pediu muito, e que não encontrei. Postais ao Zé Portugal, ao Kasten, ao Salles, carta ao França¹⁶⁶.

Com linguagem, estrutura e tom próprios do diário, a carta como «escrita de si mesmo atenua os perigos da solidão; dá a ver o que se viu ou pensou a um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha»¹⁶⁷.

Ao analisar a correspondência como forma de «escrita de si», Foucault realça que a carta é um texto por definição destinado a uma outra pessoa, mas que possibilita um lugar para o exercício pessoal. É o desenvolvimento por escrito do pensamento sobre si mesmo. Uma forma de se organizar e se constituir pela escrita. A linguagem como forma de constituição do ser, como forma de organização de sentimentos, de esclarecimento dos pensamentos. A escrita opera ainda como preenchimento do vazio.

Clara evidência de uma «escrita de si» assim explicitada, é o caso da seguinte carta de Mécia de Sena que se revela ainda como exemplo de uma verdadeira compulsão para a escrita, como se pode concluir das condições especialíssimas em que é redigida:

Madison, 3 de Dezembro de 1968

Meu querido Jorge

Desta vez vai à máquina porque ontem dei um golpe no indicador da mão direita quando lavava um copo. Foi um pânico das pequenas e a Luisa veio aqui mas acharam que era obra do hospital. Lá fui eu com a Isabel Maria e foi preciso laquear uma artéria que tinha sido cortada também. No dedo levei doze pontos. Fui atendida por um rapaz médico do Irão, muito simpático e que me tratou com requintes. Tudo com anestesia não causou dor nenhuma especial. Com aspirinas e soporífero consegui dormir mais ou menos a noite e hoje não me dói além de uma moinha, só que tenho a mão entrapada e não posso fazer nada com ela. Ao fim de seis dias voltarei ao hospital para verem se tiram os pontos mas não poderei servir-me dela provavelmente tão cedo porque o golpe é à volta do nó, no lado das costas e o mais pequeno esforço pode reabrir o golpe. Sá faltava esta para variar.

Chegou finalmente a tua carta de Roma. Hoje deves estar de viagem para Londres onde espero que esta carta te apanhe. Entretanto saberás já porque não tinhas mais cartas minhas além de não ter sabido com tempo que ias fazer a viagem não directa a Roma (...) Ontem falei com o Orney pelo telefone e ele disse-me que te recomendasse expressamente que não viesses de Portugal sem tratares tudo o que tiveres a tratar. Achei piada que disse aqui são óptimos para tirar e pôr cabeça mudar coração, enfim coisas esquisitas e complicadas, para coisas simples que requerem mais cuidado e atenção do que drogas, não prestam.

¹⁶⁶ SENA, Jorge de – *Diários*. Ob. cit., p. 176.

¹⁶⁷ FOUCAULT, Michel – *A escrita de si*. In *O que é um autor?* Ob. cit., p. 130.

– *Falei agora ao telefone com o Leroy. Ele não sabe quem sejam os pretendentes das bolsas. O Askins foi o que publicou o Cancioneiro de Évora cujo exemplar chegou depois da tua partida. ... E Jorge por favor, dá andamento àquela coisa de Washington – (os comentários para as gravações) ou escreve umas linhas a dizer que esperem. É aborrecido para o Aguilera que te recomendou. (...)*

Outra lembrança. Quando fui de Portugal emprestei ao Rui Belo uns livros cuja lista guardei mas claro não faço ideia onde esteja. Não sei se ele os devolveu. Terás de sondar quando lá estiveres. Tenho quase a certeza que eram literatura francesa. (...)

De livros, como te disse, vieram os da Holanda a semana passada. (...)

Deus queira que recebas em Paris as papeladas que te mandei ontem e que elas te sirvam. ... E foi uma correria. O Pedro chegou tarde e portanto pedi à Joaquina que corresse ao correio pois só faltava meia hora para fechar. Quando chegou lá o empregado declarou que só mandava cartas. Ela foi a casa da Lusa que se meteu a caminho com ela e convenceu o homem de que aquilo era uma encomenda postal mas uma «first class Stamp». Então a coisa seguiu mas já a Isabel Maria entretanto chegada correra com o carro para ir ao correio geral se fosse preciso. (...)

Esta carta vai uma mastigada e já me dói a mão esquerda do esforço duplo que está a fazer.

Dizes que escreva para o Ridruejo. Vais a Barcelona?

(...) Meu querido Jorge que saudade tenho de me encostar a ti e não pensar em nada!

Como se pode ver, as cartas de Mécia, exaustivas de notícias e recomendações de todo o tipo de interesse para a carreira do marido, permitem ainda um mapeamento do sujeito nómada Jorge de Sena e de seus périplos registados em «Diários». Estes que reflectem a sua oscilação por diversos lugares, humores e estados de alma – outros tantos destinos itinerantes das cartas de Mécia, também, autênticos diários de bordo – revelam por sua vez a necessidade do contacto diário, premente e estreito com Mécia obsessivamente aí referida bem como a correspondência dela ou para ela expedida¹⁶⁸. Em ambos os casos, a escrita operando no instante como forma de organizar a vida no caos.

Expressão de relatos sucintos, comentários, reflexões sobre acontecimentos vividos, coisas lidas, ouvidas e pensadas, múltiplas variações do autobiográfico de elevado teor confessional, as cartas de Mécia são um olhar de si ao destinatário, Jorge de Sena, ao mesmo tempo um olhar que se volta para si mesmo. Escrever regularmente cartas, parece ser neste caso revelar-se, despir-se, mostrar-se, confessar-se, mas também indagar, comunicar, continuar a viver e a gerir a vida de cada um, dos filhos e de ambos.

Enuncia-se aqui um aspecto delicado da escrita epistolar: o carácter de encenação do eu que se descortina ao olhar do outro e de si mesmo. A escrita declaradamente autobiográfica, mesmo quando mais objectiva e concreta como é o caso das cartas de Mécia para Jorge, versa sobre um «eu» e o «outro», sendo sempre uma forma de representação, ence-

¹⁶⁸ Veja-se SENA, Jorge de – *Diários*. Ob. cit., p. 183, 186, 188, 190, 191, 195, 197, 198, 200, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, etc.

nação e construção da palavra e de uma realidade a partir das possibilidades e instrumentos da expressão escrita. Porém se toda a escrita pode ser considerada como ficção, no sentido de representação e metaforização, esta característica atenua-se nas escritas cujo ponto de partida são as vivências empíricas do sujeito, em seus mais diversos gêneros auto-biográficos: diário, autobiografia, memórias.

Pelo interior do mapeamento da viagem e deriva

*Tudo o que no ocidente se chama viagem sempre pressupôs como sua condição de possibilidade uma solidariedade indefectível, ver uma sinonímia entre dois termos: derivar e chegar*¹⁶⁹.

O termo *deriva*, centro do pensamento derridiano, como base de uma reflexão aprofundada sobre a questão da viagem, reenvia para uma ideia de «desvio regular», numa rota traçada entre dois pontos, e para a noção de «perda de rumo», «deslocação não controlada», duas dimensões que parecem constituir tradicionalmente a identidade da literatura de viagens.

*Viajar implica ordinariamente que se deixe uma margem familiar para abordar o desconhecido. O viajante... tendo sempre a possibilidade de regressar a casa, de readquirir o ponto de partida. Ele derivaria até à chegada, cumprindo assim o círculo do destino. No seio deste círculo pode e deve produzir-se o que confere à viagem o seu sentido e permite distingui-la de um simples deslocamento: o acontecimento do estranho. (...) Chegar, derivando, ao estrangeiro: tal é a ordem que torna possível o desvelamento do outro*¹⁷⁰.

Neste sentido, a *Odisseia* – paradigma da viagem na cultura ocidental – pode combinar esses dois sentidos da deriva, em que o primeiro (desvio de e em direcção a um ponto fixo) enquadra e dá sentido ao segundo (derrapagem), integrando a aventura e afirmando a história de Ulisses como a possibilidade de regressar a casa, pelo que a deriva do herói funciona mais como sinal da origem, da proveniência¹⁷¹.

Se olharmos para esta escrita de Mécia e de Jorge de Sena, este, um viajante «terrivelmente do mundo», poder-se-á, nessa perspectiva, concluir que a concepção dominante

¹⁶⁹ Tradução nossa desta citação retirada do livro de MALABOU, Catherine – *Jacques Derrida – La contre-allée* (1999) – escrito com a colaboração de Jacques Derrida e a ele dedicado.

¹⁷⁰ Tradução nossa de MALABOU, C.; DERRIDA, J. – *Jacques Derrida – La contre-allée*. Ob. cit., p. 12-14; apud KEATING, Maria Eduarda – *Escritas Nômadias e subversão do Paradigma da Viagem*. Ob. cit.

¹⁷¹ MALABOU, C.; DERRIDA, J. – *Jacques Derrida – La contre-allée*. Ob. cit.; apud KEATING, Maria Eduarda – *Escritas Nômadias e subversão do Paradigma da Viagem*. Ob. cit.

parece ser a de uma deriva no sentido de latente instabilidade, por parte do observador-viajante, em que nem o que escreve nem a escrita andam verdadeiramente «à deriva», antes remetem esse papel para o leitor, a braços com a abertura, o fecho e a invenção dos *sentidos/caminhos* da literatura entretecida de história humana.

Poderá falar-se, então, de uma escrita em que a euforia da «descoberta» constitutiva da viagem foi sendo substituída pela auto-reflexão, pela consciência do carácter discursivo/construtivo de experiências, em suma, uma escrita que serve menos para relatar as descobertas da viagem que para fixar reflexões sobre suas circunstâncias e impressões, produzir testemunhos reconstruindo, criativamente, vivências biográficas, culturais e literárias, numa delicada relação entre esquecimento e memória.

A impossibilidade de realizar o retorno à pátria remete o poeta Sena para uma viagem de despatriação: «... quem tudo foi»¹⁷², é o peregrino da palavra, o poeta criador e inventor de uma poética própria. O eu de «Quem muito viu...» é o mesmo de «Em Creta, com o Minotauro», onde Sena, despatriado, qual figura lendária, reafirma o pacto com a poesia, como eterno exilado. A dor de não conseguir encontrar uma pátria em Portugal, de se sentir desterritorializado, leva o poeta a buscar a identidade na língua portuguesa; o mundo exterior é fragmentado, logo, a identificação de pátria só pode ser encontrada na poesia. Sena, em busca de sua pátria perdida, só pode encontrá-la na escrita. «... A pátria de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações nasci»¹⁷³.

Neste sentimento profundo de desterritorialização da pátria sublimado na literatura produzida na língua-mãe, qual o lugar e o papel de Mécia de Sena? E que relevância pode ter a escrita epistolar de Mécia de Sena?

Como reparar-se em quem não pára?

Em Jorge de Sena, sempre a poesia se manifesta e atravessa tudo – obra e vida em que Mécia, mulher em construção desde menina como genuína figura de literatura, se torna presença intransponível. Mécia, desde sempre, para Jorge, inspiração poética em que «há sempre livros e um amor sabido»:

Maria Mécia de Freitas Lopes Leça

Nunca ninguém ao certo nos conhece.

*Quem bem repara menos vê ou vê
mais e melhor o quanto reparou.*

Por isso, anos passados, recordando,

¹⁷² SENA, Jorge de – *Poesia I*. Lisboa: Ed. 70, 1988, p. 108.

¹⁷³ SENA, Jorge de – *Obras de Jorge de Sena: Antologia Poética*. Organização de Jorge Fazenda Lourenço. Lisboa: Edições ASA, 1999, p. 158.

*folheando as folhas para tal guardadas
olhando uns vãos desenhos em que há sempre
sebentas, livros, um amor sabido,
e lendo versos em que há sempre livros,
o mesmo amor, sebentas, e talvez
alguma graça já sem graça alguma,
tão docemente o recordar se aviva,
que não distingue... outros recorda... esquece.*

*E como reparar-se em quem não pára?
Em quem do Porto a Coimbra se prepara
para a viagem de Coimbra ao Porto?
Em quem trabalha e estuda em correria,
sem ter tempo a perder na Academia?*

*E pois que da amizade nestes livros
só ficará quanta morrer na vida,
folheai, lembrai, guardai nos papéis velhos,
que o resto, o mais, o que afinal é tudo,
aqui não está – ou, estando, não é vosso¹⁷⁴.*

Março – 1948
J. de S.

Vemos Mécia, ainda jovem já assoberbada de trabalho, numa imersão distanciada e crítica entre a amizade de livros e estudos, com quem Jorge, jovem poeta reflexivo, partilha uma cumplicidade atravessada de viagens e correrias, ciciadas de segredo, ambos num não perder-se em academias!

É esta ambiência fremente de vida da estudante-trabalhadora Mécia, só literariamente captável, e que Jorge de Sena fixou no poema, que vai perdurar, como é evidente na regular correspondência de Mécia com Jorge, a sua intensa intervenção social e cultural, em reuniões, tertúlias, conferências, concertos, espectáculos culturais, grupos e redes de amizade no mundo das letras e das artes quer em Portugal quer, mais tarde, nos países de exílio voluntário (Brasil e E.U.A.).

Notáveis são também nela, desde cedo, o natural interesse pelas actualidades literárias, musicais, culturais e sócio-políticas. Nesse húmus comumente partilhado, radicará a promessa cumprida da união íntima, profunda e duradoura entre Mécia e Jorge de Sena

¹⁷⁴ *Livro dos Quartanistas de Letras*. Coimbra, Maio de 1948, p. 72. Este poema dedicado por Jorge de Sena a Mécia na praxe académica desse ano de 1948, quando ela frequentava o Curso de Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, foi posteriormente publicado e integrado em obra de Jorge de Sena.

cuja partilha de interesses, sonhos, utopias, realizações, cosmovisões e vivência social e cultural intensa, é inextrincável.

Em carta que envia de Madison a 2 de Novembro de 1968, a Jorge, no dia seguinte ao seu aniversário, devidamente festejado em «casa», apesar de ausente, Mécia, dá conta do seu «corre-corre» social e relações com amigos e colegas, a «colectividade», como lhe chama noutra carta e, como é também sua prática constante, tece, sem eufemismos, opiniões realistas e metafóricas reveladoras de gostos culturais e literários refinados, preocupações com a política nacional americana que acompanha e comenta, como as de Portugal e Brasil e não esquece ainda a referência, sempre empenhada mas distanciada, aos filhos de quem nada nem ninguém impede de acompanhar percursos escolares e dar notícias detalhadas de tudo quanto lhes diga respeito e possa interessar.

As cartas de Mécia do início e meados dos anos 1970, já de Santa Bárbara, invariavelmente acompanhadas de recortes de imprensa portuguesa que se cruzam com outros igualmente recebidos (provenientes de assinatura em Portugal, pelos Sena), e que por vezes as cartinhas dos filhos para o pai enriquecem, para além da referência crítica e atenta a episódios da cultura e novidades dos círculos literários portugueses, com que Jorge volta a contactar na sua passagem por Portugal e que continua a acompanhar de perto, documentam exaustiva e criticamente sobre acontecimentos que ainda hoje nos marcam da política interna e externa dos E.U.A., império em desagregação no comentário de Mécia mas ainda centro do mundo: salários dos professores, reformas do sistema educativo, atrocidades humanas e fim da guerra do Vietnam, consumo generalizado de drogas, eleições e candidaturas à presidência americana, mandatos e posições desta em relação ao Senado, etc., e suas repercussões na imprensa americana e internacional da época.

Em carta enviada de Santa Bárbara a 29 de Julho de 1974, Mécia, depois de comentar os recentes acontecimentos do processo de independência das ex-colónias portuguesas e o protagonismo do general Spínola, confia assim a Jorge de Sena a importância da escrita epistolar entre eles:

E, de qualquer forma estar sem notícias, é-me muito difícil, tanto mais que toda a gente pergunta se já escreveste e que dizes, por saberem que sempre o fazes com regularidade. Para mim é o não saber estar sem elas por me ser intolerável estar longe de ti.

Tal sentimento de quase orfandade, expresso por Mécia, só à altura do experimentado por Jorge de Sena, como evidente se torna nos seus Diários, e atrás se observou, dá bem o tónus da natureza de necessidade interna mútua que a correspondência epistolar e não só, entre ambos, possui.

Aliás, a manifestação dessa necessidade vital, da parte de Mécia, após a perda precoce de Jorge de Sena, prolonga-se e prossegue manifestada, na sua obra diarística ímpar, *Flashes*, que por sua vontade permanece inédita, com raras excepções.

A leitura destas e outras cartas de Mécia, deste período, de teor idêntico em sua estrutura e tipologia de conteúdos, cruzada com a leitura do poema de Jorge atrás transcrito, permite-nos balizar a idêntica intensidade, que perdura ainda hoje, com que Mécia tem vivido a sua longa e exemplar trajetória biográfica, cujo conhecimento, exige absolutamente o cruzamento do olhar e da voz de um e de outro.

Disse o poeta Sena a Mécia: ... O mais, o que afinal é tudo, / Aqui não está... Efectivamente há em toda a acção por si desenvolvida como que um segredo, mas um segredo que não é da ordem do dizer e da linguagem. Um segredo de que só nos podemos aproximar pelos seus efeitos, o primeiro dos quais é o da «responsabilidade». Mécia é o exemplo mais consumado de quem assume um mandato e leva até ao limite dos limites o seu cumprimento: a responsabilidade de tudo dizer que a obra literária de Jorge de Sena testemunha como muito poucas.

Sobre Mécia de Sena e o lugar singular de destaque que ocupa na obra-vida seniana e na literatura portuguesa, que evoca o conhecimento da história de notáveis mulheres e pares amorosos do mundo ocidental, é bem sugestiva esta reflexão: «Se Rilke a tivesse conhecido, tê-la-ia incluído no seu elenco das grandes amouzeuses da história da literatura mundial. Pouquíssimas viúvas sequer sonharam fazer o que ela conseguiu realizar pela obra do marido»¹⁷⁵.

Na mesma linha de pensamento, e face à escrita epistolar entre Mécia e Jorge de Sena, pode com toda a propriedade invocar-se esta famosa galeria de grandes pares amorosos da história da literatura:

Quando pensamos em discurso amoroso, fatalmente nos vêm à ideia (leitores que somos da literatura e da crítica sobre uma fala que percorre ou atravessa toda a História que não só a da literatura) – fatalmente nos vêm à ideia, dizíamos, nomes mais ou menos reais, mais ou menos fictícios, como os de Pedro e Inês, Bernardim Ribeiro e os seus fantasmas, Shakespeare e Romeu e Julieta, Goethe e Werther, Lev Tolstoi e Ana Karénina, Camilo Castelo Branco e Amor de Perdição, e/ou, no feminino, as Cartas de Soror Mariana Alcoforado... Vêm-nos igualmente à ideia, outros pares amorosos infelizes que percorreram o misticismo da paixão na Idade Média, através dos romances de cavalaria, e que, com igual misticismo, se oferecem agora nas mais recentes, mais

¹⁷⁵ SENA, Jorge de; SANTOS, Delfim – *Correspondência 1943-1959*. Organização, Estudo Introdutório e Notas de Filipe Delfim Santos. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/>> [Consulta realizada em 09/01/2012]. Esta referência ao escritor Rainer Maria von Rilke, que traduziu para alemão as célebres cartas de Mariana Alcoforado, alude a uma lista de outras apaixonadas, que, como nos esclarece, Filipe Santos, o autor citado, se encontra em *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge*: «Was ist anderes der Portugiesin geschehen: als daß sie innen zur Quelle ward? Was dir, Heloise? Was euch, Liebenden, deren Klagen auf uns gekommen sind: Gaspara Stampa; Gräfin von Die und Clara d'Anduze; Louise Labbé, Marceline Desbordes, Elisa Mercœur? Aber du, arme flüchtige Aïssé, du zögertest schon und gabst nach. Müde Julie Lespinasse. Trostlose Sage des glücklichen Parks: Marie-Anne de Clermont». Tradução francesa: «Qu'est-il arrivé d'autre à la Portugaise, sinon qu'à l'intérieur elle est devenue source? Quoi d'autre, à Heloise? Quoi d'autre, à toutes celles qui aimèrent, et dont les plaintes sont parvenues jusqu'à nous: Gaspara Stampa; la comtesse de Die et Clara d'Anduse; Louise Labbé, Marceline Desbordes, Éliane Mercœur? Mais toi, pauvre Aïssé fugitive, tu hésitais déjà, et tu cédas. Lasse Julie Lespinasse! Légende désolée du parc heureux: Marianne de Clermont».

*felizes e mais reais histórias de intelectuais, como Sartre e Simone, Aragon e Elsa, Marguerite Duras e Yann Andréa, ou Dominique Rolin e Philippe Sollers*¹⁷⁶.

Mécia de Sena atravessou o século da propalada libertação da mulher na cultura ocidental. A sua figura prestigiada de intelectual feminina de destaque na história da literatura e da cultura portuguesas impôs-se e impõe-se, à margem do que é tido como fazendo parte dessa libertação e dos seus movimentos dominantes desde a afirmação feminista nos múltiplos aspectos assumidos, traduzindo-se na chamada independência económica até à diferente relação com a dicotomia maternidade e carreira profissional, passando pelas diferenças e questões polémicas de sexo/género.

Mécia foi mãe e educadora num tempo de afirmação dos movimentos feministas, em que essas funções clássicas das mulheres tendiam a deixar de estar no centro da concepção sobre as suas actividades, nos países onde viveu depois de sair de Portugal. Não seguiu uma carreira profissional para a qual dispunha de todas as condições, aptidões intelectuais e académicas, e competências de ordem teórica e prática.

Mécia de Sena pareceria ter ficado confinada ao *oikos*. Mas é sabido que foi sempre uma incansável trabalhadora intelectual, mulher culta em permanente abertura e relacionamento com o mundo e que a partir da sua posição, só na aparência recolhida, interveio e contribuiu, decisivamente, não só em prol de todas as formas de emancipação, inclusive da mulher, mas também para que Jorge de Sena participasse de modo empenhado e crítico na história e no mundo do seu tempo, através de intensíssima acção cultural, política, social, literária e académica, quer em Portugal e na Europa, quer no Brasil e Estados Unidos da América.

3.2. INTERAÇÃO EPISTOLAR (ANO DE 1971)¹⁷⁷

*Mécia minha, vivamos que nos resta
E que nos fuge tão depressa e já.
Assim trocando inteiro o que se escapa
A morte enganaremos que nos mata*¹⁷⁸.

Mantém-se presente e viva nesta singular subsérie da escrita epistolar o mesmo tom de cumplicidade amorosa que marca toda a correspondência entre Mécia e Jorge de Sena.

¹⁷⁶ Texto de apresentação de Maria do Carmo Castelo Branco a LAGE, Maria Otilia, org. – *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)*. Ob. cit.

¹⁷⁷ Estas cartas relacionam-se com a 2.ª viagem de Jorge de Sena à Europa realizada em 1971 (iniciada a 8 de Junho). Ver SENA, Jorge de – *Diários: Jorge de Sena*. Ob. cit., p. 263-264.

¹⁷⁸ Poema de Jorge de Sena, a finalizar a sua carta para Mécia enviada de Madrid, a 13 de Set. de 1971.

Com a volumosa e importante série de correspondência norte-americana cujo índice cronológico geral se publica em anexo no apêndice documental¹⁷⁹, análise que se iniciou na rubrica anterior, a partir das cartas estadunidenses de Mécia de Sena dos anos 1968-69 culmina o fundamental diálogo epistolar entre o casal, o qual marca o fim de um ciclo.

Dando continuidade à abordagem feita na rubrica anterior, reunimos agora a transcrição de uma selecção de excertos de cartas de Mécia do ano 1971, marco cronológico final deste estudo da correspondência. Embora se trate de uma opção discutível, consideramos que este procedimento possibilita um tipo de amostra relevante desta última série da correspondência, ainda que se não incluam excertos das cartas de Jorge de Sena deste período marcadas pelo signo das viagens. A sua análise global aconselha por isso enquadrá-las no género da literatura de viagens, cuja importância para os europeus é decisiva, desde os séculos XV e XVI, mas sobretudo, no seu desenvolvimento, já no século XVIII, tomando como ponto de partida o que foi a enorme abertura desse novo processo de passagem «da estabilidade para o movimento»¹⁸⁰. Nesta tradição, podem aliás englobar-se os nossos românticos como Herculano e Garrett exilados por motivos políticos tal como Jorge e Mécia de Sena, embora em contextos históricos diferentes... Curiosamente, a principal motivação de Jorge de Sena para estas suas viagens remonta a uma tentativa de reconstituição da história dos príncipes e princesas de Portugal nas cortes europeias.

A identificação selectiva dos excertos orientou-se por uma atenta e literal leitura da própria substância das cartas concretas em análise e suas características intrínsecas. Estas foram observadas e transcritas segundo três critérios base:

- ao nível de conteúdos: ancoragem quotidiana para as viagens de Jorge de Sena passada de expressivas reflexões sobre a vida e atenção constante às circunstâncias históricas e políticas;
- no plano formal: a alternância cronológica indiciadora da «dynamis» de uma cadência quase diária (chegando a mesma carta a prolongar-se em dias sucessivos) reveladora de intensíssima interacção epistolar;
- no domínio da genologia e da literariedade, ou seja, enquanto qualidade do que é literário, a qual sobressai na voz própria do discurso epistolar de Mécia, muito cuidado, de grande elegância formal e marcado por um idiomatismo singular.

Subjaz também à opção feita de transcrição parcial e comentada destas cartas, o facto de este ser um período especialmente concentrado e denso da história internacional e nacional, cujos principais acontecimentos vão sendo comentados ética e politicamente, no

¹⁷⁹ Elaborado em pesquisa realizada em 2007 no arquivo de Jorge de Sena, em Santa Bárbara (Califórnia), com a devida autorização de Mécia de Sena, cuja generosidade e abertura intelectual nunca é de mais reconhecer com gratidão pelo impulso que transmitem à investigação.

¹⁸⁰ Ver a propósito uma breve reacção da literatura a interessante obra de HAZARD, Paul – *A crise da consciência europeia: 1680-1715*; trad. e notas por Óscar de Freitas Lopes. Lisboa: Cosmos, 1948, p. 18 e 259 e sobretudo p. 271.

próprio momento em que ocorrem e são noticiados, e em que se evidencia a sua vivência partilhada.

No seu conjunto, constituem estas cartas um acervo notável de documentos repletos de ecos e comentários à política mundial, à cultura europeia e portuguesa da época, observadas a partir de pólos privilegiados – o meio académico universitário de Santa Bárbara Califórnia (E.U.A.), o ambiente intelectual, cultural e literário de numerosas cidades da Europa e um contexto sócio-político de ditadura em Portugal – o que permite, pela sua abrangência, calibrá-las no seu contexto global.

Numa perspectiva de análise histórica¹⁸¹ convirá observar os seguintes aspectos no estudo global deste núcleo epistolar:

- A constituição do *corpus*. Cada fundo familiar é resultado de uma construção específica que implicou, neste caso concreto e exemplar, por parte de Mécia de Sena, a sua integral preservação e metódica conservação, seguida de dactiloescrita de originais das cartas, organização básica, arquivo e condições de transmissão, com posterior oferta generosa do espólio literário de Jorge de Sena a Portugal, à guarda da BNP. Que sentido pode então ser atribuído a este processo rigoroso de constituição e transmissão de interesse nacional público?
- As formas textuais. Os argumentos e as figuras retóricas que alimentam os textos e justificam um fluxo de intercâmbio contínuo podem assimilar-se, nos seus termos e efeitos, a um «pacto epistolar»?
- Os usos sociais. Para além das redes de parentesco e sociabilidade, a correspondência constrói e reúne formas de relação através da menção de pessoas e instituições no texto das cartas. Como e porquê essas terceiras pessoas e entidades são também convocadas na cena epistolar?

Consideradas simultaneamente como objecto, texto e prática, as correspondências familiares, de que esta é um exemplo potencialmente muito rico para novos estudos em diferentes domínios, são para o historiador um lugar tão complexo como a realidade social e cultural que atravessam e gerem.

As interpelações dos aspectos referidos e as características formais e de conteúdo das próprias cartas informam o dispositivo estruturante da selecção operada com incidência em 1971, Ano Internacional da Luta contra o Racismo e a Discriminação Racial, decretado pela ONU, marcado pelas grandes marchas em Washington contra a Guerra do Vietnam, a celebração de tratados contra as armas nucleares, ou, em Portugal, a designada abertura marcelista.

¹⁸¹ DAUPHIN, Cécile – *La correspondance familiale comme objet historique (France, XIX^e siècle)* [2009-2010]: «Perspectivas actuales en la Investigación sobre escritura y comunicación epistolar» Disponível em <<http://www.siece.es/pdf/actividades/hoja-presentacion-cecile-dauphin.pdf>> [Consulta realizada em 09/03/2015].

Na perspectiva sócio-histórica, os contextos de produção e de recepção dos textos deverão ser tidos em devida atenção, sem o que as suas leituras possíveis poderão informar de viés que é preciso acautelar devidamente:

*O facto de que os textos circulam sem o seu contexto, já que eles não podem transportar consigo o campo de produção de que são o produto e que os receptores, estando eles próprios inseridos num campo de produção diferente, os interpretem em função da estrutura do campo de recepção, é gerador de formidáveis mal-entendidos. Assim, o sentido e a função de uma obra ou teoria estrangeira são determinados no mínimo tanto pelo campo de acolhimento quanto pelo campo de origem*¹⁸² (Bourdieu, 2002).

A propósito das condições contextuais de produção desta correspondência sob o signo das viagens à Europa de Jorge de Sena, repare-se na sua seguinte reflexão crítica à incompreensão com que se deparou na sua pátria, seguida de um incontido desabafo feito num registo de repulsa e grande desencanto:

*Valeu a pena esta viagem à Europa? não sei, meu amor: mas desencantei-me dela, tenho muitas saudades daí (independentemente das pessoas). Portugal definitivamente não me interessa (a minha pátria é a literatura portuguesa) – e só me inquieta esta saúde que vejo a fugir-me. Mas talvez que nem isso já me inquiete. O que faço ou não faça não tem a mínima importância – perdi as batalhas todas em favor de Enrique e Barys aí e de todos os compadrios em Portugal. Agora a última é que me vendi ao Estado Novo... – puta que os pariu a todos. Mas não penses que estou arreliado: estou apenas infinitamente desencantado, como já estava, creio porém que mais serenamente*¹⁸³.

Neste período de correspondência trocada entre Mécia e Jorge de Sena tem lugar a 2.^a viagem deste à Europa, de Junho a Setembro de 1971, como o próprio confessa, menos emocionante e entusiasta, porque já mais cansado, o que se comprova num cotejo destas cartas com as de 3 anos antes trocadas durante a sua anterior viagem, realizada com grande entusiasmo, dinâmica e vitalidade, durante cerca de 5 meses desde Setembro de 1968 a Janeiro de 1969.

O contexto é o de uma segunda fase de afastamento mais prolongado da casa de família, onde pontifica Mécia de Sena, cujas cartas, como se poderá ver, se encontram recheadas de notícias da dinâmica da casa de família, dos cuidados com os filhos e das histórias de um quotidiano atravessadas por questões práticas, relações sociais e de amizade, acontecimentos e comportamentos sedentários e mais típicos da sociedade americana, descritos ao pormenor-quotidiano que se pretende assim tornar o mais possível presente ao marido, em sua ausência.

¹⁸² Tradução nossa.

¹⁸³ Carta de Jorge de Sena para Mécia de Sena, enviada de Madrid, a 13 de Setembro de 1971.

Interpelando-nos então sobre os sentidos possibilitados pela devida contextualização e leitura atenta destas cartas em que são perceptíveis as condições sociais de produção da obra seniana, pode verificar-se que ganham mais nítido relevo o sentido e a função dessa obra e a sua impregnação, quer pelos campos de origem e acolhimento – marcados respectivamente por uma ausência impelida e prolongada da pátria e um exílio adentrado –, quer pelas contingências de um processo de construção diária da própria obra, de que Mécia de Sena é mediadora insubstituível.

3.3. DO DIÁLOGO ESPECULAR¹⁸⁴

Do ponto de vista da análise epistolográfica o *corpus* recortado evidencia um registo de maturidade e preocupações de vida de diversa natureza bem diferentes da correspondência dos anteriores ciclos, verificando-se, no entanto, para além de idênticas características já analisadas nos ciclos precedentes, um apuramento da escrita e um refinamento da qualidade literária. É possível observar também, entre muitos outros aspectos, algumas linhas de força diferenciadoras do discurso, cujo conhecimento no seu todo não pode ser negligenciado.

Estas cartas de Mécia – que nos tocam desde logo pela concisão e elegância da sua ordenação frásica, assim se nos revelando, a cada passo, surpreendentes – prendem-nos ao texto pelo uso frequente de expressões idiomáticas de grande propriedade como «à fresca da ribeira», «cega-rega», «calor de ananases», «giga-joga», e muitas outras na condição em que chega a rever-se de «abstracto director de tráfego» de «viagens só feitas à distância», que simultaneamente dão conta, expressiva e reflexivamente, de seus sucessivos estados de espírito, enquanto mulher emancipada de um homem «raro» sem precisar de especial arrimo espiritual, como confessa, num lastro profundo de reflexão existencial.

Sendo esta intensa correspondência¹⁸⁵ marcada pelo atributo de uma especularidade fidedigna, assim se procura lê-la e dar a ler, observando a diferença e complementaridade de olhares no processo de sua constituição.

A metáfora do espelho possibilita, ao ritmo da curta temporalidade de cerca de meio ano e numa espacialidade dilatada, a captura de um condensado de representações sócio-

¹⁸⁴ O núcleo de correspondência norte-americana do ano de 1971 aqui em observação é constituído por um conjunto de 95 cartas e 19 postais ilustrados assim distribuídos: 50 cartas e 17 postais ilustrados de Jorge de Sena, escritos e endereçados a partir das mais diversas cidades europeias (Lisboa, Madrid, Roma, Verona, Londres, Paris, Copenhaga, Dusseldorf, Gotemburgo, Innsbruck, Munique, Génova, Avignon, Bordéus, Salamanca, etc.), a que se juntam 45 cartas e 2 postais ilustrados, de Mécia de Sena escritas e enviadas a partir da casa de família em Santa Bárbara (Califórnia).

¹⁸⁵ Ver SENA, Jorge de – *Diários: Jorge de Sena*. Ob. cit., p. 263-264. O diário correspondente a esta viagem, iniciada a 8 de Junho, reporta-se apenas ao período até 15 de Junho de 1971. Nele relata Jorge de Sena a sua partida de Santa Bárbara e a chegada a Londres, com paragem em Toronto, em termos muito idênticos aos descritos na primeira carta enviada a Mécia, para Santa Bárbara, a 10 de Junho de 1971.

-políticas, culturais e de uma diversidade de sentidos e significados pensados enunciativamente como diálogo ininterrupto. Os interlocutores entretecem e realizam na actividade dialógica de escrever e ler, falar e ouvir, de e sobre tudo e todos conversando e contando um ao outro o que cada um continua a empreender, perto ou longe de seu ambiente familiar. Este mantém-se omnipresente e permeado pelas dinâmicas de quotidianos diferentes e do trabalho académico e literário seniano, pelo que experimentam de novo e partilham, e também pelo que o que de mais relevante vai acontecendo no mundo ou no universo de suas relações múltiplas.

Na materialidade dos textos ecoa o que é dado à visibilidade pela acção invisível do vazio gerador da produção do sentido último das cartas que transmitem não só o «real» mais ou menos trivial, mas também imagens do que nele há a transformar.

Testemunhos ora introspectivos ora sobretudo descritivos e demonstrativos, estas cartas inscrevem-se em contextos pessoais e sociais determinados em parte pelas dificuldades e possibilidades do circunstancialismo histórico e cultural em que foram produzidas – «anos de chumbo»¹⁸⁶ da história ocidental – sobre que fornecem, em directo, preciosas informações e clarividentes comentários a par das mundividências da sua autora, da sua actividade intelectual e da evolução das sociedades portuguesa, europeia e americana na época.

Observe-se, o que vai acontecer com frequência, como estas cartas são geralmente escritas num dia e continuadas no seguinte, assim se tentando prolongar na escrita incessante a presença do ausente.

Mécia nunca deixa de comentar temas de política interna e externa dos E.U.A., começando em regra por tratar minuciosamente do expediente de numerosas proveniências e reportando com detalhe e pragmatismo uma diversidade de assuntos relativos à economia e gestão familiar, bem como à atenção constante a tudo quanto se refere ao cuidar e acompanhar os filhos em diferentes níveis de frequência escolar, idades de crescimento e maturidade, personalidades e interesses próprios¹⁸⁷.

No longo diálogo epistolar de que estas cartas se fazem eco, pode-se desde logo observar a sintonia entre os correspondentes, para além da sincronia dos envios, bem visível no índice cronológico da correspondência deste ciclo, em apêndice.

Notável e paradigmática – quer desta série da correspondência, quer do conjunto da escrita epistolar de Mécia de Sena – é a sua carta de 24 de Julho que se destaca quer no plano formal, quer ao nível dos conteúdos.

¹⁸⁶ Designação que deriva do título do filme «Die Bleierne Zeit» (*em português, «Tempos de chumbo»*), de 1981, da cineasta alemã Margarethe Von Trotta, título que é por sua vez citação do poema de Hölderlin, «Passeio ao campo» (*Der Gang aufs Land*, 1800).

¹⁸⁷ Sempre que tal situação se verifica, e por se considerar tratar-se aí de questões do foro íntimo e mais pessoal procede-se à respectiva supressão, devidamente assinalada.

É possível numa leitura atenta e interpretativa apreciar a singular e característica idiomática da escrita de Mécia, patente na ordenação muito peculiar das palavras e elegância das construções frásicas, bem como no uso apropriado de expressões de origem popular de impressionante agudeza aplicadas numa linguagem extremamente precisa do ponto de vista vocabular. Poder-se-á mesmo dizer que assomam nessa construção, especialmente no seu tom e cadência, ecos da escrita epistolográfica clássica do grande Padre António Vieira de que é ilustração concreta a leitura que faz de livro do escritor grego Kazantzakis. Outra característica relevante manifesta-se no uso aspectual dos tempos verbais permitindo dar a ver ao leitor, comprometendo-o, a transitividade do tempo podendo expressar por essa via matizes no plano dos sentimentos e emoções, como ansiedade, surpresa, envolvimento afectivo e outros. A grande plasticidade do seu idioma permite cobrir uma grande paleta de impressões e sensações.

Por outro lado, mobiliza-se aí a sua cosmovisão subjacente proporcionada por uma atenção que continua sendo evocada e trabalhada por tudo quanto a rodeia mesmo numa altura em que a sua prática epistolográfica se encontra impregnada da mundividência do que era à época, o destacado centro económico político do mundo, os E.U.A. em conjuntura de plena «guerra fria» de que esta carta se faz também eco, numa perspectiva bem curiosa de visão mundializada.

Um certo cariz intimista de alguns dos trechos da presente missiva ganha um recorte mais nítido pelo contraste com o teor geral da mesma, frustrando qualquer possibilidade de ver nesse discurso de pendor mais subjectivo, o menor resquício de banalidade.

Observe-se ainda a importante reflexão de Mécia na sequência da leitura de Kazantzakis, pelo que ela pode apontar no sentido da compreensão profunda da relação com «o outro» inclusive no limite da morte, que se considera manifestação sustentada de um trabalho de elaboração latente da «perda do outro» e antecedente notável do que viria a ser expresso por Mécia, após a morte de Jorge de Sena, na assumpção de uma prática de vida e de escrita que se considera de meio-luto (Capítulo V).

Ainda a título de exemplo, saliente-se outra carta de Mécia, esta datada de 10 de Setembro, a qual tem a particularidade de ser completada, à semelhança de outras, com desenhos e mensagens de alguns dos filhos mais novos. Aí, para além dos habituais comentários críticos a um certo ambiente nacional de mesquinhez social e tricas ideológico-políticas, cuja manifestação de repúdio se acentua pelo uso frequente de interjeições e apóstrofes («apre», «arre», «diabo que os carregue»), note-se o elevado sentido estratégico editorial de que Mécia de Sena dá provas claras e que irá saber agir mais tarde duradouramente, e por iniciativa própria. Realce-se ainda, o que continua a ser constante na correspondência deste período, a alusão expressa à extensíssima rede de amizades que continua a ser mantida pelo casal Sena desde a pátria de origem aos países de destino, alargando-se, pela via do exílio, migração e diáspora portuguesa e de novos contactos e conhecimentos às «sete partidas do mundo».

E, por fim, é de destacar (o que para nós não deixa de ser com certa emoção) a primeira referência que aqui se pode ler à já então desejada, por alguns de seus amigos, publicação de um volume de cartas de Mécia de Sena que ela, embora como sempre discreta, considera, muito elegantemente, poder não ser inferior a outras já publicadas de escritoras consagradas, como o grande nome das letras neozelandesas, Katherine Mansfield [Wellington, Nova Zelândia 1888 – França 1923] que estudou e viveu em Londres, onde se tornou escritora de renome designadamente de contos e histórias curtas, e foi amiga de D. H. Lawrence e Virgínia Woolf, que de sua escrita disse que era «A única escrita que eu invejei».

Santa Bárbara, 10 de Junho de 1971

Jorge

Aqui vai o recibo das Iniciativas Editoriais que terás de assinar e devolver. Como se refere apenas aos «Antigos e Modernos», quer dizer que para o próximo mês ainda haverá outro tanto, mais ou menos, a receber do «Amor», o que é bastante animador.

Também no correio de hoje veio uma carta do Soares da Costa em que te pergunta se pode contar com o teu livro sobre «O que é a Literatura» para ser publicado ainda este ano. Escrevi-lhe imediatamente a dizer que estavas aí e dando a morada do Helder no caso dele querer contactar-te directamente mas talvez lhe possas escrever a esse respeito. Ele diz que anunciou o livro em terceiro lugar no exemplar já saído sobre o «Mercado Comum» que diz estar praticamente esgotado, por sinal. (...)

Também veio, reenviada do Wisconsin, uma carta de um brasileiro pedindo se tu consegues que o coral de S. Paulo se faça ouvir lá. Escrevi-lhe (...), se ele estivesse interessado, depois de Setembro, te escrevesse, se tivesse planejada uma vinda do coral para estes lados. Aliás o dito coral de que manda um fax só virá aos Estados Unidos em Maio próximo.

Mandei ontem à Universidade mas não havia nada senão a circular do Brenton a anunciar que por saída do Serrano-Plaga a Mireia entraria no comitee respectivo. (...)

A briga do orçamento do estado continua e a sorte dos professores na mesma pendente ainda. Se não sai aumento ficamos a pão e laranja sobretudo durante Agosto e Setembro. Depois deixamos de pagar o empréstimo da Universidade e a situação embora não melhore muito não fica tão pior.

Os dois anos de extensão do draft passaram na House e já não tenho esperança que não passe no Senado, não há saída por lado nenhum. O Kennedy fez passar uma lei impondo um tecto ao draft mas creio que ele não representa mais do que as necessidades actuais de enlistamento embora possa impedir uma escalação no futuro, o que já não é pouco. Entretanto agora já se fala abertamente dos contratos para a exploração do petróleo na península a sul de Saigão: Uma sujeira sem nome. (...)

Parece-me que é tudo, em matéria de relatório¹⁸⁸. [...]

Da Livraria Moraes veio um exemplar de poesia do M. S. Lourenço mas cuja dedicatória é para o Matos e Sá. A confusão que reina naquele país é sem dúvida um fenómeno geral de colapso colectivo. (...)

¹⁸⁸ A escrita desta carta prossegue a 11 de Junho.

Santa Bárbara, 14 de Junho de 1971

Meu querido Jorge

Como já acusei a recepção da tua carta a que nesta irei correspondendo vou primeiro dar conta do correio entretanto vindo da Universidade. Vinha de Nápoles uma carta de uma senhora chamada Erilde Melillo Reali que se diz «assistente de português e professora oficial de literatura brasileira» e te manda uma separata sobre «Garrett e i Miti del Sebastianismo», publicado pelo Rossi nos «Annali». Na carta diz que sabe que tu escreveste uma peça sobre D. Sebastião e quer saber onde há-de arranjá-la para saber da tua posição no fenómeno «sebástico», «assunto tão típico de muita moderna literatura luso-brasileira». Escrevi umas linhas à dita senhora dizendo-lhe que estavas neste momento ausente, (...) mas que, de qualquer maneira a tua peça não era sobre o D. Sebastião mas sobre o Prior do Crato e que não poderias enviar-lha porque estava totalmente esgotada embora estivesse em preparação a reedição. (...)

Veio também um convite do Centro de Estudos Luso-brasileiros da Universidade da Haute-Bretagne para enviases uma comunicação ou ires às comemorações do cinquentenário da criação dos estudos portugueses lá (...) Quase todas as teses se reportam a assuntos de intercâmbio das mais diversas naturezas da Bretanha com Portugal ou Brasil. Posso mandar-te pelas pequenas o prospecto e o ofício porque terás de responder-lhes, de qualquer modo.

Que confusão horrível o que contas do embarque mas é bom estar prevenido. De qualquer forma eu não deixarei de ir com elas uma vez que terão mesmo de ir de carro até Los Angeles por não haver transporte utilizável à hora que elas vão. A tua chegada lembrou-me a minha ao Galeão em que quando saímos das nuvens estava o avião quase com as rodas na pista, o que é realmente uma sensação tremenda.

Bom foi que tudo tivesse dado certo em Londres apesar da confusão do nome. (...)

Pena que já não arranjasses teatros, este tempo é muito mau, quem sabe se não teria sido preferível teres feito a viagem começando por Portugal e estar aí em Setembro pacatamente, mas na realidade foram os «charters» quem planejaram e não nós! Muito se aprende nestas coisas e para a próxima já se terá de pensar com mais antecedência.

O grande escândalo de momento é a publicação pelo Times (ou Time) do relatório mandado fazer pelo McNamara acerca do envolvimento no Vietnam em 1967 e concluído em 1968 em que tudo se apresenta o que foi uma guerra forjada em que o Johnson enquanto fazia campanha e ganhava a eleição já tinha aceitado e ordenado a escalação da guerra e os bombardeamentos. Parece que o McNamara mandou organizar o relatório quando começou a dar conta do erro tremendo para que fora factor determinante e pretendia ainda que fosse possível postas as coisas a claro reverter a posição, a dele, pelo menos. O Mitchell está numa fúria e mandou processar o Times que declara que vai continuar a publicar o relatório até que uma ordem do tribunal o faça parar. (...) Uma coisa sem precedentes, imagina que os bombardeamentos do Vietnam do Norte estavam já programados antes do «incidente» de Tonquim! Por certo que os jornais daí não deixarão de ecoar e especular acerca disto.

Estou preocupada com o que se passou no Chile, e evidentemente que pelo facto de se provar que quem assassinou o homem foram elementos da esquerda, nada prova que não andasse dedo da CIA. (...)

15 de Junho – Era já tarde e fui-me deitar sem acabar a carta. Hoje chegou a tua segunda carta e uma muito simpática do Alexandre Eulálio que ainda está na Itália à espera de um cargueiro que o leve ao Brasil possivelmente em Julho. (...) Vou escrever-lhe. (...)

Vou acabar (...) Logo continuarei. (...)

P.S. – Li o «Hóspede de Job» Muito bom, sem dúvida que o Cardoso Pires é dos melhores nas duas margens do Atlântico. E como embirro com as filosofias do Vergílio Ferreira, prefiro-o mil vezes.

Acho o diálogo magnífico sem se perder a das transcrições fonéticas de linguagem, mas sem por isso deixar de manter um saber popular. As figuras são boas e consistentes.

**

Santa Bárbara, 16 de Junho de 1971

Meu querido Jorge

(...) E... descobri no nosso rádio, uma estação de S. Diego que dá música clássica e já não quero outra coisa. (...)

Não deixa de ser bem feito que o Afrânio tenha sido vetado mas teria sido um alívio se ele saísse do Brasil e se ocupasse mais de burocracias do que de letras. Mas claro que eles são sempre assim quando se vêem importantes na Europa, quem é que tem ilusões? (...)

Também eu continuo na maré de insónia, não consigo dormir antes das 4 ou mais da manhã e depois que os pequenos me acordam, pelas sete, já não consigo senão dormir aos bocados.

Vi nos jornais de hoje que toda a Europa ressoou o escândalo do N. Y. Times. Proibiram mesmo pelo menos temporariamente a publicação mas o que saiu já chega e sobra para que finalmente se saiba, de fonte clara, o que foi a manigância e a torpitude do governo Johnson e é a deste uma vez que não são os democratas que querem calar o relatório mas a administração em peso. Até o Humphrey declarou em público que, como senador que era então ou vice-presidente depois, de pouco ou nada era informado e totalmente desconhecia tal relatório. A entrevista do Maxwell Taylor hoje na CBS era uma vergonha de desvergonha. (...)

O orçamento do estado continua sem andar pela briga do Reagan com a Assembleia e portanto nada sabemos ainda de aumento. Duvida-se que o orçamento seja aprovado antes de 30 de Junho como deve ser para não haver colapso. Na votação para manter a mesma cota para o ensino a proposta ganhou. Isto significa que não haverá cortes nas escolas embora não signifique, ou signifique que também não há melhorias porque a melhoria perdeu na eleição anterior, como te lembras. Não entendo bem a linguagem mas se não erro a legislação concedeu à UCSB uma extensão para operar de mais um ano, por continuar a não gostar do comportamento dos alunos e alguns professores, em vez dos cinco anos que são normais, claramente para continuar a ter o campus na mão. Esta gente é terrível, mas vou perguntar no domingo aos argentinos se interpretei bem a questão.

Que se passou nas eleições de Itália? Penso que o fascismo deu show de força. Será possível? Claro que é a desagregação católica que prefere sempre cair para a direita do que para a esquerda, uma tristeza. E a situação no Chile começa a preocupar-me seriamente. (...)

E acho que não esqueci nada. Pelo que me contas com tanta andança – daqui a pouco a roupa dança-te no corpo, o que só teria vantagens. (...) Deves ter andado quilómetros! (...)

Amanhã de manhã veremos se vem carta tua que hoje não veio, e só depois fecharei esta. (...)

– 16 de Junho de 1971 – Chegaram duas cartas tuas a que responderei logo com vagar, (...)

(...) Vi ontem na Time que as companhias de aviação entraram em guerra de preços por causa da concorrência dos charters e do «Jumbo» que lhes deixam os outros aviões vazios.

Assim a Sabena está a fazer para «jovens», por exemplo, ida-e volta Nova York-Bruxelas 200 dólares, menos do que o regular Charter, e a Alitalia Roma-Nova York 190 dólares! Prevê-se que os preços ainda baixem mais, (...) Eu não sei se estes preços são só para viagens transatlânticas. (...)

Veio uma carta do França que te indica dois ou três hotéis em Paris que logo te mandarei com mais vagar. Vai casar com uma francesa para o que só está à espera da conclusão do divórcio e vai agora para S. Paulo, depois não sei para onde e estará talvez, em Londres em fins de Setembro. Manda-te um prospecto e pede-te que colabores num colóquio sobre «a geração de 70 e as conferências do Casino», mas o título da comunicação tem de estar no Grémio Literário até 15 de Agosto e a comunicação, em duplicado e com resumo, até 25 de Setembro.

O colóquio é em Outubro 21, 22, 23, 24. Vou reler a carta e se vir que ele sai de Lisboa antes de teres tempo de lhe escrever, escrevo-lhe umas letras a dizer que não vejo que possas fazer seja o que for por impossibilidade material de tempo (mas creio que ele só sai em Julho). Não, depreendo que sai no fim de Julho porque estará em S. Paulo de 1 de Agosto a 18 de Setembro de onde irá para Amesterdão para um Congresso, e só depois talvez passe por Londres.

(...) Há dois dias que está imenso calor. Felizmente que só aflige entre a uma e as 4 da tarde.

O alarido por causa do relatório do Pentágono continua. Ontem o artigo do Reston era muito bom e o Mansfield declarou que vai iniciar um inquérito e a verdade sairá venha ou não venha a ser o resto publicado no Times. Entretanto já todos os jornais discutem com a maior naturalidade as fontes de refinação da heroína no Laos, os nomes dos militares implicados, a impossibilidade de deter o fluxo para o Vietnam, etc. etc. O Romney declarou, ora essa, não tinha ele dito que tinha sido «brainwashed», aí está, claro, tal como toda a população americana! O triste é que por exemplo a Chase Smith do Maine, votou contra o corte de verbas para o Vietnam embora desta vez já a diferença fosse de 52 contra 44, o que já é para o Nixon pensar. (...)

Saudades da criançada que está neste momento, parcialmente, na praia.

Beijos da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 17 de Junho de 1971

Amanhã escrever-te-ei para o Hotel

Meu querido Jorge

Aqui vai um recorte do Jornal de hoje que esclarece o que era a tal questão de que te falei na carta de ontem. A Comissão do Senado que reuniu pela última vez declarou que o caso do Zeitlin não tinha sido maneado correctamente, mas a declaração vai ser posta em «Balot, next fall».

(...) Não vamos pois entrar em pânico e aguardemos tanto mais que a tua situação financeira não é, de modo algum, preocupante neste momento e pelo menos por mais um mês. Tenhamos calma, pois.

A Assembleia do Estado hoje aprovou um orçamento provisório em que ainda está incluído o aumento aos professores mas que vai ser agora discutido com o Reagan que está numa fúria com o Kennedy porque ele atacou rijamente o Nixon, e agora com a publicação do relatório secreto. O Kennedy saiu-se hoje muito bem numa entrevista declarando que ele favorecia a publicação de todos os documentos mesmo que isso fosse em detrimento do irmão presidente por achar que o povo tem o direito de julgar das acções do governo. Não se fala de outra coisa nos jornais, rádio e televisão, mas claro que não sei se se discute em privado porque não tenho com quem falar nem a quem perguntar, mas é de calcular que sim. De um modo geral parece que toda a imprensa se coloca por detrás do Times (...) É possível que a administração ganhe a parada mas isso não a limpa da vergonha de estar a cobrir um escândalo que deveria ter sido o primeiro a denunciar, se realmente tivesse a mínima intenção de acabar com a guerra no Vietnam. Curiosamente é o partido democrático que está a querer pôr tudo a claro, para atirar para as costas do Johnson e conselheiros dele a responsabilidade e com isso conseguem o que há muito desejam que é tirar aos presidentes o excesso de poderes que eles agora têm, a par de os tornar mais obrigados a ter o Congresso mais informado do que se passa por detrás da cortina.

Não tenho a mínima ideia de quem seja esse Juvenal Esteves. Descobriste quem eram os «nossos amigos comuns?»

Vou dar-te as moradas dos hotéis que o França manda. (...)

Pergunta se tens algum poema no género dos das «Metamorfofos», inédito. Diz que era para o Colóquio/Artes com boa reprodução a cores. Mando-te a carta pelas pequenas, mas creio que disse tudo. Diz que ficou K.O. com as tuas genealogias e comenta que ele está farto de tentar convencer o Serrão de que há que desvenencilhar quem são os condes constitucionais para entender o nosso século XIX... E comenta: «Habilíssima maneira de entrelaçar interesses».

Não tenho ideia nenhuma de livro desse Luis de Sousa, nem o vejo aqui por cima da secretária. Pode ser que seja só importância.

A verdade é que me louvo de não termos ido para a Holanda. Na Europa estaremos sempre perto de mais de milhões de mesquinhas. As daqui ao menos não são nossas e podemos

esbravejar sem sentir vergonha, senão na medida em que somos seres humanos. Desde o princípio que eu calculava que o Coimbra Martins também concorreria e creio que falámos disso mais de uma vez. Apesar de todos os males tenho a impressão que a escolha dele teria sido mais acertada. Claro que a nomeação do Saraiva pode ser interpretada de todas as maneiras conforme as conveniências de quem conta ou se vangloria.

(...) Porque não alteras os teus planos e não vais lá [Lisboa] no fim de Julho-Agosto saindo depois para Salamanca-Paris-Alemanha-Londres. Talvez até fosse melhor ocasião de andar pela Alemanha por causa de hotéis. É que tenho a impressão de que em Agosto encontrarias mais gente e por outro lado terias as pequenas para tratarem de ti na casa e fazerem um pouco de melhor ambiente. Pensa nisso. Claro que a tua ida em Setembro prolonga a estadia na casa [do Restelo] por mais um mês... pensa os prós e contras. (...)

18 de Junho – Hoje não veio carta tua. (...)

Vieram dois recortes: um imensamente encomiástico de um Joaquim de Matos sobre as Metamorfoses no Comércio do Porto. Acaba por dizer que não cabes dentro das linhas gerais da poesia portuguesa contemporânea e que a originalidade está em ti ou «em influências estranhas, talvez de marca inglesa» (que se lhes há-de fazer? mas o artigo é entusiástico, sinceramente, até dizendo que impõe-se que se olhe para ti como ensaísta como se olhou para António Sérgio e – para o poeta – como se olhou para o Fernando Pessoa). O outro recorte é um artigo do E. Lourenço sobre o Nemésio em que te põe à cabeça, de longe, do grupo dos Cadernos de Poesia.

Nada mais. Hoje está calor outra vez. Ontem à noite comecei a ler o livro do Vergílio Ferreira «Nítido Nulo». Não, não entro naquilo, detesto o livro em diálogo interior de é não é, à Marienbad, não sei se conseguirei ir ao fim.

Na televisão não há nada que preste e o «Pere Goriot» não me entusiasmou.

Os pequenos mandam-te saudades e beijos.

Beijos da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 19 de Junho de 1971

O nosso zip-code agora é 93111

Meu querido Jorge

Não veio carta tua hoje. Agora só segunda feira poderá vir.

(...) O escândalo do N. Y. Times e agora também Washington Post, continua. Televisão e rádio não falam de outra coisa e ainda não ouvi falta de apoio aos jornais senão dos Bukleys e que tais, é claro. Hoje foi estampado que a campanha à presidência do Nixon foi a mais cara de todos os presidentes jamais eleitos mesmo nas primárias onde praticamente ele não tinha oponente. Todos os grandes contribuintes estão nos mais altos cargos incluindo três que estão embaixadores. Se no fim disto tudo este homem for a segundo temo realmente este país atingiu o fundo da corrupção. Pelo pouco que se diz concluo que na Europa tem sido um escândalo sem precedentes. O que a mim me irrita, no meio disto tudo, é toda a gente a fazer espantos como se afinal tudo o que agora se diz não fosse tudo aquilo que sempre se soube. Estou convencida que o Times está a lutar nos tribunais por uma questão de brio, o que acho muito bem, porque evidentemente que cópias de tudo terão ido para fora e o resto sai na Alemanha, ou na França ou na Inglaterra se não sair aqui. (...) Por outro lado está a ser investigado pelo Senado também a cadeia de roualheira dos aeroportos que soma milhões e em que caminhões inteiros de correio têm sido roubados. Uma coisa de autêntico saque.

Os juroos continuam a subir e o câmbio a descer outra vez para níveis equivalentes ao da crise de meses atrás ou pior. A CBS hoje apresentou uma breve reportagem sobre as drogas e roualheiras nos quartéis dando especial ênfase a um de N. Jersey onde a coisa atinge proporções calamitosas e em que os soldados declaram que compram as drogas na rua e mostram os braços picados de heroína. É o império a esboroar-se por todos os lados. Ontem mostraram uma reportagem de um hospital de emergência no Vietnam em que se ouvia um soldado a pedir aos médicos pelas alminhas que não lhe cortassem as pernas porque já estava sem um braço, uma coisa de pôr os cabelos em pé! O comentarista dizia que aquele tivera sorte porque, pelo menos para já, ficara com pernas, mas o seguinte que chegara já chegara sem elas ao hospital.

Entretanto o Ky esbraveja em Saigão; 15 edições inteiras de jornais foram ontem suprimidas por causa das acusações dele ao Thieu, e por estamparem as revelações do Times.

E o que se está a passar no Pakistão é algo de monstruoso, mas aí ninguém acha que deve intervir, que mundo de hipocrisia!

Hoje estive muito calor e pela primeira vez desde que estamos aqui são dez da noite e ainda tenho todas as janelas abertas e ainda está calor dentro de casa. Fora está uma brisa morna. (...)

Enfim não tenho ganas de continuar a ler o V. Ferreira, vou procurar outra coisa.

Dá lembranças ao Bartolomeu e Susan, bem como ao Helder que quando receberes esta carta já estará doutorado pelo que também lhe envio os meus parabéns. Na realidade começo

a pensar que me deveria ter deixado de mais contemplações e ter ido eu arejar; descansava, passeava e ainda poupava dinheiro. Enfim, agora já está. E de qualquer maneira hesitaria sempre em deixar-lhes os mais pequenos entregues depois da última experiência.

Agora ao começar a arrumar a tua correspondência encontrei uma carta do Luis de Sousa em que te dizia que te mandava um livro. Tem data do ano passado e deve ter chegado quando estávamos já de mudança e não creio que lhe tenhas respondido pois não encontro cópia de carta tua. A carta é bastante afectuosa e talvez precisamente ele esteja ofendido porque lhe não respondeste (é datada de Março).

(...) Entretanto terás pensado na hipótese de fazer a viagem com rota um pouco diferente. Temo que tenhas dificuldade em arranjar hotel em todo o lado pois a notícia que eu li das novas tarifas dos aviões dizia que a afluência era tal que se previa que muito turista ia dormir ao relento! Escreveste à Cornill e ao Terra? Porque com esta roubalheira de malas eles podem não ter recebido a tua carta ou tu a deles. Porque eles calculam em toneladas de correspondência interceptada! E falava a gente do Brasil!

Escrevi hoje umas letras ao França a felicitá-lo pela nova esposa, e como a certa altura ele pergunta se tu viste o número do Colóquio/Letras pospondo o comentário: «Hum...» disse-lhe que claro que não pois tinham deixado de mandar-to quando publicaste a Canção de Camões.

Possivelmente só voltarei a escrever-te carta que as pequenas levem, a não ser que ainda te escreva amanhã à noite para ir na segunda. (...) Para estar lá às oito teremos de sair daqui pelas seis da manhã, vai ser uma madrugada. E para vir apanharemos a torreira do sol que felizmente não será muito de frente se viermos logo. Vamos a ver.

Todos te mandam beijos e saudades.

Beijos muitos da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 20 de Junho de 1971

Meu querido Jorge

(...) Hoje no jornal vem outro grande artigo sobre os preços das passagens de avião. Mais ou menos todas as companhias entraram na competição umas fazendo descontos para jovens entre 17-22, outros até aos 26, mas todas pedindo no máximo cem dólares por caminho entre Londres-Nova York, (ou Bruxelas, ou Roma, conforme de onde é a companhia) e a impressão geral é de que esta tarifa vai sobreviver independentemente da reunião que as companhias vão ter no fim deste mês. É possível que realmente a tarifa prevaleça porque as companhias europeias há mais de um ano que eram a favor do abaixamento dos preços que as companhias americanas forçavam a permanecer altos e com aumentos contínuos. Agora são as companhias americanas que entraram em crise por causa dos «Jumbos» e da concorrência dos charters.

(...) Continua o calor. A noite ontem estava maravilhosa.

Cheguei de casa do Carlos-Roberto. Foi agradável com um daqueles casais franceses que foram malcriados em casa do Temmer mas que desta vez foram muito simpáticos, é claro. Estava uma francesa que fez agora aqui doutoramento e a quem o Roberto parece ter ajudado e um professor de inglês do New Hampshire, nada especial mas simpático que ficou amigo da Marta quando ela estava e ele também a ensinar em Porto Rico. O Carlos manda-te muitos «cari?os» e todos perguntaram muito por ti e pela tua viagem.

– 21/6 – (...) – O Pedro foi buscar o correio. Há a comunicação a dizer que te dão os adicionais 105 dólares da Universidade não sei como nem quando, vou indagar. Se receber antes das pequenas irem mando-te metade. E veio uma carta da Enciclopédia Britânica dizendo que vão incluir uma secção chamada LITERATURE, WESTERN e pedem-te que escrevas o artigo sobre a literatura Portuguesa. São 6.100 palavras, pagam 450 dólares e querem até 31 de Outubro. Também te oferecem exemplares ou separatas, ou não sei quê mas são pormenores que verás depois, pois pedirei à D. Paulita que tire uma xero-cópia para mandar-te. Diz que se aceitares te mandarão mais pormenores sobre ilustrações e bibliografia. (...)

Entretanto depois de saíres de Londres te escreverei ao cuidado dela até nova indicação tua. Os argentinos partem em meados de Agosto e também por eles te poderei mandar dinheiro se precisares, pois os verás em Salamanca.

Não, nada veio da Alta Cultura e já agora vamos a ver se o Nuno Rocha faz alguma coisa. (...)

O Johnson declarou que tudo isto do relatório era traição do Bob Kennedy para o pôr em cheque na eleição à presidência. Isto coincide com a declaração que eu ouvira ontem não sei de quem de que o relatório fora feito a pedido ou inspiração do Bob K. Talvez se acabe chegando a alguma luz sobre os assassinatos dos Kennedys por este andar. (...)

Continua o tempo quente com céu claro.

E não tenho sossego para escrever durante o dia: ou batuque de rádio, ou os pequenos que entram e saem, impossível.

Beijos dos pequenos. Saudades e beijos da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 24 de Junho de 1971

Meu querido Jorge

Todo o dia andei numa correria e é meia-noite e finalmente tudo parece estar pronto e só falta dormir um pouco (que já não será muito).

Veio uma carta do Eugénio que esteve na Alemanha e diz que arranjou um retrato muito bonito do Holderlin e que conversará contigo sobre as outras gravuras ou retratos da antologia. Diz que os «21 ensaios» foram recebidos quase com total silêncio e a crítica do Simões era um ataque à «nova crítica», em que o englobava de passagem.

Veio também carta do Knopfli. Esteve em Angola e estará neste momento já em Lisboa onde vai ficar duas semanas para ver a avó velhinha. (...) Diz que conheceu em Moçambique um Russel Hamilton, da Universidade de Minnesota que está com bolsa da Gulbenkian em Lisboa. É negro. É aquele que esteve em Madison e é casado com a mexicana? Disse-lhe que te conhecia e tinha grande admiração por ti.

Escrevi-te duas vezes para o Hotel mas verifiquei hoje pela tua carta que não acertei na morada. (...)

Parece-me que não há necessidade de estar a escrever-te para Paris. (...) De lá me indicarás então um poiso para onde eu possa enviar-te notícias sem correrias tuas.

Coitada da Ana Hatherly. A verdade é que ela já estava, ao que se dizia, separada do marido havia muito. Mas ter perdido a filha, que coisa horrível.

(...) A entrevista do Elsberg hoje na CBS foi muito boa (o homem que «descobriu» o relatório). Ele disse que lhe pareceu indispensável fazer isso agora porque a situação é neste momento paralela à que antecedeu o golpe ao Thien, e portanto uma possibilidade de recomeço. É tremendo, não porque acrescente nada ao que sabíamos, mas para que se veja!

Estou a ler agora a «Cartilha do Marialva». O estilo lá está mas parece-me que andava ainda um pouco à procura de motivo. Estou no princípio e pelo menos lê-se com agrado, é fluente, tem real espírito. (...)

Espero que me não tenha esquecido nada porque tenho a cabeça em água. (...)

Pensa na solução de ires a Portugal em Agosto em vez de ires no fim da viagem. Isso te daria uma certa tranquilidade em relação ao dinheiro que deveria chegar-te até lá e lá então se veria o problema com mais calma e possibilidades, incluindo a de te mandar daqui, se me fosse possível.

Hoje o Reagan fez novo ataque à Universidade dizendo que era essa a mot d'ordre da economia, era para todos, os professores que dessem pelo menos nove horas de aulas semanais e tivessem classes maiores, e se dedicassem mais ao ensino do que à pesquisa. Deve estar a preparar-se para vetar o aumento o que é calamitoso para nós.

Hoje pela primeira vez passou no Senado (57 a 42) uma medida para evacuar as tropas do Vietnam em nove meses em fases sucessivas coincidindo com fases igualmente sucessivas de devolução de prisioneiros. A administração logo declarou que a votação não representava a

opinião do Senado, mas... daqueles senadores! De qualquer forma é evidente que é já um reflexo das publicações nos jornais, pois foi a primeira vez que saiu vitoriosa votação congé-nere. E já se criou uma comissão para se estudar os papéis e outra para se rever o processo de todos os papéis secretos de modo a que o público passe a estar mais informado e o governo passe a estar mais responsável perante a opinião pública. Estivesse o Nixon realmente interessado em sair do Vietnam e tinha tido agora uma oportunidade de sair e partidariamente victorioso, atirando para o Kennedy e o Johnson todo o malefício! Agora já perdeu a parada! (...)

Não posso mais de cansada e já passa da uma da noite.

Espero que no próximo hotel onde pares não seja com tanta incomodidade, que esse é de morte.

Muitos beijos da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 25 de Junho de 1971

Meu querido Jorge

O correio hoje era farto e variado. Para começar vinha um cabo-grama da Alta Cultura dizendo que tinham dado a bolsa às pequenas.

(...) eu acho bem que vás à Itália antes de Portugal, mas poderias deixar a Alemanha para depois, porque em Setembro não tens ninguém em Portugal, toda a gente está no veraneio é a conclusão a que cheguei de todas as cartas que têm vindo (...). A não ser que deixes a Espanha para Setembro. De qualquer forma me parece de toda a conveniência que estejas em Portugal no começo de Agosto e de lá sigas então para Salamanca sem ideia de voltar que me parece perda de tempo

(...) Ontem depois das andanças a Los Angeles cheguei a casa exausta. (...)

Mas voltando à tua carta. Dá muitos parabéns ao Helder. Fico realmente muito satisfeita que ele tenha conseguido vencer essa etapa e oxalá ele vá para o King's College.

A questão dos cortes do relatório vai espraçando. Ontem foi o Los Angeles Times que inseriu mais documentos. Hoje a Corte Suprema terá decidido do Times mas ainda não sei nada. Mas desta vez, creio, vai sair a porcaria toda e pela mão dos próprios, não poderão mais deter nada. (...)

Já te disse da reunião em casa do Carlos-Roberto. Eles foram como sempre muito atenciosos. Os meus conhecimentos de literatura americana chegaram para fazer cair para trás o tal professor de literatura inglesa que estava lá (a conversa foi na base das traduções que tu tinhas feito mas deu de sobra) e várias vezes pontifiquei para grande espanto meu. Quando se falava de impressões políticas (claro que mesmo superficialmente a questão do relatório não poderia deixar de estar na ordem do dia) e eu contei que quando os pequenos ouviram na rádio algo que interpretaram como tendo sido a Rainha de Inglaterra que fora assassinada e eu lhes tinha dito que isso era impossível se alguém fora assassinado teria sido o Kennedy, houve um «What?» de alguns que quase me fez rir. Aliás mais uma vez verifiquei como a politização é uma coisa muito mais difícil do que parece e é superficial na maioria mesmo dos mais esclarecidos. Chego a pensar que é preciso ser-se «eleito» para ter a «graça» do entendimento político.

O que me dizes da Itália coincide mais ou menos com o que eu pensava, mas não sei porquê tenho estado sempre um pouco longe desse país e das suas vicissitudes¹⁸⁹.

A menos que me confirmes ter contactado o Terra ou a Suzanne só te escreverei para a Suécia.

A Ivana chegou com as pequenas e tenho de terminar abruptamente.

Beijos muitos da tua

Mécia

**

¹⁸⁹ Em nota manuscrita no final da carta lê-se o seguinte: *A Ivana diz que ouviu no rádio que prenderam gente que ia assassinar o Nixon em Chicago. Começa a maquinaria a funcionar!*

Santa Bárbara, 29 de Junho de 1971

Meu querido Jorge

Esta casa entrou em total colapso que não tenho sequer tido tempo para me sentar a escrever-te umas linhas. (...)

Vou dar conta de correios para não acumular. Não me lembro se te disse que escreveu o Eduardo Dias, de Los Angeles, dizendo que, de Portugal, lhe tinham pedido o texto das conferências da geração de 70. Ele perguntava se querias mandar e indicava o nome da pessoa, que se dizia estudante. Escrevi ao dito cujo muito amavelmente mas dizendo que tinhas a conferência em manuscrito e só quando viesses a prepararias para publicação e que, uma vez publicada, se ele ainda estivesse interessado, então poderias enviar-lhe uma separata ou a indicação de onde fora publicado.

Veio mandado por aquele inglês do António Machado, creio, um recorte do Bulletin of Hispanic Studies, de Liverpool, com críticas a «Portugal and Brazil in Transition», em que é feita especial menção à tua comunicação. Salienta também o Wilson e pouco mais. É assinado por Peter Flync e N. J. Lamb. Mando-te o cartão do homem porque me pareceu muito amável.

Veio o novo livro do Raul de Carvalho. [...]

Mécia

**

Santa Bárbara, 1 de Julho de 1971

Meu querido Jorge

Ontem deitei no correio uma carta e só depois reparei que tinha datado de 31 de Junho mas pensando que era mês de 31 pois me referia ao dia da Independência na 2.^a feira (mas realmente os correios não funcionam porque gozam na 2.^a o feriado que perdem no domingo).

Agora deu-me de repente um baque e fui reler a tua carta. (...)

Das Iniciativas Editoriais veio hoje o pedido para fazeres o Diogo Bernardes. É só para Maio! (...) Espero que em carta de amanhã me digas quando vais para Goteborg senão fico sem saber para onde escrever-te embora calcule que não vás para lá antes do dia 7, que é dia de barco.

Julho – 2 (...) a carta foi recolhida depois da meia-noite e devolvida hoje porque tem um cent a menos de selo¹⁹⁰. Como na carta de hoje não dizes quando saís de Paris pus-lhe o selo que faltava e deixei-a seguir para casa do Terra mas não remeti mais nenhuma carta para lá por me parecer improvável que te encontre.

Hoje veio uma «Antologia de textos pedagógicos do século XIX português» vol. I com prefácio, selecção e notas de Alberto Ferreira. Tem uma dedicatória que reza: «Para Jorge de Sena, homenagem ao seu sem-dó-nem-piedade e ao fundo-amor-da-alma (aqui diz um beirão: d'aialma) que é sinal do autêntico criador de valores intelectuais, esta antologia que precisaria de muito mais tempo para se tornar rigorosa, com um abraço do...». Foi mandado pela Gulbenkian que publicou o volume, sem morada dele. Vou acusar a recepção para te poupar posterior carta, se não estiveres para isso.

Também veio uma longa carta do Casais (...)

Agora outro ponto que na tua carta me deixou alarmada – os dinheiros. (...) Estou verdadeiramente em pânico, com franqueza. Por favor faz lá as tuas contas e diz qual foi o balanço final. (...)

A Casa Branca não tugiou nem mugiu até agora mas tudo leva a crer que se prepara para pôr na cadeia todo o mundo que de qualquer maneira participou ou silenciou na saída dos papéis. Entretanto, em Paris, o Viet. do N. apresentou uma proposta que é igualzinha às anteriores só diz que se eles saírem até ao fim do ano soltam já os prisioneiros. E todo o mundo embandeira em arco com as «novas» e muito mais «conciliatórias» propostas! Mas o Mitchell já declarou que uma saída até Dezembro faria perder milhões em material impossível de trazer em tão curto prazo, e que isso não pode ser! E, portanto, é a conclusão lógica, há que continuar a matar para poupar! Deve fazer parte da vingança o denegrir do Kennedy uma vez que já dizem os jornalistas informados que está a fazer-se a revisão dos papéis confidenciais (e já são 20 milhões ao todo, tal chegou o delírio do confidencial) e que muitos vão deixar de sê-

¹⁹⁰ Em nota lê-se: «as tarifas internacionais subiram todas».

-lo a começar pelos referentes à Baía dos Porcos! Claro que esta administração não conhece outro processo de defender-se senão emporcalhando os outros, não surpreende ninguém.

O Orçamento da Califórnia está agora dependente do Reagan mas espera-se que ele vote a torto e a direito e não se sabe ainda a sorte do vosso aumento.

(...) Chegou, sim, o recorte sobre o hotel algarvio que me parece muito mais uma negociata suja da agência inglesa do que outra coisa (até dizem que a propaganda foi escrita na Alemanha...). Mas não me admira se tudo entrou em colapso até a negociata que o turismo é. Mas, realmente, devem olhar para eles mesmos antes de falarem. (...)¹⁹¹.

**

¹⁹¹ Na margem esquerda da página, por razões estritamente de falta de espaço, lê-se: «3/71 – Não veio carta tua e agora só 3.ª feira. Penso que irás para Gotenborg na 4.ª... Não basta que me digas quando vais para um lugar é essencial que digas quando saís dele e com a devida antecedência. Mais beijos da Mécia».

Santa Bárbara, 2 de Julho de 1971

Meu querido Jorge

(...) O inglês das tuas traduções deu-te as traduções? Gostaria de ler. Ele só fez as que mencionas ou só te leu essas? Quantas poesias tuas vai ter nessa antologia? Vão utilizar alguma das da Longland?

Esse Luís de Sousa, realmente. Enfim paciência talvez tenhas tempo no regresso, que bem nos convinha.

Quem tem estado em greve aqui é a companhia dos telefones o que imobiliza a Western mas há meio de mandar telegramas, ou melhor cabo-gramas ou telex que esses são distribuídos pelo correio de Nova York como fizeram com o do Inst. de Alta Cult. A propósito de greve pensa-se que os empregados estaduais farão greve por o Reagan lhes ter cortado o aumento que para eles era de 5 por cento pois o haviam tido o ano passado. A cara do Reagan de ruindade era só visto mas ele sabe que o veto dele não será nunca alterado pois não há possibilidade de arranjar-se dois terços para isso. (...)

Essa de altas ofertas do Marcelo é incrível. E a verdade é que ninguém te ofereceu nada (que realmente não aceitarias, pelo menos se acarretasse termos de mudar armas e bagagens para lá). (...)

Que comemoração estão eles a fazer camoniana? Claro que não podes contar com ninguém dessa gente, mas também não te fazem falta, homem de Deus. Que mais poderias tu fazer neste momento ou nos próximos anos com tanta coisa em mãos ou em atraso? Deixa-os para lá a promoverem-se por conta do Camões ou outros menos grandes, é a oportunidade deles e não durará sequer até à geração seguinte.

Da outra vez que foste deste-me ou foste-me dizendo uma rota que eu ia seguindo e tendo possibilidades de te escrever fosses para onde fosses. Desta vez tudo é incerto. (...)

Nada mais que me lembre. (...)

A tua máquina de escrever ainda não voltou e eu torcendo para que não venha com medo da conta.

Agora sim que não me lembro de mais nada. Pensei em escrever ao Casais a quem já não sei quantas vezes prometi carta mas não sei se ele ainda mora naquela morada de S. Paulo que é nas Perdizes e tenho no meu livro de moradas. (...)

Os pequenos gostam imenso dos postais que lhes mandas e que mostram a todos os amiguinhos que aqui entram. Estão todos em exposição nas estantes. Mas não tenho sossego para que te escrevam, tem paciência, e nenhum deles o faz sozinho, como sabes. Mandam-te muitas saudades.

Beijos muitos da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 6 de Julho de 1971

Meu querido Jorge

(...) Hoje veio bastante correio a que me referirei largamente em outra carta, pois não tive tempo nem de ler os recortes que mandaste. (...)

Telefonaram da Enciclopédia Britânica cuja xero-cópia não disseste ter recebido. Dei-lhes a morada de Portugal indicando que só estarias lá em princípio de Agosto mas disse-lhes que aceitavas fazer o panorama que eles pediam.

Também veio o Diário Popular com a entrevista do Nuno Rocha cheia de confusões e boa vontade com um retrato teu e o grupo que tirámos na rua, à saída e está bastante bom. Ocupa as duas páginas centrais.

(...) A Myreia telefonou para dizer que recebeu o teu postal.

Ontem fomos com ela ver uma feira em frente à Missão. Mas eu não suporto mais estas coisas já tive que chegasse e sobrasse de Senhor de Matosinhos quando era menina e moça. Depois fomos para a praia onde picnicámos. Quando cheguei a casa estava cheia de dor nos rins. Não, decididamente estes ares livres não são para mim, ou lhes perdi totalmente o encanto.

Hoje veio o homem trazer a tua máquina. Custou 21.00. Um pouco menos do que eu calculava. É bom ter de vez em quando uma surpresa agradável.

Dizes-me que saís de Paris hoje ou amanhã, que era o que eu calculava, mas não me dizes quando chegarás a Gotenborg, quantos dias te demorarás e para onde vais depois. Como vou escrever-te? Se nada me disseres carta que eu calcule que chegue aí depois deste fim de semana já dirijo para casa do Murillo.

Dá muitas saudades e beijos a esses «crios», como diz a Soledad. (...) Saudades e beijos da malta. A Ivana recebeu o teu postal e agradece.

Muitos beijos da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 6 de Julho de 1971

Meu querido Jorge

É já muito tarde, mas para que não me esqueça vou dar-te conta do correio de hoje. (...) O postal que mandaste de Versalhes é muito bonito. (...)

7 de Julho – Não veio carta tua e lá fico eu sem saber se hei-de ou não escrever-te e para onde. (...) Ontem à noite estive a ler os recortes e o da China me pareceu muito esclarecedor. O de Portugal é muito engraçado e mostra que apesar de tudo as coisas não estão já no mesmo pé de dantes. (...)

Por sinal num dos suplementos literários do Estadão vem uma nota extensa do Sarmiento Pimentel muito boa. Diz ele que o Marin nas notas ao Quixote cita o «Tratado de Amor Divino» mas desconhecendo, no que repete erros de outros, a 1.^a edição de que ele tem um exemplar. Pasmos como um homem daquela idade ainda tem o gosto e o ânimo para preocupar-se e vir à liça com coisas destas. (...)

Muitos beijos para ti da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 12 de Julho de 1971

Meu querido Jorge

Recebi hoje o que deve ser a tua última carta de Paris. (...)

Já tenho a cópia do índice que pedes prontinho para mandar para o Helder. Seguirá amanhã. (...)

Eu não acho que devas estar tão desanimado, Da outra vez era a primeira vez que tinhas uma oportunidade de viajar, largamente, a Europa, tinhas portanto a curiosidade natural a esse facto; agora não só, por enquanto reviste lugares por onde já viajaras, e mais do que uma vez, como tens a consciência de que afinal não é tão difícil assim conseguir ir de viagem e que portanto não vale a pena andar no corre-corre. Além do mais este tempo deve realmente ser impossível para andar de um lado para o outro. Para cúmulo com esse calor medonho. Aqui tem estado quente bastante mas as noites refrescam como sempre de modo que mesmo nas horas de calor não há o pavor de ter na frente uma longa e infernal noite. (...)

Vou escrever umas linhas ao Terra que realmente se manteve sempre muito meu amigo. E bem gostava de estar com eles, como gostaria de estar com os Macedos e os Santos. Quem sabe se para o ano isso é possível. O pior foi o golpe do Reagan. Mas enfim, virá por outro lado, tenhamos fé. Como ele cortou o aumento também previsto para os empregados estaduais vai por ai um xarivari (mas o ordenado dele subiu de 44.000 para 49.000) com ameaça de greve e tudo. (...)

Há dias foram para o hospital vinte e tantos rapazes do campo de treinamento dos Marines por exaustão. Grande espanto, realmente já havia uns casos anteriores, vão estudar o assunto, fazer um inquérito e entretanto já mudaram uns tantos oficiais para outras unidades. O problema das tropas na Alemanha parece que está a ser tão grave como no Vietnam de drogas e racismo. Um exército completamente a desfazer-se de disciplina e moral. (...)

13 de Julho – Veio hoje a tua primeira carta da Suécia (...)

Logo à noite te escreverei mais demoradamente e com menos calor que a esta hora, é insuportável estar aqui a esta hora na tua secretária. Oxalá não apanhes em Roma o mesmo calor que apanhaste em Paris, porque em matéria de turistas é evidente que terás a mesma sorte ou pior que tens tido até agora. Tenho a impressão que para a próxima o melhor é passar calmamente o Verão em Portugal e viajar Setembro pela Europa, com menos calor e menos gente e seleccionando os países. Enfim, vai-se aprendendo à nossa própria custa e eu... aproveitando da experiência para um dia, não sei quando, colher os frutos.

Beijos dos pequenos e da Ivana. Beijos da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 13 de Julho de 1971¹⁹²

Meu querido Jorge

A ver se tenho um pouco de calma para escrever (...)

Estive a ler as traduções dos teus poemas que achei muito bonitas, na verdade. As traduções do Bartell devem soar-lhes muito americanas, talvez. (...)

Veio um papel do Wisconsin que te mando. (...)

Veio um microfilme enviado pela Biblioteca Nacional. Deve ter sido o que o Joaquim mandou fazer.

14 de Julho – Hoje não veio carta tua (...)

No correio para ti veio uma carta da Britânica dando-te as «guidelines» para o artigo que não me parece que valha a pena mandar-te e veio o teu postal da Dinamarca que chegou portanto depois da carta da Suécia. (...)

Do Joaquim recebi hoje uma carta apressada porque teve de ir para Vancouver levantar o automóvel por causa dos estivadores estarem aqui em greve. (...)

Ate breve. Saudades da criançada. Muitos beijos da tua

Mécia

**

¹⁹² Carta sem menção do local de envio e encabeçada por cartinha em inglês do filho Vasco.

Santa Bárbara, 14 de Julho de 1971

Meu querido Jorge

(...) A estas horas já estarás pela Alemanha onde talvez a avalanche de gente não seja tão grande mas temo que vás cair em Roma no pico da fúria turística. Oxalá me engane. (...)

15 de Julho – Chegou agora a tua carta 11 de Goteborg. (...) Na realidade acho que nós nos preocupamos demasiado com os nossos filhos. (...) Talvez a nossa preocupação de vida, de ter consciência de viver, de absorver tudo, de chegar a tudo o mais depressa possível, o nosso conceito de vencer estivesse tão errado ou tão certo como este viver – fluindo da juventude de hoje. Talvez eles na nossa idade estejam mais cansados mas menos desiludidos, já que não esperam nada nem desejam nada para além do dia de hoje. Seja como querem e não nos amarguremos com isso. (...) Punhamos os olhos nos mais novos e aguardemos.

Muitos beijos da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 18 de Julho de 1971

Meu querido Jorge

Aqui vai a cópia dos poemas que hoje mesmo mando para Lisboa. Hesitei na escolha do terceiro poema entre o «A Póstumo», o do Ganimedes e o «Sogrónio Rufo», acabei por pedir ajuda à Ivana e ambas optamos por esse que te mando a cópia porque nos pareceu o que dava melhor balanço com os outros. Oxalá aproves a escolha, se não aprovares posso copiar logo um dos outros e mandar. (...)

Vi pelo postal depois recebido que o roteiro de viagem que me mandaras na carta não podias cumpri-lo, porque não existiam as ligações que te haviam indicado. Mas que desorganização: Pelo que me dizes cálculo que terás chegado hoje ou chegarás amanhã a Roma, mas não me dizes quantos dias te demoraste e não sei se deverei ou não mandar-te esta carta para lá. (...)

Essa história da senhora da Letónia é incrível, mas que ridicularia e que estreiteza. E quantos «intérpretes» precisam eles de ter, Deus do Céu. Estou certa que o Nixon lhes deu neste momento uma facada nas costas com a política da China e receio bem que à custa da pele dos Vietnamitas. De resto o júbilo hoje do Ky... era bem evidente na entrevista que concedeu. E as circunstâncias rocambolescas da visita do Kissinger com sócia e tudo é realmente inconcebível de um país com dignidade de política. Só aqui e com Nixon. (...)

Julho, 19 –

(...) Felizmente que a passagem pela Alemanha te tem sido frutuosa, mas deve ser insuportável viajar assim. Deus me livre! Comigo já teria desistido e me instalara em qualquer canto a deixar passar a onda. (...)

Estou ansiosa que me digas coisas de Roma que a situação da Itália me preocupa especialmente embora a não entenda claramente. Aqui se não mataram aquele incrível Colombo, chefe da Máfia, pelo menos deve ficar inutilizado e incapaz para quaisquer futuras chefias. Claro que haverá outros para o lugar dele. Também aguardo os teus comentários sobre a visita do Nixon à China e as novas torpezas que isso trará à política internacional, à custa da pele de Hanói, merecidamente da Formosa, possivelmente do Japão e, evidentemente da Rússia, independentemente de ser um passo indispensável para assentar bases para a solução do Vietnam, impossível sem a entrada da China nas negociações. As televisões agora dão China a toda a hora e momento: descobriram a China através de todo o bicho careta que lá vai e volta a opinar depois de uma semana de visita. E já se não diz Red China mas República Popular da China, pois então. Dizia um locutor com piada: depois de nas últimas décadas a China nos ter sido oferecida como o monstro, o papão, tudo quanto há de falso e mau, a razão de ser de todos os passos bélicos da América na Ásia, é um pouco difícil adaptar o pensamento ao novo aspecto que agora nos é servido de um momento para o outro. (...)

Saudades e beijos dos pequenos

Muitos beijos da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 20 de Julho de 1971

Querido Jorge

Hoje o correio trouxe-me o teu postal de Innsbruck. Vejo que a viagem pela Alemanha tem sido repousante e rezo a todos os santinhos para que não pagues caro na Itália, onde terás chegado ontem ou ante-ontem. (...)

Julho, 21 – Não veio carta tua (...)

22 de Julho – Fico ainda sem saber para onde mandar esta carta porque no teu postal de hoje, de Verona, não dizes ainda quando sairás de Roma nem para onde. (...)

Os teus postais já fazem uma colecção impressionante e já ocupam quase duas prateleiras inteiras em frente à secretária.

23 de Julho – Enfim as tuas aventuras são edificantes em todos os lados e todos os países. Conteí-as à Ivana que se fartou de rir. Só faltava o gorgonzola ser dinarmaquês! Bem que eu temia que a Itália te fizesse pagar caro toda a relativa boa viagem pela Alemanha. Fica de emenda que no Verão não se pode excursionar pela Europa. Talvez em Portugal, apesar de tudo, ainda se possa estar. Pelo menos não tens que preocupar-te com hotéis nem restaurantes. (...)

Há várias coisas a receber aí: a Sociedade de Autores deve ter que pagar-te do disco do José Afonso, poesias lidas na televisão, etc. A Livraria Portugal deve ter contas a fazer de separatas... O Valentim de Carvalho terá de fazer contas contigo do teu disco e espero que tenhas dinheiro a receber. A pagar há duas contas de livraria (...) Veremos o que mais concretamente me dizes tu quando chegares (...). Beijos muitos da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 24 de Julho de 1971

Meu querido Jorge

(...) A televisão deu hoje o triste pio. Por mais que eu ralhasse e dissesse que a poupassem ninguém se privou de nada. Agora todos passam sem ela e eu me privo do noticiário e dos raros programas que me interessam e constituíam a minha única diversão. Enfim, paciência.

Comecei há dias a ler o «Report to Greco» do Kazantzakis. É um livro que está para o «Freedom or Death» como o «Summing up» para o «Servidão Humana». E independentemente da demasiada presença de Deus que às vezes me dá a impressão que é um fenómeno atávico e não de crença, tem por vezes coisas lindíssimas. Sobretudo é impressionante o desejo de viver que ele tinha ainda naquela idade, não para viver, mas por julgar que com mais alguns anos acabaria por dizer tudo quanto ainda tinha por dizer; e a presença dos mortos nele como final meio de sobrevivência! Diz ele que viu muitas pessoas descerem ao túmulo para passarem a viver dentro dele onde viverão enquanto ele não morrer pois só nessa altura morrerão também. Lembrei-me de uma vez ter dito coisa semelhante creio que ao Óscar a propósito da morte de minha mãe, mas a beleza com que ele o diz tocou-me profundamente.

Mas como estou cansada, Deus meu, começo a ter desejo de identificar-me com a terra que deve ser cansaço de viver; desapego de tudo quanto seja material mas sem desejo de arrimo espiritual. Vou deitar-me. (...)

Amanhã continuarei. (...)

Estou preocupada e ansiosa por ter notícias tuas de Lisboa. Terás saído hoje de Roma, como pensavas? Por certo segunda-feira terei carta tua em que mo digas já.

E espero que as tuas impressões de Roma tenham, apesar de tudo, melhorado depois que me escreveste a carta que ontem recebi antes de teres falado com o Cattaneo e a Luciana. Tanta besta a passear-se por lugares que nem sabem ver, mal empregado dinheiro. Esperemos que daqui a pouco passem a ir passear-se para a China e deixem a Europa um pouco em paz. Bem que era preciso que o Nixon aliviasse as relações com a Rússia. Também para lá poderia desviar-se parte desse turismo inóquo, já que passaria a ser muito mais exótico que a França e a Alemanha. E por muita gente que L'Ermitage receba, nunca por certo poderá dar a impressão de estar cheio, graças às magestáticas proporções do mesmo. (...)

(...) muitos beijos e um longo abraço da tua

Mécia

25 de Julho – Passou-se o dia em trabalho consecutivo. (...)

Queria falar contigo silenciosamente o que é neste momento tão impossível como obter a lua e, contudo, não me apetece escrever, como não me apetece falar, como não me apetece ouvir voz nenhuma. São raros agora os silêncios entre nós que não signifiquem a absorção tua

em qualquer coisa ou impossibilidade minha de interromper um trabalho. E assim nos vamos afastando mais e mais e nada mais me fica, cortada como vivo do mundo exterior. Creio que este foi o único problema que jamais pensei que se me pusesse. Estou a precisar de dormir, sem dúvida. Defeito de quem afinal sem saber precisava dos outros para ter alimento espiritual.

Muitos beijos da

Mécia

26/7/71 – Chegam os teus vários postais e a carta para mim. Escreverei logo.

Beijos da tua

[simples rubrica]

**

Santa Bárbara, 26 de Julho de 1971

Meu querido Jorge

Para teu governo esta é, pelo menos, a 3.^a carta escrita para Lisboa. Assentemos nisso como possibilidade de controle. (...)

Fico curiosa de ver as traduções do Cattaneo. Ele continua na ideia de fazer uma antologia tua? A escolha dele coincide com a nossa? (sim mandei o índice ao Helder como te mandei dizer). (...)

A tua carta deixou-me nostálgica mais ainda do que já estava. Certo que o nosso amor pátrio não é coisa de nacionalismo idiota, mas não ter nenhuma ou sentir que nenhuma nos merece mesmo quando se tentou sinceramente tê-la, causa uma sensação de ferida incurável que se faz constantemente lembrada. Mas para os outros sempre o defeito será nosso, sempre seremos nós os difíceis, os inadapáveis, que se lhe há-de fazer? Será que não estão com a razão, realmente? (...)

Beijos, meu querido da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 31 de Julho de 1971

Meu querido Jorge

Esta manhã chegou uma carta expressa de um homem chamado José Antonio Telle da Sylva que diz que é agora consultor bibliográfico da Imprensa Nacional. Diz ele que vão fazer várias edições comemorativas dos Lusíadas (...) entre as quais a reprodução da edição de «Os Lusíadas comentados por Manuel de Faria e Sousa, impressos por Juan Sanchez, Madrid, 1649» Diz que falou particularmente com o administrador, Eduardo Brasão, que imediatamente sancionou o teu nome para fazer a introdução dessa obra. (...) Segue neste mesmo correio uma carta em que lhe digo que estás em Lisboa e te procure. (...) A carta é imensamente atenciosa dizendo até que essa entidade, de que é muito recentemente consultor, pretende fazer pela cultura portuguesa mais do que «por razões conhecidas era habitual». O que parece ser sinal de real boa vontade. (...)

Agosto 2 – / (...)

Quanto aos certificados das minhas cadeiras não consigo já, de modo algum saber quais e que cadeiras fiz. (...) terás de conseguir na Faculdade a lista das cadeiras desse tempo, ou seja entre 45 e 56 no curso de Ciências Históricas e Filosóficas. Então olhando para a lista poderei saber as que fiz em Coimbra e as que fiz em Lisboa. (...) ter uma relação certificada das cadeiras poderá ser sempre útil (...) quando na realidade eu tenho o equivalente a um Master do qual me faltaria o exame apenas. (...)

Muitos beijos e saudades da tua

Mécia

✱✱

Santa Bárbara, 10 de Agosto de 1971

Meu querido Jorge

(...) Essa do reconhecimento das universidades é um caso a ver dentro dos novos acordos entre o Brasil e Portugal. Porque se os diplomas são válidos das duas margens também os doutoramentos o serão. Não será por isso que não há menção de universidades brasileiras? Será bom indagar. Claro que também pode ser meramente querer eliminá-las e pôr de fora exactamente aqueles que mais os afligem: tu, Casais, Víctor Ramos, etc. É verdade que realmente o Alfredo está como professor aí? Mas, de qualquer maneira se reconhecem 40 universidades já é uma lança em África, homem! Não se pode pedir tudo de uma vez que até as pessoas podem morrer de indigestão! Há que ir aos poucos! (...)

Beijos e saudades às pequenas e para ti da

Mécia

**

Santa Bárbara, 11 de Agosto de 1971

Meu querido Jorge

Não veio carta tua hoje, mas com um cartão do Miguéis, o Boletim da Casa de Portugal de 4 de Agosto em que se noticia a tua chegada a Portugal. A notícia é dada pela ANI que é quem as fornece e por seres «da Universidade de Santa Bárbara», é fácil de saber qual foi a via de informação. Vou escrever-lhes um bilheteinho pois o cartão vem no nome dos dois. Agora é que muita gente vai abrir a boca... mas já tanto faz! (...)

Os jornais devem ter noticiado aí a reviravolta do Lindsay que em todo o caso creio que não foi surpresa para ninguém. Terá chance realmente? A mim parece-me que entre ele e os candidatos já expostos, nem se poria a dúvida, mas o preconceito será muito e não sei se não foi já tarde, a menos que seja o princípio do quarto partido, como, vagamente, se sugere. (...)

Como estes correios andam bastante demorados seria bom que começassem a pensar nas tuas andanças depois que saíres de Portugal pois não faço ideia nem para onde vais nem para quem te hei-de escrever. Se não pensas já nisso só te escreverei para Londres que é a única morada certa. (...)

Que andança de casa esta, meu Deus, às vezes sinto-me abstracto director de tráfego! Eu que em menina e moça tanto sonhava com viajar, viajo sempre a longa distância, como se só vencer a distância interessasse. E começo a pensar que tudo tem o seu tempo e que viajar agora, como dantes desejava, me cansaria no fim de tantos anos de viver limitada ao super-mercado, ao outro lado da rua, ou até ao interior da casa visto esta não ter janelas sequer. Ir seja onde for me cansa extraordinariamente: cansa-me o corpo e cansa-me a paciência. Ir a casa de alguém mal já me compensa do desejo de comunicar e de ver gente, embora me seja vital falar e ouvir falar.

Deixarei a carta aberta até amanhã, até ver se veio carta tua. (...)

Afinal fui escrevendo e começa a ser mais que tempo de me deitar.

Beijos às pequenas. Muitos beijos e saudades da tua

Mécia

12 Ag. – Não veio carta tua mas 3 recortes, um dos quais a tal entrevista em que o Joaquim me falara. Mal feita (é do Janeiro) – a manchete ocupa mais espaço que o texto. Foi uma entrevista colectiva que lhe arranjam na Embaixada do Brasil.

**

Santa Bárbara, 13 de Agosto de 1971

Meu querido Jorge

Aqui tens a gravura que o Rui Knopfli fez do teu retrato do disco para pôr com os poemas que lhe mandaste e vão sair agora. Acho que ficou muito bem. E, independentemente de o fazeres, hoje mesmo à noite lhe escreverei a acusar a recepção. Também vinha um papel da Enciclopédia a perguntar se poderias entregar o teu artigo antes da data marcada. Como era só de dizer sim ou não, pus a cruzinha e assinei por ti, pois é evidente que não poderás mandar-lhes antes do fim de Setembro.

Ontem lá fui ajudar a Myreia a fazer o jantar que correu muito bem e com bom ambiente. (...) Depois o Jack veio trazer-me e estivemos a conversar um tempo. (...) Por sinal que a conversa foi bastante curiosa e umas vezes meti na ordem a Harriet com muito boas palavras. Porque ela (...) comentava que talvez o facto de tu estares sempre distante dos filhos, e teres tido, porque eu contribuíra para isso, uma vida o quanto possível aparte por necessidade de trabalho, lhe passe pouco de vida de «família» pelo menos não era dentro do «normal» das famílias. Aí eu lhe respondi que eu não tinha de ser normal com família nenhuma uma vez que tu eras uma pessoa rara e eu já sabia isso quando tinha casado contigo e que além disso ela não podia compreender porque era americana mas essa era a atitude normal das mulheres casadas com intelectuais e que eu esperava que os filhos tal compreendessem, pois que, como eu sempre dizia, eu te escolhera mas os filhos tinham nascido, sem que tal implicasse menos amor por eles. Ela ficou meia zozza tanto mais que, nessa altura, o Jack lhe disse que para mim tinha sido uma questão de escolha feita conscientemente e que uma vez que a tinha feito, tinha feito. Disse-lhe ainda que independentemente de nós fazermos tudo para que tal não acontecesse, era normal que os filhos das pessoas excepcionais saíssem frustrados e que isso fora também um risco que eu corra voluntariamente, por muito que nos custasse se tal acontecesse. Claro que é muito difícil conversar com burguesinhas e ainda por cima americanas e é por isso que nenhum Jack deste país levanta voo. Por um lado até gostei da conversa para pôr os pontos nos iis e até para, talvez, ajudar um pouco o Jack a libertar-se das jardinagens e das limpezas. (...)

Muitos beijos para ti da tua

Mécia

✱✱

Santa Bárbara, 14 de Agosto de 1971

Meu querido Jorge

(...) A minha impressão é de que não deves ausentar-te por tanto tempo seguido. Mais de dois meses é um levantamento de tudo e de todos excessivo, a meu ver. Daqui em diante, há que planejar as coisas com mais vagar e há que deixar de pensar que é a tua última oportunidade para pensar que é apenas mais uma e que elas surgem com facilidade. Claro que esse corropio que tens aí sempre mais ou menos o terás quando voltares porque cada vez mais as pessoas quererão agarrar-se ou à tua velha amizade (como o Rui, o Vasco Miranda, o Zé) ou estarão interessadas em conhecer «o homem» ou usar-te como válvula de escape para as suas frustrações pois que contá-las aos outros não adianta, já toda a gente as ouviu dúzias de vezes, com certeza, ou pertence ao «outro partido». (...)

Muitas saudades dos pequenos. Beijos às pequenas e muitos beijos para ti da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 23 de Agosto de 1971

Meu querido Jorge

Esta nossa correspondência anda verdadeiramente caótica. (...)

A tua carta de ontem era uma confusão de escreve – não – escreve, Deus do Céu. (...)

Gostei muito de falar contigo ao telefone (...) ficámos a ouvir música a tarde toda num programa excelente que descobrimos no rádio. (...)

Quem lê os jornais daqui pânico é coisa que não existe em relação ao dólar. Tudo é crise «aí» e não aqui. Claro que de certo modo a crise foi atirada de ricochete o que não deixa de ser bem feito depois da giga-joga da França e da Itália. Mas também eu estou preocupada e parece que realmente nada se poderá fazer contra o congelamento do Nixon, pois que o Governador do Texas que os enfrentou parece que perde a parada. Para nós representa um golpe. O que irrita é isto acontecer por politicagem local do Reagan e da Assembleia, todos eles a comerem o substancial aumento que se deram em tempo hábil. (...)

Beijos muitos da tua

Mécia

24 de Agosto – Chegou esta manhã a tua carta de 19 e 20. (...) Não te preocupes com o silêncio à tua volta. Aliás toda a gente nesse país mais ou menos passa por essa fase que em relação a ti nunca é de total silêncio uma vez que te vais sempre publicando. Depois virá a onda seguinte. O importante é que tenhas editoriais sempre.

Santa Bárbara, 24 de Agosto de 1971

Meu querido Jorge

(...) E entretanto terás também já falado com a Inova e sabido de projectos deles. É possível que o Egito gostasse de ver-te de lá para fora mas enquanto eles te pagarem mensalidade também publicarão pois não vão perder o dinheiro. Como estará a edição do Cavafy?

Eles não se interessariam por um livro de ensaios de literatura brasileira, agora que o Brasil está na moda? Incluirias o Machado de Assis, o Euclides, a Cecília Meireles e mais uns tantos com que farias um volume bastante bom e até com coisas que eu gostaria de ver publicadas. Pena que não me tenha lembrado disso mais cedo, para te sugerir.

E com esta carta e levantamentos de permeio levei quase a tarde e toda a noite. Até amanhã. Beijos muitos da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 26 de Agosto de 1971

Meu querido Jorge

(...) Veio também uma cartinha do Moser a dizer que está a ler a «Liberdade ou Morte» do Kazantzakis com verdadeiro fascínio. Termina enviando um abraço para vocês «meus caros Ulisses e Penélope», ao que achei imensa piada. (...)

Mas realmente tens de encarar as coisas com mais distância e dar-lhes menos importância do que lhes dás. Porque a verdade é que independentemente de te fazer falta a Portugália ou a Inova, no caso de que falhassem logo as duas, estou certíssima de que outra qualquer apareceria. Há que ter calma, homem! Não és um autor cujos livros se não vendam, pelo contrário, e não é preciso rataplam para que se vendam. E cada vez mais terás um público que se não manifesta mas lê. (...)

27 – Interrompi porque começamos a ouvir música e o sarau começado com a «Dido» que a Ivana não conhecia acabou às três da manhã. (...)

O problema da solidão deste país é realmente o óbice para quem não nasceu nele e não acha portanto que solidão e «privacy» são coisas inteiramente diferentes (...)

Se vão levar realmente o «Desejo sob os ulmeiros» (o que ainda nos dará algum dinheiro) não seria melhor que desses uma revisão na tradução agora que tens uma familiaridade com a língua que não tinhas na altura? Isso farias em duas ou três horas, creio, e talvez até a pudes- ses fazer aí. (...)

28 – Não veio carta tua nem nada mais. (...) O calor continua hoje de ananazes, e outra vez se levantou o vento da tarde pelo que ouço os helicópteros de um lado para o outro (significando que há fogos pela montanha se é que dominaram inteiramente o de ontem, o que ainda não tinham conseguido tarde da noite). (...)

Saudades e beijos dos pequenos. Muitos beijos da tua

Mécia

29/ Cá estou em Stanford com o Joaquim de bigodaça e um pouco mais gordo. Passamos por Carmel e apreciámos o trajecto que é na verdade magnificante. Amanhã iremos a S. Francisco e passaremos pela Imigração. Trouxe o Paulo e a Zezita mas esta ficará aqui a brincar com a Anita.

Muitos beijos da tua

Mécia¹⁹³

♦♦

¹⁹³ No final desta carta há manuscrita a seguinte nota para Jorge de Sena «Professor: Avise-nos chegada Okland. Pernoite obrigatório em P.Alto? Abraços do sempre [rubrica ilegível]».

Santa Bárbara, 2 de Setembro de 1971

Meu querido Jorge

(...) De S.Francisco também falarei com vagar. Achei uma cidade maravilhosa e toda a viagem pela costa é surpreendente. Na vinda parámos em Santa Cruz (a propósito já escrevi uma cartinha ao Sweet) que é afinal uma mata como Sintra onde os edifícios estão espalhados sem qualquer perspectiva cénica nem deles nem para eles. Já em compensação Carmel é lindíssimo e Monterey maravilhosa, vista de longe em landscape. Chegámos bastante cansados mas satisfeitos. O Joaquim foi atenciosíssimo. (...)

Foi agradável ter estado lá e o Joaquim insistiu imenso em ir esperar-te quando vieres. Por sinal remeti-te hoje as indicações do voo que chegaram esta manhã e nem tive tempo de lhe acrescentar umas linhas para não perder o registo que me pareceu mais seguro. Copiei todas as indicações para meu governo (...) Vou passar a indicação ao Joaquim. (...)

Nada mais que me lembre neste momento. Beijos e saudades da tua

*Mécia*¹⁹⁴

**

¹⁹⁴ Nesta carta de acentuada ambiência familiar no que respeita às relações estreitas com o pai, irmãos e cunhadas, destaca-se o seu amor filial e fraternal.

Santa Bárbara, 4 de Setembro de 1971

Meu querido Jorge

Deve ser esta a última carta que te escrevo para aí, pois não creio que com feriado de Labor Day e tudo dê tempo para mais. (...)

A menos que houvesse alguma coisa urgente e então te telefonaria, escreverei daqui em diante para Londres onde calculo que estejas por volta do dia 18 ou 19. (...)

Muitos beijos, muitos da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 7 de Setembro de 1971

Meu querido Jorge

Cá chegou esta manhã a tua carta de 29-31, a caminho de Salamanca. Ainda bem que a ida lá te foi agradável sobretudo pela gente com quem tiveste oportunidade de falar. Por certo amanhã terei mais pormenorizadas notícias de tudo.

Não tive tempo, por meu lado, de escrever-te nos dois últimos dias. No domingo de manhã fomos para Los Angeles, estivemos no Museu onde havia uma exposição de colecções particulares onde a par de muita palha havia coisas muito boas (um excelente Memling da minha predilecção, dois ou três Rubens e Rembrants, um ou dois Grecos, etc.) Valeu a pena. E quando passávamos, vimos que no Fine Arts ia a «Morte em Veneza» para onde corremos. Pura maravilha de que falaremos com mais vagar... (...) Depois fomos para o aeroporto para verificarmos que o avião tinha 4 horas de atraso. (...) A multidão à espera era quase tanta como à partida, com berreiros, quase fanaticos de satisfação, empurrão para as portas de onde eles chegavam e onde nem os guardas continham as pessoas. (...)¹⁹⁵

A casa começa a ter certo ar de normalidade com o começo das aulas já na próxima segunda-feira. (...)

Meu querido Jorge, até amanhã. Muitos beijos, muitos da tua

Mécia

**

¹⁹⁵ Segue-se a descrição do reencontro com as filhas de regresso da viagem parcial com Jorge de Sena e, com a regularidade e parcimónia habituais, a contabilidade pormenorizada do deve e haver familiar.

Santa Bárbara, 8 de Setembro de 1971

Meu querido Jorge

Estive hoje numa grande actividade epistolar. (...)

E chegou a tua carta de Salamanca de 3 de Setembro (os postais tinham chegado ontem...).

Esta tua carta deu-me muita alegria pois te vejo bem disposto e satisfeito com a ida a Espanha. (bem que gostaria de ter estado lá contigo e por certo que dançaria no grupo, dessa não duvido! (...)) Foi bom que tivesses ido, realmente, e ainda mais porque te foi agradável e porque nestas coisas de «grandes» é bom que a pessoa marque presença ou começa a ficar entre os defuntos ou esquecidos. (...)

E estou ansiosa por ler as poesias que na carta de ontem me disseste que tens escrito. Não podias ter-me enviado uma cópia ou são muito longas? (...)

Sinto-me imensamente cansada deste Verão tão agitado e tão trabalhoso, não creio que me meta noutra semelhante. Daqui em diante vou pensar mais em mim antes de pensar nos outros.

E sinto-me sempre extremamente sozinha quando estás longe, além de me preocupar que andes de um lado para o outro sem apoio amigo possível. (...)

Enfim, em breve estarás de volta, faltam só doze dias que se escoarão num instante, felizmente. O último dia parecer-me-á interminável de ansiedade e tudo.

Muitos beijos, muitos da tua

Mécia

9/Set. – Chegou mais um pacote de livros teus, este de Portugal e a tua carta de Guarda-Lisboa. Escreverei logo

Muitos beijos da tua

Mécia

Santa Bárbara, 10 de Setembro de 1971

Meu querido Jorge

Chegaram esta manhã dois exemplares da revistinha do Knopfli onde a gravura do teu retrato ficou lindíssima e cuja tradução dele do Eliot me parece magnífica – além de muito gostar dos poemas dele mesmo. Diz que te manda para Londres, não sei por quem, dois exemplares. (...)

E vejo que o teu corropio pátrio continua e continuará até amanhã, dia em que dizes que saís para Madrid bem exausto, posso calcular. (...)

Com tanta ida à TV desta vez essa gente deita-te o fogo. O que me faz achar piada é que quem fez patifaria grossa foi o Saraiva e a ti é que eles acham mal! No fundo não querem confessar que jamais aderiste aos jogos deles e mais uma vez falando agora darão a impressão de que os traíste e portanto alguma vez te comprometeras com eles. Gente que não acaba de ser suja, livra. Se não fosse que o outro lado o é tanto ou mais, dava vontade de mudar, para variar, apre. Para o diabo que os carregue. (...) E cá tomo nota de escreveres para a Inova com a ideia dos ensaios brasileiros que fariam um magnífico volume (Euclides, Machado de Assis, Bandeira, Cecília e pouco mais daria um excelente volume e do tamanho que eles gostam). E dentro da política de aproximação estaria muito bem na colecção deles. Oxalá eles gostem da ideia. Estranho o Cavafy não se ter vendido, um volume tão bonito. Mas irá com o tempo. Era absolutamente necessário furar o cerco da Gulbenkian para eles começarem a comprar os teus livros, que no fundo são eles que garantem a venda de toda a gente. O que eu acho estranho é que, por exemplo, se tenha vendido o volume da «História da Cultura» que não foi sequer anunciado, de que ninguém falou. Ninguém me convence de que há algo que não joga certo! (...)

Não sei se te disse noutra carta que o Joaquim me disse que uma das manias do Ruy era um dia publicar um volume de cartas minhas! Fartei-me de rir e lembrei-me que essa é também uma das manias do Pinho. Enfim, um dia talvez alguém se lembre de o fazer e pelo menos não serão tão más como as da Katherine Mansfield, espero!!! (...)

Para a próxima teremos de dar um monstruoso «party» para agradecer a toda a gente, de uma vezada, pois será impossível alguma vez retribuir almoços e jantares a todos ou mesmo à maior parte deles. (...)

Saudades e beijos dos pequenos. Muitos beijos da tua

Mécia

**

Santa Bárbara, 12 de Setembro de 1971

Meu querido Jorge

(...) Ontem não veio carta tua e hoje não tive tempo de escrever-te porque estive todo o dia a separar os recortes. Havia-os já separado por anos o que me levava dias e dias mas depois da entrada da Ivana não tive tempo senão de fazer a separação primeira. Agora dividi-os em três categorias: as críticas propriamente ditas, os teus artigos ou entrevistas e as dezenas e dezenas de referências ou simples notícias que não envolvem apreciação crítica ou o são da propaganda da editora. Já foi um grande avanço e pouco agora me falta. Verifico que ou se perderam ou foram deitados fora na nossa ausência praticamente todos os recortes que tenhamos colecionado desde o começo das tuas actividades literárias até 59 de que apenas sobraram meia dúzia deles dispersos por esses anos. (...)

13 Setembro – (...)

Deves ter visto o horror de carnificina que foi ontem na prisão revoltada de Nova York. Não há dúvida que este é o país da bestialidade, pois era isso que todos os Rockefellers queriam desde o início. Porque as condições que eles punham no início nada era que já não devessem ter anteriormente. Além dos 28 mortos mais os nove reféns, parece que há imensos feridos, muitos deles com muita gravidade. Enfim também já se brinca de guerra dentro do país, como seria de esperar depois das pequenas e bem sucedidas experiências de Kent e Jackson (do primeiro inquérito federal concluiu que os guardas tinham já determinado que dariam uma «ensinadela» aos estudantes e para isso aguardariam o sinal, que foi dado. Em vista disso o Mitchel mandou que se arquivasse o inquérito que parece o Senado vai tentar reabrir.) A farsa do Vietnam não pode ir mais longe. Hoje no Senado foi declarado que os S.M. sustentam e treinam 30.000 homens no Laos! Por todos os lados campeia a sem-vergonhice. (...) E fala esta gente de corrupção quando em tal matéria deixa o resto do mundo parecer honesto.

Comecei a ler os Le Monde mas deu-me tal agonia física o caso da Líbia que não tive coragem de ler até ao fim. Aliás depois disso e do golpe na Bolívia, prova evidente de que a América não desarma na América Latina entrei em fase de desinteresse da política mundial, numa crise de desânimo absoluto. (...)

– 14 de Setembro – Finalmente chegou carta tua, longa e é claro cheia de almoços e jantares. (...)

C'est tout, o calor continua e muito (...)

Muitos e muitos beijos da tua

Mécia

Ambiências múltiplas deste registo epistolar

Esta correspondência pessoal possui substância humana e cultural riquíssima para a pesquisa social e histórica e conseqüente abertura a novos estudos que uma edição completa poderá vir a possibilitar.

A sua leitura reclama uma tarefa interpretativa de escrita quase diária, na medida em que as cartas, «arte de conversar entre ausentes», são aqui o prolongamento da fala e do pensamento evocando constantemente a presença de o outro. Paralelamente a situação quase espectral as cartas constroem uma narrativa que evidencia a dimensão social das emoções e dos afectos e possibilita revelar planos diversos de uma temporalidade histórica do mundo da cultura e das letras, em sua multiplicidade e descontinuidade.

Assim, atendeu-se ao registo biográfico e ao seu necessário resgate como instrumento interpretativo de conjunturas histórico-culturais consubstanciados na rede de relações estabelecidas, as quais são por sua vez iluminadoras não só de aspectos da vida-obra de Jorge de Sena, como de redes culturais transatlânticas de pessoas, coisas, e acontecimentos, através do que foi possível abrir para um novo conhecimento de processos e contextos histórico-sociais diferenciados.

Mais do que meras missivas ou epístolas comuns, estas cartas de Mécia representam, para além de sua subjectividade e subjectivação, depoimentos de forte realidade histórica e social, breves mas empenhadas considerações de crítica literária e análise política, meios e modos de compreender múltiplas relações com as sociedades, a imprensa e o mundo da edição ou da política.

A sua riqueza de conteúdo pessoal e sócio-histórico, para além do seu elevado sentido de pertença e intervenção cultural, continuada no país de origem, e nos de destino, desdobra-se em outros temas como a convivialidade e o quotidiano, a par do sentido profundo das relações entre homem e mulher, dos conflitos e contratempos familiares ou sociais vivenciados, das emoções e dos sentimentos fortes, da capacidade de resistência às adversidades do exílio, dos lugares e tempos circunscritos desta escrita epistolar e respectivas representações sociais e culturais.

Num vaivém de proximidades e distâncias, vemos recriarem-se, numa «alteridade à flor da pele», o concretismo das perspectivas dos sujeitos, das subtilezas, dos equilíbrios instáveis e frágeis que regem as suas relações e seus quotidianos numa espécie de «conhecimento situado» que vai ganhando nitidez na imaginação dos leitores que podem formular seus mapas de leitura e compreensão de um passado recente de diferentes comunidades e de espaços culturais diversificados.

Na escrita epistolar de Mécia sobressaem o emotivo contido, a força tensional do instante e da duração, o sentido de uma inabalável resistência moral, cultural, afectiva e social, uma diversidade de vínculos com a memória e a temporalidade histórica, que conferem a capacidade de outras percepções e reflexões mais densas, o que justificaria só por si algu-

mas indagações a propósito da memória e história em relação com o compromisso colectivo que igualmente configuram.

São-lhe ainda subjacentes os múltiplos papéis que exerce: no ambiente familiar como esposa, mãe, dona de casa e, simultaneamente, e muito para além disso, as suas funções sociais e culturais ao lado do trajecto académico, cultural e literário do escritor consagrado e de académico reconhecido.

As cartas de Mécia ilustram uma componente da literatura feminina que sublinha o processo de inserção das mulheres nas aprendizagens da «escrita de si próprias», ocorridas desde o século XIX e, em particular, das aprendizagens da afirmação cultural e social das mulheres ao longo de todo o século XX.

Forma de resistência continuada, estas cartas permitem a (re)invenção de «histórias de vida» femininas com existência histórica real, mas de que pouco ficou ou foi registado, revelando-se-nos como um contributo essencial à devolução de novos e mais ricos sentidos à nossa experiência presente e à construção de um futuro com «memória».

A quase compulsão de Mécia para a escrita epistolar, aliás como a de Jorge de Sena, é visível aqui como em toda esta sua volumosa correspondência. Nestas cartas pressentem-se complicitades, problemas e sensações próprias do mundo literário, intimidades amorosas e afectivas, expressões de cansaço físico e fadiga intelectual agudizados pela separação e afastamento, neste período de intensa peregrinação do poeta. Nessa ambiência mais pessoal se revela muito das sociedades em que viveram, na segunda metade do século XX, através de alusões circunstanciais a lugares, episódios, movimentos e nomes destacados de suas elites intelectuais.

Em ambos, a correspondência é o desejo, o desejo de escrever e receber cartas, evidenciando «a dualidade dos dois sujeitos, a sua troca, ou a sua duplicação».

À luz dessa «dualidade dos dois sujeitos, a sua troca, ou a sua duplicação» também visível em *Flashes*, retrospectivamente acentuada na diversidade de mundos culturais e relações interculturais em que se vem construindo, podem ser percepcionadas como correspondências várias, entre si, numa «visão de mundo intercultural».

Subjaz à correspondência deste ciclo, como à de ciclos anteriores, o estabelecer de redes de influências, modos de convivência, laços de resistência, oportunidades, novos encontros, contactos e interações sociais, devolvendo aos sentimentos uma intransponível centralidade na vida social de ambos os interlocutores das cartas.

Estas, como já se afirmou também para outros ciclos, movem-se em espaço/temporalidades dinâmicas em que emergem redes e núcleos activos de subjectividades e sociabilidades que possibilitam analisar o «mundo das letras» através das relações estabelecidas na partilha de ideais, interesses, apoios recíprocos, e de uma espécie de apadrinhamento que dinamiza a circulação de ideias nos meios intelectuais.

3.4. SÉRIES DO *CORPUS* EPISTOLOGRÁFICO

Os milhares de cartas regularmente trocadas durante mais de 30 anos (1940-1970), entre Mécia e Jorge de Sena, ilustram, impressiva e expressivamente, traços singulares de suas biografias e identidades intelectuais, uma memória viva de sua época e facetas marcantes, em diferentes períodos, da cultura portuguesa contemporânea de que ambos são, diferenciadamente, figuras destacadas.

São, para além disso, uma componente fundamental do espólio literário seniano, constituindo, um relevante dispositivo maquínico de escrita na intensa e polifacetada produção literária e ensaística do escritor, um dos nomes maiores da nossa literatura.

O pendor simultaneamente histórico (documental e vivencial, reciprocamente afectivo) e literário desta correspondência atravessada por mútuas paixões, como a literatura, a música e outras formas de expressão cultural, conduzem-nos a uma hipótese plasmada no título deste livro, a qual se desenvolve, relevando o papel e posição central de Mécia de Sena nesta relação, numa perspectiva de aproximação aos estudos epistolográficos, culturais e sociais da mulher.

A presente sub-rubrica, sintética e descritiva, sobre o que consideramos três séries desta correspondência, por referência à sua produção epistolar desenvolvida em três ciclos espaço-temporalmente demarcados e sucessivos de suas trajectórias biográficas, sinaliza também a necessária abertura ao trabalho de outros investigadores que permita conhecer e analisar, de modo mais abrangente, todo o *corpus* epistolar de Jorge e Mécia de Sena, quando publicado na íntegra, com destaque para as cartas de Mécia, de que foram entretanto já publicadas, esparsamente, para além das obras sobre a correspondência dos dois primeiros ciclos, mais algumas cartas inéditas¹⁹⁶.

Numa retrospectiva geral dos três principais ciclos da correspondência de Mécia e Jorge de Sena pode-se figurar esta como uma engrenagem indispensável à produção de escrita de ambos e, no caso concreto de Sena, à produção mesmo da sua obra, em que as suas cartas para Mécia parecem constituir nele, como em Kafka, «uma peça motriz da máquina literária». Disso parece dar-se conta o próprio Sena nesta sua reflexão referenciada ao 1.º período ou ciclo desta escrita epistolar:

«Mas eu comecei conversando contigo, e já estou a escrever um artigo».

¹⁹⁶ Algumas cartas de Mécia de Freitas Lopes deste período e anteriores foram publicadas por LAGE, Maria Otília – *Correspondência(s) Mécia/Jorge de Sena (evocação de Carrazeda, anos 1940)*. Ob. cit. e em obras posteriores de sua autoria e/ou coordenação sobre Carrazeda de Ansiães, editadas em 2013. Outras cartas de Mécia de Sena têm ainda sido publicadas, avulsas, em vários volumes de correspondência de Jorge de Sena com outros vultos da cultura portuguesa, coordenados pelos mais diversos autores, como por exemplo de SANTOS, Filipe, org. – *Correspondência 1943-1977 – Jorge de Sena e João Gaspar Simões*. Lisboa: Editora Guerra&Paz, 2013.

Ou ainda:

«Querida: não estou, como julgas, a escrever para a posteridade, quando te escrevo: As observações faço-as a mim mesmo, crê».

Mantendo-se esta característica na correspondência do 2.º ciclo, esta surge-nos, simultaneamente, como um emotivo e circunstanciado diário de bordo para uma «vita nuova» com suas hesitações, incertezas, motivos, circunstâncias e preparativos da decisão de partida definitiva do casal Sena para o seu exílio voluntário no Brasil (1959-1965), onde não faltam os registos de uma resistência inquebrantável e das impressões que tal decisão causou nos círculos de suas amizades – meios de prestigiados intelectuais e figuras públicas da cultura portuguesa e brasileira dessa época.

Por sua vez, as cartas do terceiro e último ciclo inscrevem-se já no período norte-americano de vida do casal, sob o signo das viagens de estudo de Jorge de Sena pela Europa e de passagem por Portugal, que pela primeira vez visita ao fim de 9 anos de exílio. O *leitmotiv* destas deslocações por dezenas e dezenas de países e cidades europeias – contexto de produção destas cartas de Jorge para Mécia, confinada às cidades de Madison e Santa Bárbara, respectivamente, nos estados de Wisconsin e Califórnia dos E.U.A. – reside, curiosamente, na porfiada investigação e reconstituição dos périplos resultantes dos sucessivos cruzamentos dos príncipes e princesas da corte portuguesa com os de outras cortes europeias, ao longo dos séculos da monarquia lusitana. É uma correspondência de maturidade plena de um escritor consagrado, cujo acompanhamento a par e passo, sua mulher assumiu, conscientemente, como missão de vida.

A partir da precedente abordagem geral aos três ciclos essenciais desta correspondência, far-se-á agora descrição mais pormenorizada de cada uma das séries.

1.ª Série – Cartas de amor e enamoramento: «duas solidões acompanhadas» (anos 1940)

Deste primeiro ciclo, correspondente ao período de juventude em que Mécia e Jorge de Sena travaram conhecimento, no Porto, onde Mécia de Freitas Lopes residia e Jorge de Sena também, enquanto estudante de engenharia na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, começando já então a sua longa e profícua carreira de poeta e escritor, encontra-se apenas publicada a já referida antologia de cartas «Isto tudo que nos rodeia. Cartas de amor de Jorge de Sena, Mécia de Sena»¹⁹⁷.

Na série epistolar correspondente a este período, primeira fase de suas vidas em conjunto, marcada por enamoramento e conhecimento mútuos, evidencia-se a construção de

¹⁹⁷ Livro editado/reimpresso em 1985, pela INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda. Col. Biblioteca de Autores Portugueses.

uma relação homem-mulher única em sua densidade e singularidade – espelho no qual se refracta «isso tudo que nos rodeia» – nos diferentes lugares e momentos de sua (con)vivência que «deu lugar a uma confiança e uma identificação que dificilmente, creio, poderão ter paralelo» (MS). Profundo e estreito era o elo de correspondências recíprocas e de total abandono em confiança ilimitada: «Como queiras, Amor, como tu queiras./ Entregue a ti, a tudo me abandono.../» (poema de Natal, de Jorge de Sena datado do Porto).

Desta primeira série de correspondência muitas cartas permanecem ainda inéditas.

Observe-se que são também características destas cartas – em que é já visível a importância das redes afectivas, sociais e literárias – relevantes aspectos históricos e literários de que são testemunho – e que no caso do agudo sentido de observação de Mécia se referem ao vivo contraste entre o ancestral Portugal rural e o emergente Portugal urbano ou citadino dos anos 1940, e aos conturbados tempos da II Guerra Mundial. Enquanto que no caso de Jorge de Sena podemos acompanhar o percurso inicial e ascendente, à época, da sua afirmação como poeta, dramaturgo e escritor.

2.^a Série – Correspondência Mécia e Jorge de Sena (1959-1965) «Vita Nuova»

Esta segunda série de cartas que inaugura o início de uma vida em liberdade decisivamente nova do casal que, além-mar, irá radicar-se para sempre noutra continente, corresponde ao período de exílio no Brasil e encontra-se publicada¹⁹⁸.

É bem visível neste conjunto de cerca de 200 cartas que Mécia e Jorge de Sena, apesar de suas vidas quotidianas muito ocupadas pelo intenso trabalho e dificuldades várias, se relacionaram, intensamente, quer no Brasil, quer em Portugal com poetas, escritores, historiadores, críticos, editores, conhecidos homens de cultura e das letras – uma galeria de notáveis da vida cultural nacional e estrangeira, em que se contam entre outros: Adolfo Casais Monteiro, José Marinho, Ribeiro Couto, Jaime Celestino da Costa, Hasse Pereira e Mário Monteiro Pereira, Bandeira de Lima, Eudoro de Sousa, Alberto Lacerda, José Blanc de Portugal, José Bacelar, Mário Chicó, António Pedro, Eduardo Lourenço, José-Augusto França, Tomás Kim, Sophia de Mello Breyner, José Cardoso Pires, Alexandre O’Neil, José Saramago, Rui Knopfli, Raul de Carvalho, José Terra, Hélder Macedo, Maria Lamas, Eunice Munõz, a família Pereira Bastos, etc. (M.S.)

Menção ainda a muitos nomes que os ajudaram na partida e chegada ao Brasil «... Maria Virgínia Fafe apareceu e pôs à disposição 50.000\$00... mais outro amigo da família, Francisco Setas, de 3.^a geração... Tomás Ribas, Padre Manuel Antunes, Ruy Cinatti... o Filipe Mesquita... O José Augusto França, dissera com lágrimas nos olhos ao despedir-se: ‘... vocês fazem bem, o Jorge ainda não teve de curvar a espinha, como a todos que ficam acabará por acontecer...’ o Dr. Bandeira de Lima pedira para levar uma carta a Humberto

¹⁹⁸ LAGE, Maria Otilia, org. – *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)*. Ob. cit.

Delgado...; no Brasil, Fernando Lemos, Soares Amora, Sarmiento Pimentel, Victor Ramos, o sociólogo brasileiro Ant3nio C3ndido, Ervin Theodor..., L3zaro Prado, J3lio Morej3n, Navas-Ruiz, Robinson Cerqueira, ... Bevselaar..., etc.» (M.S.).

Para M3cia e Jorge era sempre importante preservar e alimentar a amizade, a conviv3ncia social, a comunica3o com o outro e os outros, sem esquecer tal cumplicidade cumplicidade e o perfeito entendimento entre ambos, chegando a haver muitas pessoas, que diziam gostar mais de conversar com eles juntos, pois um come3ava uma frase e o outro acabava-a, numa «transmiss3o porosa entre duas maneiras diferentes, duas sensibilidades complementares, permutando-se atrav3s dos poros, porosamente» como salienta M3cia.

A correspond3ncia deste per3odo, (112 cartas de M3cia, remetidas de Lisboa, Assis e Araraquara e 46 cartas de Jorge, enviadas do Recife, do Rio e de S. Paulo) que dada a morosidade dos correios de ent3o, mas tamb3m por raz3es de confian3a e certeza de que chegaria ao destinat3rio, era frequentemente enviada por amigos, emiss3rios pessoais, constitui importante reposit3rio de informa33es invariavelmente comentadas sobre uma multiplicidade de assuntos que documentam o seu ex3lio brasileiro.

Escritas em v3rios registos e tons de sinal positivo – desde o po3tico e o fervor criativo, ao de interven3o, discuss3o e debates pol3ticos e s3cio-culturais, no tempo de realiza3o de uma carreira acad3mica e liter3ria de Jorge de Sena, com vicissitudes mas sucedidas e de toda uma viv3ncia em que os objectivos s3o atingidos –, estas cartas s3o, para al3m disso tudo, um expressivo «monumento ao amor»¹⁹⁹.

3.^a S3rie – Correspond3ncia norte-americana (1968-1974) – Sob o signo da viagem

Toda a correspond3ncia deste per3odo encontra-se in3dita, estando por isso ainda incompletamente estudada devido inclusiv3 a dificuldades de acesso e consulta deste *corpus* no seu todo, j3 por n3s experimentadas, incompreensivelmente, na BNP, a cuja guarda se encontra o esp3lio liter3rio de Jorge de Sena.

A correspond3ncia deste per3odo mais recente, mas n3o menos importante, ainda que historicamente carecendo de outros estudos, como j3 se adiantou, ganha em ser entrela3ada quanto 3 sua leitura anal3tica com os Di3rios de Sena, pois constituem uma significativa extens3o e desenvolvimento assaz clarificadores desta obra. Da3 que se considere esta s3rie «sob o signo da viagem», tema tamb3m de an3lise relevante na obra-vida de Jorge de Sena, atendendo em especial 3 sua obra po3tica «Peregrinatio ad loca Infecta»²⁰⁰ e aos v3rios estudos sobre a mesma.

¹⁹⁹ MOURA, Vasco Gra3a – *Um monumento ao amor quotidiano*. Ob. cit.

²⁰⁰ SENA, Jorge de – *Peregrinatio Ad Loca Infecta. 70 Poemas e um Ep3logo*. Lisboa: Portug3lia Editora, 1969. Colec3o Poetas de Hoje.

Nas cartas de Jorge de Sena perpassam múltiplas e variadas referências do maior interesse, para além do registo metódico de suas incessantes deslocações, feitas em regra de comboio ou de avião, das narrativas de peripécias de viagem, da menção ao acolhimento e hospitalidade, por parte de numerosos amigos, intelectuais portugueses e estrangeiros conhecidos, dos relatos de visitas a museus e bibliotecas, para pesquisa da história dos príncipes e princesas de Portugal e aos mais notáveis monumentos e sítios emblemáticos da história e cultura da Europa.

Esta correspondência está ainda, como já referido, repleta de comentários e impressões de Mécia em diálogo recíproco e interveniente com Jorge sobre os mais importantes acontecimentos mundiais dessa época, pelo que, quando e se publicada integralmente, poderá tornar-se um repositório essencial de fontes para o estudo da história política, social e cultural contemporânea. Tais acontecimentos apresentam a particularidade de terem sido directamente vividos, narrados e comentados na primeira pessoa, pela voz directa de um dos nossos maiores escritores do século XX, em diálogo breve mas intenso com um «outro», a sua mulher, cujo interesse, curiosidade interactiva e excepcional vitalidade crítica, em partilha constante, contribuem para fazer ainda desta correspondência uma espécie de alimento espiritual insubstituível para ambos e para os seus leitores.

Relembrem-se, sucintamente, alguns desses acontecimentos mundiais mais marcantes dos finais da década de 1960, década de 1970 (época do individualismo, como se lhe tem já chamado), aí comentados ao ritmo e em sincronia, enquanto decorriam: o movimento hippie, as revoltas estudantis nas universidades americanas e sucessivo impacto nas jovens gerações europeias, o escândalo americano Water Gate e a demissão de Nixon, a crise petrolífera, as grandes marchas contra o racismo nos E.U.A., as greves sucessivas ou esporádicas, os confrontos mundiais da Guerra Fria, a guerra do Vietname, a guerra colonial portuguesa, etc.

São autênticas reportagens de impacto, as críticas, alusões e descrições a estes acontecimentos que Jorge e Mécia constantemente fazem em suas cartas, estimulando-se mutuamente com a mesma curiosidade intelectual, natural e intensa, por tudo o que se passa no mundo do seu tempo.

É sabido que a honestidade, integridade, franqueza e sentido de dignidade de Mécia e Jorge, grandes comunicadores, brilhavam sempre que falavam e continuam a luzir também nesta sua correspondência, cuja leitura integral poderá ainda contribuir para tornar a vida-obra seniana mais conhecida mundialmente, sobretudo se e quando traduzida em outras línguas, já que muitas vezes o interesse por um escritor é criado e estimulado através de um conhecimento mais íntimo da personalidade levando a uma maior curiosidade geral pela sua obra.

Também por isso se considerou oportuna e de todo o interesse científico, realizar na sub-rubrica anterior uma abordagem especular e sistemática das cartas de 1971, amostra significativa desta série, cartas que contêm na sua generalidade numerosas referências aos

filhos, incluindo mesmo, por vezes, carinhosas lembranças escritas e desenhos dos mais novos, para além de numerosos postais ilustrados e bilhetes postais²⁰¹.

São ainda de observar como características específicas desta série muita ligada, pelo próprio contexto da sua produção, ao ambiente familiar de que se faz eco constante, o aproximar de uma conjuntura agitada nas vidas de ambos os interlocutores, as quais denotam mudanças de estado de espírito face ao que vão continuando a acompanhar e observar, que variam contudo já em função das capacidades físicas e psíquicas que se sente começarem a ser abaladas, no caso de Jorge, o que influi em redobradas preocupações e novas capacidades de Mécia.

Um estudo mais exaustivo desta série epistolar, só possível com a sua publicação integral, ganhará em ser realizado não só em correspondência com uma análise mais pormenorizada das diferentes viagens de Sena à Europa mas também em função da evolução das situações políticas, sociais e culturais que historicamente se verificam neste período, devendo pois ser considerado em três sub-séries, como já parcialmente contemplado:

- 1.ª sub-série (anos 1968/69) 1.ª viagem – a do optimismo, entusiasmo, descoberta, novos projectos, e ritmo de vitalidade;
- 2.ª sub-série – (ano 1971) 2.ª viagem – a de maior contenção, menos euforia, mais esforço e sacrifícios de vária ordem, mas, ao mesmo tempo, de frequência de comentários à efervescência da situação geopolítica mundial em mudança;
- 3.ª sub-série (anos 1972-1974) outras viagens – o lento e doloroso esvaír das utopias e dos sonhos, o alvoroço inicial com o restaurar da democracia e da liberdade em Portugal no pós 25 de Abril, logo depois seguida pelo profundo desencanto e desânimo. A partir desta última data Jorge de Sena deixará de fazer viagens longas sem a companhia de Mécia

Saliente-se, por fim, que foi nosso propósito cautelar, na leitura desta série de cartas, como na das anteriores séries, poder colher e transmitir, com sensibilidade, recato, fiabilidade e alguma imaginação interpretativa, a tripla dimensão de seus registos de história pessoal, história política e sócio-cultural vivida e participada em constante vivência literária e do literário, profundamente partilhadas entre ambos os correspondentes. Entretécidas na esfera do privado a que se acede pela sua relação amorosa, mutuamente correspondida e expressa, estas cartas continuam a permitir perceber a angústia da ausência física e das saudades e, como sempre, as adversidades e vicissitudes dos quotidianos nunca monótonos, as cumplicidades e amizades, a coragem inabalável de ousar e mudar de vida e o recíproco companheirismo entre Mécia e Jorge de Sena que enformam a sua interação epistolar, independentemente das diferenças e especificidades verificadas nos três ciclos da correspondência, diferenciados em suas múltiplas e complexas circunstâncias.

²⁰¹ Confrontar índice cronológico em apêndice documental.

A terminar, recentramos de novo a análise na figura de Mécia de Sena e sua escrita epistolar – um diálogo intenso, empenhado e crítico – sintetizando mais algumas das suas características gerais que só foi possível identificar através de uma leitura interpretativa da globalidade da correspondência. Esta leitura não seguiu um modelo analítico fechado, antes diferentes pistas de observação e propostas metodológicas dialógicas susceptíveis de uma exploração das cartas como fontes históricas mas sobretudo como um tipo de documentos próprios do modo de produção literário.

O diálogo constante e crítico com a pátria, simbólico retorno às origens, indicia a experiência marcante do exílio e essa peculiar resistência feminina que se entretetece de uma conversa sempre viva e ininterrupta. A narradora revive o que lhe é mais grato, defende suas ideias e valores emancipatórios, e, em certo sentido, liberta-se também do que se poderia designar «luto de origem» com seus preceitos limitativos e constrangedores.

Vivendo num entre-dois, ou seja, entre Portugal e os países de exílio, Mécia de Sena é obrigada «a habitar duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas», sendo, portanto, a partir desse entre-lugar que produz uma escrita de carácter eminentemente político no sentido de transformador, fazendo de sua prática de escrita uma voz militante de intervenção social e cultural também nos países de acolhimento e em direcção ao seu país de origem.

Sempre inconformada com os sinais de obscurantismo e letargia da pátria que denuncia e se viu obrigada a deixar, num período sombrio de sua história, mas cujas memórias mantém vivas, Mécia não deixa nunca de invectivar a pobreza e mesquinhez cultural, os silêncios e os esquecimentos com que o seu país trata, em geral, os que votou ao exílio (in)voluntário, à emigração forçada e à diáspora.

Falar de política, de literatura e do mundo, reportando-se a acontecimentos, locais e culturas de origem e de destino, o que Mécia sempre faz, na sua vastíssima produção escrita epistolar, autêntico diário escrito a quatro mãos, desconstruindo estereótipos e denunciando atrasos e fanatismos de qualquer tipo, significa participar numa forte relação de responsabilidade cívica e cumplicidade social e cultural com os contextos históricos de que é e foi protagonista, capaz de alterar singularmente a situação do intelectual.

CAPÍTULO 4

TUDO NA VIDA É TRADUÇÃO

A correspondência de Mécia com Jorge, anteriormente, analisada, remete para a necessidade de se pensar a questão da tradução considerada em seus vários níveis: um mais lato, traduzido no título deste capítulo que toma de empréstimo uma reflexão seniana²⁰²; o das próprias condições de produção desta correspondência em contexto de vivência plurilingue e intercultural; e o das frequentes referências às traduções em curso, nas cartas dos dois interlocutores. Nessa medida, considera-se que o tratamento desta questão pode abrir para uma melhor compreensão da relação com o outro que será desenvolvida no último capítulo.

Ensaia-se então, como base teórica de abordagem à regular actividade de tradutor de Sena e ao trabalho prático de tradução de Mécia de Sena, que nessa acção o acompanhou vários anos, uma primeira análise reflexiva sobre a noção de tradução, tal como explicitada por Jacques Derrida, pensador e teórico da tradução relevante, procurando contrastá-la com a prática de tradutor de Jorge de Sena²⁰³.

A partir de um fundo idiomático de *intraduzibilidade*, segundo Derrida, esboça-se uma análise de conjunto que atende à experiência incontornável de *tradutibilidade*. Neste enquadramento reflecte-se sobre o trabalho polifacetado de Jorge de Sena bem patente nos seus mais de de 30 anos de tradução, para a língua portuguesa, de 26 séculos de poesia, abrangendo diversas literaturas e línguas.

Finalmente, por associação ao tema da traductologia, faz-se uma breve abordagem ao papel de Mécia de Sena enquanto tradutora, sob uma perspectiva mais empírica e concreta, em que se se pretende relevar a visibilidade discursiva da mulher e se subentendem motivações e estratégias da função de tradução, considerada embora em termos comuns.

Começamos por observar como se desenvolve o tema da tradução, objecto de estudo já muito tratado, mas inesgotável, focando em particular os textos de J. Derrida: «Des tours de Babel» ensaio que levanta o problema da tradução no e a partir da própria concepção de tradução múltipla, com a qual procura suplementar de várias formas, «A tarefa de Tradutor», de Walter Benjamin e, posteriormente, «O que é uma tradução ‘relevante’», que adiante se analisa.

4.1. PARTINDO DE DERRIDA, PRIMEIRO PENSADOR DA TRADUÇÃO

Neste quadro teórico, considera-se que a escrita, mormente a literária, é sempre idiomática e, enquanto tal, intraduzível. Todavia, e por aporético que possa parecer, a sua tra-

²⁰² SENA, Jorge, org., trad., pref. – *Poesia de 26 séculos: de Arquíloco a Nietzsche*. 3.^a ed. Porto: Edições ASA, 2001, p. 21-22.

²⁰³ Ver, designadamente, WILLIAMS, Frederick G. – *Jorge de Sena: tradutor*. In SANTOS, Gilda, org. – *Jorge de Sena em Rotas Entrecruzadas*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1999.

tradutibilidade é a tarefa impossível que vale a pena na medida em que é no idioma para que se traduza que se pode experimentar o mesmo movimento de fundo que opera em toda e qualquer língua.

Ora, para Jorge de Sena²⁰⁴, «nada é mais actual que uma tradução – e traduzir poetas de todos os tempos e vários lugares só é possível, se se acredita que a humanidade se sobrepuja a todas as barreiras não só da distância, mas dos misticismos e oportunismos fáceis, dos quais o mito da ‘intraduzibilidade’ não é o menor»²⁰⁵.

À partida somos aparentemente colocados entre duas forças de sinal contrário uma vez que a ênfase em Derrida é dada à intraduzibilidade que Sena considera um mito, pugnano pela tradutibilidade geral, tal como, paradoxalmente, Derrida. É, porém, deste campo tensional que devemos partir para que melhor se possa perceber o que se joga na tradução.

A mobilização de mundos e de língua (a língua portuguesa que é, entre todas, em número de falantes, a sexta no mundo) praticada por Sena, dimensão de largo alcance que se procura conceptualizar reconfigurando uma diversidade de saberes, leva-nos a recorrer, particularmente, a noções tão decisivas hoje para o conhecimento como as de *tradutibilidade* e de *tradução*. Estas, enquanto prática concreta, foram exercitadas por Jorge de Sena, desde muito cedo e por necessidades de ordem económica e impulso cultural, acabando por impregnar toda a sua actividade de escrita, pese embora o facto de esta sua actividade continuar a ser uma das menos estudadas.

O trabalho de tradução é assim aqui abordado quer ao nível da língua e da imaginação criadora poética, quer na acepção mais abrangente do pensamento e escrita de Derrida, «o ‘último filósofo’ da escritura e primeiro pensador da tradução»²⁰⁶ para quem «por esse mundo fora nós estamos com a multiplicidade das linguagens na impureza do limite»²⁰⁷.

É uma perspectiva comparável com esta mas mais próxima dos *cultural studies* que pluralizaram o conceito de cultura que Jorge de Sena, em sua prática de tradutor, mas não só, faz agir verdadeira e antecipadamente a problemática *hétero-referencial* que continua hoje na ordem do dia de «uma ‘ecologia das culturas’ capaz de reconhecer a sua respectiva especificidade, sem as encapsular em nichos estanques nem ignorar a sua heterogeneidade interna, antes pelo contrário, atenta à complexidade das articulações e das interacções»²⁰⁸.

²⁰⁴ Com destaque para as seguintes obras senianas de tradução (in) directa: (1970) – *90 e mais Quatro Poemas de Constantino Cavafy*; (1971-72) – *Poesia de 26 Séculos: I – de Arquíloco a Calderón; II – de Bashô a Nietzsche*; (1974) – *Poemas Ingleses de Fernando Pessoa*; (1978) – *Poesia do Século XX (de Thomas Hardy a C. V. Cattaneo)*; (1979) – *80 Poemas de Emily Dickinson*.

²⁰⁵ SENA, Jorge de – *Poesia de 26 séculos: de Arquíloco a Nietzsche*. Ob. cit., p. 19.

²⁰⁶ OTTONI, Paulo – *Derrida-entre a língua e o idioma – o primeiro pensador da tradução*, p. 7. Disponível em: <<http://www.uni-camp.br/~ottonix/DerridRio2004.htm>> [Consulta realizada em 23/03/07].

²⁰⁷ DERRIDA, Jacques – *O que é uma tradução «relevante»?.* Trad. Lawrence Venuti.

²⁰⁸ RIBEIRO, António Sousa – *A retórica dos limites. Notas sobre o conceito de fronteira*. In SANTOS, Boaventura, org. – *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento, 2001, p. 465.

Um trabalho de tradução *relevante* em toda a sua complexidade é questionado²⁰⁹ por Derrida que reabilitou o pensamento como memória produtora de signos:

A esta palavra «relevante», a este particípio presente que funciona como predicado, é aqui confiada uma tarefa exorbitante. Não a tarefa do tradutor, mas a tarefa de definir – nada menos – a essência da tradução. (...) Por um lado concede e anuncia o cumprimento de uma ambiciosa resposta à questão da essência da tradução. (O que é uma tradução?) Para saber o que uma tradução relevante pode significar e ser, é necessário saber o que é a essência da tradução, a sua missão, o seu último objectivo, a sua vocação. ... Uma tradução relevante é julgada, certa ou erradamente, ser a melhor tradução possível. A definição teleológica de tradução, a definição da essência que é realizada na tradução, está, por conseguinte, implicada na definição de tradução relevante»²¹⁰.

A operação de *tradução* aparece-nos assim recentrada no interior da palavra *relevante* o que merece de Derrida o comentário de que «sem nos comprometermos nas profundezas da questão, devo ao menos lembrar que esse movimento de ‘Aufhebung’, esse processo relevante é sempre em Hegel um movimento dialéctico de interiorização, de memória interiorizante (Erinnerung) e de espiritualismo sublimado. Também é uma tradução»²¹¹. O uso dessa palavra relevante tem segundo ele a função de definir a essência da tradução. De facto, para se saber o que pode significar uma tradução relevante é necessário saber qual a essência da tradução, a sua missão, a sua finalidade última, qual é a sua vocação.

Ainda segundo Derrida, que é simultaneamente o último filósofo da escritura e o primeiro pensador da tradução²¹², para fazer

... um uso legítimo da palavra tradução (...) no rigoroso sentido conferido em vários séculos da sua longa e complexa história, numa dada situação cultural (...) a tradução deve ser quantitativamente equivalente ao original, à parte uma ou outra paráfrase, explicação, explicitação, análise e gosto. (...) esta equivalência quantitativa nunca é rigorosamente aproximável (...). No início da tradução está a palavra. Nada é menos inocente, pleonástico e natural, nada é mais histórico do que esta proposição, mesmo que pareça demasiado óbvia. A operação que consiste em «converter», retroverter não deve tomar o texto na sua palavra ou tomar a palavra literalmente. Basta transmitir a ideia, a figura, a força. (...) Nenhuma tradução interlinguística ou intersemiótica (para fazer uso da terminologia de Roman Jakobson que considera ainda a tradução intra-linguística) é governada pelo princípio da economia ou pela unidade da palavra. Tradução é transacção. E serão três as necessidades ligadas á história da tradução: justificação – uma imediata

²⁰⁹ DERRIDA, Jacques – *What Is a «Relevant» Translation?* «Critical Inquiry» 27 (Winter 2001), p. 182. Nossa tradução.

²¹⁰ OTTONI, Paulo. Disponível em: <<http://www.Unicamp.br/~ottonix/DerridaRio2004.htm>> [Consulta realizada em 23/03/07].

²¹¹ DERRIDA, Jacques – *What is a “relevant” translation?* Ob. cit., p. 174-175.

²¹² OTTONI, Paulo. Disponível em: <<http://www.Unicamp.br/~ottonix/DerridaRio2004.htm>> [Consulta realizada em 23/03/07].

garantia no jogo do idioma; justificação – «relever» (relevar) efectivamente, expressa elevação; justificação – usada para reconciliar o que torna uma tradução relevante, o mais apropriada possível, processo de estabelecer relevância, segundo esse movimento dialéctico de Hegel²¹³?

Derrida, para quem «Meus livros são mais fortes do que eu, eles me escapam, me submetem à tradução», faz distinção entre língua e idioma, chamando a atenção para as armadilhas, os enigmas do idioma que estão presentes em todas as traduções e reforçando ainda mais a relação tradução-desconstrução. Estas devem ser constantemente redefinidas, repensadas, pois se não há fronteira entre língua e idioma, como pensar contaminação entre língua e idioma, entre o intraduzível e a tradução?

A noção derridiana de tradução tem de se analisar a partir da leitura e tradução de Hegel no texto «O Poço e a Pirâmide», e designadamente a partir da expressão *Aufhebung* por si traduzida pela primeira vez para o francês por «relevant» (relevante), em conformidade com a dialéctica hegeliana. O que ao contrapor à intuição da operação a negatividade da ideia permite nesse movimento de supressão/promoção chegar à síntese, ou seja, chegar a fazer, ao traduzir, o que se diz estar a fazer. Porém, ao manter-se na *clôture* (clausura) da metafísica da presença como presente tal reflexão virá mais tarde a questionar em «What is a ‘relevant’ translation?» (O que é uma tradução ‘relevante?’), densificando assim a solução que anteriormente havia encontrado. Acabou então por aplicar a noção de «relevante» à tradução de uma outra palavra – *seasons*, na expressão shakespeariana de «O Mercador de Veneza»: *when mercy seasons justice, (quand le pardon relève la justice (ou le droit) = quando o perdão releva a justiça (ou o direito). Com esta tradução que é mais do que a síntese na dialéctica, é-nos possível entender o próprio movimento da tradução aqui tornado evidente, na medida em que dá a ver que o perdão eleva e interioriza e com isso preserva e nega a justiça (ou a lei).*

Continuando a apoiar-nos nos textos citados de Derrida, recorreremos agora às leituras de Goldschmidt a propósito da tradução em Derrida: O ser-língua da língua e da linguagem, que é definido segundo Benjamin pelo ‘parentesco’ pré-originário das línguas, «é o que é visado pelas traduções após Babel. É uma unidade sem identidade a si», escreve Derrida.

Uma tal unidade do ser-língua das línguas, que já quase se não pode chamar *ser*, menos ainda *essência* – uma vez que não tem identidade, no que as línguas são, no seu ser, enxertadas umas pelas outras – é no entanto o que faz com que haja línguas e que sejam línguas. Dito doutro modo, a multiplicidade de línguas está inscrita no ser-língua de cada língua. A multiplicidade e a singularidade idiomáticas das línguas são pois dadas com a unidade do ser-língua das línguas, como se o acontecimento babélico se precedesse a ele próprio para enxertar e dividir a origem pré-babélica da língua.

²¹³ DERRIDA, Jacques – *What is a “relevant” translation?*. Ob. cit., p. 184.

4.2. O POLÍTICO E O COLECTIVO DA E NA LINGUAGEM SENIANA

Pode dizer-se que em Jorge de Sena, o qual muitas vezes está na sua própria língua como um estrangeiro, assistimos à possibilidade de fazer da língua um idioma próprio, um *uso menor*, supondo que ela é única, nesse sentido amplo: as linhas de fuga da linguagem, o interminável, o *enjambement*. Sena serve-se do polilinguismo na sua própria língua, faz desta um uso intensivo opondo a característica oprimida da língua à sua característica opressora, encontrando pontos de não-cultura e de subdesenvolvimento, zonas linguísticas por onde a língua se escapa ou um agenciamento se conecta.

Dizia Sena, «eu não evoluo, VIAJO!»²¹⁴ pelas línguas, emigrando de língua em língua, isto é, traduzindo, numa contaminação entre pluralidade de textos – a tradução inscrevendo-se nos limites da criação –, numa prática poliglota que muito praticou e nos múltiplos serviços que, como estudioso, prestou à cultura portuguesa e ocidental.

Aí levanta já o problema da tradução, mantendo-o suspenso, mas de alguma forma sugerindo-se a tradutibilidade, uma matriz fundamental de ancoragem teórica do movimento e processo de tradução que adiante se analisará.

4.2.1. A tradução em Jorge de Sena

Muitas das dificuldades, exigências e precauções inventariadas foram experimentadas e enunciadas no domínio literário e da língua por Sena, pelo que o seu acervo de experiências nesta área se configura como um caso exemplar de ensinamentos e orientações; inclusive, através da sua capacidade de lidar com os *topoi*, noção que vai buscar a Curtius, através da qualidade de gestão feita dos silêncios das culturas inscritos nas línguas, e ainda da proposta que faz da noção operatória de *comunidades tópicas*, para os estudos a desenvolver nos campos literário e cultural cuja unilateralidade e hegemonia próprias da modernidade contestou, assente na recuperação do universalismo, do cosmopolitismo e da multiplicidade de culturas que viajam.

Evidentemente que quem, durante décadas, dedica à tradução de poemas das mais diversas proveniências uma parte da sua paixão criadora, não foi didacticamente e para ajudar a compensar algumas ignorâncias pátrias que as fez e as publicou ou publica. (...) Mas por certo que, se ao longo da vida alguém desenvolve uma tão incansável curiosidade, e a transforma em portuguesas transposições, isso reflectirá de certa maneira uma reacção contra aquelas acima referidas superficialidade e precipitação. Pois que sempre houve em cultura dois modos de ser-se por-

²¹⁴ Jorge de Sena usa aqui, intertextualmente, uma expressão de Fernando Pessoa que se cita no seu contexto respectivo: «não evoluo, VIAJO. (Por um lapso na tecla das maiúsculas saiu-me, sem que eu quisesse, essa palavra em letra grande. Está certo, e assim deixo ficar)». In Fernando Pessoa [Carta a Adolfo Casais Monteiro – 20 Jan. 1935]. Arquivo Pessoa – Obra Édita.

tuguês: o afogar-se satisfeito ou irritado no confinamento literário da mesquinhez hebdomadária, sempre em angustiada aflição de que o lugar ao sol seja roubado por outro na semana seguinte; ou o ampliar-se a todos os tempos e lugares uma visão do mundo, que às vezes se chega a supor que Portugal teve e perdeu, encolhendo-se dia a dia num empequenecer perverso. (...) os melhores escritores portugueses sempre souberam ser, como raros noutras culturas, cidadãos do universo (...) Assim, uma imensa viagem por vinte e sete séculos de poesia, [quinze literaturas de quatro continentes] postos em português no acaso de encontros tradutórios, sem ter intenções didáticas, não deixa de funcionar como tal, pois que recorda ao público interessado uma modernidade de sempre, do mesmo passo que lhe permite conviver com poetas e poemas de outras línguas que acaso ignore. Aos poetas, quanto de poesia se traduza pode ajudá-los a sentirem-se, no concreto da linguagem, mais parte de um processo milenário que nunca conheceu fronteiras apesar da diversidade das línguas, e, portanto, mais integrados nessa coisa estranha que é a humanidade²¹⁵.

Ficam assim enunciados o contexto e o propósito declarado do imenso trabalho de tradução poética e ficcional de Jorge de Sena, sendo certo que, como ele dizia, «uma tradução para ser viva, deve ser um compromisso entre o estilo da época e do autor e a linguagem do nosso tempo»²¹⁶.

Efectivamente, para Jorge de Sena que nos deixou traduzidas milhares de obras – de poesia, teatro, ficção, romance, ensaios – das mais diversas línguas (espanhol, francês, provençal, inglês, italiano, que dominava, e através do inglês e/ou do francês, árabe, sânscrito, chinês, japonês, persa e russo), o trabalho de tradução foi tarefa gigantesca²¹⁷, ainda hoje não reconhecida à sua altura:

Por certo que as palavras carregam em si vivências específicas, e que pouco será tão dependente de circunstâncias e lugares como a linguagem. Mas precisamente este argumento, tão usado contra as traduções, sobretudo de poesia, é o que demonstra o contrário. Na verdade, se as línguas são tão especificamente 'locais', e os estilos tão inefavelmente pessoais, a ponto de uma efectiva tradução ser impossível, isso precisamente mostra a que ponto as línguas e os estilos são traduzíveis, já que a inefabilidade metafísica deles tanto depende do demasiado humano²¹⁸.

Relacionando esta última justificação que Sena dá para a tradutibilidade geral com o movimento de tradução enquanto *relève*, podemos ver como ganha no horizonte da «Fenomenologia do Espírito» hegeliana, atrás referida, a plenitude da sua expressão.

²¹⁵ SENA, Jorge de – *Nota de abertura a Poesia de 26 séculos: De Arquíloco a Nietzsche*. Ob. cit., p. 10-11.

²¹⁶ SENA, Jorge de – *Poesia de 26 séculos: De Arquíloco a Nietzsche*. Ob. cit., p. 19.

²¹⁷ Em que contou com a colaboração de Mécia de Sena sob a assinatura de «Freitas Leça».

²¹⁸ SENA; Jorge, org., trad., pref., anot. – *Poesia de 26 séculos*. Porto: Inova, 1972. 2 vols. 1.º vol., p. 19-20.

Por certo que este vasto livro [Poesia de 26 séculos] significa sobretudo a minha voracidade poética, que sempre me levou a tentar transpor para o português algo do que, em poesia, me interessou ou admiro... Mas estes volumes reflectem, também, que eu sempre procurei, e insisto que se procure, através dos tempos, insaciavelmente, toda a grande poesia deste mundo; e, nela, particulares valores de independência de espírito, liberdade de pensamento, franqueza das emoções, rudeza de expressão, lúcido encantamento, agressividade insólita, concisão verbal, magnificência e audácia formais, gosto da grandeza, humor e sarcasmo, profundidade humana, coragem moral, e a suprema consciência da poesia como experiência última²¹⁹.

Mas se, enquanto tradutor, o que norteia Jorge de Sena é a procura de uma essência da tradução, o que, a nosso ver, o enclausuraria na dialéctica hegeliana, a sua prática de tradução alarga-se a toda a sua actividade poética, ao ponto de ele próprio concordar com a observação de que é um poeta traduzido, no contexto adiante explicitado. Evoque-se, a propósito, Jorge de Sena tradutor e poeta, estudioso e divulgador ímpar da língua e da cultura portuguesa:

Tão amante e estudioso que fui sempre da minha língua portuguesa e dos seus poetas, chegou a dizer-se que eu escrevia «traduzido» – sim, amigo leitor, é aliás uma verdade: sempre busquei «traduzir-me» para português, como a um poeta português convém, em lugar de escrever em francês, em inglês ou espanhol, com palavras portuguesas, os resíduos das minhas adorações estrangeiras, qual acontece a tantos que tão portugueses parecem. Tão interessado sempre em quanta poesia se escreveu no mundo, e tendo traduzido tanta – porque o convívio das «testemunhas» é a única maneira de ultrapassar os tribunais de excepção que os grupos e interesses criados constituem – chegou a insinuar-se que toda essa poesia eu transferia para mim. Tudo isto o não digo para defender-me, ou para acusar, ou pelo gosto desagradável de lembrar águas passadas e sujas. Apenas o digo porque os meus leitores de hoje não serão os de ontem e não sabem, pois, a história externa da poesia que se lhes depara agora. Um dever de lealdade me obriga agora a informá-los dessa história externa. Eu sei que me acusarão, como sempre, de excessivo pessoalismo, de verrina, de ser inferior a mim próprio ao deter-me em ninharias que o tempo inteiramente dissolve. Mas é, quanto a mim, uma absoluta hipocrisia ou um desamor pela humanidade alguém fingir ou sentir uma superior distância entre a sua pessoa e tais insignificâncias. De insignificâncias é feita a nossa vida por excepcional ou extravagante que seja, e de tudo isso se adquire aquela sagesa dolorosa e fruste que é, afinal, alguma grandeza que a poesia tenha²²⁰.

No entendimento de Sena, a poesia encerra um sentido histórico inseparável de um sentido fenomenológico: «se pode ser reconhecida em si mesma, simultaneamente, como

²¹⁹ SENA; Jorge, org., trad., pref., anot. – *Poesia de 26 séculos*. Ob. cit., p. 17.

²²⁰ SENA, Jorge de – *Prefácio da primeira edição*. Assis, S. Paulo, Brasil, 27 de Março de 1960. In SENA, Jorge de – *Poesia I*. Ob. cit., p. 28-29.

objecto histórico e como objecto fenomenológico, é porque exprime as constantes e variáveis das relações do homem e do mundo»²²¹.

Construtor como poucos de uma linguagem idiomática singular na língua mãe não é de estranhar, por isso, que Sena, na sua prática de tradutor, tivesse sido sensível à necessidade de reconstruir os idiomas próprios de autores que traduzia para o que, em português, pudesse constituir idioma paralelo.

Para Jorge de Sena, que acreditava firmemente na tradutibilidade de todos os textos, *tudo na vida é tradução*, o que, se considerada na perspectiva derridiana, subjaz à passagem da experiência para o conhecimento.

Esta ideia terá levado Sena a fazer um gigantesco trabalho de tradução que não só acompanha e ilumina uma desmedida actividade criadora como configura uma «experiência de expressão» que permite ao [escritor e em particular ao] poeta afinar a sua voz própria. Na qualidade de lugar privilegiado de convívio com a «livre e vária humanidade», um lugar onde as vozes alheias podem reviver, perpetuando-se num discurso universal, a tradução contém um antídoto eficaz contra o solipsismo, a solidão e todas as espécies de particularismo que se interpõem entre os seres humanos.

Jorge de Sena cuja obra, num total de mais de 100 volumes, se encontra traduzida em várias línguas (alemão, castelhano, catalão, chinês, francês, holandês, inglês, italiano e sueco), não esquece considerações ideológicas de análise geopolítica da cultura que são também, em certo sentido, pressupostos prévios e basilares do trabalho de tradução.

O conceito seniano de tradução que subjaz a muitos volumes de vários géneros²²² decorre do indefectível humanismo do autor, um humanismo que deve ser entendido no sentido amplo que o renascimento lhe conferiu e para cuja compreensão são elementos fundamentais, por exemplo, os seus «Diários», fonte documental importante para o estudo da história e de cenas culturais portuguesa, brasileira e americana do século XX.

Ainda quanto ao tópico da *tradução* a que Sena, em sua escrita poética, na tensão entre o português e uma língua estrangeira, dá um novo sentido – uma concepção de escrita em que a linguagem nunca é original podendo significar interpretação ou versão em que o próprio *eu* se traduz no texto para português –, pode dizer-se que ela surge sempre como figura de transformação.

No célebre Prefácio a Poesia I²²³ de Jorge de Sena, é possível destrinçar noções de tradução como a de que esta permite *o convívio das testemunhas*, onde cabe, por exemplo a *suficiente equivalência* a que já se referia Sena em 1954.

²²¹ SENA, Jorge de – *Sistemas e correntes escritas* (p. 114) e *Poesia e Filosofia* (p. 4). Apud CARLOS, Luís Adriano – *Poética e poesia de Jorge de Sena: antonímias, tensões, metamorfoses*. [Porto]: Universidade do Porto, 1993. Tese de doutoramento.

²²² As traduções de Jorge de Sena repartem-se pela poesia (os *Poemas Ingleses* de Fernando Pessoa, duas antologias poéticas gerais, num total de 225 poetas e 985 poemas, desde a Antiguidade Clássica até ao modernismo do século XX, as antologias de Kavafis e de Emily Dickinson, dois poetas que deu a conhecer em Portugal), pela ficção (18 autores com destaque para Malraux, Faulkner, Graham Greene, Hemingway), pelo teatro (Brecht, Eugene O'Neill) e ensaio (Chestov).

²²³ SENA, Jorge de – *Poesia I*. Ob. cit.

Acentuar-se-á²²⁴ que a própria prática poética seniana é a tradução *sui generis* do *eu* para português como testemunho, uma *poética do testemunho* que consiste numa forma de tradução especial entre o registo linguístico e o não linguístico. O processo testemunhal que consiste em ir *revelando*, processando a *remodelação*, instaura o tempo e o modo como aspectos diferenciais do testemunho. A poética do testemunho também reestrutura e remodela *esquemas feitos*, expressando a revelação que o mundo faz de outros mundos que no entanto, não são efectivos, mas são antes mundos que a vontade *deseja convocar* e neste sentido mundos possíveis. A poética do testemunho trata afinal de mundos possíveis associados à vontade que pode transformar o possível em efectivo. O complemento de testemunhar é o que se transforma. É vontade dessa poética do testemunho que tudo remodele tudo, o que supõe a ideia de simpatia universal em funcionamento na poética seniana²²⁵.

O universo seniano que nunca perde de vista o carácter referencial de toda a linguagem é, não só pela sua intensa actividade concreta de exímio tradutor, mas sobretudo por todas as razões já anteriormente aduzidas, um universo de tradução, de transmutação de saberes, de experiências, de linguagens, no que é altamente representativo do nosso tempo²²⁶. Esses trabalhos de tradução não deixam de significar também a *voracidade poética* de Jorge de Sena:

(...) há nestas traduções de tudo, desde a breve lírica graciosa à fala grandiloquente, desde a blasfémia à mais ardente religiosidade, desde a sensualidade franca à mais pura paixão, desde a sátira violenta à solitária contemplação, desde a grosseria calculada à mais elegante delicadeza... O que não haverá, em nenhum poema, é conformismo, desde a inconformidade formal de Horácio, Gôngora ou Mallarmé, ao inconformismo religioso de muitos ou moral de alguns²²⁷.

Jorge de Sena produziu e publicou um acervo notável de antologias e colectâneas das suas inúmeras traduções poéticas²²⁸ acompanhadas de estudos e introduções da dimensão dos só muito parcialmente aqui evocados, a que juntou extensas notas biográfico-críticas iluminadas por considerações históricas pertinentes, muito além da estreiteza das histórias literárias nacionais.

Importa então tentar compreender como, partindo de um quadro teórico ainda marcado de essencialismo, foi possível a Sena pela sua prática de tradutor ir além desse constrangimento. Quanto a nós um princípio explicativo poderá encontrar-se no seu profundo conhecimento de diferentes culturas e línguas, que lhe permitiu mobilizar um sólido apa-

²²⁴ MENDES, Vitor J. – *Fernado Pessoa e Jorge de Sena, segundo este último*. «Colóquio/Letras», 1998, p. 142-144.

²²⁵ MENDES, Vitor J. – *Fernado Pessoa e Jorge de Sena, segundo este último*. Ob. cit., p. 142-144.

²²⁶ MORNA, Fátima Freitas – *Jorge de Sena: uma apresentação*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologias, 1986, p. 19.

²²⁷ SENA, Jorge de – *Poesia de 26 séculos: de Arquíloco a Nietzsche*. Ob. cit., p. 18-19.

²²⁸ Este seu labor iniciou-se nos anos 1940 com as primeiras traduções publicadas em «O Primeiro de Janeiro do Porto».

rato crítico e metodológico sempre historicamente ancorado e capaz de interrogar concepções estereotipadas.

4.2.2. Da Tradução e da Comunidade Tópica ou Heteroreferencialidade

*Em História, tudo sempre nasceu (ou morreu), muito antes do que ideologicamente se é levado a pensar*²²⁹

Esta reflexão pode, a nosso ver, aproximar-se do significado e uso do conceito de *comunidades tópicas*²³⁰, conceito de relatividade histórica, social e cultural com que Jorge de Sena opera em seus «Estudos de História e de Cultura», contrapondo-o, por opção estruturalista, quer à noção de *fontes* em história, quer à de *influências* em literatura, que considera prolongamento romântico daquelas.

Nesses seus Estudos ainda incompletamente publicados²³¹, Jorge de Sena recupera magistralmente a vocação europeia e cosmopolita da História de Portugal (de cujas pesquisas se faz eco em suas cartas para Mécia) através de um notável conjunto de ensaios literários sobre temas históricos em que se destaca a análise sociológica e histórica da fabricação literária do mito de Inês de Castro. Exemplificando com as «fontes» do episódio camoniano²³² considera:

*... a crítica das «fontes», no seu exercício estrito e metodológico, se encontrava já superado pelo método de análise tópica e pelas exigências estruturalistas da crítica contemporânea. A crítica de «fontes», ampliou-se (e perdeu-se) na malfadada crítica de «influências», em que o critério não era a semelhança de um pormenor, mas uma impressão de analogia, que o crítico sempre podia irresponsavelmente supor e propor. A crítica das «fontes» é por certo uma descendente da tradição clássica, quando a criação literária era em grande parte – ou se supunha que era – uma imitação estrita de modelos. Mas a crítica de «influências» é sem dúvida uma filha espúria do Romantismo, quando proclamado o dogma da originalidade e da abolição dos modelos tradicionais, o autor ficava à mercê de uma atmosfera estilística que o impressionasse e ao seu crítico*²³³.

Propõe então a operatividade da noção de comunidade tópica em vez da «crítica das fontes» que considera uma descendente da tradição clássica, quando a criação literária era em grande parte – ou se supunha que era – uma imitação estrita de modelos. Exerce tam-

²²⁹ SENA, Jorge de – *Estudos de História e de Cultura*. Lisboa: Edição da Revista Ocidente, 1963, p. 21.

²³⁰ SENA, Jorge de – *Estudos de História e de Cultura*. Ob. cit., p. 591-592.

²³¹ SENA, Jorge de – *Estudos de História e de Cultura*. Ob. cit. Só foi publicado o 1.º volume.

²³² Faria e Sousa e J.M. Rodrigues: «algumas observações».

²³³ SENA, Jorge de – *Estudos de História e de Cultura*. Ob. cit., p. 591.

bém a sua crítica quanto ao critério das «influências». E defende a «substituição do critério das influências pela correctiva metodologia de análise dos *topoi*, porque, como sustenta [...] em qualquer época a linguagem literária [...] depende de uma continuidade (às vezes intermitente, mas não menos uma sucessão no tempo, de obras e estilos) que é o repositório da própria experiência escrita de que a linguagem literária se formou». O que é contrário à aplicação de um geneticismo elementar e simplista, já que uma atitude tão generalizada de ecoar, senão imitar, um enorme e volumoso *corpus* de autores e obras antigas e contemporâneas impedia por completo que a aproximação entre um autor em estudo e qualquer outro, pela analogia de determinado passo, tivesse realidade genética²³⁴.

Assim, qualquer aproximação perde por completo o sentido de descoberta de uma «fonte», para apenas poder ser a verificação de uma «comunidade tópica», que não oculta as diversidades sócio-culturais, antes deixa intuir o entrelaçamento de vários aspectos estruturais e singularidades culturais.

Exemplificando, defende que não faz qualquer sentido dizer que Camões imita Petrarca e que neste ecoam Horácio, Virgílio ou Ovídio que faziam parte do mesmo panteão de modelos. A única coisa que é lícito fazer-se é aplicar um extenso e aprofundado conhecimento das obras desses poetas e de todos os poetas que, na tradição e experiência poéticas, precederam Camões, à colação de analogias expressivas, para observar-se como Camões usou para seus próprios fins, às vezes num contexto muito diverso, um eco que numerosos outros usaram também, sem que possamos afirmar quem influenciou quem.

A metodologia de análise dos *topoi*²³⁵ generalizável a categorias amplas recolocou a crítica de *fontes* no seu devido lugar, impondo à crítica de influências uma exigência de rigor²³⁶. Para a necessária avaliação crítica do que poderá ser considerado *fonte*, é considerada fundamental a análise tópica ou, no mínimo, a consciência do que a noção de *topos* implica. Ainda nesse contexto, Jorge de Sena alerta: «a cultura portuguesa peca por demasiado literária [enquanto que] a visão sociológica é fundamental à compreensão dos fenómenos literários e a história (não um romanesco interesse pelo passado histórico, avivado pela distância e o exílio) se torna necessariamente indispensável²³⁷. Advoga por isso, «um indispensável exame de consciência na meditação desapassionada de um passado cujas glórias, tanto como os desastres pesam no nosso destino²³⁸, [o qual considera que] decorre da

²³⁴ Por certo que o Renascimento e o Maneirismo que lhe sucedeu foram épocas de cultura europeia em que os autores considerados clássicos (ou os modernos, considerados modelares também) tiveram significado especial: tudo devia ser concebido e escrito em relação com eles.

²³⁵ Estabelecida por E.R. Curtius que mostrou como um «topos» se é um lugar comum bebido em fontes, é também uma recriação de uma tradição viva, evidenciando assim que o seu método pode ser frutuosa e ampliado a esquemas mais vastos e contribuir para uma reformulação de certos aspectos do estruturalismo.

²³⁶ SENA, Jorge de – *Estudos de História e de Cultura*. Ob. cit., p. 591-692.

²³⁷ SENA, Jorge de – *Estudos de História e de Cultura*. Ob. cit.

²³⁸ SENA, Jorge de – *Estudos de História e de Cultura*. Ob. cit., p. 8.

própria experiência social de uma população empenhada em conquistar, nacional e internacionalmente, o respeito que lhe é devido»²³⁹. Nessa medida entende que: «a história não é como nenhum conhecimento é, um capítulo da ética... nós é que somos animais éticos e políticos»²⁴⁰. Chama assim a atenção para o contexto humano que as abstrações históricas têm feito esquecer.

E porque, como sustenta, na historiografia nacional parece que se foi perdendo, de época para época, a medida comum com o resto do mundo, Jorge de Sena defende a reformulação em conjunto da velha erudição nacional e da nova erudição estrangeira²⁴¹.

No entanto, qual *outsider* que se honra de ter sido em tudo, afirma continuar a preocupar-se com os destinos da sua pátria e com a integridade da cultura que ela representa. Só assim, com um quarto de século aprendendo com a cultura dos outros se sente em condições de pertencer «à comunidade dos mortos que estão vivos e não à dos vivos que estão mortos. Quem está de dentro como o bicho da fruta, morre com a podridão que provoca»²⁴².

Para Jorge de Sena, não há oposição alguma entre análise cultural feita de um ponto de vista histórico-sociológico, e análise estética feita segundo critérios organicistas. Um método histórico que se queira de compreensão sócio-cultural é-o sempre no mais alto sentido uma compreensão política²⁴³. Uma obra literária encerra um mundo de implicações. Logo, interpretá-la implica conhecer-se o ambiente sócio-histórico em que surge, colocá-la comparativamente, no ambiente cultural do seu tempo dentro e fora do país de que é expressão²⁴⁴.

Este princípio metodológico pode perfeitamente aproximar-se do conceito de «hetero-referencialidade», que se coloca para além das *influências* e *contactos*. Com este conceito²⁴⁵, se por um lado se define a identidade local por relação ao sistema global, por outro lado reinventa-se este sistema global a partir das suas próprias localizações, por referência a uma metateoria crítica defendida por Peter V. Zima, para a literatura comparada.

A noção de hetero-referencialidade é aqui invocada para uma compreensão mais ampla da história da produção e criação literárias, não só pelas afinidades com a noção de *comunidades tópicas* proposta e explicitada por Jorge de Sena, na década de 1960, mas ainda pela sua possível adequação operatória a uma outra compreensão de vida-obra

²³⁹ SENA, Jorge de – *Estudos de História e de Cultura*. Ob. cit., p. 9.

²⁴⁰ SENA, Jorge de – *Estudos de História e de Cultura*. Ob. cit.

²⁴¹ SENA, Jorge de – *Estudos de História e de Cultura*. Ob. cit., p. 10-12.

²⁴² SENA, Jorge de – *Estudos de História e de Cultura*. Ob. cit., p. 13.

²⁴³ SENA, Jorge de – *Estudos de História e de Cultura*. Ob. cit., p. 127.

²⁴⁴ SENA, Jorge de – *Estudos de História e de Cultura*. Ob. cit., p. 124-126.

²⁴⁵ Desenvolvido a propósito da análise comparativa na perspectiva não dos «factos» mas das posições e das correspondências estruturais entre Pessoa e Hofmannsthal, em RIBEIRO, António Sousa e RAMALHO, Maria Irene – *Modernidade e Nação na(s) poética(s) da Modernidade*. In *Entre Ser e Estar: Raízes, percursos e discursos da identidade*. Porto: Edições Afrontamento, 2002, p. 412.

seniana, em seu dialogismo explícito e intertextualidades múltiplas, a que decerto a sua intensa e prolongada função como tradutor não é de modo algum alheia, hipótese de estudo de abrangente transversalidade que se levanta, tanto mais quanto para ele, «na vida tudo é tradução», como já se acentuou.

Fica-nos a percepção de que há na produção de escrita e na criação literária, como na vida e trajetória intelectual de Jorge de Sena, dois sentidos particularmente agudos que comunicam entre si: o do caminho, o da erva «*que transborda à força de ser sóbria*» e o do «*rizoma*», «*mapa de transformações*».

A tematização como *caminho – este mundo é o caminho*, diz Camões – do *topos* viagem, representada em Sena como unidade dialéctica de uma ausência e de uma presença, adquire nele (vejam-se as suas cartas da Europa para Mécia, mas especialmente os seus contos «Os Grão Capitães») uma dimensão pejorativa em que os capitães, os chefes aparecem como imagem desmultiplicada dos grandes «timoneiros» do totalitarismo, um totalitarismo que Jorge de Sena inscreve na própria estrutura da sociedade. Assim, se o *topos* literário da viagem permanece como um fio condutor da obra seniana, ele é retomado num outro contexto sócio-político, o do fascismo, contemporâneo de Sena²⁴⁶. Ele saberia sempre, como Camões que admiravelmente leu na sua e nossa contemporaneidade, «fazer da escrita um acto de pensamento, e da vida uma potência não pessoal, erva e caminho um no outro...; e o passeio como acto, como política, como experimentação, como vida»²⁴⁷.

Em que medida os dois anteriores conceitos apresentados: *comunidade tópica* e *hétero-referencialidade* se podem relacionar com traduzir, conferindo ao traduzido o seu fundo cultural e como, num movimento comum de tradução, aplicar a uma abordagem à função de tradução exercida por Jorge de Sena²⁴⁸?

Tudo na vida é tradução: e, nas mais intensas vivências, o homem capaz de senti-las sabe quanto isso é verdade – haverá tradução mais difícil do que traduzirmo-nos, ainda que só pelos gestos do prazer físico, para quem amamos? Por certo mais difícil, mais impossível, que traduzir para uma língua quem amemos e admiremos noutra. A tradução de poesia é, além disso, como toda a tradução que vise a transpor com exactidão e respeito, uma admirável escola de experiência da expressão. E menos para quem as faz do que para quem as leia. Ler traduções será, sem dúvida para escritores e poetas, tão útil ou mais, que ler obras no original, a menos que busquem mentalmente as equivalências expressivas. Quem disto não cuida, acaba por escrever na sua língua, como se outra fora, com as palavras dela – empobrecendo-se e empobrecendo-a. E isto é mau, não porque a língua se deteriore de uma pureza que não tem (a língua é um organismo vivo, porque

²⁴⁶ KRYSINSKI, Wladimir – *Voyager littérairement en portugais: Jorge de Sena*. In *The paths of Multiculturalism: travel writings and postcolonialism. Precedings for the Mossel Bay Workshop of the XVIth Congress of the international Comparative Literature Association*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000, p. 369-374.

²⁴⁷ KRYSINSKI, Wladimir – *Voyager littérairement en portugais: Jorge de Sena*. Ob. cit., p. 42-43.

²⁴⁸ WILLIAMS, Frederick G. – *Jorge de Sena: tradutor*. Ob. cit., p. 126.

*nós o somos, um instrumento que se adequa e altera de acordo com as áreas da realidade em que a atenção se concentra, e não um dicionário ou uma gramática confiados à guarda de quem nunca usou dela para dizer, com arte, da dignidade humana), mas porque quem se não traduz para a sua mesma experiência apenas macaqueia uma experiência que nunca teve – tal como o que vive sem saber que vive, ou o que morre sem saber que morre a cada instante*²⁴⁹.

4.2.3. Da tradução seniana à mobilização de mundos e língua²⁵⁰

A celebração da língua portuguesa está sempre em Jorge de Sena tanto mais presente quanto a agiu em permanente tradução, no seu sentido literal e não só. Não será por acaso que na sua actividade de escrita, iniciada praticamente com «Génesis», conjunto de pequenos contos, logo ecoa na disputa bíblica entre os irmãos Abel e Caim o ruído de fundo da confusão babilónica das línguas. Não será também por acaso que a tradutibilidade e a tradução de e para a língua portuguesa atravessam continuamente o trabalho de Jorge de Sena.

Ora a potencialidade operatória da noção de *tradução*, para Sena, poderá compreender-se melhor à luz desta condição: «a relação de tradução faz passar alguns caminhos entre mundos que se ignoram, ela está longe de ligar entre eles estes mundos de maneira inteligível. Os problemas são associados em redes problemáticas, no sentido de resolver um enigma posto por outro»²⁵¹. Por sua vez, «as redes problemáticas... fornecem-nos um modelo de interacção social com recurso a uma linguagem que é tão só uma articulação dos actores ligados por uma crença provisória comum»²⁵². Ora, «os problemas são ditos em relação de tradução no sentido em que a solução de cada um é considerada como a solução necessária ao problema adjacente»²⁵³.

Mobilização de mundos e de língua

Ensaiou-se até aqui um complexo trabalho de *tradução* entre história – literatura – cultura. Escritor atento como poucos às lições da história, de uma história reinventada e renovada pelo caminho da sociologia, Jorge de Sena, engenheiro que fez das palavras e da linguagem a sua matéria-prima, legou-nos uma produção escrita que é em si mesma um processo activo de constelações de saberes e formas de articulação entre estruturas do saber moderno/científico/ocidental e formações nacionais/locais/tradicionais de conhecimento, sem nunca deixar de construir o seu modo autenticamente dialógico de engajamento permanente.

²⁴⁹ SENA; Jorge, *org., trad., pref. – Poesia de 26 séculos*. Ob. cit., p. 21-22.

²⁵⁰ LAGE, Maria Otilia Pereira – *Portugal (como) impossibilidade continuada: Cidadania e Exílios (1930-1960) Á Conversa com Jorge de Sena*. Ob. cit., p. 242-262.

²⁵¹ COURTIAL, Jean-Pierre, *dir. – Science cognitive et sociologie des sciences*. Paris: PUF, 1994, p. 16-20.

²⁵² COURTIAL, Jean-Pierre, *dir. – Science cognitive et sociologie des sciences*. Ob. cit.

²⁵³ COURTIAL, Jean-Pierre, *dir. – Science cognitive et sociologie des sciences*. Ob. cit.

Uma leitura interpretativa baseada na articulação entre prática historiográfica e ordem textual, deverá pois atender à relação entre as assumpções/culturas de suporte dos leitores e críticos, a quem sempre Sena se dirigia em seus notáveis prefácios, e o sentido/significado dos próprios textos.

Traço fundamental da obra de Jorge de Sena é «a ideia de que o já feito é momento anterior cujo valor eventual só se torna visível poética, moral e historicamente no instante da sua reabsorção ou refundição por um tempo histórico poético/expectante, na perspectiva de um por fazer»²⁵⁴.

É pela mobilização de língua e de mundos que Jorge de Sena se tornou num dos primeiros a tirar, com o seu trabalho de escrita, as consequências de que Portugal é tanto maior quanto mais possa estar à altura da língua em que se inscreve e escreve.

Pode dizer-se que Sena, sempre em luta com as monoculturas do saber, não apenas em teoria, mas como praxis, agiu verdadeiramente, em seus programas de trabalho, académico, literário e ensaístico, mas também na tradução, o princípio da diversidade epistémica do mundo, pois todos os conhecimentos eram para ele contextuais, parciais, circunstanciais, como a poesia.

Daí que a obra seniana se possa hoje considerar, operando uma tradução entre campos de conhecimentos, como uma sólida base cultural cosmopolita fortemente alicerçada numa epistemologia crítica, e assim, em muitos aspectos bem próxima da proposta de uma «ecologia de saberes ou de práticas de saberes»²⁵⁵.

Em síntese, poder-se-á concluir das análises anteriores que em matéria de tradução, são significativas as afinidades entre o pensamento de Jacques Derrida e o de Jorge de Sena.

Derrida começa por servir-se de figuras de retórica para reflectir sobre a tradução, explorando as oposições e metáforas de W. Benjamin sobre a tradução, em *Des tours de Babel*, onde constrói um discurso em que a questão do nome próprio surge na sua intraduzibilidade. Aí problematiza definições de tradução como a de Jakobson e analisa as noções de direito de autor, verdade e assinatura. Mais tarde, em *What is a «relevant translation?»* Derrida interrogar-se-á sobre a essencialidade ainda presente na noção de *relevante* na tradução, a partir da expressão de Shakespeare «When mercy seasons justice» (em *O Mercador de Veneza*) que, ao contrário de traduções anteriores, em que *seasons* é vertido para *tempère*, a traduz por *relever*, assim envolvendo três ideias: a de «apurar» (como se diz em relação ao gosto, apurar um sabor, na língua de destino), a de «elevar» (no sentido de sublimar o texto original) e a de «enlutar» pela supressão do corpo original (isto é, numa operação de meio-luto, guardar/preservar o significado da língua de partida). Releva assim, na operação de tradução derridiana, uma memória fiel e enlutada²⁵⁶.

²⁵⁴ AURETTA, Christopher – *Uma visão pessoal de Jorge de Sena*. In *Uma tarde com Jorge de Sena*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1986, p. 39.

²⁵⁵ SANTOS, Boaventura de Sousa – *A Gramática do tempo...* Porto: Edições Afrontamento, 2007, p. 140-142.

²⁵⁶ DERRIDA, Jacques – *L'Herne*. Paris: Ed. de l'Herne, 2004, p. 561-574.

Quanto à tradução em Jorge de Sena, de matriz teórica hegeliana, a mesma é sensível, como se disse, à idiomaticidade das línguas. Pelo que, sem descurar o princípio quantitativo de manter aproximadamente o número de palavras²⁵⁷, se preocupa com a reconstituição idiomática do sentido do texto de origem na língua de destino, apurando-o, quando o interioriza e sublima para o dar a conhecer e perpetuar.

No quadro desta análise, pode dizer-se que emerge em ambos a questão da *fidelidade infiel* à herança da(s) língua(s) em cujo corpo inscrevem a sua *marca*.

Como Jacques Derrida, também, em certo sentido, Jorge de Sena partilha a convicção de que a espectralidade atravessa a historicidade humana, o facto simples, irrefutável de que somos criaturas no tempo. Vivemos como tempo. Cada um de nós é a *marca, traço* ou *rastro* de outros milhões de seres que literalmente deram a vida por nós. Todos os que viveram antes.

No *presente* deveríamos sempre incluir o respeito a esses outros que viveram antes e nos deram o tempo, e o mundo, e a possibilidade de estar aqui e dizer o que dizemos e fazer o que fazemos. E se isto é assim com os que foram é-o também com os por vir. A experiência da humanidade é uma imbricação de tempos. Trata-se pois de com o *espectro* aprender a viver de outra maneira: *mais justamente*²⁵⁸.

4.3. A TAREFA DE TRADUTOR EM MÉCIA DE SENA

Na análise da tradução em Jorge de Sena, atrás delineada, seguiu-se uma perspectiva teórica de aproximação entre o pensamento de Derrida sobre a tradução *relevante* e a teoria e prática de Jorge de Sena em que pudemos observar a articulação de princípios e motivações de ordem filosófica, ético-política e linguístico-literária.

Mas só tendo em devida conta a vivacidade e complexidade de qualquer verdadeira tradução que se pauta sempre, segundo Walter Benjamim, pelo «princípio da fidelidade», «fidelidade infiel» em Derrida, mas também pelo «princípio da liberdade», se poderá entender a «tarefa de tradutor» de Mécia de Sena que, autonomamente ou acompanhando nessa actividade Jorge de Sena, a executa com idêntica grandeza de que ela própria tem consciência e, indirectamente, disso se faz eco, nas várias menções às dificuldades sentidas ao longo desse seu outro labor, que tem permanecido na quase obscuridade.

²⁵⁷ Por isso mesmo, segundo João Barrento, a tradução de Jorge de Sena é exemplo de um dos três tipos de tradução, aquele que minuciosamente atenta nessa exigência, ao contrário de opções diferentes ou mistas de outros tradutores como David Mourão Ferreira.

²⁵⁸ ALBA DE LA VEGA, Víctor – *Recibir la muerte de Jacques Derrida*. Versão reduzida de texto lido na Faculdade de Letras da Costa Rica em 16 de Novembro de 2004.

Na abordagem ainda embrionária e essencialmente descritiva que se irá fazer à sua prática de tradução, importa manter como horizonte a referência clássica do pensamento filosófico de Walter Benjamin sobre a tarefa de tradutor, que a seguinte transcrição melhor esclarece:

... a tradução está tão longe de ser a equação surda entre duas línguas defuntas, que lhe cabe precisamente, sob todas as formas, como o que lhe é o mais próprio, atender ao amadurecimento posterior da palavra alheia, atender às dores de parto da sua própria. (...) qualquer tradução é apenas um modo efêmero de nos confrontarmos com a estranheza das línguas. (...) a relação entre o conteúdo e a língua é completamente diferente no original e na tradução. Se estas relações formam no caso do original uma unidade semelhante à do fruto e da casca; no caso da tradução, a língua envolve o seu conteúdo como um manto real em amplas pregas. (...) Fidelidade e liberdade – liberdade de reconstrução conveniente do sentido e, ao seu serviço, a fidelidade para com a palavra, são os velhos conceitos alegados em qualquer discussão sobre tradução. (...) A verdadeira tradução é transparente, ela não oculta o original, não lhe rouba a luz, faz com que, inversamente, a língua pura, reforçada através do seu próprio «médium», nascida com maior plenitude sobre o original. Isto consegue-o acima de tudo a literalidade da sintaxe na tradução e mostra precisamente que o elemento original do tradutor é a palavra e não a frase. Porque a frase é o muro que defende a língua do original, a literalidade, a arcada²⁵⁹.

A esta luz deverá ler-se, para melhor o entender, o intenso e exigente trabalho de tradução desenvolvido por Mécia de Sena durante mais de 10 anos consecutivos, iniciado ainda em Portugal, em 1956, ano de conclusão da sua licenciatura em Histórico-Filosóficas, mas que continuaria no Brasil e também nos E.U.A., sobretudo nos primeiros anos da sua longa permanência neste país.

Os numerosos e diversos trabalhos de tradução meciana, frequentemente publicados com o seu apelido de solteira, Freitas Leça, foram feitos para diferentes editoras, em que Jorge de Sena colaborava como escritor, coordenador e editor literário e com as quais estava ela própria encarregada de assegurar também a estreita correspondência requerida pela publicação da obra seniana.

Se as motivações e estratégias do casal Sena para o profícuo trabalho de tradução que cada um desenvolveu de per si, mas também em colaboração, terão começado em grande medida, por razões de ordem económica, vieram porém a assumir uma muito maior amplitude e amplo reconhecimento, não só por parte de Jorge de Sena que atingiu, como se viu, um lugar proeminente no campo da tradução, mas também por parte de Mécia de Sena que, ao nível da recepção das suas traduções próprias, pode ainda hoje ver estas e o

²⁵⁹ BENJAMIN, Walter – *A Tarefa do Tradutor*. «Die Aufgabe des Übersetzers, Gesammelte Schriften», IV, 1, p. 9-21. Tradução Maria Filomena Molder, p. 5-10. Disponível em: <<http://www.c-e-m.org/wp-content/uploads/a-tarefa-do-tradutor.pdf>> [Consulta realizada em 12/03/2015].

seu nome serem lembrados por numerosos leitores e académicos que iniciaram na sua adolescência e juventude, a sua formação designadamente em história, literatura, ciências, etc., pela leitura de alguns dos títulos de suas traduções.

Muitos dos trabalhos de tradução de Mécia de Sena foram publicados na então conhecida Editora «Livros do Brasil», de que Jorge de Sena foi editor literário e na sua prestigiada e muito lida «Colecção Miniatura» que contou com tradutores como Erico Veríssimo, Alexandre Pinheiro Torres, Lima de Freitas, Monteiro Lobato, Rogério Fernandes e outros nomes destacados da escrita e das letras brasileiras e portuguesas.

Nesta colecção foram publicadas diversas traduções e numerosas revisões de tradução da autoria de Mécia de Sena, geralmente sob seu apelido de solteira Freitas Leça ou nome abreviado de Mécia de Freitas Leça. Referem-se a seguir alguns desses títulos²⁶⁰ publicados entre 1956 e 1968.

Traduções:

- *A vida quotidiana na Índia Antiga, desde o Séc. II a.C. até ao Séc. VII D.C./Jeannine Auboyer; trad. Mécia de Freitas Leça. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1965.*
- *A vida quotidiana em Viena no tempo de Mozart e de Schubert/Marcel Brion; trad. Mécia de Freitas Leça. Lisboa: Livros do Brasil, 1962.*
- *A vida quotidiana em Viena no tempo de Mozart e de Schubert/Marcel Brion; trad. Mécia de Freitas Leça. Lisboa: Livros do Brasil, 1962.*
- *O século do petróleo/Jacques Guilherme e Claude-Henri Rocquet; trad. de Freitas Leça. Lisboa: Estúdios Cor, 1962.*
- *Desatino/Jean Cocteau; trad. Freitas Leça. Lisboa: Livros do Brasil, 1958.*
- *O crime dos justos/André Chamson; trad. de Freitas Leça. Lisboa: Livros do Brasil, 1958.*
- *O cais das brumas/Pierre MacOrlan; trad. Freitas Leça. Lisboa: Livros do Brasil, 1958.*
- *Adeline Vénician/André Chamson; trad. de Freitas Leça. Lisboa: Livros do Brasil, 1957.*
- *O ouro/Blaise Cendrars; trad. Freitas Leça. Lisboa: Livros do Brasil, 1956.*

Revisões:

- *Madame Curie/Eva Curie; trad. de Monteiro Lobato; rev. de Freitas Leça. 4.ª ed. Lisboa: Livros do Brasil, 1968.*
- *Exame de consciência/William Somerset Maugham; trad. e rev. de Mário Quintana e Freitas Leça. Lisboa: Livros do Brasil, 1958.*
- *Um seixo solitário/John Richard Hersey; Mucio Prophirio Ferreira; rev. Freitas Leça. Lisboa: Livros do Brasil, 1958.*
- *Um drama na Sardenha/Paride Rombi; trad. Inácia Dias Fiorillo; rev. Freitas Leça. Lisboa: Livros do Brasil, 1958.*

²⁶⁰ Registos bibliográficos recuperados em pesquisas efectuadas no catálogo da BNP.

• *Servidão humana/W. Somerset Maugham; trad. António Barata; rev. Freitas Leça. 13.^a ed. Lisboa: Livros do Brasil, 1957. Reedições em 1970, 1973, 1979, 1981, 1984, 1994 e 1999.*

Mas Mécia de Sena que, como se referiu, colaborou ainda em vários trabalhos de tradução de Jorge de Sena, como se pode concluir da leitura de muita da sua correspondência brasileira, tendo trabalhado ainda como tradutora noutras editoras de que se refere, por exemplo:

• *História da ciência/Pierre Rousseau; trad. de Mécia de Freitas Lopes. Lisboa: Editorial Aster, 1963.*

Sobre esta sua intensa e prolongada actividade, diz-nos assim Mécia de Sena, pragmaticamente, na sua correspondência para Jorge de Sena:

*Precisava de acabar a minha tradução mas não consigo por mais que faça, nem sequer chegar à regularidade que precisava das 12 páginas diárias*²⁶¹.

E logo inicia outra sua carta (de 31/8/1959) expondo uma dúvida na tradução de uma frase do livro *Expresso-Oriente*, pedindo ao marido resposta imediata para devolver rapidamente o trabalho à gráfica, facto já ocorrido outras vezes em que é ela a fazer as correcções.

Informa-o²⁶², a seguir, sobre o andamento dos trabalhos de tradução e escrita na editora e confessa que se tem visto «grega com as provas da Literatura», explicando concretamente como tem resolvido os problemas, ao mesmo tempo que expressivamente diz: «Estou cansadíssima do sarau das provas».

Decorridos poucos dias, pergunta²⁶³ que livros deverá levar de Portugal para o Brasil e, para além dos que ele mais necessite para a preparação de aulas, menciona os de Camões e os Dicionários, estes ferramenta imprescindível para os trabalhos de tradução, actividade regular de ambos.

Já no Brasil, em cartas dos anos 1960, várias são ainda as referências aos seus trabalhos de tradução que aí continua a produzir, com igual exigência e persistência intelectual, como em carta recente recordará a propósito:

Quanto a traduções... fiz algumas e revi outras... Nem sei se terei todas... porque também por vezes colaborei com o meu marido nas que ele fez... Todas ou quase todas foram feitas para os

²⁶¹ Fragmento de carta de Mécia de Agosto de 1959. Ver LAGE, Maria Otília, org. – *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)*. Ob. cit.

²⁶² Carta datada de 2/9/59. Ob. cit.

²⁶³ Em carta de 11/9/59. Ver ob. cit.

Livros do Brasil com o nome de Freitas Leça. E embora haja outras, a maioria estão na colecção «Miniatura».

... muitas vezes o trabalho de tradução chegava e tinha de ser feito numa noite, que claro ficava por dormir e que nem sequer dava tempo para um trabalho mais meticoloso; mas o pior era ainda a fase de provas em que havia por vezes dúvidas a esclarecer e que igualmente o tinham de ser numa noite também...²⁶⁴

Porém, se o trabalho de escrita de Jorge de Sena pode e deve ser analisado do ponto de vista da traductologia não apenas interlinguístico, apesar da enorme importância deste, mas também intralinguístico, Mécia de Sena, que não deixou por certo de receber influências desse trabalho do marido de que terá sido primeira e mais atenta leitora, destaca-se, enquanto tradutora e revisora de traduções literárias, por ter feito sobretudo um longo, variado e persistente trabalho de tradução interlinguística.

Esta actividade continuada, que poderia numa primeira leitura ser eventualmente reconduzida à marginalidade de um trabalho esforçado mas secundário, conduz no entanto não só à necessidade de entendimento de uma nova faceta importante da escrita feminina, em Mécia de Sena, o que nos leva a equacionar o tópico «mulher/tradução», na linha dos estudos de mulheres²⁶⁵, mas ainda a retomar uma outra reflexão sobre a tradução na sua relação entre «tradutibilidade»²⁶⁶ e «intraduzibilidade» que se não confunda com a antiga temática, em geral literária, da superioridade do original e suas derivações, e que Mécia vivenciou e soube agir.

O contexto histórico-cultural em que se desenvolveu a actividade tradutória de Mécia, em grande medida, em colaboração estreita com Jorge, como se disse, é prolongado e coincidente, em parte, com a chamada «era do feminismo» (anos 1960) e a ampliação dos estudos académicos sobre a relação entre género e linguagem, devendo pois merecer uma análise pluriperspectivada no sentido de diferenciar a tradução e estratégias de sua realização, de outras formas de reescrita no feminino.

Neste âmbito, porém, novas questões se colocam relacionadas «com a chamada ‘tradução cultural’, área que vem ganhando cada vez mais peso dentro dos ‘Estudos de Tradução’, significando a convicção de que o papel do/a tradutor/a é o de uma mediação entre culturas», já que «o espaço da tradução envolve sempre um processo intermédio e

²⁶⁴ Fragmento de carta de Mécia de Sena, de Santa Bárbara, 12 de Novembro de 2013 em resposta a dúvidas minhas. Ver também testemunhos dessa actividade em numerosas cartas de Mécia escritas de Portugal para Jorge de Sena no Brasil, em 1959, In LAGE, Maria Otília, org. – *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)*. Ob. cit.

²⁶⁵ *4 traduções feministas*. Disponível em <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10747/10747_5.pdf> [Consulta realizada em 10/01/2015].

²⁶⁶ Termo preferido por Derrida para distinguir a ilusão de tradução da tradução como renegociação com o acontecimento da origem que defende.

inacabado de negociações entre línguas e culturas, bem como a representação das tensões daí resultantes»²⁶⁷.

Neste entendimento é bem ilustrativa a experiência multicultural e multilingue de Mécia de Sena bem como o é ainda o ambiente vivencial em que produziu os seus trabalhos de tradução, muitos deles notáveis e que perduram no conhecimento e memória dos seus leitores.

Esses aspectos implicariam do ponto de vista da prática e teoria da tradução uma análise mais detalhada, extensa e autónoma que excede, porém, a economia deste trabalho e se não pode já fazer aqui. Mas tal não obsta a que se não deva fazer a necessária menção a esta outra vertente da acção intelectual multifacetada de Mécia, que se mantém quase desconhecida, propendendo nós a pensar neste caso que «tornar o feminino visível na língua significa fazer com que as mulheres sejam vistas e ouvidas no mundo real» (Lotbinière-Harwood), objectivo que importará trabalhar em relação à autora/tradutora Mécia de Sena, noutros estudos.

²⁶⁷ MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa – *A palavra, a identidade e a cultura translativa: Para uma introdução ao dicionário terminológico de conceitos da Crítica Feminista*. Ob. cit., p. 383-408.

CAPÍTULO 5

«O OUTRO» NA INVESTIGAÇÃO DA
CORRESPONDÊNCIA DO CASAL SENA

A história nunca apaga o que enterra. Guarda sempre nela o segredo do que encripta, o segredo do seu segredo.

(Jan Patocka, 1988)

A história nunca está acabada, sempre permanece aberta. O mundo histórico é inconformismo. O que quer dizer que a história, a política ou a filosofia nascem com a descoberta da insuficiência do sentido recebido, o que Patocka define como perturbação, descoberta. Daí a escolha da epígrafe para abertura do presente capítulo. Começa-se então por traçar o breve mapeamento, de âmbito restrito mas intensivo, deste estudo analítico configurado no quadro da história assim entendida, a qual pressupõe o *jogo referencial* dos rastros, acentuando a máxima abertura de ângulo de compreensão escrita da história que indirectamente nos remete para a noção operatória de historialidade²⁶⁸. Este estudo suporta-se numa investigação experimental que se tenta desenvolver no contexto teórico da desconstrução – se é que se pode falar tão genericamente da diversidade de trabalhos inscritos sob este nome – ²⁶⁹, enquadramento mediado por outras contribuições transdisciplinares, como os estudos culturais e novas leituras do cânone histórico-literário.

A abordagem que, numa primeira rubrica, se faz a «o outro» inapropriável, melhor, ex-apropriável, destaca a sua função de motor de busca do conhecimento e põe em relevo esse pré-conceito no movimento de pensamento e no processo da investigação, orientando-se pelo seguinte princípio: «o outro» completamente «outro», ou seja, «o outro» que tal como «o segredo se não referiria à ordem do dizer e da linguagem»²⁷⁰. Entendido, então, «o outro», como aquele que, não deixando de ser referência, nunca se fixa como referente e se constitui como o impulso para nunca deixar de investigar o que sempre se esquia ao domínio, o «real». Esta, a posição mais próxima do que «o outro» é para a investigação, pois é o que faz com que esta prossiga continuamente.

Num segundo ponto, ilustra-se a apresentação feita desse quase conceito de «o outro» através de uma exposição sumária do relevante trabalho de Mécia de Sena no contexto da vida-obra de Jorge de Sena, feita na perspectiva de aplicação da noção derridiana de «meio-luto» e sua relação com a alteridade²⁷¹.

²⁶⁸ Noção desenvolvida por Rheinberger, H.-J., a partir de Derrida e que tomamos aqui na acepção da escrita da história (ilimitada).

²⁶⁹ Segundo Derrida, a desconstrução lança um olhar oblíquo sobre as coisas e não pretende desfazer a estranheza que as habita, sendo certo que sempre insistiu que se deve falar de desconstruções, em lugar de desconstrução.

²⁷⁰ Seminário de Jacques Derrida – *Repondre, du secret*, realizado em 1991, em EHESS, Paris, citado por MICHAUD, Ginette – *Tenir au secret*. Paris: Ed. Galilée, 2006.

²⁷¹ CONTINENTINO, Ana Maria – *A Alteridade no pensamento de Jacques Derrida: Escritura, Meio-luto, Aporia*. Ob. cit.

Prosseguindo com a abordagem do enunciado de «o outro» aplicado à análise da escrita epistolar, desenvolvemos, numa terceira e última parte, mais prática e específica, através de uma investigação experimental sobre a correspondência pessoal, trocada ao longo de mais de 30 anos, entre o escritor Jorge de Sena e sua mulher, Mécia de Sena, considerada nos três núcleos fundamentais desse *corpus* alargado (durante a sua permanência em Portugal, Brasil e U.S.A. num arco temporal situado entre os anos 40, 60 e 70 do século XX). Nesta correspondência, a apetência para o conhecimento de «o outro» e de «os outros» dá corpo ao aprofundamento de uma relação entre identidades culturais, relacionais e adaptáveis ao diverso e ao diferente, que se experimenta no limite em variados contextos históricos, sócio-culturais e literários.

Nesse diálogo prolongado e intenso de grande relevo para a história recente da literatura e da cultura portuguesas, observa-se e analisa-se o encontro de alteridade aí estabelecido, orientando-nos pelo dispositivo teórico que se tenta operar e pode ser assim enunciado: «O 'outro' é aquilo que resistindo à apropriação permite que haja experiência. Esta será sempre fracassada pois a alteridade nunca se apresenta como tal, ela apenas dissemina. A convocação de 'o outro', daquilo que faz tremer, está na vida de todos os dias»²⁷².

Saliente-se, a propósito, que muito poucos escritores há, no século XX, entre nós, que tenham sabido e conseguido abrir extraordinariamente caminhos para «os outros», como Jorge de Sena tão bem e generosamente o fez, designadamente através de inúmeros prefácios e estudos de revelação de outros poetas e escritores, sendo nisso exemplarmente seguido, na abertura para a investigação de sua obra-vida, por sua mulher e companheira devotada, Mécia de Sena que soube e conseguiu prolongar essa façanha intelectual até ao presente.

Ao nível das considerações finais releva-se o propósito seguido de densificação do estudo da correspondência em questão, enfocando sobretudo a análise do papel de «o outro», Mécia de Sena, na vida e obra de Jorge de Sena, através do aprofundamento da noção de «o outro», muito distante da noção do senso comum, bem como numa acepção diferente do comumente entendido em correntes dominantes das ciências sociais e humanas, desde a antropologia até à própria psicanálise. Salienta-se ainda o facto de o enquadramento teórico-filosófico seguido permitir encontrar um novo impulso mais provocador para a investigação no domínio da história que não obnubile a necessidade de *invenção do impossível*, motor de interrogação dos textos e fontes para conhecimento de um passado entendido como nunca tendo sido presente.

²⁷² CONTINENTINO, Ana Maria – *A Alteridade no pensamento de Jacques Derrida: Escritura, Meio-luto, Aporia*. Ob. cit.

5.1. CONHECIMENTO E ESCRITA EPISTOLAR

‘O outro’ é infinitamente outro – a sua alteridade não pode ser ultrapassada ou recuperada por ninguém – porque ‘o outro’ é finito²⁷³.

Seguindo Derrida e o movimento de seu pensamento da alteridade – relação sem relação com o «outro» – que se inscreve na linguagem herdada, anterior a nós, e radica na escrita um novo paradigma que põe em causa a dialéctica, heterologicamente, toma-se «o outro» como «o outro, completamente outro» que se não consegue traduzir na linguagem e, por isso, apenas se pode operar com ele na suspensão do que vem, ou seja, pelo acontecimento.

«O ‘outro’ que não entendemos define-se como aquele que precisa de tradução, aquele em função do qual existe tradução; e o tradutor, como aquele que se reconhece ‘endividado’ pela existência do original, por seu ‘pedido de sobrevivência’»²⁷⁴.

Na verdade, «é a diferença, não a identidade que torna a tradução necessária», sendo que para Derrida «a tradução não designa tão somente os actos de transferência de uma língua para outra, nem unicamente as transferências internas a uma mesma língua. A lógica do transporte, da transferência, da transposição é extensiva a toda a produção do conhecimento e (...) concerne portanto à totalidade do saber»²⁷⁵.

A relação com «o outro» é constituída por duas lógicas enquanto relação e interrupção da relação, isto é, enquanto relação sem relação ao distante, ao estrangeiro, e enquanto interrupção a esse distante²⁷⁶.

Assim, e na perspectiva de «o outro» na investigação, tal significa desde logo a enorme dificuldade do acto de investigar nos termos convencionais, isto é, marcado pelo constativo e não pelo performativo, ainda que, mesmo neste último, que se mantém no domínio da linguagem, a questão se continue a levantar.

Daí que o caminho seja, no campo teórico da desconstrução derridiana²⁷⁷, o da invenção do impossível, no sentido não de criação ou imaginação ou produção, mas sim no sentido apenas do que só é possível acolher, o que implica todo um trabalho de desdimentação e um movimento incessante de pensamento conducente ao conhecimento sempre em aberto.

²⁷³ HAGGLUND, Martin – *Radical atheism: the time of life*. Stanford-California: Stanford University Press, 2008, p. 94.

²⁷⁴ SISCAR, Marcos – *Jacques Derrida, o intraduzível*. «Alfa» (n.º especial). São Paulo, 2000, p. 56-69.

²⁷⁵ SISCAR, Marcos – *Jacques Derrida, o intraduzível*. Ob. cit.

²⁷⁶ KAS, Saghafi – *Apparitions – of Derrida’s other*. Fordham University Press, 2010.

²⁷⁷ Prefácio de J. Derrida intitulado «Fors» ao livro «Cryptonymie, le Verbier de l’Homme aux Loups» (Nicolas Abraham et Maria Torok, 1976).

Considera-se neste quadro teórico, deveras significativa a prática de Mécia de Sena, companheira de sempre do escritor Jorge de Sena e curadora da sua obra, tendo em atenção o modo singular como na sua experiência, quer pessoal quer de investigadora, agiu e «resolveu» o dilema de vida-morte de «o outro».

«O outro» ex-(a)propriável, princípio de busca do conhecimento

Porque «o outro» não é susceptível de se ter ou haver por dominado até porque enquanto se procura estudá-lo, percebê-lo, ele também se transforma, isso impele à continuação constante do seu estudo.

«Ao contrário do que se ostenta em toda afirmação de identidade, devemos à alteridade aquilo que somos – a alteridade nos constitui; contudo, como ela não pode ser apreendida, contida, toda identidade se funda e é abalada por ela: para a desconstrução, a experiência de identidade só se dá numa estrutura de ‘alienação sem alienação’ (ex-apropriação)»²⁷⁸.

A noção de alteridade é constitutiva da «relação-com» (menor denominador comum da relação entre as pessoas), o outro com que se lida e não é possível saber-se o que está a pensar e se não tem intenção de nos fazer mal; o outro que não se pode nunca dar por conhecido porque pode mudar inclusivé sem ser previsível o seu comportamento.

O impulso a investigar decorre então de «o outro» ser completamente outro e nessa medida não ser um objecto de todo apropriável. Isto explica que a procura da descoberta científica nunca possa dar-se por acabada, até porque a descoberta científica dá-se, as mais das vezes, quando acontece fora daquilo que se programara; é um exemplo de interrupção ao distante; a partir daí abre-se um espaço curto de negociação do possível com o que se não previra.

Ora é a escrita aquilo que na língua busca captar interrupções ao distante, aquilo que busca estar à altura do que vem, do que acontece.

Para Derrida, não é a questão do ser que possibilita o pensamento, mas «a nunca anulada diferença do ‘completamente outro’. O pensamento do rastro desarticula as metafísicas e propõe novas tarefas para o pensar»²⁷⁹.

«O outro», no processo de produção histórico-social do conhecimento, ou então de «invenção» no sentido derridiano que enfatiza a «textualidade» – quer dizer a experiência, a «realidade» social histórica, económica, técnica cuja desconstrução desloca – é o que sempre resiste e nesta medida impele e permite essa experiência, gerando e explicando o desejo de nunca deixar de querer conhecer.

²⁷⁸ CONTINENTINO, Ana Maria – *A Alteridade no pensamento de Jacques Derrida: Escritura, Meio-luto, Aporia*. Ob. cit., p. 120.

²⁷⁹ CONTINENTINO, Ana Maria – *A Alteridade no pensamento de Jacques Derrida: Escritura, Meio-luto, Aporia*. Ob. cit., p. 20.

«O outro» da investigação

*... a investigação é um processo sem fim de que se não pode nunca dizer como evoluirá. O imprevisível é a própria natureza da empresa científica. Se o que se vai encontrar é verdadeiramente novo então é por definição uma coisa antecipadamente desconhecida. Não há qualquer meio de dizer onde vai conduzir um dado domínio da investigação*²⁸⁰.

Este é, precisamente, «o outro» da e na investigação. Entre «o outro» totalmente outro a que não temos acesso imediato, mas apenas mediado, e o «nós» há a «différance», quase conceito que pode entender-se como o que proporciona a diferencialidade das diferenças que se inscreve nessas ao nível das impressões de que não temos consciência. São os *rastros, traços, sulcos* de que as operações de retenção e protensão, projecção para a frente, levam aos rastros de rastros, isto é, traços de traços ou marcas de marcas; (a propósito, Freud falava da máquina de cera onde escrevendo-se como se em papel vegetal, deixava marcas, traços, sulcos na cera)²⁸¹.

«O outro» da investigação, designadamente a experimental, sempre inapropriável nas unidades produtoras de conhecimento como os laboratórios ou centros de investigação, traduz-se em inscrições, notas, listas, relatos, relatórios e outras incisões designáveis, no seu conjunto, de «numerais», e também em manuais de laboratório, relatórios de investigação, normas de estilo, arquivos, bancos e bases de dados, aparatos técnicos, em regra, o que se designa de informação, globalmente chamados de «literais»²⁸² que estão entre as práticas dos sistemas experimentais e a escrita dos textos científicos, os quais são assinados pelo «autor» que incorpora o trabalho obscurecido de agentes anónimos, na mediação entre a perda da imediaticidade e a perda da presença.

Assim, a ciência que explica a escrita resulta de iterações (Derrida) no sentido de remissões de remissões de remissões, em que o trânsito se faz entre elas pela mediação que se traduz na suspensão ou interrupção da oposição binária das oposições binárias. A possibilidade desse trânsito faz-se por mediação sem oposição que se traduz nas relações, na interrupção ao distante, na negociação, primeira lógica da relação ao «outro», e pela alteridade radical, na segunda lógica da relação sem relação ao outro.

Concordamos por isso com Continentino quando diz que «Derrida abre o pensamento para uma outra maneira de lidar com a alteridade: aquilo que sempre escapa a qualquer tentativa de apreensão e incita o desejo por um encontro sempre adiado»²⁸³. Logo, o

²⁸⁰ RHEINBERGER, H.-J. – *Itérations*. Bienne-Paris: Diaphanes, 2013, p. 31.

²⁸¹ FREUD, S. – *Bloco Mágico*, vol. XIX, p. 287. In CONTINENTINO, Ana Maria – *A Alteridade no pensamento de Jacques Derrida: Escritura, Meio-luto, Aporia*. Ob. cit., p. 97.

²⁸² RHEINBERGER, H.-J. – *Itérations*. Ob. cit., p. 31.

²⁸³ CONTINENTINO, Ana Maria – *A Alteridade no pensamento de Jacques Derrida: Escritura, Meio-luto, Aporia*. Ob. cit., p. 19.

que na investigação – ou dito de outro modo, na invenção da ciência – importa apreender é o que faz deixar acontecer o imprevisível, isto é, o não programado ou planeado, mas que se acaba por impor para além e apesar deste.

Ora «o outro» da e na investigação porque é imprevisível é também indecível²⁸⁴, isto na medida em que não é programável, nem calculável, à partida, mas apenas, tornando urgentes decisões, suscita e permite manter a capacidade de abertura ao que acontece.

«O outro» da e na correspondência epistolar

O *gênero epistolar*, que no âmbito literário foi largamente considerado um gênero menor, expressão de uma literatura marginal, regista hoje um grande interesse científico, tendo-se tornado um objecto de investigação novo, com questões particulares e problemas metodológico-interpretativos novos.

Nesse sentido, podemos considerar, com Vincent Kaufmann²⁸⁵, que «em geral, correspondemo-nos para nos aproximar do outro, para comunicar com ele, pelo menos assim se crê. Mas talvez seja sobretudo do seu afastamento que se faz a experiência».

Assim sendo, a correspondência epistolar pode encobrir no afastamento que procura colmatar o afastamento originário da relação sem relação que é toda a relação ao «outro».

Como aplicar então, o enquadramento teórico anteriormente esboçado à compreensão de «o outro» quer no plano do estudo da correspondência epistolar em observação, quer no plano desta própria enquanto escrita de um ao «outro» e deste ao «outro»? Isto sobretudo quando se trata não de qualquer simples troca de cartas, mas de uma efectiva correspondência entre «o eu» que é «o outro» do outro e «o outro».

O dispositivo de mediação entre o plano teórico e a instância de pesquisa empírica opera-se aqui pela via da escrita, uma escrita documental, no sentido de testemunhal (testemunho sob suspeição do investigador) e literária, enquanto escrita que garante a sobrevida, a vida mais intensamente vivida.

A correspondência epistolar é por si própria a procura do impossível e visa a interrupção ao distante, na medida em que, pela proximidade da escrita, ao nível íntimo, procura neutralizar, de certo modo, mas sem o conseguir, o afastamento de «o outro».

²⁸⁴ Refiram-se algumas das várias noções consideradas por Derrida: *indecíveis* – nem conceitos, nem palavras – que singularizam a desconstrução e falam da lógica paradoxal que ela comporta, como: *escrita, différence, rastro, jogo, iterabilidade, disseminação, hímen, meio-luto, a vida a morte, o entre, pharmakon* (veneno/remédio), etc. Estes *quase-conceitos* voltam-se para uma *alteridade radical* e são as condições de (im) possibilidade de um discurso. Eles são a condição de toda a decisão de todo o acontecimento, expondo ao risco absoluto. No pensamento derridiano o condicionado e o incondicionado não se opõem, mas se requisitam, estendendo ao infinito as possibilidades de articulação do discurso desconstrutor. Ver CONTINENTINO, Ana Maria – *A Alteridade no pensamento de Jacques Derrida: Escritura, Meio-luto, Aporia*. Ob. cit., p. 17-18.

²⁸⁵ KAUFMAN, Vincent – *L'équivoque épistolaire*. Paris: Ed. de Minuit, 1990.

Há que atender, por outro lado, à complexa natureza das mensagens epistolares que andam na órbita de uma constelação de assuntos, significados e indagações. Com efeito, a carta, numa perspectiva de «arquivo de criação», apresenta-se sob diversas faces imbricadas:

- como *objecto* cultural (que remete ao suporte e seus significados, e à história das condições materiais da troca epistolar);
- como *acto* (que no campo semântico da representação teatral coloca «personagens» em cena e encena o ‘eu’, o ‘ele’ e ‘os outros’; o remetente assume «papéis», ajusta «máscaras» reinventando-se diante de seus destinatários. Nesta qualidade, e associando-se acto a «praxis», a carta pode ainda testemunhar a «dinâmica» de movimentos literários e artísticos, formas de sedução intelectual, nas (entre)linhas, figurando, como «acções» nos bastidores da vida criativa, podendo assim a correspondência de artistas e escritores afirmar-se como uma agitada oficina de criação);
- como *texto* (no campo da retórica e dos estudos linguísticos, texto que se pode publicar e que, a meio caminho entre o prosaico e o literário, entre o público e o privado, atrai também os olhares das mais diversas áreas do conhecimento desde a história à sociologia e à psicanálise, olhares que desejam captar experiências vividas ou imaginadas. Os estudos culturais privilegiam essa voz da intimidade, atravessada por ideologias. Na teoria e nos estudos literários, a carta/texto tanto pode ser «material auxiliar», ajudando a compreender melhor a obra e a vida literária, quanto escrita que valoriza a função estética/poética; ou, ainda, «texto literário» nas paragens do romance epistolar)²⁸⁶.

Testemunha frágil, contingente e lacunar, a carta é, por estes atributos, sempre ameaçada de ficcional, mas indispensável na apreensão concomitante de uma individualidade, de uma época, de uma sociedade... mesmo quando se refere à escrita do íntimo, do quotidiano.

Assim, os estudiosos de cartas – «espaço de diálogo e encontro», recorrentemente procurado e (re)construído, mas também, com lacunas de sentido que obrigam o leitor a apreender o que vai nas suas entrelinhas –, abordam-nas de maneiras diferentes, mas sempre se repetindo em dois aspectos: denunciam a necessidade de mais estudos que possam enriquecer a investigação sobre cartas, e reivindicam unanimemente o estatuto de obra para correspondências cujo valor histórico, artístico ou literário é praticamente um consenso.

²⁸⁶ MORAES, Marcos António de – *Nove endereços para a mesma carta (epistolografia e crítica genética)*. Congresso da Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética – APCG. Disponível em <<http://www.ieb.usp.br/marioscriptor/congressos/nove-enderecos-para-a-mesma-carta.html>> [Consulta realizada em 04/08/2014].

Num plano ainda tributário da psicologia que não dá bem conta do que efectivamente está em causa quando falamos de «o outro» na correspondência epistolar, é de salientar que «uma carta, para ser compreendida de maneira mais abrangente numa investigação, deve ser tomada dentro de um contexto histórico e, principalmente, emocional»²⁸⁷.

A afirmação de identidades múltiplas e relacionais, que se podem perceber na escrita epistolar, depende da consciência que os sujeitos têm «de si» próprios, dos «outros» e das relações de alteridade. Esta, ou melhor dito, a outridade tem um papel fulcral na formação dessas identidades, já que os sujeitos se constroem, desconstroem e se reconstroem pela sua diferença com «o outro».

A correspondência epistolar, nos mais diversificados suportes e meios, antigos ou novos, pressupõe sempre um interlocutor real ou virtual, cúmplice ou descomprometido, «o outro», destinatário que, em regra, se não anula em face de «o outro», remetente, impondo-se no reconhecimento da alteridade.

Escrita de natureza íntima, mas em que emerge frequentemente o público²⁸⁸, promove um diálogo (im)provável, uma partilha de diferentes ou comuns visões do mundo, processo em que se destaca a relativa autonomia dos correspondentes e uma negociação de ideias e interesses na procura da diversidade e marcas identitárias próprias. Pode dizer-se também, no que se refere ao comum das cartas que, em regra, há ainda uma procura de reafirmação pelo «outro», daquilo que dele se espera, sobretudo em situações de afastamento físico, justificação das cartas em última análise. E isto faz com que possam surpreender-se gestos narcísicos nas relações epistolares, tornando-se então «o outro» da correspondência, destinatário ou emissor, num outro útil, alibi ou espelho de empréstimo²⁸⁹. No caso da correspondência de escritores, artistas, cientistas, políticos, pela sua importância, esta se pode vir a tornar «pública», mesmo truncada e protegida pelo direito à intimidade, assim levada até um «outro», leitor futuro²⁹⁰.

Também no campo da história da cultura, o género epistolar revela-se como espaço privilegiado de observação das relações do indivíduo consigo e com «os outros»²⁹¹. Na correspondência cria-se uma relação dialógica: o «outro» entra no discurso epistolar do remetente através de uma interlocução entre ambos. Nesta relação dialógica, «o outro» adentra-se, entranha-se na escrita. Produz-se uma construção simbólica da imagem física, emoções

²⁸⁷ MORAES, Marcos António de – *Nove endereços para a mesma carta (epistolografia e crítica genética)*. Ob. cit.

²⁸⁸ Não se pode colher o íntimo sem o inscrever na triangulação íntimo-privado-público. Privado e público são realidades históricas construídas de maneira diferente em função de uma dada sociedade ou realidade.

²⁸⁹ REID, Martine – «Écriture intime et destinataire». In *L'épistolarité à travers les siècles. Geste de communications et/ou d'écriture*. Éd. Mireille Bossis. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1990.

²⁹⁰ MORAES, Marcos Antonio de – *Carta para todo mundo: leitura de escritos íntimos*. «Revista Pessoa» Abr. 2014. Disponível em <<http://www.revistapessoa.com/2014/04/8592/>> [Consulta realizada em 09/07/2014].

²⁹¹ CHARTIER, Roger, dir. – *La correspondance: les usages de la lettre au XIX^e siècle*. Ob. cit., p. 9-10. Ver também BESSE. Ob. cit.

e sentimentos da relação, pelo que se compreende que escrever cartas possa ser *presentificar a imagem do outro*²⁹², embora, quanto a nós, seja, pelo contrário, espectralizar «o outro», uma vez que a imagem simbólica é antes fantasmática.

Já Derrida, no seu livro de ficção «Bilhete Postal»²⁹³, destacava nas cartas a sua materialidade ou mesmo corporeidade, por contraposição à intencionalidade realçada por Roger Chartier, estudioso no contexto da história cultural da correspondência no século XIX. Sendo certo que não acentuava nesse seu argumento o sujeito que escreve uma carta a outro, mas sim a circulação de vazios que pode importar à construção da subjectividade. O que, numa tentativa de aproximação a «o outro» na correspondência parece indicar que o exercício epistolar, particularmente entre homem e mulher pode tender a reforçar o falocentrismo – centralidade da prevalência do falo e do logos ou verbo – princípio que o pensamento derridiano sempre procurou desconstruir, até como inibidor da relação com «o outro».

A esta luz, a correspondência trocada entre Jorge de Sena e Mécia de Sena parece corresponder a um certo desvio desse padrão denunciado por Derrida, pelo que se justifica o seu estudo mais detalhado, sob a perspectiva teórica enunciada.

5.2. EXPERIÊNCIA E PRÁTICA DE INVESTIGAÇÃO DE MÉCIA DE SENA

Passaremos pois a uma primeira análise da figura central de Mécia, impulso essencial e dispositivo analítico da correspondência pessoal entre o casal, que se considera corresponder a uma intensificação da vida vivida enquanto sobrevida.

Mécia de Sena afirma-se, como estudiosa de literatura e cultura, estudante e trabalhadora, mulher de múltiplas facetas humanas, mãe e educadora atenta, metódica e responsável arquivista, incansável epistológrafa e experiente tradutora, companheira inseparável de toda a vida e obra do escritor, de que foi cúmplice, leitora comprometida, incansável colaboradora dos incessantes e múltiplos trabalhos do marido, e não apenas a «viúva prodigiosa», a obreira da edição e conhecimento da vasta obra seniana. Dotada de enorme generosidade, convivialidade e mentalidade excepcionalmente aberta, com imensa e polifacetada experiência de vida humana, social, literária e cultural, adquirida em vários espaços-tempos, vivendo há mais de meio século no estrangeiro, construiu-se como grande mulher e intelectual feminina portuguesa do século XX, sendo-lhe devido lugar de destaque e estudo imprescindível na história da cultura nacional contemporânea.

²⁹² FOUCAULT, Michel – *L'écriture de soi. Corps écrit*. Paris: PUF, 1983.

²⁹³ DERRIDA, Jacques – *La Carte Postale de Socrate à Freud et au-delà*. Paris: Flammarion, 1980.

Estes traços definidores de sua personalidade encontram-se diluídos, quais notas marginais, na já numerosa bibliografia passiva seniana nas suas inúmeras referências documentais, comentários e citações que a atravessam, e que uma leitura oblíqua da correspondência evidencia. Estas introduzem, na perspectiva do investigador, tal como na historiografia, um «efeito de realidade» fazendo delas «o saber do outro» que aproxima a natureza do objecto de estudo e a função que está reservada às notas de campo na antropologia. Poderíamos assim propor também uma análise da sua vida quotidiana, nas dimensões ética, prática, cultural e mesmo estética, tantas e tais são as matérias que as suas cartas em sua densidade vivencial, a vários níveis, nos oferecem.

Partilhando muitos dos atributos pessoais e intelectuais de Jorge de Sena, Mécia de Sena é protagonista de um representativo movimento de pensamento ao conseguir, numa relação com «o outro», na ausência definitiva deste, perpetuar a sua herança e a sua memória activa através da promoção da edição das inúmeras obras que Sena deixou por publicar, prefaciando-as, revendo-as e dando sobre as mesmas indicações preciosas aos editores e leitores. Ao mesmo tempo, e de forma aforística, Mécia de Sena foi fazendo, nos bastidores, a sua própria obra, fora de si, pela divulgação da obra seniana e, dentro de si, pela via da própria escrita, em duas vias que se cruzam e em duas lógicas que se complementam, num movimento de «o luto do luto», «luto impossível».

Viria a demonstrar a extraordinária capacidade de, ao conseguir fazer e saber fazer o processo invulgar e difícil de meio-luto²⁹⁴ do escritor, se ter alcançado na máxima descrição a um lugar único da cultura e da literatura portuguesas. Esta relação poderá caracterizar-se como de «meio-luto» por oposição às formas mais habituais de fazer o luto (incorporação, introjecção) e a qual se pode traduzir como «fora de si, dentro de si» quando as formas normais são ou de encriptação dentro de si do ser que se perdeu e que se torna muitas vezes patológica sob a forma de ficar possesso de outro ou de a outra que é fora de si mas perdendo-se a memória do ser que se perdeu. Esse «meio-luto» é a melhor tradução da relação de alteridade, da relação com o outro completamente outro porquanto sendo uma relação com a alteridade radical fora de si como que se interrompe esta e se negocia com ela dentro de si. Isto é visível em todo o trabalho de escrita e de preservação, publicação e edição da obra de Jorge de Sena, por parte de Mécia de Sena, mas ainda de modo particularmente saliente na sua obra aforística ou micro-textual *Flashes*, quase inédita de mais de 600 páginas, cuja escrita inicia logo após a morte de seu marido.

Convém porém explicitar melhor, na perspectiva da desconstrução derridiana, esse quase – conceito de «meio luto» e o modo como se pode articular com a noção de alteridade e por sua vez ainda com a noção de herança. Segundo Ana Maria Continentino²⁹⁵,

²⁹⁴ CONTINENTINO, Ana Maria – *A Alteridade no pensamento de Jacques Derrida: Escrita, Meio-luto, Aporia*. Ob. cit., p. 19 e segs.

²⁹⁵ CONTINENTINO, Ana Maria – *A Alteridade no pensamento de Jacques Derrida: Escrita, Meio-luto, Aporia*. Ob. cit., p. 144.

Está em jogo, então, a questão da relação com a alteridade – a cena derridiana por excelência. O objecto como outro, como aquilo que nos seduz e que nos escapa, impõe ao pensamento um movimento, uma inquietude, um desejo que, segundo a desconstrução, não pode ser estancado por nenhum trabalho de assimilação, de incorporação. A alteridade é aquilo que, não sendo assimilável, se instala em nós como um estrangeiro, com o qual temos que incessantemente negociar. É esta negociação que Derrida traduz na idéia de meio-luto. Um trabalho de luto que não cessa, que respeita a inacessibilidade do outro (...) e com tal inacessibilidade passa a negociar, afastando a violência que um suposto controle da alteridade sempre desencadeia. Com a ideia de meio-luto o que é enfatizado é o trabalho, a tarefa, e não o êxito na superação de uma perda. Para a perda, que o pensamento derridiano pretende enfrentar não há superação possível, mas apenas um envolvimento constante e inarredável.

Assim, a desconstrução aponta e aposta num comércio permanente com o outro, com sua estranheza e irreducibilidade como possibilidade de toda e qualquer criação ou produção. Por isso mesmo, ao reivindicar um luto impossível, Derrida não se deixa vincular à melancolia, com sua queixa eterna. A suspensão da conclusão do luto não significa ressentimento quanto à alteridade inapreensível, mas a exigência de constante negociação inventiva com o outro. Bennington lembra como no pensamento derridiano, a questão da herança se vincula ao meio-luto; e ressalta que a economia que ambos sustentam constitui a abertura para uma nova postura diante das questões ético-políticas.

As noções de herança e luto, não só são redimensionadas pela desconstrução, como redimensionam questões que antes pertenciam a campos excludentes. Esta é a importância que queremos ressaltar na noção de luto impossível. Citamos Bennington sobre a relação herança e meio-luto: «Isso significa que quando herdo, no sentido de Derrida, não esqueço o outro, nem o preservo como um tipo de objecto mumificado. Eu aceito a herança de um modo complexo, que envolve certas redistribuições e alguma invenção. Isso poderia ser também uma propriedade do 'demi-deuil'. Deveria ser negociado de um modo inventivo na minha relação com o outro perdido. Essa é uma maneira de fazer um luto digno de seu nome. Eu não lamento simplesmente a perda do outro indefinidamente, de um modo melancólico; eu negoceio de maneira inventiva com o outro como outro perdido».

Em que medida se pode dizer que este posicionamento existencial e filosófico se encontra já inscrito, na numerosa e importante correspondência trocada entre ambos, pela consciência implícita de cada um em relação ao outro de que qualquer um deles irá sentir a perda de o outro?!

Desde logo isso se poderá compreender quer no próprio tom, característica do recorte na língua do idioma de um e de «o outro», quer no fluxo e ritmo intensos da própria produção da escrita desta correspondência, em que a sua falta, mesmo ocasional, era sentida de uma forma veemente e muito especial.

A este título é exemplar uma especial tonalidade de estremecimento e temor velado face à doença e à morte que se desprende da leitura das cartas do ano de 1971, atrás fragmentariamente transcritas, o que faz todo o sentido evocar.

5.3. PARA A CULTURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Tendo em atenção a existência de uma multiplicidade de enfoques teóricos de diferentes domínios disciplinares (estudos culturais incluindo os literários, contribuições filológicas, antropológicas, socioculturais, psicológicas...) sobre a questão da alteridade, tentar-se-á aqui a mobilização parcial de diversas referências analíticas susceptíveis de serem compaginadas com o movimento de desconstrução derridiana que se tem vindo a seguir, na medida em que tal perspectiva possa iluminar, por ângulos diferentes, outras facetas do estudo restrito desta escrita epistolar.

Sentido e significados desta Correspondência epistolar

Para uma compreensão mais abrangente da importância histórica da correspondência pessoal, perguntemo-nos ainda, em última instância, sobre os sentidos de sua leitura, em termos globais:

O que significa penetrar na correspondência privada de escritores ou de figuras culturais marcantes em determinada época? Para além da descoberta de uma trajectória intelectual que se move entre presença e ausência, ao ritmo da temporalidade epistolar, o leitor procura quase sempre neste tipo de obras as marcas de uma emoção e de uma sociabilidade que se traduzem por maneiras de pensar e de viver, práticas de escrita, às vezes confidências pontuais, detalhes anedóticos ou fontes susceptíveis de esclarecer certos aspectos da personalidade dos autores. Como observa Roger Chartier, a leitura da correspondência ajuda a compreender melhor a maneira como os indivíduos constroem as suas representações sobre o mundo pois ao associar práticas sociais e subjectividade, o género epistolar revela-se como um espaço privilegiado para a observação das relações do indivíduo consigo mesmo e com os outros. Enquanto acto de comunicação que oferece um testemunho escrito, a carta implica tanto uma lucidez introspectiva como uma retórica demonstrativa, inscrevendo-se num contexto pessoal e social que é inseparável das circunstâncias históricas e culturais em que foi produzida, fornecendo por conseguinte preciosas informações sobre a mundividência dos seus autores e a actividade intelectual de uma determinada sociedade²⁹⁶.

As cartas sempre incorporam também uma *interpersonalidade imaginada*²⁹⁷, isto é, a imaginação do «tu leitor» por parte do «eu autor» (o emissor sempre pensa em quem será o seu «outro»). Colocam-se num tempo presente frágil, marcado pela nostalgia da pre-

²⁹⁶ BESSE, Maria Graciete – *Proximidades e distâncias no diálogo epistolar/entre Jorge de Sena e Delfim Santos*. Disponível em Site «Ler Jorge de Sena».

²⁹⁷ GUILLÉN, C. – *La escritura feliz: literatura y epistolaridad. Múltiples moradas. Ensayo de Literatura Comparada*. Barcelona: Tusquets, 1998, p. 191.

sença perdida e a ansiosa espera da volta, de tal modo que a ausência pode fazer delas uma escrita de ficção²⁹⁸.

Na tentativa de esclarecer um pouco mais esse campo carregado de interrogações, Poyet (2000) realça a imperiosa necessidade de se fundar uma «pedagogia da leitura epistolar»: «Um tipo de labirinto...», devido às características do universo contido na carta, bem como à condição do leitor perante elas. O leitor estabelece com a carta relações em diferentes níveis, entre eles uma relação de «convivência desejada», isto é, o leitor assiste à construção pessoal do autor e aceita-a em toda a singularidade de sua atitude. Essa aceitação não deve, contudo, induzir formulações apressadas a respeito de quem escreve, pois, se nela o leitor se constrói e compõe sua identidade, este processo não ocorre linearmente. Ao contrário, equilibra-se na oscilação entre busca e reconhecimento, constante autoquestionamento, conclusões parciais e temporárias, submetidas a desconstruções e ao recomeço do processo.

«A verdade da carta – ‘... um espaço entre dois’ – não pertence ao leitor, e essa é a maior lição que um leitor de cartas pode ter. Ele pode lê-las trivialmente e não encontrar nelas mais que uma fonte de informação. Ou então, respeitadas as suas subtilezas, elas podem abrir-se como a Obra da obra, esse lugar onde a obra se estabelece (...) Para apreciar uma correspondência (...) é preciso esquecer suas vontades e crenças, deixar-se guiar e tomar pela mão, deixar-se conduzir até onde não se conhece, aceitando nada descobrir ou então tudo compreender. Sem meia medida ou acordo, mas na contradição e nos paradoxos. Ler bem uma correspondência é aprender a confiar»²⁹⁹.

Como já se expôs anteriormente, para além do manifesto interesse histórico e documental da correspondência concreta em análise, que atravessa um arco espaço-temporal de 3 décadas desde o início dos anos 1940 até finais de 1974, é de realçar o seu valor literário visível mesmo em detalhes de introspecção lúcida, retórica discursiva e representações sociais de «si» e de «o outro», critérios bastantes para a sua publicação que virá enriquecer e actualizar, em muito, a produção do género epistolográfico em Portugal. O seu conhecimento e investigação é pois de interesse notório no campo dos estudos da história da literatura e da cultura portuguesa.

A importância crescente dos arquivos privados e pessoais – domínio de fontes de interesse inegável, como o é também este acervo epistolográfico – para a investigação histórica do quotidiano tem vindo a tornar-se uma tendência predominante na história americana e europeia, valorizando este novo olhar da história que foca sentimentos, hábitos, com-

²⁹⁸ BERLINCK, Rosane de Andrade; BARBOSA, Juliana Bertucci; MARINE, Talita de Cássia – *Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua*. «Revista da ABRALIN», v. 7, n.º 2, p. 173-174, Jul./Dez. 2008.

²⁹⁹ POYET, T. – *Sincérité, contradictions et composition d'identité dans la correspondance de Flaubert*. In DUFIET, P. J. – *Les écritures de l'intime – la correspondance et le journal*. Actes du Colloque de Brest, 23-24-25 oct. 1997. Paris: Honoré Champion, 2000.

portamentos e elege de uma forma especial diários íntimos, correspondência pessoal, anotações encontradas em espólios de escritores, artistas, políticos, e outras figuras públicas. A publicação desse tipo de fontes isoladamente ou em série tem sido utilizada pelos historiadores para ampliar o debate e a compreensão de temas, personagens e épocas a partir de novos enfoques metodológicos, novas perspectivas e práticas historiográficas renovadoras como a micro-história, a história da cultura, a sócio-história, os novos estudos sociais e históricos, para os quais a contribuição da sociologia, da teoria literária, da antropologia, da ciência política, dos estudos culturais e das mulheres têm sido fundamentais.

Por outro lado, a dimensão social presente nesta correspondência assinala a importância de se atentar no «imaginário epistolar» que a perpassa. Implica uma atitude complexa que se pode denominar «meditação epistolar», e explicar-se assim: «Espaços, estruturas ou figuras intermediárias que tornam possível a representação da sociedade na carta, a inserção desta nas trocas sociais, a criação de comunidades epistolares e a produção de um discurso que, por sua vez, modifica as relações e representações sociais»³⁰⁰. Ou seja, a carta traz a actualidade do momento histórico em que é escrita, ainda que este não seja o tema directamente abordado.

Estas cartas, numerosas e constantes, mas sempre diferentes em suas historicidades próprias e também únicas e idênticas na relação amorosa que as atravessa e incorpora, como sublinhou Vasco Graça Moura, constituem um repositório riquíssimo mas complexo para a abordagem teórica que se fez da alteridade e do quase-conceito «o outro» na sua relação com o processo de investigação. Para além de serem inicialmente meio de comunicação pessoal e informal à distância, entre duas pessoas muito especiais, podem ser ainda fonte promissora para vários tipos de estudos: literários, culturais, sociohistóricos, etc. E enquanto *corpora*, podem ser vistas como enunciados que se realizam de maneiras diversas, relativamente estáveis, *géneros do discurso* ou *géneros textuais*³⁰¹, que registam um sem número de variados aspectos histórico-sociais.

[...] *Mas o que me parece fundamental, para além do testemunho e da documentação pertinente a essa época tão rica da história intelectual dos dois países – e, note-se, percebe-se facilmente que estas cartas não foram escritas com o intuito de serem publicadas, pelo que podemos tomá-las como absolutamente sinceras – o que me parece fundamental é a história de amor que documentam. Jorge e Mécia têm uma maneira de falar do amor que os une da maneira mais surpreendente e mais frequente. Não há carta em que um ou mais parágrafos não exprimam toda a gama de sentimentos amorosos, da saudade intensa ao desejo, sem rodeios sem timidez, sem invocações do transcendente, antes como simples e fortíssima pulsão humana. O real, a vida prática, o pragmatismo das situações atravessadas, entrelaçam-se assim com um monumento ao amor entre dois*

³⁰⁰ MELANÇON, B. – *Penser par lettre*. Actes du colloque d'Azay-Le-Ferron, mai 1997. Québec: Fides 1998, p. 7-8.

³⁰¹ BAKHTIN, Mikhail – *O problema dos Géneros do Discurso*. In *Estética de Evocação Verbal*. Ob. cit.

*seres humanos que o vivem em cada momento das suas vidas, apesar de tantas léguas e tanto tempo posto a conseguir enfim atravessá-las*³⁰².

Assim estas cartas de natureza basicamente informal, na medida em que não houve no modo como foram escritas qualquer processo de edição para serem publicadas na íntegra, são simultaneamente reveladoras de dois géneros textuais ou do discurso: primários (emanam de comunicação verbal espontânea, com um uso mais imediato da linguagem) e secundários (escrita em situações de comunicação menos espontâneas, como a cultural, política, artística), que aqui modificam, em regra, os primeiros, verificando-se uma diminuição do fosso entre a língua coloquial e a literária³⁰³.

Nesse sentido, as cartas de ambos, designadamente ao nível da interação, mas com particular incidência as de Mécia de Sena revelam-se-nos sob um texto escrito inserido num *continuum* entre a escrita e a fala que poderá ser denominado de *língua oral-escrita*³⁰⁴. Em tal registo se é posto em presença de uma profunda necessidade e incessante construção de amor intenso entre um homem e uma mulher excepcionais, que se buscam mutuamente, no reconhecimento imperativo da presença e busca do «outro» em si próprio e fora de si, num enlace constante.

Reconhecer a necessidade de «o outro» é aqui reconhecer a necessidade de amor, de que nos fala o poeta António Machado, cuja poesia, em sua ideia da heterogeneidade do ser e busca de «o outro», ecoa em alguma da poesia de Jorge de Sena, como sugestivamente revela o estudioso seniano Cota Fagundes³⁰⁵.

Esse sentimento de amor não transcendente, antes um amor-ternura e amor-erótico, assim como a necessidade e procura sempre em aberto de um «tu essencial», de um outro também social encarado na plenitude da sua «outredade», fazem da correspondência entre Mécia e Jorge um hino ao amor, ao altruísmo recíproco, cujas possíveis configurações de «o outro» podem ser identificadas também na poesia seniana de testemunho e errância³⁰⁶.

Podemos afirmar que a noção teórica atrás evocada de «meio luto», isto é, «luto impossível», inscreve e libera a exigência de negociação infinita que a alteridade inapreensível ou radical impõe, diferentemente da de melancolia, muitas vezes, a este propósito

³⁰² MOURA, Vasco Graça – «Um monumento ao amor quotidiano». Ob. cit., sobre o livro LAGE, Maria Otilia, org. – *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)*. Ob. cit.

³⁰³ BAKHTIN, Mikhail – *O problema dos Géneros do Discurso*. Ob. cit.

³⁰⁴ MARINE, Talita de Cássia – *O sistema dos pronomes demonstrativos no século XX: este vs. aquele ou esse vs. aquele?* Dissertação do Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras. UNESP: Araraquara, 2004.

³⁰⁵ FAGUNDES, F. C. – *JORGE de Sena – discípulo de António Machado? Da heterogeneidade do ser e das figurações do outro na Poesia Seniana*. «Aula Ibérica: Actas de los congresos de Évora y Salamanca 2006-2007». Ángel Marcos de Dios (Editor). Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2007, p. 385-398.

³⁰⁶ FAGUNDES, F. C. – *JORGE de Sena – discípulo de António Machado? Da heterogeneidade do ser e das figurações do outro na Poesia Seniana*. Ob. cit. Estudo de Cota Fagundes sobre certos aspectos da ficção e poética de juventude e maturidade de Jorge de Sena analisadas à luz de hipotéticas influências do poeta espanhol Antonio Machado.

invocada com o significado de sendo o que faz mover o amor. «Luto que é ainda o mais vivo testemunho do amor. Do amor vivo – a viver-se – e não apenas do amor perdido. E o luto: quando é ele de facto preciso? Pois bem, sempre? Desde sempre – o luto é o originário. O chamado «trabalho do luto» de si (do outro, da língua, do amor...) começa na véspera de tudo: do poema, do canto da obra, do eu, da palavra, do rastro... o luto é originário, ou mesmo pré-originário – o outro e a língua do outro (no sentido de vinda do outro) estão já sempre aí, quando um «eu» e o amor chegam... Onde e quando há relação ao outro como outro – nem que seja na relação a si próprio como outro – há luto»³⁰⁷.

Vejam-se, a título de exemplo, os seguintes excertos de cartas, «em jeito de carta aos leitores»³⁰⁸, e que comportam em si o germe da literariedade, como o próprio Jorge de Sena intuiu na interrogação que faz a Mécia:

O nosso conhecimento mútuo a bem dizer nem se iniciara e iria fazer-se através da correspondência que se lhe seguiu.

Difícilmente alguém tão honestamente e lealmente se terá mostrado e não menos cuidadosamente terá tido a preocupação de destruir qualquer possibilidade de romântica mistificação de si próprio. Este teria sido o caminho fácil e estava aberto ao total desconhecimento que um do outro tínhamos e à minha evidente fascinação por aquela personalidade – a rejeição desse caminho deu lugar a uma confiança e uma identificação que dificilmente, creio, poderão ter paralelo (MS, 11)³⁰⁹.

**

Queria agora responder às tuas cartas. Dizer-te imensas coisas que elas me sugeriram. Que confiança posso ter no que escrevo, eu que sei escrever, eu que posso estar a fazer uma especial literatura contigo, a da convicção da felicidade? (JS, 40)³¹⁰

Michel Foucault, em «A escrita de si» (1992), a que se não pode considerar alheia a «autografia» de Pontalis³¹¹, vai buscar na Antiguidade as origens dos significados e as formas que adquiriram a escrita do íntimo. Esta aparece, num sentido geral, como um «ades-tamento de si por si mesmo», um exercício constante do pensamento, um aprender a arte de viver. Uma das formas pelas quais esse tipo de escrita se dava é precisamente a correspondência que dá lugar ao exercício pessoal de reflexão e constituição de si mesmo, ao supôr intrínseca e extrinsecamente um interlocutor, «o outro».

³⁰⁷ BERNARDO, Fernanda – *Contratempos – do amor: filosofia, amor e melancolia*. Ob. cit., p. 246.

³⁰⁸ Veja-se a análise do mesmo em COSTA, José Francisco – *A Correspondência de Jorge de Sena: um outro espaço da sua escrita*. Ob. cit., p. 147-172.

³⁰⁹ COSTA, José Francisco – *A Correspondência de Jorge de Sena: um outro espaço da sua escrita*. Ob. cit., p. 171

³¹⁰ COSTA, José Francisco – *A Correspondência de Jorge de Sena: um outro espaço da sua escrita*. Ob. cit., p. 171-172.

³¹¹ Noção posteriormente desenvolvida e proposta e já enunciada na introdução a este livro.

Este atributo da correspondência que é a indispensabilidade de «o outro» terá importantes consequências: «a carta enviada actua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como actua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe». Estabelece, assim, uma reciprocidade que concebe a necessidade da ajuda alheia – através de conselhos e ensinamentos – no exercício de reflexão sobre si próprio, na mesma medida em que colabora na realização do mesmo exercício no correspondente. Nesta troca, a correspondência exerce ainda a função da preparação de si para o mundo, como bem se pode detectar na correspondência em análise, designadamente através da profunda relação estabelecida entre ambos e das constantes relações de cada um dos interlocutores com os outros formam uma extensa rede de relações literárias e amizades que sempre acompanharam o casal e que são regularmente evocados nas suas cartas.

Até que ponto se pode considerar que o processo de escrita funciona aqui também de certo modo como um semióforo³¹²?

Para além do conteúdo das cartas é o próprio ritmo da sua falta, atrasos e/ou recepção delas e o que tal significa em termos da relação com «o outro», uma relação sem relação que assim se evidencia e se exemplifica: no caso de Mécia, «Chegou esta manhã uma tua mais breve carta de 21...», «Não veio carta tua hoje... e não sei para onde dirigir cartas futuras»³¹³; ou então no de Jorge de Sena, «Ontem não veio carta tua...», «Não recebi carta tua depois da que as pequenas trouxeram...», «Acabei de escrever-te uma carta na 2.^a feira...»³¹⁴.

A carta busca o outro ausente e, conceptualmente, define-se por contrastes, sendo diferente do diário íntimo, das notas pessoais, da autobiografia, pois que o conhecimento de «si» passa sempre pelo olhar de «o outro».

³¹² O conceito de semióforo construído pelo historiador Krystof Pomian e relacionado com o traço presente na formação da memória percebida como um dispositivo sócio-psíquico que participa da constituição, armazenamento e transmissão de saberes e fazeres social.

³¹³ Cartas de Mécia de Sena de Madison, de Setembro de 1968.

³¹⁴ Cartas de Jorge de Sena, de Londres e Paris, de Junho de 1971.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se de uma corda balançassem véus, gestos de Mécia de Sena, ou gestos de mulher, desvelamentos, que os ventos da verdade não a deixassem fixar...

Assim, tendo-nos focado na figura de Mécia de Sena, intelectual e cidadã plena, reconhecida e respeitada investigadora e promotora da obra seniana, continuamos cientes de que «a língua diz de mais e de menos ao mesmo tempo»³¹⁵.

Estas as duas primeiras reflexões retrospectivas sobre a escrita deste livro atravessado por uma ambição de releitura transdisciplinar de um passado cultural nacional recente mas também por uma hermenêutica de desocultação de significados dominantes, em que trouxemos para primeiro plano a análise da inconfundível prática de escrita de Mécia de Sena tentando acompanhar e compreender o percurso intelectual de uma mulher ímpar, corajosamente à altura dos imensos desafios de sua vida intensa de mudanças sociais, políticas e culturais, quer em Portugal quer no seu já longo exílio.

Agora que é chegado ao fim este trabalho em que se procurou manter um equilíbrio de análise na fronteira da literatura e da sócio-história, reconhecemos que nele dissemos de mais e, simultaneamente, de menos, mantendo-se por isso em suspensão.

Foi nosso objectivo, que julgamos conseguido, investigar de modo exigente e consistente, pelas vias teórico-metodológicas mais adequadas à complexidade e dificuldade do objecto de estudo definido: fazer ouvir a voz singular de Mécia de Sena ao lado do escritor consagrado Jorge de Sena.

Tentámos contribuir para abrir uma perspectiva renovada de entendimento de um veio importante da cultura portuguesa contemporânea, evidenciando parte da vida e obra de Mécia de Sena que aí tem lugar por direito próprio e cujo silenciamento, mormente de si, ela própria agiu assumida e conscientemente, como se fizesse parte da missão de vida que se confiou e sempre foi sabendo construir sem vacilar, maleável e resistente.

O desafio de certo modo desmesurado que abraçámos, com convicção e sentido de um dever indeclinável, no plano da história, da cultura e da cidadania, comporta naturalmente resistências de transposição difícil, mas que poderão abrir outras oportunidades de novos estudos.

³¹⁵ BEBIANO, Adriana; RAMALHO, Maria Irene – *Estudos Feministas e cidadania plena*. Introdução à *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 89, Junho 2010.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

- AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; VASCONCELOS, Sandra Guardini T., orgs. – *Gêneros de Fronteira. Cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.
- ALBA DE LA VEGA, Víctor – *Recibir la muerte de Jacques Derrida*. Versão reduzida de texto lido na Faculdade de Letras da Costa Rica em 16 de Novembro de 2004.
- ALVES, Ida Ferreira; CUNHA, Kássia Fernandes da – *Algumas intrigantes paisagens das metamorfoses senianas*. In XI Congresso Internacional da ABRALIC *Tessituras, Interações, Convergências*, 13 – 17 Julho 2008. Impresso.
- AMARAL, Ana Luísa, trad. – *Duzentos poemas. Emily Dickinson*. Edição bilingue. Lisboa: Relógio d' Água, 2015.
- AMARAL, Ana Luísa – *Uma terra de ninguém com gente dentro: A(s) Impureza(s) da Poesia*. «Elyra. Revista da Rede Internacional Lyra Compoetics», 2, 12/2013, p. 9-24.
- AMARAL, Ana Luísa – *Literatura Mundo em Novas Cartas Portuguesas: O Azulejo dos tempos*. «Elyra. Revista da Rede Internacional Lyra Compoetics», 1, 3/2013, p. 5-24.
- AMOSSY, Ruth, dir. – *Images de soi dans le discours. La construction de l'ethos*. Lausanne-Paris: Delachaux-Niestlé, 1999.
- ANASTÁCIO, Vanda – *A Marquesa de Alorna (1750-1839)*. Lisboa, 2009.
- ANASTÁCIO, Vanda – *Sonetos da Marquesa de Alorna*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2008.
- ANASTÁCIO, Vanda, ed. – *Correspondências (usos da carta no século XVIII)*. Lisboa: Edições Colibri – Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2005.
- ANASTÁCIO, Vanda, org. – *Cartas de Lília e Tirse (1771-1777)*. Lisboa, 2007.
- ANTUNES, António Lobo – *D'este viver aqui neste papel descripto. Cartas da Guerra*. Lisboa: Dom Quixote, 2005.
- AURETTA, Christopher – *Uma visão pessoal de Jorge de Sena*. In *Uma tarde com Jorge de Sena*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1986, p. 39.
- BAKHTIN, Mikhail – *O problema dos Gêneros do Discurso*. In *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAMISILE, Sunday Adetunji – *Questões de género e da escrita no feminino na literatura africana contemporânea e da diáspora africana*. Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, 2012.
- BEBIANO, Adriana; RAMALHO, Maria Irene – *Estudos Feministas e cidadania plena*. «Revista Crítica de Ciências Sociais», 89, Junho 2010.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes – [Recensão crítica a “*Cartas I – Para Joana Luísa (1943-1944)*”, de Sebastião da Gama]. «Revista Colóquio/Letras. Recensões Críticas», n.º 135/136, Jan. 1995, p. 269-271.
- BERARDINELLI, Cleonice – *Reverendo e lendo Jorge de Sena*. In *Jorge de Sena: vinte anos depois. O Colóquio de Lisboa*. Lisboa: Cosmos – CML, 2001. Impresso.
- BERLINCK, Rosane de Andrade; BARBOSA, Juliana Bertucci; MARINE, Talita de Cássia – *Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua*. «Revista da ABRALIN», v. 7, n.º 2, Jul./Dez. 2008, p. 169-195.
- BERNARDO, Fernanda – *Contratempos – do amor. Filosofia, amor e melancolia*. «Revista Filosófica de Coimbra», n.º 46 (2014).
- BESSE, Maria Graciete – *Proximidades e distâncias no diálogo epistolar/entre Jorge de Sena e Delfim Santos*. «Latitudes. Cahiers Lusophones», n.º 43, 2012, Paris-Lisboa, p. 87-89. Disponível no site «Ler Jorge de Site Sena» <www.lerjorgedesena.lettras.ufrj.br>.
- BINNS, J. W. – *The letters of Erasmus*. In *Erasmus*, edited by T.A. Dorey. Londres: Routledge, 1970.
- BOLLMANN, Stefan; prefácio de Elke Heidenreich – *Mulheres que escrevem vivem perigosamente*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.
- BUTLER, Judith – *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Roudledge, 1990.
- CALAFATE, Margarida – *Pensar a partir da literatura – da importância dos estudos ibero-americanos*. «Alea», vol. 11, n.º 1. Rio de Janeiro: Jan./June, 2009.

- CAMEIRÃO, Lurdes da Conceição Preto – *Antologia epistolográfica de autores do sec. XIX e XX*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 1999.
- CARLOS, Luís Fernando Adriano – *Jorge de Sena e a escrita dos limites: análise das estruturas paragramáticas nos “Quatro Sonetos a Afrodite Anadiómen”*. [Porto]: Universidade do Porto, 1986. Tese de mestrado.
- CARLOS, Luís Fernando Adriano – *Poética e poesia de Jorge de Sena: antónimias, tensões, metamorfoses*. [Porto]: Universidade do Porto, 1993. Tese de doutoramento.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SIERRA BLAS, Verónica – *Cartas-Lettres-Lettere. Discursos, prácticas y representaciones epistolares (siglos XIV-XX)*. 1.^a ed. Alcalá de Henares: Ute Universidad Alcalá, 2014.
- CASTRO, Aníbal Pinto de – *D. Francisco Manuel de Melo um polígrafo de “cartas familiares”*. «Península. Revista de Estudos Ibéricos», n.º 6, 2009.
- CASTRO, Aníbal Pinto de – *Prefácio: As cartas de Trindade Coelho: um monumento da língua portuguesa*. In *Trindade Coelho. Correspondência 1873-1908. Organização, leitura e notas de Hirondino Fernandes*. «Brigantia: Revista de Cultura», vol. XXVIII-XXIX. Bragança: 2008, número especial dedicado ao centenário de Trindade Coelho, p. 5-9.
- CHARTIER, Roger – *Diferença entre os sexos e dominação simbólica*. «Cadernos Pagu», n.º 4, p. 40. Campinas, UNICAMP, 1995.
- CHARTIER, Roger, *dir.* – *La correspondence. Les usages de la letter au XIX^e siècle*. Paris: Fayard, 1991.
- CIXOUS, Hélène – *The Laugh of the Medusa*. In MARKS, Elaine; COURTIVRON, Isabelle de, eds. – *New French Feminisms*. Trans. Keith Cohen and Paula Cohen. Sussex: The Harvester Press, 1981.
- CIXOUS, Hélène – *Diluge*. Des Temmes, 1992.
- CIXOUS, Hélène – *La Risa de la Medusa. Ensayos sobre la escritura*. Ana María Moix, *prol. e trad.*, Myriam Díaz-Diocaretz, *rev.* Barcelona: Editorial Anthropos, 1995.
- CIXOUS, Hélène – *Rêve je te dis*. Paris: Galilée, 2003.
- CIXOUS, Hélène – *Double Oubli de l’Orang-Outang*. Paris: Éditions Galilée, 2010.
- COELHO, Nelly Novaes – *O discurso-em-crise na literatura feminina portuguesa (dossier)*. «Via Atlântica», n.º 2, Jul.1999, p. 120-128.
- CONFRARIA, João, *coord.*; SILVA, Francisco, *et al.*, *textos – As Comunicações na Idade Contemporânea: Cartas, Telégrafo e Telefones*. [Lisboa]: Fundação Portuguesa das Comunicações, imp. 2009.
- CONTINENTINO, Ana Maria – *A Alteridade no pensamento de Jacques Derrida: Escritura, meio-luto, aporia*. Rio de Janeiro: PUC, 2006.
- COSTA, José Francisco; FAGUNDES, Francisco Cota, *pref.* – *A Correspondência de Jorge de Sena: um outro espaço da sua escrita*. Lisboa: Ed. Salamandra, 2003.
- COURTIAL, Jean-Pierre, *dir.* – *Science cognitive et sociologie des sciences*. Paris: PUF, 1994.
- DAUPHIN, Cécile – *La correspondance familiale comme objet historique (France, XIX^e siècle) [2009-2010]: In Perspectives actuales en la Investigación sobre escritura y comunicación epistolar*. Disponível em <<http://www.siece.es/pdf/actividades/hoja-presentacion-cecile-dauphin.pdf>> [Consulta realizada em 09/03/2015].
- DELEUZE, Gilles – *Diálogos*. Tradução de José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio d’Água, 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix – *Kafka: Para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- DERRIDA, Jacques – *L’Herne*. Paris: Ed. de l’Herne, 2004.
- DERRIDA, Jacques – *What Is a “Relevant” Translation?* «Critical Inquiry», 27 (Winter), 2001.
- DERRIDA, Jacques – *De la Grammatologie*. Paris: Minuit, 1967.
- DERRIDA, Jacques – *La Carte Postale de Socrate à Freud et au-delà*. Paris: Flammarion, 1980.
- DERRIDA, Jacques; MALABOU, Catherine – *La contre-allée*. Edit. La Quinzaine Littéraire; Louis Vuitton, 1999.
- DINIS, Eva Maria Afonso Moreira da Cruz – *Dois olhares sobre a alteridade: o Outro em A Correspondência de Fradique Mendes, de Eça de Queirós, e Nação Crioula, de José Eduardo Agualusa*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2009 (tese de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa). Disponível em

- <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1717/1/21689_ulfl071259_tm.pdf> [Consulta realizada em Julho de 2014)].
- Dois Anos de Agonia: *Cartas de Camilo a Ana e de Ana Plácido a Freitas Fortuna*. Prefácio e notas de Júlio Dias da Costa. Publicação/Produção. Lisboa: Liv. Ed. Guimarães, [1930].
- DUARTE, Constância Lima, *co-org.* – *Género e representação na literatura brasileira*. Belo Horizonte: UFMG – Biblioteca Universitária da Faculdade de Letras, 2002.
- DUARTE, Luís Ricardo – *Mécia de Sena: trinta e cinco anos de dedicação*. «Jornal de Letras», 21 de Agosto a 3 de Setembro de 2013. Dossier dedicado a Mécia de Sena.
- DUMAS, Catherine – *Diário íntimo e ficção: contribuição para o estudo do diário íntimo a partir de um corpus português*. «Revista Colóquio/Letras». Ensaio, n.º 131, Jan. 1994, p. 125-133.
- FAGUNDES, Francisco Cota – *Jorge de Sena – discípulo de António Machado? Da heterogeneidade do ser e das figurações do outro na poesia seniana*. In *Aula Ibérica: Actas de los congresos de Évora y Salamanca 2006-2007*. Ángel Marcos de Dios, ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2007, p. 385-398.
- FAGUNDES, Francisco Cota; GÂNDARA, Paula, *org.* – *Tudo Isto que Rodeia Jorge de Sena, an international colloquium*. Lisboa: Salamandra, 2003.
- FERREIRA, Carlos Aparecido – *A Mulher na Literatura Portuguesa: sua Imagem e seus Questionamentos através do Género Epistolar*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002 (tese de mestrado).
- FERREIRA, Maria do Céu de Sousa – *«Desde el Parnaso os escribo»: Cartas de uma monja escritora. Edição e análise da correspondência manuscrita de Soror Mariana do Céu à Duquesa de Madinaceli*. Porto: FLUP, 2012.
- FLORES, Conceição; DUARTE, Constância Lima; MOREIRA, Zenóbia Collares – *Dicionário de Escritoras Portuguesas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.
- FOUCAULT, Michel – *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.
- GÂNDARA, Paula – *Do Encantamento do Homem ou de Inglaterra Revisitada para Mécia de Sena*. Disponível em <<http://www.lettras.ufjf.br/lerjorgedesena/port/ressonancias/estudos/texto.php?id=353>> [Consulta realizada em 09/01/2012].
- GOLDSMITH, Elizabeth C., ed. – *Introdução a «Writing Female Voices: Essays on Epistolary Literature»*. Boston: Northeastern University Press, 1998.
- HAGGLUND, Martin – *Radical atheism: the time of life*. Stanford – California: Stanford University Press, 2008.
- HANENBERG, Peter – *Uma alma para a Europa: a tradução e a cultura europeia*. In *Actas do X Seminário de tradução científica e técnica em língua portuguesa. «Tradução e Multilinguismo»*. Lisboa: FCT, Ed. União Latina, 2008.
- HARAWAY, Donna – *Ciencia, cyborgs e mujeres: la reinvencción de la naturaleza*. Madrid: Ediciones Cátedra, S. A., 1995.
- HARAWAY, Donna – *Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. «CadernosPagu», v. 5. Campinas: Ed. Unicamp, 1995, p. 7-41.
- HAZARD, Paul – *A crise da consciência europeia: 1680-1715*. Trad. e notas por Óscar de Freitas Lopes. Lisboa: Cosmos, 1948.
- HUNT, Lynn – *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KAS, Saghafi – *Apparitions of Derrida's other*. Fordham University Press, 2010.
- KAUFMAN, Vincent – *L'équivoque épistolaire*. Paris: Ed. de Minuit, 1990.
- KEATING, Maria Eduarda – *A escrita da viagem entre Ulisses e o Judeu Errante – Da deriva e da retórica da Viagem*. «DIACRÍTICA», 15, 2000, p. 259-294.
- KEATING, Maria Eduarda – *Escritas Nómadas e subversão do Paradigma da Viagem*. In *IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada* (Universidade do Minho).
- KLOBUCKA, Anna – *Mariana Alcoforado: formação de um mito cultural*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

- KLOBUCKA, Anna – «*Considerai irmãs minhas*»: as negociações de parentesco e a comunidade entre *Letres Portugaises e as Novas Cartas Portuguesas*. «Cadernos de Literatura Comparada», n.º 26, número sobre Novas Cartas Portuguesas e os Feminismos.
- KLOBUCKA, Anna – *Finalmente juntos: leitura das cartas de amor de Ofélia Queiroz e Fernando Pessoa*. In KLOBUCKA, Anna; SABINE, Mark, eds. – *O Corpo em Pessoa: Corporalidade, Género, Sexualidade*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.
- KLOBUCKA, Anna – *O formato Mulher: a emergência da autoria feminina na Poesia portuguesa*. Coimbra: Angelus Novus, 2009.
- KLOBUCKA, Anna – *Sobre a hipótese de uma herstory da literatura portuguesa*. «Veredas. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas». Vol. 10. Santiago de Compostela: 2008, p. 13-26.
- KLOBUCKA, Anna; SABINE, Mark, eds. – *O Corpo em Pessoa: Corporalidade, Género, Sexualidade*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.
- KRYSINSKI, Wladimir – *Vers une typologie des récits de voyage: structures, histoire, invariants*. In SEIXO, M. A.; ABREU, G., org. – *Les récits de voyage – typologie, historicité*. Lisboa: Cosmos, 1998, p. 286-304.
- KRYSINSKI, Wladimir – *Voyager littérairement en portugais: Jorge de Sena*. In *The paths of Multiculturalism: travel writings and postcolonialism. Precedings for the Mossel Bay Workshop of the XVIIth Congress of the international Comparative Literature Association*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000.
- LAGE, Jorge Bessa – *Sobre a Verdade da Ficção não (ser) verdade. O Pensamento de Derrida e a Ficção*. Porto: Ed. de Autor, 2007.
- LAGE, Maria Otilia Pereira – *Correspondência(s) Mécia/Jorge de Sena (evocação de Carrazeda, anos 1940)*. Guimarães: UM-NEPS, 2007.
- LAGE, Maria Otilia Pereira – *Correspondência(s) Mécia e Jorge de Sena: rede de afectos e exílio luso-americano. Uma aproximação no quadro dos estudos interculturais*. In SARMENTO, Clara, coord. – *Diálogos Interculturais: Os novos rumos da viagem*. [s.l.]: Vida Económica, 2011.
- LAGE, Maria Otilia Pereira, org. – *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)*. Porto: CITCEM, Edições Afrontamento, 2013.
- LAGE, Maria Otilia Pereira – *Escrita diarística e epistolar de Mécia de Sena, o «anjo eficaz» de Jorge de Sena*. Comunicação ao I Congresso Internacional de Cultura Lusófona Contemporânea. Instituto Politécnico de Portalegre, 11-12 Jun. 2012.
- LAGE, Maria Otilia Pereira – *Portugal como (im)possibilidade continuada. Cidadania e exílios. À conversa com Jorge de Sena (anos 1930-1970)*. Porto: Edições Afrontamento, 2010.
- Livro dos Quartanistas de Letras*. Coimbra: Maio de 1948.
- LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*. Introdução, notas e fixação do texto de José Adriano de Carvalho. Lisboa: Editorial Presença, 1991.
- LONGO, Nicola – *La Correspondance*. In *Actes du Colloque International*. Aix-en-Provence: Université de Provence, 1985.
- LONGO, Nicola – *La Correspondencia en la Historia. Modelos y prácticas de la escritura epistolar*. In SÁEZ, Carlos; CASTILLO GÓMEZ, Antonio, eds. – *Actas del VI Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita*. Madrid: Calambur, 2002.
- LONGO, Nicola – *Letteratura e lettere*. Roma: Bulzoni Editore, 1999.
- LOPES, Rui Silvino de Freitas Lopes – *Crónica das Famílias Freitas & Lopes*. Lisboa: [s.d.]. 3 vols. (policopiado).
- LOURENÇO, Eduardo – *Sinais de Fogo: a invenção de um poeta*. In *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris-Lisboa: F.C. Gulbenkian, 1988, p. 73-75.
- LOURENÇO, Jorge Fazenda – «Figuras da cultura portuguesa» *Centro Virtual Camões*. Instituto Camões. 12 de Mar 2010. Electrónico.
- MACEDO, Ana Gabriela, org. – *Género, identidade e desejo: antologia crítica do feminismo contemporâneo*. Lisboa: Cotovia, 2001.

- MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa – *A palavra, a identidade e a cultura translativa: Para uma introdução ao dicionário terminológico de conceitos da Crítica Feminista*. In RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, António Sousa, orgs. – *Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade*. Vol. 8, *A Sociedade Portuguesa perante os desafios da globalização* (Direcção-Geral Boaventura de Sousa Santos). Porto: Edições Afrontamento, 2001, p. 383-408.
- MAGALHÃES, Joaquim; JORGE, João Miguel F., ed. – *As escadas não têm degraus*. Editora Cotovia, 1.º número, Janeiro, 1989.
- MALABOU, C.; DERRIDA, J. – *Jacques Derrida – La contre-allée*. Paris: La Quinzaine Littéraire, 1999.
- MARINE, Talita de Cássia – *O sistema dos pronomes demonstrativos no século XX: este vs. aquele ou esse vs. aquele?* Dissertação do Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras. UNESP: Araraquara, 2004.
- MARQUILHAS, Rita – *Artificios, artefactos y ecofactos en la escritura de cartas*. In *Actas do Congreso Internacional Espacios y formas de la escritura epistolar en el Área Románica (siglos XIV-XX)*. University of Alcalá de Henares, Junho de 2012.
- MARQUILHAS, Rita – *Eu ainda sou vivo. Sobre a edição e análise linguística de cartas de gente vulgar*. «Estudos de Linguística Galega», 1, Maio 2009, p. 47-65.
- MELANÇON, B. – *Penser par lettre*. Actes du colloque d'Azay-Le-Ferron, mai 1997. Québec: Fides 1998.
- MELO, Sónia Rita – *Adília Lopes ou a impessoalidade da terceira mulher*. «Ex-aequo», versão impressa, n.º 27. Vila Franca de Xira, 2013, disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0874-55602013000100009&script=sci_arttext> [Consulta realizada em Janeiro 2015].
- MENDES, Vitor J. – *Fernando Pessoa e Jorge de Sena, segundo este último*. «Colóquio/Letras», 1998, p. 142-144.
- MICHAUD, Ginette – *Tenir au secret*. Paris: Ed. Galilée, 2006.
- MOISÉS, Massaud – *A Análise Literária*. 14.ª edição. S. Paulo: Cultrix, 2003.
- MORAES, Marcos Antonio de – *Carta para todo mundo: leitura de escritos íntimos*. «Revista Pessoa» Abr. 2014. Disponível em <<http://www.revistapessoa.com/2014/04/8592/>> [Consulta realizada em 09/07/2014].
- MORAES, Marcos António de – *Epistolografia e crítica genética*. «Ciência e Cultura» (online vers.) vol. 59, n.º 1. São Paulo: Jan./Mar. 2007.
- MORAES, Marcos António de – *Nove endereços para a mesma carta (epistolografia e crítica genética)*. In *Congresso da Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética – APCG*. Disponível em <<http://www.ieb.usp.br/marioscriptor/congressos/nove-enderecos-para-a-mesma-carta.html>> [Consulta realizada em 04/08/2014].
- MORAES, Marcos António de, org. – *Correspondência: Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, IEB, 2001.
- MORNA, Fátima Freitas – *Jorge de Sena: uma apresentação*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologias, 1986.
- MORUJÃO, Isabel – *Livros e leituras na clausura feminina de setecentos*. «Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas». Porto: XIX, 2002, p. 111-170.
- MOURA, Vasco Graça – *Um monumento ao amor quotidiano*. «Diário de Notícias Digital», 16.04.2014.
- MULLER, Fernanda – *Correspondências de Clarice Lispector: da remetente à escritora de literatura*. «Estudos Linguísticos», São Paulo, 37 (3): 317-324, Set.-Dez. 2008. Disponível em <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/>> [Consulta realizada em 12/2/2011].
- NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do – *A escrita autobiográfica: letra e memória feminina em Florbela Espanca*. «Letras de Hoje», Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 493-500, out./dez. 2013.
- NEHONE, Riderick – *Literatura e Poder*. [s.l.]: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2009.
- NOGUEIRA, Manuela; AZEVEDO, Maria da Conceição, eds. – *Cartas de amor de Ofélia a Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.
- Novas Cartas Portuguesas*. Edição anotada de Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta. Lisboa: Dom Quixote, 2010.

- Obras Completas de Sebastião da Gama*. Lisboa: Edições Ática, 1994.
- OLIVEIRA, António, org. – *Cartas de Eugénio de Andrade a Jorge de Sena*. Leça da Palmeira: Letras e Coisas, 2015.
- OLIVEIRA, João Manuel de; AMÂNCIO, Lúcia – *Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social*. «Revista Estudos Feministas», Vol. XIV, n.º 3. Florianópolis, Sept.-Dec., 2006.
- OTTONI, Paulo – *Derrida-entre a língua e o idioma – o primeiro pensador da tradução*, p. 7. Disponível em <<http://www.unicamp.br/~ottonix/DerridRio2004.htm>> [Consulta realizada em 23/03/07].
- PADRON FERNÁNDEZ, Rafael, ed. lit. – *Las cartas las inventó el afecto: ensayos sobre epistolografía en el Siglo de las Luces* (Spanish). Perfect Paperback – January 1, 2013.
- PATRÍCIO, Rosana Ribeiro – *As filhas de Pandora: imagens de mulher na ficção de Sónia Coutinho*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- PEREIRA, Ana Carolina Huguenin – *A escrita feminina no século XIX: as cartas de Flora de Oliveira Lima e Eufrásia Teixeira Leite* [s.n.]: s.d., 7 pags.
- PETRUCCI, Armando – *Scrivere lettere: Una storia plurimillennaria*. Editori Laterza, 2008.
- PICCHIO, Luciana Stegnano – *Esercizi su di una vita: i “Flashes” di Mécia de Sena*. «Quaderni portoghesi», 13-14. Pisa: Giardini Editori e Stampatori. Primavera – Autunno, 1983, p. 313-322.
- PIMENTEL, João Sarmiento Porto – *Memórias do Capitão*. Porto: Editorial Inova, 1974. Prefácio de Jorge de Sena.
- PONTALIS, J.-B. – *En Marge des nuits*. Paris: Gallimard/Folio, 2010.
- RAMALHO, Irene – *Os Estudos sobre as Mulheres e o saber. Onde se conclui que o poético é feminista*. «Ex aequo», n.º 5. Oeiras: Celta Editora, 2001, p. 107-122.
- REGO, Maria do Céu Cunha – *Estudos sobre a igualdade entre mulheres e homens*. «Ex-aequo», n.º 5, 2001.
- REID, Martine – *Écriture intime et destinataire*. In *L'épistolarité à travers les siècles. Geste de communications et/ou d'écriture* Éd. Mireille Bossis. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1990.
- REIS, Carlos – *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Vol. IX – Do Neo-Realismo ao Post – Modernismo. Lisboa: Verbo, 2006.
- REIS, Carlos – *O Conhecimento da Literatura*. [Coimbra]: Almedina, 1995.
- RHEINBERGER, H.-J. – *Itérations*. Bienne-Paris: Diaphanes, 2013.
- RIBEIRO, António Sousa – *A retórica dos limites. Notas sobre o conceito de fronteira*. In *Globalização: fatalidade ou utopia?* Org. Boaventura Sousa Santos. Porto: Edições Afrontamento, 2001.
- RIBEIRO, António Sousa; RAMALHO, Maria Irene – *Modernidade e Nação na(s) poética(s) da Modernidade*. In *Entre Ser e Estar: Raízes, percursos e discursos da identidade*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.
- ROCHA, Andréa Crabbé – *A Epistolografia em Portugal*. 1.ª edição. Coimbra: Almedina, 1965. 2.ª edição revista e aumentada. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- ROCHA, Vanessa Massoni da – *Protocolo de Leitura do Epistolar*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2012. (Tese de doutoramento). Disponível em <http://www.btd.ndc.uff.br/tde_arquivos/52/TDE-2013-12-19T134053Z-4097/Publico/tese_Vanessa%20Rocha%20-%20OK.pdf> [Consulta realizada em 09/07/2014].
- RODRIGUES, Carla – *Performance, género, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida*. «Revista Latino-Americana», 10 (Abr. 2012): p. 140-164. 8 de Out. 2012. Electrónico.
- RODRIGUES, Leandro Garcia – *Uma leitura do modernismo. Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Dissertação de Mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2003.
- RUBALCABA PÉREZ, C. – *Entre las calles vivas de las palabras*. Gijón: Trea, 2006.
- SANTIAGO, Silviano – *Uma Literatura nos Trópicos – ensaios sobre a dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SANTOS, Boaventura de Sousa – *A Gramática do Tempo: Para uma nova cultura política*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

- SANTOS, Boaventura Sousa – *Entre Próspero e Caliban*. In RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, António Sousa, org. – *Entre Ser e Estar: raízes, percursos e discursos da identidade*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.
- SANTOS, Filipe, org. – *Correspondência 1943-1977 – Jorge de Sena e João Gaspar Simões*. Lisboa: Editora Guerra & Paz, 2013.
- SANTOS, Francisco Coelho dos – *Boca a boca high-tech: os blogs e as relações público/privado*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/57554510/>> [Consulta realizada em 8/9/2012].
- SANTOS, Gilda da Conceição – *À sombra de uma Paixão: Os Flashes de Mécia de Sena*. In *O Rosto Feminino da expansão Portuguesa*. Congresso Internacional realizado em Lisboa, 21-25 de Novembro de 1994. Actas II (Cadernos Condição Feminina, n.º 43). Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os direitos das Mulheres, 1995, p. 235-241.
- SANTOS, Gilda da Conceição – *Os périplos de Jorge de Sena: As Ilhas (des)afortunadas*. Instituto Universitário Orientale, Liguore Editore. (Napoli, 15-17 Dicembre 1994). Atti a cura di Maria Luísa Cusati.
- SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa; AMARAL, Ana Luísa – *Sobre a “escrita feminina”*. «Oficina do Centro de Estudos Sociais», n.º 90, Abril, 1977.
- SCOTT, Joan – *Genre: une catégorie utile d’analyse historique*. «Les Cahiers du GRIF», 1988, n. 37-38, p. 125-53. Paris.
- SEARA, Isabel Roboredo – *A palavra nómada. Contributos para o estudo do género epistolar*. «Estudos Linguísticos/Linguistic Studies». Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2008, p. 121-144. Disponível em <http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/revista/n1_fulltexts/1g%20isabel%20seara.pdf> [Consulta realizada em 13/07/2014].
- SEARA, Isabel Roboredo – *Da epístola à mensagem electrónica. Metamorfoses das rotinas verbais*. Lisboa: Universidade Aberta, 2006.
- SENA, Jorge de – *80 poemas de Emily Dickinson (Tradução e apresentação)*. Edição bilingue. Lisboa: Edições 70, 1978.
- SENA, Jorge de – *Sobre Literatura e Cultura Britânicas*. Lisboa: Relógio d’Água, 2005.
- SENA, Jorge de – *Estudos de História e de Cultura*. Lisboa: Edição da Revista Ocidente, 1963.
- SENA, Jorge de – *Fernando Pessoa & C.ª Heterónima (estudos coligidos 1940-1978)*. Lisboa: Ed. 70, 1982 (2 vols).
- SENA, Jorge de – *Nota de abertura* (Santa Bárbara, Califórnia, Jul. de 1971) a «Poesia de 26 séculos: de Arquíloco a Nietzsche». Porto: Edições ASA, 2001.
- SENA, Jorge de – *O Indesejado (António Rei)*. [Lisboa]: Cadernos das Nove Musas, 1951. Separata de Portucale.
- SENA, Jorge de – *Peregrinatio ad Loca Infecta. 70 Poemas e um Epílogo*. Lisboa: Portugália Editora, 1969.
- SENA, Jorge de – *Poesia de 26 séculos: De Arquíloco a Nietzsche*. Antologia, tradução, prefácio e notas de Jorge de Sena. 3.ª edição. Porto: Edições ASA, 2001.
- SENA, Jorge de – *Poesia I*. Lisboa: Ed. 70, 1988.
- SENA, Jorge de – *Prefácio. Sobre o Modernismo*. In *Poesia do século XX. De Thomas Hardy a C.V. Cattaneo*. Antologia, tradução, prefácio e notas Jorge de Sena. Porto: Edições ASA, 2003, p. 16-23.
- SENA, Jorge de, org., trad., pref., anot. – *Poesia de 26 séculos*. Porto: Inova, 1972. 2 vols.
- SENA, Jorge de – *Obras de Jorge de Sena: Antologia Poética*. Lisboa: Edições ASA, 1999.
- SENA, Jorge de; SENA Mécia de, ed. – *Diários: Jorge de Sena*. Porto: Caixotim, 2004.
- SENA, Jorge de; SENA, Mécia de, org. – *Isto tudo que nos rodeia (Cartas de Amor): Mécia de Sena e Jorge de Sena*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.
- SENA, Jorge de; SENA, Mécia de; LAGE, Maria Otilia Pereira, org. – *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena: Vita Nuova (Brasil, 1959-1965)*. Porto: CITCEM/Edições Afrontamento, 2013.
- SENA, Mécia de – *Índices da Poesia de Jorge de Sena (por Primeiros Versos, Título, Data e Nomes Citados)*, 1990.
- SENA, Mécia de – *FLASHES: Recordando alguns momentos com Jorge de Sena*. In *Jorge de Sena: O Homem que sempre foi*. Selecção, organização e introdução de Francisco Cota Fagundes e José N. Ornelas. Lisboa: Ministério da Educação, ICALP, 1992, p. 243-245.

- SENA, Mécia, *et. al.* – *Uma Bibliografia Cronológica de Jorge de Sena (1939-1994)*, 1994.
- SHOWALTER, Elaine – *Feminist Criticism in the Wilderness*. «Critical Inquiry», vol. 8, n.º 2, *Writing and Sexual Difference* (Winter, 1981), p. 179-205. The University of Chicago Press and JSTOR.
- SILVA, Manuela Parreira da, *ed.* – *Fernando Pessoa: Correspondência 1905-1922*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999. 1.º Vol.
- SILVA, Vitor Aguiar – *Teoria da Literatura*. 8.ª Edição. Coimbra: Almedina, 2009.
- SISCAR, Marcos – *Jacques Derrida, o intraduzível*. «Alfa» (n.º especial). São Paulo, 2000, p. 56-69.
- WARREN, Austin; WELLEK, Rene – *Teoria da Literatura*. Lisboa: Publicações Europa América, 1987.
- WILLIAMS, Frederick G. – *Jorge de Sena: tradutor*. In SANTOS, Gilda, *org.* – *Jorge de Sena em Rotas Entrecruzadas*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1999.

FONTES

- Arquivos fotográficos particulares de Fernanda Flores, Helena Sampaio e Orlando Amorim.
- Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena, E.U.A., 1968, 1969, 1971, 1973 e 1974 Espólio Jorge de Sena, BNP – Secção de Reservados.
- Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena, E.U.A., 1968-1974 – Arquivo Jorge de Sena, Santa Bárbara, Califórnia.
- Testemunhos pessoais de Helena Barreto, Fernanda Flores, Helena Sampaio, Orlando Amorim e José Cruz Santos.

APÊNDICE DOCUMENTAL

APÊNDICE I – Testemunhos

Portugal (Porto e Matosinhos) – Brasil (Araraquara) – E.U.A. (Califórnia)

Depoimento N.ºs 1 e 2 – Amigas de Colégio na juventude de Mécia de Sena, Portugal.

[Maria Helena Sampaio

Com 94 anos de idade, natural de Niterói, Rio de Janeiro Brasil, veio para Portugal aos 12 anos. Reside em Perafita – Matosinhos donde eram naturais seu pai e família. Estudou no Porto, no Colégio Moderno para Meninas, e fez, ainda jovem, o Curso de Magistério Primário, tendo sido sempre professora de ensino primário.]

[Fernanda Flores

Com 90 anos de idade, natural e residente do Porto, onde estudou na Secção Feminina do Liceu Rainha Santa Isabel e no Colégio Moderno. Tirou o Curso Superior de Educação na Universidade de Genebra, Suíça, onde foi aluna de Jean Piaget e convidada para sua assistente. Educadora, fundou e dirigiu a Escola Infantil Pestalozzi do Porto e, psicóloga infantil, integrou grupos de trabalho sobre a criatividade nas crianças.]

M.H.S. – *A Mécia é a minha melhor amiga e a quem devo muito... tudo o que fui... para ela eu fui uma decepção grande pois sempre me incentivou a aprender de tudo e a estudar... e deixei o 7.º ano do liceu incompleto, 2 cadeiras por fazer para me preparar para entrar na Escola Normal do Magistério Primário... mas a Mécia queria que acabasse o 7.º ano, pois só me faltavam duas cadeiras – Geografia e Introdução à Política... há uma amizade de irmãs entre mim e a Mécia... os filhos dela são para mim como os meus filhos... [e mostra fotografias da sua afilhada com outros irmãos, em sua casa, em 1953]... devo-lhe tudo... o meu desenvolvimento pessoal e intelectual... quando nos separámos a Mécia incentivou-me muito a acabar o 7.º ano e eu consegui... meti umas explicações e acabei... acho que a Mécia nesse ano só fez Letras...*

F.F. – *Eu e outra colega fomos as únicas a acabar o 7.º ano... foi o ano da nossa separação... em 1941... A Helena foi a única colega que sempre esteve em contacto com a Mécia, até hoje... Eu só fui para o Colégio no 6.º e 7.º ano porque antes andei no Liceu Rainha Santa... chamavam-lhe então a Secção...*

M.H.S. – *No Colégio eu fui aluna de Canto Coral do pai da Mécia... o Zé das Gaitas como lhe chamavam... e fui madrinha da filha Manuela de Mécia [mostrou o cartão que*

Jorge de Sena lhe escreveu a anunciar o nascimento da filha, dando notícias de Mécia e combinando os preparativos para o batizado]... *o padrinho foi o colega dele Alberto Lacerda que nessa altura estava em Inglaterra... quando fui assinar, reparei que ele escreveu a seguir ao nome «escritor» e então eu escrevi a seguir ao meu nome «professora primária»... quando o Jorge viu aquilo disse-me «eu não quero que a minha filha venha a ser tão vaidosa como o padrinho nem tão modesta como a madrinha».*

... ainda me lembro de uma noite, já ela morava, com os pais e os irmãos, na Travessa do Bessa, e eu fui lá passar a tarde... falava-me de muitas coisas, de livros, de leituras, das notícias... e como era já tarde insistiram para eu jantar lá... a D. Irene, mãe da Mécia era uma pessoa extraordinária, ao contrário do pai que mal a mãe saía, começava a tocar música batendo na mesa... ora eu sempre detestei nabo, porque cá em casa faz-se a sopa de nabo com a rama... quando a D. Irene pôs a sopa na mesa... só de nabos, muito branquinha, eu fiquei caladinha e comi a sopa toda... ninguém protestava...

... no Colégio, a Mécia distinguia-se de todas... era uma boa aluna e distinguia-se em tudo... pelas aulas..., pelas notas, como aluna fora do comum e até pelo esforço... [prosseguem as duas em conversa rememorativa salientando as características pessoais e intelectuais, variedade de interesses e capacidade de liderança que já então destacavam Mécia das alunas do Colégio]

F.F. – *... é que a Mécia como começou a estudar mais tarde que nós... antes tinha frequentado o Conservatório de Música... teve que acumular anos e fazer dois e três em um... a Mécia pertencia à Mocidade Portuguesa [organização juvenil criada em 1936, pelo Estado Novo]... e eu e a Fernanda David [a outra colega do grupo, já falecida] também... mas ela estava mais adiantada... era a «porta bandeira» a que dirigia aquilo tudo... aos sábados tínhamos exercícios... eu era «chefe de castelo»... mas ela, mais velha que nós, fez o curso da Obra das Mães pela Educação Nacional, deixou de ser porta-bandeira e indicou-me para eu ficar no seu lugar... fiquei eu a ser porta-bandeira... e a Mécia passou a um grau acima de mim... Na Obra das Mães tínhamos as fardas das vanguardistas [3.º escalão etário da MP que compreendia os membros dos 14 aos 17 anos]... com a bandeira fazíamos na igreja a grande continência e a pequena continência e os rapazes ao fundo tocavam a corneta... o Salazar proibiu que as raparigas fizessem marchas na rua... mas depois deixámos... [recomeçou a folhear o seu álbum de fotografias, à procura daquelas em que figurava a amiga]... aqui está a Mécia... era muito elegante e bonita... foi no aniversário dos meus 21 anos... eu estava toda contente porque atingia a maioridade... ainda me lembro bem do discurso que ela me fez e de coisas que me disse: «... mas tu ainda és menor, não sabes o que é a maioridade porque não tens responsabilidades... nem tens consciência dos teus direitos e dos teus deveres...» fiquei espantada mas apercebi-me então de ser verdade... o meu pai tinha-me dado um carro e eu só passei a ter essa responsabilidade... eu era a burguesinha do sítio com carro e tudo... o meu pai foi um self made man... era o responsável da representação, em Portugal, das anilinas e pro-*

duto químicos da França e conhecia todos os industriais do Norte... por exemplo, o conde de Vizela, dono da Casa de Serralves [hoje o mais importante organismo de promoção cultural e artística do Porto, constituído em Fundação e que integra para além da Casa dos anos 1930, estilo Art Deco, o Parque, um dos 5 jardins portugueses dos 250 mais importante do mundo e o Museu de Arte Contemporânea] e aonde eu fui com ele, pensando que nunca mais voltaria àquela casa tão chique... e agora, com as exposições de pintura, o cinema e aquelas actividades culturais todas, vou lá tantas vezes!... como as coisas mudam na vida!... o meu pai depois vivia bem, fez uma casa em Guerra Junqueiro [zona rica de habitação do Porto]... era da burguesia... mas ouvia sempre as notícias da BBC da meia noite e falava-me das que denunciavam coisas do governo fascista português... eu era filha única... mas fiz muitas asneiras na minha vida... primeiro fui estudar para a Suíça onde fui aluna do Piaget no curso de Educação... fiz investigação com um assistente dele e tirei a nota máxima e ele veio dizer-me que Piaget me convidava para eu ser assistente dele... eu disse que não porque queria vir para Portugal... abri uma escola no Porto, a Escola Infantil Pestalozzi que funcionou 3 anos... depois casei e desisti da escola... em Lisboa ainda fui visitar a escola do filho do João de Deus... mas divorciei-me entretanto... durante alguns anos, cada uma para seu lado, perdi o contacto com a Mécia... mais tarde retomámos... e uma vez que estive nos Estados Unidos fui visitá-la a Santa Bárbara... enquanto conversávamos... já ela me tinha posto o almoço na mesa...

[o folhear dos álbuns para seleccionar fotografias a juntar aos depoimentos ia trazendo novas recordações e do ambiente pedagógico da sua juventude influenciado também pela religião católica e os dois padres do Colégio]... *eu deixei cedo de acreditar na religião católica e já não casei pela igreja, mas em casa... e espantei-me quando a Mécia e o Jorge casaram pela igreja e baptizaram os filhos...*

M.H.S. – ... *mas a Mécia eu nunca a vi manifestar-se em relação à religião... olhe esta carta tão bonita que ela me escreveu... com um poema do Jorge...*

[A recolha deste depoimento oral com dois testemunhos alternados, fez-se no dia 15 de Março de 2015, véspera do 95.º aniversário da amiga comum, Mécia de Sena. Produziu-se num contexto de grande espontaneidade, amizade e admiração comumente partilhadas ainda hoje. Teve lugar na casa de Helena Sampaio. Fernanda Flores, para aí chegar, fez uma viagem de 1 hora, de autocarro, com 29 paragens do Porto a Perafita (distância de cerca de 12 km). Mostrando os seus álbuns de fotografias dos tempos de juventude partilhados com Mécia de Freitas Lopes no Colégio Moderno para meninas no Porto, iam evocando as suas recordações vivas em que a amiga Mécia estava presente].

1946 - 12 - 12

Lett. - 86 - 12 - 46

Querido Helena

Boa tarde! que me foi muito agradável ler a tua carta e saber que estás bem e a gostar da tua vida. Já me escreveste muitas vezes e sempre com muita alegria e interesse. Já me escreveste muitas vezes e sempre com muita alegria e interesse.

Sei bem que tu és muito inteligente e que és muito curiosa e que és muito interessada em tudo. Já me escreveste muitas vezes e sempre com muita alegria e interesse.

Estou no Porto, como viste e já estás a ficar com estas férias. Não estou tudo como queres, mas não podes, infelizmente, e já não há mais nada de fazer de desejo que venças a distância do Porto. Não me fazes feliz por ter tudo o que aqui agora escamos e não dá que quase totalmente foram meus e, se mais não fosse o tempo de aulas não fosse diferente.

Da conferência das duas coisas as demandas que me digas maravilhas que me entusiasma e me dá a certeza de que estás a crescer e a aprender e que não quer dizer que ela não esteja sempre em crescimento, ainda não se estacionou desde que o conheço. Não se pode falar de um momento de estar com o Vendo até cá. Por isso aí mas o horário de camionete do Porto não me dá a possibilidade de trabalhar e a minha conta me sempre dá-lo, obrigamos a próxima semana, quer?

Mas, a tua saúde? Não se esqueça, não se esqueça.

Depoimento N.º 3 – Editor e amigo de Mécia de Sena

José da Cruz Santos

É um conhecido e antigo editor do Porto, aqui prossegue actualmente o seu longo percurso na livraria-editora Modo de Ler que fundou, assim como a Editorial Inova, em 1967, uma das mais relevantes editoras portuguesas nos anos 70, depois de ter sido, durante largos anos, responsável editorial da Portugália, em Lisboa. Nestas duas últimas editoras relacionou-se com Jorge de Sena de quem publicou algumas obras e com Mécia de Sena que com ele continuou a tratar assuntos de edição, até recentemente.

*Em louvor de D. Mécia de Sena,
com uma glicínia,*

Para escrever sobre a D. Mécia de Sena precisava de saber reconduzir as palavras ao seu significado primeiro, ainda incorrupto do tempo e do mau uso. Diria então que poucos casos, talvez dois, digamos três, conheço que lhe sejam parecidos em dedicação à memória de seu Marido, o meu tão saudoso e querido amigo e genial escritor Jorge de Sena.

A par de uma correspondência epistolar frequente, durante alguns anos rara era a semana em que não falava para a Califórnia, o que me permitia não só o prazer de ouvir a D. Mécia, como a de falarmos de assuntos ou pessoas sobre os quais caía a nossa simpatia, ou antipatia, consoante.

Ninguém hoje duvida do que deve a obra de Jorge de Sena (e todos nós seus leitores) à dedicação da D. Mécia de Sena. Quantos volumes existem porque ela existe. E os prefácios e as notas com que os enriqueceu ao longo dos anos. Todo um trabalho de que nem sempre colheu o reconhecimento que merecia.

Como se vê, é muito pouco o que deixo aqui em louvor dessa grande Senhora e querida amiga, e isso é o resultado de querer corresponder a um pedido generoso, mas pouco ponderado, de quem me atribui saberes que não possuo.

Termino com uma palavra de alegria pelo privilégio de ser contemporâneo de uma pessoa a tantos títulos exemplar, um desses seres, como dizia Saint Martin no século XVIII, através de quem Deus nos ama.

José da Cruz Santos

Depoimento N.º 4 (Brasil – Araraquara)

Orlando Amorim

[Professor universitário e investigador de estudos literários e da obra de Jorge de Sena. Possui Licenciatura em Letras (português-francês) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Araraquara (1990), mestrado em Letras (Literatura Portuguesa) (1996) e doutoramento em Letras (Literatura Portuguesa) (2002), ambos pela Universidade de São Paulo. É professor assistente doutor do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de São José do Rio Preto (SP). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Portuguesa (graduação) e Literaturas de expressão em língua portuguesa e Teoria literária (pós-graduação), e trabalha principalmente os seguintes temas: literatura portuguesa (poesia, narrativa e teatro), literatura e história, crítica literária, Walter Benjamin.]

Carta a mécia de sena

minha querida d. mécia,

há quantos anos não lhe escrevo! depois do doutoramento sobre os sinais de fogo, minha vida seguiu ínvios caminhos, quais se diz que são os de deus, e afastei-me academicamente dos estudos senianos e, também, da nossa correspondência. apenas no papel, claro. jorge de sena continua a acompanhar-me permanentemente, e as lembranças de si na mesma. e agora me surge a otilia a pedir-me um depoimento sobre si.

revisitando nossa correspondência agora, percebo como fui na maioria das vezes um correspondente relapso e desleixado. quantas vezes nas minhas cartas peço desculpas pelo atraso na resposta... em uma delas, escrevo mesmo que «dizer que sinto muito pelo atraso já nem tem mais cabimento». essa situação é tão mais embaraçosa se considero que suas cartas não apenas são em maior número, mas eram sempre pontuais, atenciosas e generosas. e isso sempre me chamou a atenção: a sua generosidade, que eu, por causa da minha experiência pessoal, tenderia a chamar de incondicional.

há quase 25 anos escrevi-lhe pela primeira vez. ainda tenho a cópia manuscrita da carta (não eram tempos de computador pessoal, muito menos de internet). eu era um jovem de 20 e poucos anos, que havia acabado de concluir a licenciatura em letras. fui incentivado a entrar em contato consigo pelos meus professores de literatura portuguesa, carlos alberto ianzone e jorge cury – o mesmo jorge cury que substituiu jorge de sena na faculdade de araraquara, no brasil, quando ele se transferiu para madison, nos estados unidos, em 1965; o mesmo jorge que colocou em minhas mãos pela primeira vez um exemplar de o físico prodigioso, sorridentemente sugerindo que eu o estudasse; o mesmo jorge que me contava alegre-

mente como havia sido a criação do centro de estudos portugueses «jorge de sena» em araraquara, em 1983.

a mécia deve lembrar-se: quando surgiu a ideia e a oportunidade da criação do centro, acredito que o carlos iannone e o jorge cury não tiveram muita dificuldade em escolher quem deveria ser homenageado. digo «não muita», mas alguma, porque a faculdade de araraquara contou, entre seus professores, com dois dos mais importantes intelectuais e escritores portugueses do século XX: jorge de sena e adolfo casais monteiro, grandes amigos de décadas. mas foi jorge de sena o escolhido para dar nome ao centro, e isso foi comunicado a si. qual não foi a surpresa dos meus professores ao saberem que a mécia havia decidido vir pessoalmente, de santa bárbara, para a fundação do centro. precisaram transformar rapidamente em um pequeno evento o que seria apenas uma formalidade acadêmica.

ao relembrar agora essa história que o jorge cury animadamente me contava, dou-me conta do que nela transparece e eu não tinha, à época, nem maturidade nem experiência para perceber, e que está na base do incentivo que meus professores me deram para escrever-lhe. para a mécia, os lugares não têm diferença. melhor dizendo: para a mécia, assim como para jorge de sena, que conheceram inúmeras cidades pelo mundo (e das mais importantes, como atenas, roma, londres ou nova iorque), nenhum lugar em que viveu (e viveram) é menos importante do que qualquer outro. deslocar-se de santa bárbara, na califórnia, para araraquara, no interior do estado de são paulo, em 1983, para participar pessoalmente da homenagem que a fundação do centro significava, era tão importante quanto ir a um evento dedicado a jorge de sena em qualquer grande universidade de prestígio, como ocorreu, vários anos depois, na universidade de yale.

a mécia não faz diferença entre os lugares, mas também não faz diferença entre as pessoas, o que me leva de volta ao início da nossa correspondência. Dez dias depois de escrever-lhe pela primeira vez, recebo sua resposta, que começava assim: «deixou-me imensamente comovida a sua carta e não só pelo que diz mas pelo entusiasmo que põe nas palavras que diz». eu era, a mécia sabe, só um rapaz recém-formado, que nada havia feito em matéria de estudos acadêmicos, apenas interessado em realizar um mestrado sobre o físico prodigioso, e que lhe escrevera, cheio de receios, enfatizando coisas como admiração, reconhecimento e respeito. e a mécia respondeu-me, rápida e claramente, em outro registro: o da comoção. mais do que isso: comoveu-se não só com aquilo que eu, muito formalmente, dizia, mas também com aquilo que eu só toscamente expressara, o meu entusiasmo. terá sido e será assim com qualquer um que à mécia escreva? depois de muito do que vivi nesses quase 25 anos, desde essas primeiras cartas, não tenho dificuldade em afirmar que sim.

permita-me dizer-lhe que, relendo sua carta, sou eu que me comovo imensamente. porque sou capaz de ver agora, em perspectiva, que as frases iniciais não foram e não são simples retórica epistolar. em primeiro lugar porque a própria carta já era de uma generosidade admirável. comove-me notar a atenção com que a mécia respondia cuidadosamente a cada tópico da minha carta, mesmo a uma referência superficial a mário de sá-carneiro e a marguerite

yourcenar; a preocupação em informar-me de tudo o que sabia de mais atual sobre os estudos senianos e que pudesse interessar-me; a largueza com que me facultava ideias perspicazes para o meu trabalho; e last, but not least, a oferta a um completo desconhecido da sua casa no res-telo, em lisboa.

mas, para além dessa primeira carta, são toda a correspondência que se segue a ela e a lembrança de aguda saudade de vários acontecimentos em meio a ela que me comovem. as cartas iam confirmando o que a primeira já dizia; os acontecimentos acrescentavam fatos ao que as cartas diziam. fui conhecendo o que outras pessoas, em outros momentos, confirmavam: uma mulher brilhante, inteligente, perspicaz, de uma erudição vastíssima, conhecedora profunda não apenas da obra do marido, mas de toda a literatura portuguesa, notadamente a do século XX; mas também uma mulher generosa, bem humorada, disposta a ajudar não importa quem seja, afetuosa e afetiva. não estou sendo redundante nem exagerado ao duplicar o último adjetivo, porque entendo o afeto que votou a mim e o afeto que desenvolvi por si, ao longo dos anos, de duas maneiras interligadas.

ainda na sua primeira carta, dizia-me: «vejo que está rodeado de pessoas que não só conheceram o meu marido como mantêm, com uma firmeza comovente, a chama ardente: na amizade e na admiração. peço-lhe que me lembre com muito afecto a todos». essas palavras fizeram que me sentisse, repentinamente, como um elo numa cadeia, eu estava sendo escolhido, ou convidado, pelas circunstâncias da vida a participar de um círculo de pessoas em que a questão profissional – a admiração pela obra de um grande escritor – estava ligada à questão pessoal – a amizade que unia essas pessoas. eu havia sido afetado pela obra de jorge de sena (eu lhe dizia na minha primeira carta que a leitura de o físico prodigioso perturbara os meus pensamentos e sentimentos); depois, outra ordem de fatores iriam afetar-me, sensibilizar-me. não me é possível lembrar-me hoje de tudo isso senão com muito afeto. e comoção.

uma das mais importantes memórias que guardo é do tempo em que estive em sua casa, em janeiro de 2001. minha mulher e eu realizávamos pesquisas sobre jorge de sena e a consulta aos seus arquivos pareceu-nos muito importante, e devidamente incentivada por si. e lá fomos nós para santa bárbara, com a promessa de que o nuno (seu filho, não o nosso) nos ajudaria a encontrar um lugar para ficarmos. qual não foi o nosso espanto então quando, no dia da nossa chegada, a mécia nos apresentou uma solução de uma lógica irrefutável: o melhor, para todos os efeitos, era ficarmos hospedados em sua casa – havia espaço suficiente, não seríamos um incômodo, o convívio e o trabalho seriam bem mais proficuos e estimulantes. sentimo-nos simultaneamente constrangidos e lisonjeados, mas a razão era toda sua, não conseguimos refutá-la. acredito que nunca lhe disse explicitamente que o seu gesto, principalmente pela simplicidade em que o envolveu, foi a maior demonstração de hospitalidade, no melhor sentido do termo, que alguma vez eu tenha recebido.

porque a acolhida foi plena, não só a oferta de cama e mesa, mas de muito mais. no dia seguinte à nossa chegada, a mécia mostrou-nos a casa, tanto como anfitriã para seus hóspedes quanto como orientadora para pesquisadores. ficou claro que a casa estava aberta: não havia

livro que não pudéssemos ler, não havia gaveta que não pudéssemos abrir, não havia documento que não pudéssemos consultar. dizia no máximo, às vezes: «talvez isso não interesse muito», sem que nada fosse colocado fora do alcance das mãos. e o nosso trabalho foi guiado seguramente não só por alguém que sabia onde cada documento estava, mas também por alguém de uma memória e de uma erudição impressionantes.

peço-lhe que me perdoe se, dito assim, talvez passe a impressão de que, para a minha memória, a casa da randolph road tenha ficado como uma espécie de fundação informal, a casa jorge de sena. não deixava de sê-lo, mas o mais importante era o que ia além disso. a casa era também e principalmente um lar. até onde sei, nenhum diretor de fundação cozinha para os pesquisadores convidados... e essa é uma lembrança comovente: enquanto trabalhávamos, minha mulher e eu, na mesa da sala de jantar, a mécia, à beira do fogão, preparava o almoço ou o jantar. nessa situação, tudo se mesclava harmoniosamente: se tínhamos uma dúvida qualquer sobre um texto ou sobre uma passagem meio obscura para nós de uma carta, a mécia pousava a faca na pia ou a colher na panela e, da forma mais natural do mundo, não só esclarecia a dúvida como tinha, muitas vezes, uma certa história a contar, que contextualizava largamente o que estudávamos no momento. e depois voltava a cortar os legumes ou a mexer a sopa...

parece tão banal, não é? mas hoje sei que não é: eram lições para mim. em primeiro lugar, era uma lição de simplicidade. como disse, a mécia não faz diferença. aprendi que o trabalho acadêmico, o trabalho com a literatura, o trabalho com a poesia, é tão cotidiano e tão vital quanto a preparação do alimento. depois, era uma lição de afeto. não só do seu amor pelo homem que havia escrito aquela obra que eu estudava, ou do seu amor pelas pessoas que passaram pela sua vida, nem só do amor à memória deles todos que continuava a pulsar vivamente entre as paredes daquela casa. mas também uma lição que já vinha desde a sua primeira carta, e que precisou, para mim, dessa convivialidade concreta e cotidiana de um mês em sua casa para adquirir forma mais precisa: a «chama ardente» se mantém na conjunção de admiração e amizade, porque é a harmonia possível entre valor estético e valor humano que nos sustém. estou reconhecendo a circunstancialidade de toda poesia? ou estou esteticizando a vida? ou ainda banalizando o que aprendi consigo? não sei ainda, depois de tantos anos, a resposta. inquieta-me menos saber que o digo só a si, nesta carta.

na busca da resposta, uma circunstância permanece insistentemente na minha memória, ligada sem que eu saiba por quê à questão da «chama ardente». num certo dia, em sua casa, estava eu trabalhando rotineiramente quando a mécia aproximou-se de mim com um objeto que me entregou, sem dizer nada e com um sorriso de jovial expectativa no rosto. era um brinquedo banal, um pequeno cervo de plástico em tudo semelhante a um que eu mesmo havia tido e perdido quando criança, apenas com a diferença de que àquele faltava uma das patas. ao meu olhar interrogativo a mécia continuava a apresentar a jovialidade do seu sorriso, até dizer-me que era um brinquedo que pertencera ao jorge. não preciso declarar o que já sabe: demorei algum tempo até ser atingido pelo choque de uma espécie de epifania. e a minha res-

posta (porque, afinal, o objeto era uma pergunta) só pôde ser uma, e única: a gazela de ibéria! seu sorriso alargou-se, passando da expectativa à satisfação, e voltamos aos nossos trabalhos rotineiros.

das várias fotografias que fiz da sua casa, uma é desse pequeno brinquedo. ainda olho para ela (e para ele) intrigado. outras pessoas talvez contentem-se com explicações que eu mesmo já me dei. mas confesso que algo ainda chama ardentemente a minha atenção nesse e para esse pequeno evento, quase uma anedota que talvez só tenha mesmo importância para mim e para si. mas esse evento ainda me comove. talvez eu apenas continue a ser aquele rapaz de 20 e poucos anos, que não aprendeu consigo ainda todas as lições.

enfim, depois de tantos anos sem escrever-lhe, moveu-me o desejo de reafirmar-lhe que, apesar do meu silêncio, meu afeto por si não mudou. porque a mécia afetou-me profundamente, como acredito que a muita gente. volto aqui ao duplo sentido de afeto. não quero só reconhecer a amizade e o carinho que dedicou a mim desde o início, e que se manteve pelos anos. nem só dizer o quanto me sinto sensibilizado por esses sentimentos. mas também afirmar um outro afeto: a convivência com a mécia, próxima em várias ocasiões ou à distância epistolarmente, afetou-me, alterou-me, transformou-me. não pude passar incólume pela sua generosidade, pela sua hospitalidade, pela sua inteligência sensível, pela sua grandeza enfim. penso que nunca saberei como lhe agradecer.

há alguns anos, num artigo que escrevi, vali-me de versos da fíama para minha dedicatória do trabalho a si: «a mécia sabe a verdade/ que guardam os corações». continuo a acreditar firmemente nisso.

com um abraço afetuoso do

orlando

*orlando nunes de amorim
são josé do rio preto, sp, brasil
julho de 2015*

Depoimento N.º 5 (Santa Bárbara-Califórnia, U.S.A.)

Helena Barreto

[M.A., Latin American and Iberian Studies, University of California, Santa Bárbara.
B.A., Journalism, University of Minnesota.

Secondary Education, Liceu Pedro Nunes, Lisbon, Portugal.

Writer/Editor

- Author of «California: Where to Work, Where to Live», Prima Publishing & Communications. Reviewed and recommended by The Library Journal.
- Writer/editor and publisher of the «The California Job & Housing Report» newsletter.
- Author of «The Life and Times of Fernão Carrilho, a Seventeenth-Century «Bandeirante» of Northeastern Brazil» (Master's thesis, University of California, Santa Barbara).
- Press Release Writer, Public Information Office, University of California, Santa Barbara].

Mécia de Sena e Jorge de Sena: uma «equipa». É assim que há dois anos Mécia de Sena me descreveu o relacionamento entre os dois.

Conheci ambos ao mesmo tempo, num piquenique em Santa Bárbara. Daí para diante, nos anos 70, enquanto morei em Santa Bárbara, visitava-os frequentemente e, logo desde o começo do nosso relacionamento, vi com profunda admiração que, de braços abertos, se davam a todos, acolhiam a todos, respeitavam a todos, simples e naturalmente. Na casa deles não havia outro modo de ser.

Essa conduta extraordinária continua até hoje pela metade da equipa presente e diga-se de passagem que a metade ausente tem continuado através dos anos a ser vivamente sentida na casa na Randolph Street: estantes cheias de livros que Jorge de Sena lia, projetos em andamento como a publicação ou republicação de livros, conversas a respeito do poeta e muito mais.

Foi nesse ambiente que nos encontrámos há dois anos, eu e o meu filho, um artista. A Dona Mécia acolheu-nos durante quase um ano e tivemos a oportunidade e o privilégio de conhecê-la, no dia a dia. Quantas vezes ela ia olhar os trabalhos do meu filho e fazia comentários. Ou quando eu estava a fazer traduções sentada ao computador ia perguntar-me, sorridente, «então, já acabou?» Quando íamos ao mercado fazer compras não nos deixava pagar nada, nunca – uma coisa que nos afligia – mas ela respondia «sou do Porto». A rara experiência de convivência com a Dona Mécia é inesquecível. O calor humano dela é insuperável.

Foi nesse período, durante esses meses de convivência diária, que a Dona Mécia e eu recordámos o passado. Até descobrimos que tínhamos coisas inesperadas em comum. Eu e o

meu marido e filhos bebês tínhamos ido para o Brasil no mesmo ano em que ela e família tinham lá chegado. Falou-me do pai, o folclorista Armando Leça, dos irmãos e da mãe e da vida em Leça de Palmeira. E contou-me como conheceu Jorge de Sena.

Foi por acaso que se encontraram, pode-se dizer que foi o destino que levou os dois a uma festa de estudantes da Faculdade de Farmácia no Porto. Jorge de Sena era então estudante de engenharia e revelou o seu interesse literário à jovem Mécia. Ficou admirado e maravilhado quando «a menina» mencionou Fernando Pessoa. Ficaram cativados um com o outro e depois de algum tempo vingou entre eles a amizade e respeito mútuo que seriam a base da equipa.

Não é comum que uma mulher imensamente inteligente, assertiva e enérgica que poderia ter seguido a sua própria carreira brilhante, opte por uma carreira mais difícil: uma missão. Mas percebi que foi isso que Mécia de Sena deliberadamente fez. Dedicou apoio constante, atrás dos bastidores, a Jorge de Sena. Colocou o marido bem em primeiro plano e o mundo está-lhe em dívida por isso. Tem sido incansável e, como se sabe, nos últimos 35 anos foi a principal responsável pela divulgação da obra literária de Jorge de Sena.

Apesar dos muitos e constantes afazeres, incluindo o comando familiar, chegou a conseguir criar um pouco de tempo para fazer traduções de obras literárias francesas. E ficará na história da cultura portuguesa como epistológrafa de nota.

A outra parte integrante da equipa, a de Jorge de Sena, inspirava a Dona Mécia. Ela foi a primeira fã de Jorge de Sena. O gigante intelectual e poeta era um homem simpático e modesto. Ouvia todas as pessoas, importantes ou não. Tratava todos bem e possuía extraordinária sensibilidade e empatia. (Lembro-me que um dia se referiu a uma carta de recomendação que tinha recebido que o indignou. Escrita por um professor de um aluno que desejava estudar no departamento de português e espanhol era uma carta desnecessariamente negativa, traíndo o aluno que confiava no professor.)

Amar a verdade e a liberdade, justiça, tolerância, protestar contra abuso e perseguição, tudo isso e muito mais se encontra expresso na obra literária de Jorge de Sena – valores evidentemente partilhados por ambos. Em suma, fraternidade humana: eis o que Jorge e Mécia de Sena abraçavam de alma e coração. Uma equipa extraordinária a equipa Sena: Os dois eram um. Quase que não é possível pensar em um sem pensar no outro.

Que mais dizer? A nossa admiração por Mécia de Sena não tem limites. Ela está e sempre estará dentro dos nossos corações.

APÊNDICE II – Álbum fotográfico

Portugal – Porto, anos 1940-1950



Figura 1 – Antigas instalações do Colégio Moderno no Porto, frequentado por Mécia de Sena em 1937-1941 (imagem de brochura oficial deste estabelecimento de ensino, anos 1930).



Figura 2 – Exemplo dos equipamentos pedagógicos do Colégio Moderno no Porto.



Figura 3 – Visita de estudo de alunas do Colegio Moderno do Porto contemporâneas da jovem Mécia, acompanhadas de um professor (finais dos anos 1930).



Figura 4 – Colegas de Colégio e amigas de Mécia, esta em primeiro plano (Leça da Palmeira, 1938).



Figura 5 – Mécia de Freitas Lopes no jardim da casa de família (Porto, 1938) (foto com dedicatória, no verso, à amiga Helena Sampaio, futura comadre).



Figura 6 – Recreio do Colégio Moderno, grupo de colegas de Mécia (segunda, à direita, na fila do meio).



Figura 7 – Jardim do Colégio Moderno, grupo de colegas de Mécia (primeira, de pé, à esquerda, última fila).



Figura 8 – Festa de aniversário dos 18 anos de Fernanda Flores, em sua casa no Porto, 1940, com a presença da amiga Mécia (no topo da mesa, a mais alta de braços cruzados, à frente da figura masculina).



Figura 9 – No jardim do Colégio Moderno, Mécia (à direita, de pé) e colegas, com enxoval de criança – trabalho feito no âmbito da «Obra das Mães pela Educação Nacional», organização feminina do Estado Novo Português, fundada em 1936 para educação da juventude na ideologia da família (Porto,1939).



Figura 10 – Mécia (primeira, à direita, da terceira fila) com colegas do Colégio Moderno vestidas com a farda da Mocidade Portuguesa Feminina, organização juvenil do Estado Novo, fundada em 1937 (entrada exterior do Colégio Moderno, Porto, 1939).



Figura 11 – Mécia (primeira à direita), a mãe, D. Irene, irmãos e amiga Helena Sampaio.



Figura 12 – Mécia de Sena rodeada de sete filhos (Lisboa) antes da partida para o Brasil em 1959.

E.U.A. – Califórnia – Santa Bárbara

Casa de Família de Jorge de Sena e Mécia de Sena (2000)

Reportagem fotográfica do professor universitário brasileiro, Doutor Orlando Amorim, aluno de antigos colegas de Jorge de Sena, em Araraquara e investigador da obra *Seniana* que desenvolveu trabalho de investigação durante 1 mês no início dos anos 2000, nos arquivos bem organizados da casa do escritor onde foi acolhido e orientado nas suas pesquisas por D. Mécia de Sena, à semelhança de tantos outros estudiosos de várias partes do mundo.

A reportagem que nos foi gentilmente cedida pelo autor, documenta aspectos do exterior e dos interiores desta casa que tem sido ao longo dos anos verdadeira instituição académica de acolhimento de numerosos alunos e investigadores que têm beneficiado de todo o apoio, sábia orientação e franca hospitalidade da investigadora exigente e rigorosa que é Mécia de Sena.

As fotografias cujos créditos nos foram generosamente concedidos para publicação neste livro, focalizam apenas espaços da casa amplamente conhecidos, designadamente através de:

- filmes «Sinais de vida» e «O escritor prodigioso» (ver: <<http://www.lerjorgedesena.lettras.ufrj.br/vida/testemunhos/filmografia-a-vida-e-a-ficcao-senianas-levadas-as-telas/>>);
- documentários televisivos (ver: <<http://www.lerjorgedesena.lettras.ufrj.br/ressonancias/noticias/arquivo/jorge-de-sena-um-documentario/>> – com o link para o programa);
- livro fotobiográfico *A voz e as imagens* (ver págs. 328, 329, 333, 334, 374, 423, 425, 427);
- matérias jornalísticas: (ver <<http://www.lerjorgedesena.lettras.ufrj.br/ressonancias/novo-mecia-de-sena-a-viuva-prodigiosa/>> com o link para as págs. do jornal);
- web (site LJdS com várias imagens do interior da casa, (p. expl. em: <<http://www.lerjorgedesena.lettras.ufrj.br/obra/as-correspondencias-editadas-jorge-de-sena-dirigese-a-seus-contemporaneos/>>).

Dessa impressionante reportagem optou-se por publicar apenas três fotografias de maior carga simbólica na vida de Mécia de Sena.



Figura 13 – Caixa exterior de correio.



Figura 14 – Máquina de escrever usada por Mécia de Sena e Jorge de Sena.

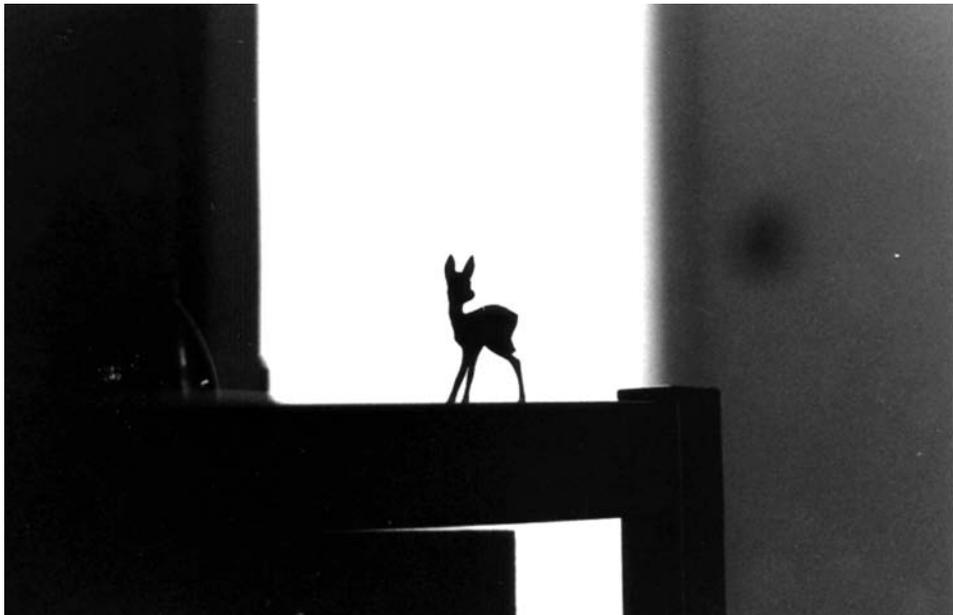


Figura 15 – Estatueta «Gazela da Ibéria». «Suspensa nas três patas, porque se perdeu», título e primeiro verso de poema de Jorge de Sena (8/4/1961) in *Metamorfoses*.

APÊNDICE III

Índice Cronológico da correspondência inédita

Mécia e Jorge de Sena (EUA-Europa, 1968-1974)

Anos 1968-1969

[1.^a viagem à Europa de Jorge de Sena]

• Cartas de Mécia de Sena para Jorge de Sena

1. Madison, 15/9/1968
2. Madison, 17/9/1968
3. Madison, 19/9/1968
4. Madison, 23/9/1968
5. Madison, 24/9/1968
6. Madison, 25/9/1968
7. Madison, 26/9/1968
8. Madison, 30/9/1968
9. Madison, 1/10/1968
10. Madison, 3/10/1968
11. Madison, 10/10/1968
12. Madison, 11/10/1968
13. Madison, 13/10/1968
14. Madison, 15/10/1968
15. Madison, 16/10/1968
16. Resposta 22/10/1968 (sem outra referência)
17. Madison, 21/10/1968
18. Madison, 24/10/1968
19. Madison, 25/10/1968
20. Madison, 27/10/1968
21. Madison, 29/10/1968
22. Madison, 31/10/1968, telegrama
23. Madison 31/10/1968 cont. em 1/11/68
24. Madison, 2/11/1968
25. Madison, 5/11/1968
26. Madison, 7/11/1968
27. Madison, 9/11/1968
28. Madison, 10/11/1968
29. Madison, 12/11/1968
30. Madison, 14/11/1968
31. Madison, 15/11/1968
32. Madison, 19/11/1968
33. Madison, 20/11/1968
34. Madison, 21/11/1968

35. Madison, 25/11/1968
36. Madison, 26/11/1968
37. Madison, 29/11/1968
38. Madison, 30/11/1968
39. Madison, 2/12/1968
40. Madison, 3/12/1968
41. Madison, 4/12/1968
42. Madison, 7/12/1968
43. Madison, 9/12/1968
44. Madison, 13/12/1968
45. Madison, 15/12/1968
46. Madison, 17/12/1968
47. Madison, 20/12/1968
48. Madison, 22/12/1968
49. Madison, 23/12/1968
50. Madison, 26/12/1968
51. Telegrama
52. Madison, 28/12/1968
53. Madison, 28/12/1968
54. Madison, 30/12/1968
55. Madison, 1/1/1969
56. Madison, 1/1/1969
57. Madison, 2/1/1969 (4 págs.)
58. Madison, 3/1/1969
59. Madison, 6/1/1969
60. Madison, 7/1/1969 (4 págs.)
61. Madison, 8/1/1969
62. Madison, 9/1/1969

Ano 1971

[2.^a viagem à Europa de Jorge de Sena]

• Cartas de Mécia de Sena

1. Santa Bárbara, 7/9/1971
2. Stanford, 31/8/1971, postal ilustrado
3. Santa Bárbara, 31/8/1971, postal ilustrado
4. Santa Bárbara, 10/6/1971
5. Santa Bárbara, 13/6/1971

6. Santa Bárbara, 14/6/1971
7. Santa Bárbara, 16/6/1971 (6 págs.)
8. Santa Bárbara, 17/6/1971
9. Santa Bárbara, 19/6/1971
10. Santa Bárbara, 20/6/1971
11. Santa Bárbara, 24/6/1971
12. Santa Bárbara, 25/6/1971
13. Santa Bárbara, 29/6/1971
14. Santa Bárbara, 1/7/1971
15. Santa Bárbara, 2/7/1971
16. Santa Bárbara, 6/7/1971
17. Santa Bárbara, 9/7/1971
18. Santa Bárbara, 12/7/1971
19. Santa Bárbara, 13/7/1971 (começa com uma cartinha do filho Vasco em inglês)
20. Santa Bárbara, 14/7/1971
21. Santa Bárbara, 18/7/1971 (3 págs.)
22. Santa Bárbara, 20/7/1971 (3 págs.)
23. Santa Bárbara, 24/7/1971
24. Santa Bárbara, 26/7/1971
25. Santa Bárbara, 27/7/1971
26. Santa Bárbara, 30/7/1971
27. Santa Bárbara, 31/7/1971
28. Santa Bárbara, 3/8/1971
29. Santa Bárbara, 6/8/1971
30. Santa Bárbara, 8/8/1971
31. Santa Bárbara, 10/8/1971
32. Santa Bárbara, 11/8/1971
33. Santa Bárbara, 13/8/1971
34. Santa Bárbara, 14/8/1971
35. Santa Bárbara, 16/8/1971
36. Santa Bárbara, 17/8/1971
37. Santa Bárbara, 18/8/1971
38. Santa Bárbara, 21/8/1971
39. Santa Bárbara, 23/8/1971
40. Santa Bárbara, 24/8/1971
41. Santa Bárbara, 26/8/1971 (4 págs.)
42. Santa Bárbara, 2/9/1971
43. Santa Bárbara, 4/9/1971
44. Santa Bárbara, 7/9/1971
45. Santa Bárbara, 8/9/1971
46. Santa Bárbara, 9/9/1971
47. Santa Bárbara, 10/9/1971 (carta com desenhos dos filhos)
48. Santa Bárbara, 12/9/1971 (4 págs.)

Ano 1972

[Outras viagens de Jorge de Sena à Europa e Portugal]

• Cartas de Mécia de Sena

1. Santa Bárbara, Cal. USA, 31/3/1972
2. Santa Bárbara, 1/4/1972
3. Santa Bárbara, 2/4/1972 (3 págs.)
4. Santa Bárbara, 4/4/1972 (4 págs.)
5. Santa Bárbara, cont. de carta de 9/4/1972 (falta primeira parte)
6. Santa Bárbara, 25/8/1972
7. Santa Bárbara, 25/8/1972
8. Santa Bárbara, 27/8/1972
9. Santa Bárbara, 29/8/1972
10. Santa Bárbara, 30/8/1972 (4 págs.)
11. Santa Bárbara, 1/9/1972 (4 págs.)
12. Santa Bárbara, 2/9/1972
13. Santa Bárbara, 5/9/1972 (4 págs.)
14. Santa Bárbara, 6/9/1972
15. Santa Bárbara, 7/9/1972

Ano 1973

• Cartas de Mécia de Sena

1. Santa Bárbara, 8/1/1973 (6 págs.)
2. Santa Bárbara, 11/1/1973
3. Santa Bárbara, 12/1/1973
4. Santa Bárbara, 15/1/1973 (4 págs.)
5. Santa Bárbara, 17/1/1973
6. Santa Bárbara, 18/1/1973
7. Santa Bárbara, 19/1/1973
8. Santa Bárbara, 20/1/1973
9. Santa Bárbara, 21/1/1973
10. Santa Bárbara, 22/1/1973
11. Santa Bárbara, 24/1/1973
12. Santa Bárbara, 25/1/1973
13. Santa Bárbara, 27/1/1973
14. Santa Bárbara, 28/1/1973
15. Santa Bárbara, 29/1/1973
16. Santa Bárbara, 31/1/1973
17. Santa Bárbara, 1/2/1973
18. Santa Bárbara, 2/2/1973
19. Santa Bárbara, 3/2/1973

20. Santa Bárbara, 5/2/1973
21. Santa Bárbara, 6/2/1973
22. Santa Bárbara, 7/2/1973
23. Santa Bárbara, 8/2/1973
24. Santa Bárbara, 9/2/1973
25. Santa Bárbara, 10/2/1973
26. Santa Bárbara, 11/2/1973
27. Santa Bárbara, 13/2/1973
28. Santa Bárbara, 13/2/1973
29. Santa Bárbara, 14/27/1973
30. Santa Bárbara, 15/27/1973
31. Santa Bárbara, 17/2/1973
32. Santa Bárbara, 18/2/1973
33. Santa Bárbara, 20/2/1973 (4 págs.)
34. Santa Bárbara, 22/2/1973
35. Santa Bárbara, 24/2/1973
36. Santa Bárbara, 25/2/1973
37. Santa Bárbara, 27/27/1973
38. Santa Bárbara, 28/2/1973
39. Santa Bárbara, 1/3/1973
40. Santa Bárbara, 2/3/1973
41. Santa Bárbara, 3/3/1973
42. Santa Bárbara, 5/3/1973
43. Santa Bárbara, 6/3/1973
44. Santa Bárbara, 7/3/1973
45. Santa Bárbara, 8/3/1973
46. Santa Bárbara, 10/3/1973
47. Santa Bárbara, 11/3/1973
48. Santa Bárbara, 12/3/1973
49. Santa Bárbara, 14/3/1973
50. Santa Bárbara, 16/3/1973
51. Santa Bárbara, 18/3/1973
52. Santa Bárbara, 19/3/1973
53. Santa Bárbara, 19/37/1973
54. Santa Bárbara, 20/3/1973
55. Santa Bárbara, 20/3/1973
56. Santa Bárbara, 22/3/1973
57. Santa Bárbara, 23/3/1973
58. Santa Bárbara, 24/3/1973
59. Santa Bárbara, 23/7/1973
60. Santa Bárbara, 24/7/1973
61. Santa Bárbara, 25/7/1973
62. Santa Bárbara, 29/7/1973
63. Santa Bárbara, 31/7/1973
64. Santa Bárbara, 4/8/1973

65. Santa Bárbara, 5/8/1973
66. Santa Bárbara, 10/8/1973
67. Santa Bárbara, 13/8/1973
68. Santa Bárbara, 15/8/1973
69. Santa Bárbara, 17/8/1973
70. Santa Bárbara, 18/8/1973
71. Santa Bárbara, 20/8/1973
72. Santa Bárbara, 22/8/1973
73. Santa Bárbara, 23/8/1973
74. Santa Bárbara, 27/8/1973
75. Santa Bárbara, 27/8/1973

Ano 1974

• Cartas de Mécia de Sena

1. Santa Bárbara, 25/7/1974 (referências a Angola)
2. Santa Bárbara, 26/7/1974 (referência à política de Nixon)
3. Santa Bárbara, 29/7/1974 (notícias da América e Portugal)
4. Santa Bárbara, 30/7/1974 (notícias da América e Portugal)
5. Santa Bárbara, 31/7/1974 (ibidem)
6. Santa Bárbara, 2/8/1974
7. Santa Bárbara, 5/8/1974
8. Santa Bárbara, 7/8/1974)
9. Santa Bárbara, 8/8/1974 (abdicação de Nixon; Moçambique)
10. Santa Bárbara, 9/8/1974
11. Santa Bárbara, 12/8/1974
12. Santa Bárbara, 14/8/1974 (trad. Proust)
13. Santa Bárbara, 16/8/1974 (referências a Portugal, Mário Soares e Sarmento Pimentel)
14. Santa Bárbara, 17/8/1974
15. Santa Bárbara, 19/8/1974 (referência a Mário Soares e posição face a Moçambique)
16. Santa Bárbara, 22/8/1974 (eventual ida de JS para Moçambique e notícias EUA)
17. [carta de 8 págs.]
18. Santa Bárbara, 3/9/1974
19. Santa Bárbara, 8/9/1974
20. Santa Bárbara, 10/9/1974
21. Santa Bárbara, 12/9/1974
22. Santa Bárbara, 13/9/1974

Cartas de Jorge de Sena para Mécia de Sena

Anos 1968-1969

[1.ª viagem à Europa de Jorge de Sena]

• Cartas de Jorge de Sena

1. New York, Sept 6, 1968 , bilhete postal
2. [s.l.], 8/9/1968
3. Londres, 12/9/1968 (5 págs... hippies elegantes)
4. Londres, 20/9/1968 (4 págs... BBC... entrevista com Helder Macedo)
5. Londres, 21/9/1968
6. Londres, 22/9/1968
7. Arundel, Sept. 23, 1968, bilhete postal
8. Newburry, Sept. 24, 1968, bilhete postal
9. Londres, 26/9/1968, bilhete postal
10. Londres, 26/9/1968 (5 págs... referências a D. João IV, etc.)
11. Londres, domingo, 29/9/1968 (4 págs.)
12. [s.l.], Set. 30, 1968, bilhete postal ilustrado
13. Durham, Out. 1968, bilhete postal
14. Edimburgo, Oct. 3, 1968, bilhete postal
15. Londres, sábado, 5/10/1968 (6 págs.)
16. Copenhaguen, 9/10/1968
17. Copenhaguen, Oct. 10, 1968, bilhete postal
18. Copenhaguen, 10/10/1968
19. Elsinore, 11/10/1968, bilhete postal
20. Lubeck, 12/10/1968, bilhete postal
21. Hamburg, Oct. 12, 1968, bilhete postal
22. Nijmegen, Oct. 14, 1968, bilhete postal
23. Nijmegen, 15/10/1968 (7 págs... carta que continua a escrever em Rotterdam a 16/10)
24. [s.l. Amsterdam], Oct., 6.ª feira, 18(?), bilhete postal
25. a caminho de Harlem partindo de Delft, com-boio, Oct. 18, 1968, bilhete postal
26. Haia-Amsterdam, Oct. 19, 1968, bilhete postal
27. Nijmegen, sábado, 19/10/1968 (6 págs.)
28. 2.ª feira, 21/10/1968, a caminho de Colónia. (túmulo de Carlos Magno), bilhete postal
29. Nijmegen, 3.ª feira, 22/10/1968
30. [s.l.] Bruxelas, Oct. 24, 1968, bilhete postal
31. Louvain, Oct. 26, 1968, bilhete postal
32. Bruges, domingo, 27/10/1968 (5 págs... em busca da mulher de Afonso III)
33. Lille, França, 28/10/1968
34. Paris, 2/11/1968, sábado (7 págs.)
35. Paris, 4/11/1968
36. [Paris], 4/11/1968, bilhete postal
37. Paris, 5/11/1968
38. Paris, 5/11/1968, bilhete postal
39. Paris, 8/11/1968
40. Paris, 8/11/1968, 23h.
41. Paris, 12/11/1968 (4 págs.)
42. Paris, 13/11/1968
43. Paris, 13/11/1968
44. Paris, 18/11/1968
45. Dijon, 19/11/1968, bilhete postal
46. Basileia, 20/11/1968, bilhete postal
47. [Viena], 21/11/1968, bilhete postal
48. Viena, 22/11/1968, bilhete postal
49. Viena, 22/11/1968 (3 págs.)
50. Pádua, 25/Nov./68, bilhete postal
51. Venezia, Nov. 24/68, bilhete postal
52. [s.l.] Nov. 26, 1968, bilhete postal
53. Firenze, Nov. 27, 1968, bilhete postal
54. Firenze, Nov. 27, 1968, bilhete postal
55. Roma, Nov. 29, 1968, bilhete postal
56. Roma, 29 Nov. 1968 (8 págs.)
57. Londres, 4/12/68
58. Londres, Dec. 5, 1968 (cartão filhos... aniversários dos «dezembristas»)
59. Londres, 7/12/1968
60. Paris, 9/12/1968
61. Paris, 11/12/1968
62. Toulouse, Dez. 13, 1968, bilhete postal
63. La Tour de Carol, Dec. 14, 1968, bilhete postal
64. La Tour de Carol, nos Pirinéus, 14/12/1968 (recorte de Le Monde)
65. Barcelona, 15 de Dezembro 1968
66. Figueras (Costa Brava), 17-XII, bilhete postal
67. Madrid, 19 de Dezembro 1968
68. Madrid, 19 de Dezembro 1968, bilhete postal

69. Madrid, 20/12/1968 (carta que continua em 21/12)
 70. Madrid, 21/12/1968
 71. Valência de Alcântara, 22/12/1968
 72. Lisboa, 23/12/1968, telegrama
 73. Sintra, 25/12/1968, bilhete postal
 74. Lisboa, 26/12/1968 (notícias de astronautas)
 75. Lisboa, 26/12/1968
 76. Lisboa, Dezembro 1968, telegrama
 77. Lisboa, 29/12/1968
 78. Lisboa, 31/12/1968
 79. Lisboa, 1/1/1969
 80. Lisboa, 3/1/1969
 81. Lisboa, 5/1/1969 (4 págs.)
 82. Lisboa, 6/1/1969 (5 págs.)
 83. Lisboa, 7/1/1969
 84. Lisboa, 9/1/1969
 85. Lisboa, 11/1/1969
- [49 cartas, 34 bilhetes postais, 2 telegramas]

Ano 1971

[2.ª viagem à Europa de Jorge de Sena]

• Cartas de Jorge de Sena

1. Londres, 10/6/1971 (3 págs)
2. Londres, 10/6/1971 (3 págs)
3. Londres, 14/6/1971, 2.ª feira (4 págs)
4. Londres, 15/6/1971
5. London, 17/6/1971
6. Londres, sábado, 19/6/1971
7. London, 21/6/1971, 2.ª feira
8. Londres, 23/6/1971
9. Londres, 24/6/1971
10. Londres, 28/6/1971
11. Paris, 30/6/1971
12. Paris, 30/6/1971 (5 págs.)
13. Paris, sábado, 3/7/1971 (4 págs.)
14. Paris, 3.ª feira, 6/7/1971
15. Paris, 7/7/1971
16. Copenhaga, Julho, 9, 6.ª feira, postal ilustrado
17. Goteeborg, 10/7/1971, sábado (4 págs.)
18. Goteeborg, 11/7/1971, domingo
19. Copenhague, 13/7/1971
20. A caminho de Clèves – Dusseldorf, 14/7/1971, postal ilustrado
21. Dusseldorf, 14/7/1971
22. Munchen, 16/7/1971, postal ilustrado
23. Innsbruck, 16/7/1971, postal ilustrado
24. Verona, 17/7/1971, postal ilustrado
25. Roma, 18/7/1971 (6 págs.)
26. Roma, 4.ª feira, 21/7/1971 (3 págs.)
27. Piazza del Campo – Siena, 22/7/1971, postal ilustrado
28. Chiusi, [Itália], 22/7/1971, postal ilustrado
29. Citta del Vaticano, 23/7/1971
30. Roma, 23/7/1971
31. Roma, 24/7/1971
32. Génova, domingo, 25/7/1971, postal ilustrado
33. Miracolo-Milão, 25/7/1971, postal ilustrado
34. Chambéry, segunda feira, 26/7/1971, postal ilustrado
35. Chambéry, 27/7/1971 (6 págs)
36. Avignon, 28/7/1971, postal ilustrado
37. Avignon, 28/7/1971, postal ilustrado
38. Tarascon, 29/7/1971, postal ilustrado
39. Nimes (Gard), 29/7/1971, postal ilustrado
40. Bordeaux, 29/7/1971, postal ilustrado
41. Bordeaux, 30/7/1971, postal ilustrado
42. Lisboa, 1/8/1971 (6 págs.)
43. Lisboa, 2/8/1971, (7 págs.)
44. Lisboa, 4/8/1971, (3 págs.)
45. Lisboa, 6/8/1971, (6 págs.) ref.ª a pesquisa e construção de «Sinais de Fogo»
46. Lisboa, 4.ª feira, 11/8/1971 (3 págs.)
47. Lisboa, 4.ª feira, 11/8/1971 (4 págs.)
48. Lisboa, 12/8/1971
49. Lisboa, 13/8/1971
50. Lisboa, 14/8/1971 (5 págs.)
51. Lisboa, 17/8/1971
52. Lisboa, 18/8/1971
53. Lisboa, 19/8/1971
54. Lisboa, 20/8/1971
55. Lisboa, 21/8/1971 (5 págs.)
56. Lisboa, 23/8/1971
57. Lisboa-Porto, 25/8/1971 (5 págs.)
58. Lisboa, 29/8/1971
59. Lisboa-Porto, 29/8/1971 (4 págs.)

60. Salamanca, 3/9/1971 (4 págs.)
61. Lisboa, 7/9/1971 (8 págs.)
62. Lisboa, 10/9/1971
63. Madrid, 13/9/1971, postal ilustrado
64. Madrid, 13/9/1971 (3 págs.; poema a Mécia)
65. Paris, 16/9/1971
66. Paris, 18/9/1971
67. Londres, 19/9/1971 (5 págs.)

Ano 1972

[Outras viagens de Jorge de Sena à Europa e Portugal]

• Cartas de Jorge de Sena

1. Lisboa-Porto, 1/4/1972
2. Porto, 2/4/1972
3. Porto, 3/4/1972
4. Porto, 6/4/1972
5. Lisboa, 7/4/1972, Bilhete postal ilustrado
6. Lisboa, 8/4/1972
7. Porto, 8/4/1972
8. Lisboa, 10/4/1972
9. Lisboa, 11/4/1972
10. Bilhete postal, carimbo do Porto, 23/8/1972
11. Porto, 24/8/1972 (lista de poemas para Ed. Inova e selecção de Mécia)
12. Porto, 25/8/1972 (entrevista de JS saída na Vida Mundial desse dia)
13. Porto, 25/8/1972, sábado
14. Porto, 27/8/1972, domingo
15. Madrid, 31/8/1972
16. Toledo, postal ilustrado, 1/9/1972
17. Madrid, 2/9/1972
18. Madrid, 3/9/1972, domingo
19. Madrid, 4/9/1972
20. Madrid, 6/9/1972
21. Madrid, 7/9/1972
22. Caminho de Paris, 9/9/1972 (4págs.)
23. Paris, 11/9/1972
24. Bilhete postal, carimbo do Porto, 23/8/1972
25. Porto, 24/8/1972 (poemas para Ed. Inova, selecção de Mécia de Sena)
26. Porto, 25/8/1972 (entrevista de JS *Vida Mundial*)
27. Porto, 25/8/1972, sábado

28. Porto, 27/8/1972, domingo
29. Madrid, 31/8/1972
30. Toledo, postal ilustrado, 1/9/1972
31. Madrid, 2/9/1972
32. Madrid, 3/9/1972, domingo
33. Madrid, 4/9/1972
34. Madrid, 6/9/1972
35. Madrid, 7/9/1972
36. Caminho de Paris, 9/9/1972 (4 págs.)
37. Paris, 11/9/1972

Ano 1973

• Cartas de Jorge de Sena

1. Lisboa, 9/1/1973, 3.ª feira (chegada a Portugal)
2. Lisboa, 11/1/1973
3. Lisboa, 12/1/1973, 6.ª feira
4. Lisboa, 13/1/1973
5. Madrid, 15/1/1973
6. Madrid, 16/1/1973 (poeta Ruy Belo)
7. Caminho de França, 19/1/1973
8. Paris, 22/1/1973 (publicação, reedições e comentários a USA)
9. Paris, 24/1/1973 (comentários à Universidade de Coimbra, música e poemas)
10. Paris, 26/1/1973
11. Paris, 28/1/1973
12. Paris, 29/1/1973
13. Paris, 29/1/1973 (cinema)
14. Paris, 31/ 1/1973 (conferência na Gulbenkian, Paris e reacções, pides na Sorbonne)
15. Paris, 1/2/1973
16. London, 3/2/1973 (pides na Sorbonne, censura de livros de JS)
17. London, 4/2/1973, domingo (poema e conferências)
18. Londres, 4/2/1973 (visitas a museus)
19. Londres, 6/2/1973 (comentários literários a Alves Redol)
20. London, 6/2/ 1973, 3.ª feira
21. London, 8/2/ 1973
22. Londres, 9/2/1973
23. Londres, 9/2/1973, 6.ª feira
24. Londres, 10/2/1973 (política e filmes)

25. Londres, 11/2/1973
 26. Londres, 12/2/1973
 27. Londres, 13/2/1973 (desvalorização do dólar)
 28. Londres, 14/2/1973 (escritora judia e Helder Macedo)
 29. Londres, 15/2/1973 (4 págs.)
 30. Londres, 18/2/1973 (escritores ingleses)
 31. A caminho de Liverpool, 19/2/1973
 32. Glasgow, 23/2/1973 (5 págs.)
 33. Londres, 25/2/1973
 34. Londres, 26/2/1973 (4 págs.)
 35. St Andrews, 1/3/1973 (6 págs.)
 36. Londres, 3/3/1973
 37. Londres, 3/3/1973
 38. [s.l.], Março, 4, 1973
 39. Gregyonol Hall, 7/3/1973
 40. Londres, 9/3/ 1973
 41. Londres, 10/3/1973
 42. Londres, 10/3/1973
 43. Newcastle, London, 14/3/1973
 44. Londres, 14/3/ 1973
 45. Londres, 16/3/ 1973
 46. Bruxelas, 17/3/1973
 47. Paris, 21/3/1973
 48. Paris, 22/3/1973
 49. Paris, 23/3/1973
 50. Madrid, 25/3/1973
 51. Lisboa, 26/7/1973
 52. Lisboa, 28/7/1973
 53. Lisboa, 30/7/1973
 54. Lisboa, 1/8/1973
 55. Porto, 4/8/1973
 56. Madrid, 7/8/1973 (carta com marca)
 57. Madrid, 8/8/1973
 58. Madrid, 10/8/1973
 59. Madrid, 11/8/1973
 60. Madrid, 13/8/1973
 61. Madrid, 16/8/1973
 62. Madrid, 18/8/1973
 63. Madrid, 21/8/1973
 64. Madrid, 23/8/1973
 65. Madrid, 23/8/1973
 66. Madrid, 24/8/1973
 67. Madrid, 25/8/1973
 68. Madrid, 26/8/1973
 69. Lisboa, 28/8/1973, 3.ª feira.
- Ano 1974**
- **Cartas de Jorge de Sena**
2. Lisboa, 24/7/1974, 4.ª feira
 3. Lisboa, 25/7/1974, 5.ª feira
 4. Lisboa, 26/7/1974, 6.ª feira
 5. Lisboa, 30/7/1974, 3.ª feira (entrevistas ao CP e JN)
 6. Porto, 1/8/1974, 5.ª feira (relato e comentários a pichagens)
 7. Porto, 3/8/1974, sábado (direitos de autor de «O Indesejado»)
 8. Lisboa, 6/8/1974, 3.ª feira (entrevista de JS ao DP)
 9. Lisboa, 11/8/1974
 10. Lisboa, 17/8/1974 (A Capital e opinião sobre emigrantes)
 11. Lisboa, 19/8/1974
 12. Lisboa, 20/8/ 1974
 13. Madrid, 22/8/1974 (comentário a estado geral político de Portugal)
 14. Madrid, 23/8/1974 («inundação de publicações políticas»)
 15. Madrid, 24/8/1974 (projecto de escrita de artigos sobre Portugal – «o país é deles»)
 16. Barcelona, 4.ª feira, 28/8/1974
 17. Barcelona, 29/8/1974 (aquisição de livros)
 18. Perpignan, 30/8/1974 – bilhete postal
 19. Perpignan, 30/8/1974
 20. Perpignan, 1/9/1974 (comentários sobre Portugal)
 21. Bordéus, 3/9/1974
 22. Bordéus, 4/9/1974
 23. Bordéus, 6/9/1974 (comentários a revolta em Moçambique)
 24. Quimper, 10/9/1974 (comentário a Moçambique e Frelimo)
 25. Paris, 13/9/1974 (comentários a nacionalizações dos bancos)
 26. Paris, 17/9/1974

Nota final

Número de cartas, postais ilustrados e bilhetes postais:

Jorge de Sena – 224 cartas, 19 postais ilustrados, 38 bilhetes postais, 2 telegramas

Mécia de Sena – 215 cartas, 2 postais ilustrados, 2 telegramas

Total da série – 439 cartas, 21 postais ilustrados, 38 bilhetes postais, 4 telegramas¹.

¹ Índice elaborado a partir das cartas (cópias de originais) no arquivo de família em Santa Bárbara, consultado em 2011. Originais e cópias desta correspondência encontram-se no espólio Jorge de Sena à guarda da BNP (Secção reservados).

COLEÇÃO «FONTES», N.º 9

MÉCIA DE SENA
E A ESCRITA EPISTOLAR
COM JORGE DE SENA:
PARA A HISTÓRIA DA
CULTURA PORTUGUESA
CONTEMPORÂNEA

MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE

MÉCIA DE SENA
E A ESCRITA EPISTOLAR
COM JORGE DE SENA:
PARA A HISTÓRIA DA
CULTURA PORTUGUESA
CONTEMPORÂNEA

MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE



Cofinanciado por:

COMPETE
2020

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

U.PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO